



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA**

IONÃ CARQUEIJO SCARANTE

**MANUSCRITOS DE *PEDAÇOS DE VIDA*, DE MADY CRUSOÉ: EDIÇÃO
CRÍTICO-GENÉTICA E ESTUDO**

Salvador

2016

IONÃ CARQUEIJO SCARANTE

**MANUSCRITOS *DE PEDAÇOS DE VIDA* DE MADY CRUSOÉ: EDIÇÃO
CRÍTICO-GENÉTICA E ESTUDO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Literatura e Cultura, da Universidade Federal da
Bahia – UFBA, como requisito para obtenção do
título de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Borges.

Salvador

2016

Aos meus pais por me apontarem os melhores caminhos.

Aos meus familiares pelo apoio emocional, pelas vibrações.

Ao meu amor, Henrique, por me apoiar nos difíceis momentos em que lutava com as palavras, me fazendo mais forte.

À Maria Flor, minha flor em botão que desabrocha dentro de mim...

À memória de Mady Crusoé.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela oportunidade da vida e pelas bênçãos concedidas.

À minha família e ao meu companheiro Henrique, pela compreensão, apoio incondicional pelas horas subtraídas do convívio familiar para dedicação à pesquisa e aos escritos...

Aos familiares da escritora Mady Crusoé, em especial a sua filha Maria Aparecida, pelo acolhimento, pela generosidade, por abrir as portas da sua casa e do APMC para a realização da minha pesquisa.

À Universidade Federal da Bahia pela oportunidade do aprendizado.

À Professora Dra. Rosa Borges por sua orientação cuidadosa, pela paciência e pela generosidade com que compartilhou seus conhecimentos e experiências filológicas. Que Deus abençoe sempre os seus caminhos.

À professora Conceição Reis Teixeira pelos conselhos, pelas orientações dadas na tecitura deste estudo e na realização de outras atividades acadêmicas.

À professora Sílvia Anástácio pelas informações bibliográficas, pelo estímulo e pelas observações durante a construção deste estudo.

Ao professor Ari Sacramento pela solicitude, pela contribuição nos ajustes necessários a esta pesquisa.

À professora Célia Teles pela generosidade em contribuir para minha vida acadêmica e para este estudo.

À Ludimila Antunes de Jesus pelo apoio, desde que trilhei os primeiros passos na minha pesquisa.

A Mabel Meira Mota pela solidariedade, pelas informações bibliográficas, pelo estímulo.

A Adna Couto pelas leituras dos meus manuscritos.

A Christiane Correia de Oliveira pelas leituras, pela amizade e incentivo.

A Elizete Freitas pela solidariedade, pela amizade sincera.

Aos professores pelos ensinamentos ministrados.

Aos funcionários da Secretaria da Pós-Graduação, por toda atenção a mim dispensada.

A Caroline Borges pelo apoio tecnológico, pelo desprendimento.

A todos que de alguma forma contribuíram para a execução deste trabalho.

“Recordar é viver”. E eu vivo na recordação suave dos meus sonhos infantis e na doce ilusão de reanimar o meu castelo de felicidade!...

(Mady Crusoé 1932)

RESUMO

Os manuscritos autógrafos de *Pedaços de Vida*, de Mady Crusoé constituem-se objeto deste estudo, que conciliou práticas da crítica textual em diálogo com a crítica genética, no campo dos estudos filológicos. A partir dos documentos do Arquivo Particular de Mady Crusoé (APMC) e do preparo de um inventário, fez-se a leitura do arquivo, com destaque para Mady Crusoé e(m) seus papéis e seu trabalho na organização e construção do livro: planos, esboços, rascunhos, datiloscrito e impressos. Através da atividade filológica proposta – edição crítico-genética e estudo de manuscritos de *Pedaços de Vida* – pôde-se conhecer o modo como a autora trabalha em seus textos quando os retomou para a publicação do livro (por meio das supressões, substituições, acréscimos, entre outras rasuras). A edição traz o texto crítico para os manuscritos selecionados, acompanhado do aparato no qual se registram as modificações textuais/autorais. Por meio do trabalho desenvolvido, disponibilizou-se aos leitores o acesso às informações sobre a produção literária madyana e outros materiais do seu acervo.

PALAVRAS-CHAVE: Mady Crusoé. Manuscritos autógrafos. Acervo. Crítica textual. Crítica genética.

ABSTRACT

The autograph manuscript of *Pedaços de Vida* of Mady Crusoé are the object of this study, which combined the practice of textual criticism in dialogue with the genetic criticism, in the field of philological studies. From the Private Archive of documents Mady Crusoé (APMC) and the preparation of an inventory was done reading the file, especially Mady Crusoé and (in) their roles and their work in the organization and construction of the book: plans , sketches, drafts, datiloscrito and printed. Through philological proposed activity - critical-genetic issue and study *Pedaços de Vida* of manuscripts - it was possible to know how the author works in his writings when resumed for the publication of the book (through deletions, substitutions, additions, among other erasures). The issue features critical text for the selected manuscripts, accompanied by the apparatus in which record the text/picture changes. Through their work, made available to readers access to information about the literary production madyana and other materials from its collection.

KEYWORDS: Mady Crusoé. Manuscripts autographs. Acquis. textual criticism. genetic criticism.

LISTA FIGURAS

Figura 1	Monte Belo	31
Figura 2	Vista parcial do Monte Belo	32
Figura 3	Armário contendo álbuns de fotografias	37
Figura 4	Painel de Fotografias	38
Figura 5	Mady Crusoé proferindo discurso na inauguração da estação rodoviária de Nazaré	39
Figura 6	Primeira turma do curso de datilografia de Nazaré	40
Figura 7	Mady e Américo na década de 1930	41
Figura 8	Mady dançando com o esposo	35
Figura 9	Escrivaninha de Américo e Mady	43
Figura 10	Oratório	43
Figura 11	Cônego Getúlio Rosa, pai adotivo de Mady Crusoé	44
Figura 12	Coleção de chaves	45
Figura 13	Figuras combinadas: desenhos de Mady Crusoé	46
Figura 14	Mady Crusoé, aos sete anos, na companhia dos primos Isaac e Benedito	48
Figura 15	Acróstico feito por Anísio Melhor	49
Figura 16	Fac-símile, carta da mãe de Mady, Elisa	
Figura 17	Carta de Paulo Tavares	
Figura 18	Carta de Jorge Amado	50
Figura 19	Alunas internas do Colégio da Soledade	52
Figura 20	Fac-símile, Portaria Professora Substituta	53
Figura 21	Fac-símile, Diploma de Professor Emérito	57
Figura 22	Ofício em resposta ao pedido de exoneração do cargo de Delegada Escolar	58
Figura 23	Mady Crusoé em atividade na Santa Casa de Misericórdia de Nazaré	60
Figura 24	Conjunto de discursos madyanos	61
Figura 25	Crônica <i>Paisagem noturna</i> [1932]	65
Figura 26	Crônicas publicadas em <i>O Conservador</i>	66
Figura 27	Crônica no jornal <i>A Tarde</i>	68
Figura 28	Primeiros passos para a execução do projeto do livro	118
Figura 29	Plano de trabalho para a organização do livro <i>Pedaços de Vida</i>	119

Figura 30	Projeto do livro (elementos pré-textuais)	121
Figura 31	Figuras combinadas: Explicativa cmd e Explicativa op	122
Figura 32	Manuscrito da Apresentação do livro, f. 1	126
Figura 33	Oferecimento	126
Figura 34	Planejamento do índice do livro	127
Figura 35	Lista de textos revisados cmd	129
Figura 36	Lista de textos copiados cmd	130
Figura 37	Notas da escritora sobre a organização do livro	131
Figura 38	Lista de questões sobre a organização do livro	132
Figura 39	Lista para oferta de livros	133
Figura 40	Notícia sobre o lançamento do livro	137
Figura 41	Lançamento do livro na capital	137
Figura 42	Lançamento do livro	138
Figura 43	Figuras combinadas: lançamento do livro em Nazaré	140
Figura 44	Falso amor	141
Figura 45	Poema Confissão	141
Figura 46	TPcc	142
Figura 47	TPcv	151
Figura 48	Nazaré Primavera	151
Figura 49	Não disse adeus	155
Figura 50	Pedacinhos [11] cmd	156
Figura 51	Pedacinhos [11] cv	157
Figura 52	Figuras combinadas: Anísio Melhor	157
Figura 53	Figuras combinadas: Granadas de 1933	161
Figura 54	Introdução para o Perfil Granadas de 1933	163
Figura 55	Introdução para a crônica Eles	164

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Confronto sinóptico de manuscritos do poema <i>Tudo Passou</i>	125
Quadro 2	Transcrição de testemunho do poema <i>Meus Filhos</i>	130
Quadro 3	Confronto entre testemunhos do poema <i>Não disse Adeus</i>	154
Quadro 4	Fac-símile do testemunho P12md1 e transcrição	155
Quadro 5	Rasuras do manuscrito P12md1	159
Quadro 6	Fac-símile e transcrição do testemunho P12md2	160
Quadro 7	Rasuras do manuscrito AMmd	165
Quadro 8	Transcrição da introdução para a crônica <i>Granadas de 1933</i>	166
Quadro 9	Transcrição da introdução da crônica <i>Eles</i>	166

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APMC Arquivo Particular de Mady Crusoé

f. folha

L. linha

p. página

SUPPE Sociedade Unificadora dos Professores Primários do Estado

LISTA DE SÍMBOLOS UTILIZADOS NAS TRANSCRIÇÕES

< > segmento autógrafo riscado

† palavra ilegível

[] acréscimo

< > /\ substituição por sobreposição, na relação <substituído> /substituto\

< > [↑] substituição por riscado e acréscimo na entrelinha superior

[↑] acréscimo na entrelinha superior

[↓] acréscimo na entrelinha inferior

[→] acréscimo na margem direita

[←] acréscimo na margem esquerda

[↑↑] acréscimo na margem superior

[↓↓] acréscimo na margem inferior

<†> riscado autógrafo ilegível

< > [] substituição à frente

<†> [] substituição de um segmento apagado, riscado ou ilegível

< [< >] > supressão, substituição e novamente supressão, ou seja, segmento apagado, substituído e riscado numa terceira etapa

[< >] acréscimo suprimido

SUMÁRIO

1	PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES	7
2	ESTUDO FILOLÓGICO: CRÍTICAS E ACERVO	13
2.1	ARQUIVO MADYANO: UM LUGAR DE MEMÓRIA	18
2.1.1	Inventário dos documentos do APMC: diálogos entre Arquivística, Crítica Textual e Crítica Genética	25
2.2	NA CENA DO ARQUIVO	41
2.2.1	Mady Crusoé (1913-1997): uma escritora e (em) seus papéis	46
2.2.2	<i>Pedaços de Vida: da leitura do arquivo para as leituras críticas</i>	
3	EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DE MANUSCRITOS DE <i>PEDAÇOS DE VIDA</i>	69
3.1	TRATAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO	71
3.2	CRITÉRIOS PARA A EDIÇÃO DOS TEXTOS SELECIONADOS	75
3.3	EDIÇÃO DOS TEXTOS SELECIONADOS	80
3.3.1	Súplica	80
3.3.2	Minha dor	82
3.3.3	Controvérsia	84
3.3.4	Tudo Passou	86
3.3.5	Meus Filhos	87
3.3.6	Nazaré Primavera	
3.3.7	Pedacinhos... (n.º11)	90
3.3.8	Pedacinhos... (n.º12)	92
3.3.9	Anísio Melhor	94
3.3.10	Eles	97
3.3.11	Granadas de 1933	101

4	ESTUDO CRÍTICO FILOLÓGICO DE MANUSCRITOS DE <i>PEDAÇOS DE VIDA</i>	102
4.1	PROJETO DE ESCRITURA DE <i>PEDAÇOS DE VIDA</i>	104
4.2	LEITURA CRÍTICA DE MANUSCRITOS DE <i>PEDAÇOS DE VIDA</i>	127
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
	REFERÊNCIAS	148
	APÊNDICE	
	INVENTÁRIO DO ARQUIVO PARTICULAR DE MADY CRUSOÉ APMC	

1 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Maria Madalena Ferreira Crusoé (1913-1997) escreveu seus poemas e crônicas entre as décadas de 1928 a 1993, segundo registros em seus manuscritos e recortes de jornais com publicações que fez na imprensa local e baiana e conforme registros em seu único livro, publicado em vida, intitulado *Pedaços de Vida* (1993).

Entre os anos de 1928 e 1930, quando Mady começou a sua trajetória literária, consolidava-se no país o movimento artístico denominado Modernismo, época em que aconteceram manifestações significativas nas artes de um modo geral e na literatura, com a propagação pelos poetas modernistas de novos valores estéticos, tais como a utilização da linguagem coloquial nos textos em verso e em prosa, o interesse por problemas sociais, a retomada e aprofundamento da memória nas produções artísticas. Este foi caracterizado pela ruptura com o tradicionalismo, que cedeu lugar às experimentações artísticas, à liberdade formal: surgem os versos livres, o abandono das formas fixas, a linguagem com humor e a valorização do cotidiano. Essas características modernistas se fazem presente nos versos e nas narrativas madyanas. Os temas que nortearam a sua obra também são condizentes com o fazer poético de escritores modernistas reconhecidos em todo o país, que produziram entre as décadas de 1920 e 1930, embora a autora em questão não se reconhecesse como escritora. Eis os temas madyanos: a infância, a solidão e a saudade, a sua cidade natal, a família, o interesse por problemas sociais, o cotidiano.

O que motivou este estudo foi a diversidade de documentos localizados no seu arquivo, e as leituras de suas crônicas dispersas nas páginas do jornal baiano *O Conservador*, dirigido por muitos anos pelo poeta, folclorista e professor, Anísio Melhor (1885-1955)¹, da cidade de Nazaré, de 1912 a 1948. Mady Crusoé e o poeta Anísio Melhor foram contemporâneos e Mady, na sua juventude, contribuiu com suas crônicas para o periódico dirigido por ele.

A proposta de trabalho que ora se apresenta, inscreve-se na linha de pesquisa Crítica e Processos de Criação em Diversas Linguagens e busca evidenciar o preparo na construção do livro *Pedaços de Vida* (1993), por Mady Crusoé: o projeto, os textos que compõem o livro.

¹ Anísio Melhor (1885–1955), natural de Nazaré-BA, foi poeta, cronista, crítico literário, folclorista, Membro Correspondente da Academia de Letras da Bahia (ALB). Foi um dos fundadores do Jornal *O Conservador* e o dirigiu por muitos anos. Também foi editor e colaborador de outros jornais e revistas literárias que circularam em Nazaré no início do século XX. Dedicou-se, também, à música, ao teatro e à educação em sua terra (SCARANTE, 2008).

Desse modo, realizou-se um levantamento documental de todo o material localizado em seu arquivo particular com o objetivo de constituir o dossiê arquivístico de sua produção literária. Após esse reconhecimento, foi feita a seleção e a recolha dos testemunhos que formam o livro, localizados no arquivo, para a realização de leituras filológicas. O objetivo principal da pesquisa é a edição e estudo filológico e genético do *corpus* (bio)bibliográfico desta escritora baiana, dando-se relevo às suas produções. Tal objetivo, compreende a elaboração de uma metodologia adequada à pesquisa em fontes primárias, visando à organização dos documentos encontrados, e ao estudo crítico-genético de manuscritos referentes ao livro *Pedaços de Vida*, publicado em 1993, revelando “o lado inconcluso e incompleto da criação” (SOUZA, 2012, p. 300). Desse modo, o estudo realizado não ficou restrito à obra publicada, inerte e intocável. Este estudo visa contribuir, sobretudo, para o reconhecimento desta escritora no cenário literário baiano do início do século XX.

Ao longo da pesquisa, estudos sobre Memória, Autobiografia, Filologia/Crítica textual, Crítica Genética, Arquivística, foram realizados para que subsidiassem a interpretação do material encontrado. Essa pesquisa teórica colaborou para a organização do dossiê arquivístico e, sobretudo, do dossiê da obra *Pedaços de Vida*, pois fora dada ênfase, neste trabalho, aos manuscritos referentes a esse livro, cujo estudo desenvolvido segue as diretrizes da Filologia/Crítica Textual em diálogo com a Crítica Genética. Parte-se desses lugares teórico-metodológicos (Crítica Textual e Crítica Genética) para traçar o itinerário da produção literária de Mady Crusoé, seguindo os seus rastros (BIASI, 2010) nessa construção.

Foi durante as pesquisas realizadas no Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento regional² que a pesquisadora deste estudo teve acesso ao Jornal O Conservador³, para catalogação dos textos do escritor Anísio Melhor (1885-1955), seu objeto de estudo à época. Em meio aos textos literários do referido autor e de autores nacionais, baianos e nazarenos, a pesquisadora observou que algumas crônicas vinham assinadas por pseudônimos femininos tais como Amy, Madame X, Mariza, publicadas entre as décadas de 1933 e 1935. Tomou-se nota desses textos dessa(s) escritora(s) anônima(s), para uma busca em outra oportunidade sobre a(s) identidade(s) por trás daqueles nomes.

² Mestrado oferecido pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus V, que culminou com a escrita da dissertação intitulada *Um convite à leitura de Anísio Melhor (1885-1955)*, defendida em 2008.

³ O Jornal *O Conservador* circulou em Nazaré entre as décadas de 1912 e 1948. Tratava-se de um jornal noticioso, literário e popular, conforme inscrição no cabeçalho localizada nas próprias páginas do periódico. Anísio Melhor (1885-1955) foi por muitos anos seu diretor e editor, publicando muitos versos, crônicas, capítulos de novelas, possibilitando a muitos escritores locais um espaço para publicação de seus textos (SCARANTE, 2008).

Em meados de 2009, a pesquisadora teve acesso ao livro *Pedaços de Vida*, de Mady Crusoé, apresentado por familiares da escritora que, informalmente, relataram a amizade que a escritora e o poeta Anísio Melhor nutriram. Lendo seu livro, pode-se perceber que a escritora anônima das páginas de *O Conservador* era Maria Madalena Ferreira Crusoé (1913-1997). Nele ela revela que assinou muitas de suas crônicas publicadas em jornais baianos com os pseudônimos aqui mencionados.

Movida pelo interesse em conhecer mais sobre esta escritora, a pesquisadora foi ao encontro de seus familiares para obter informações sobre a sua vida e a sua obra. Mediante o interesse demonstrado, os familiares apresentaram-lhe o seu arquivo particular. Abriram as portas da casa da escritora para que seus escritos fossem lidos e estudados. Em face de manuscritos de poemas, de sua correspondência, de fotografias, de manuscritos de discursos, enfim, diante do seu laboratório autoral e, pensando nas questões mencionadas, o interesse em saber mais sobre a vida e a obra desta escritora tornou-se ainda maior. Diante do arquivo particular, resguardado por familiares da escritora, pensou-se na necessidade de realizar um inventário desse arquivo, de apresentar um leitura deste com o objetivo de “desarquivar” a escritora, que, apesar de muito ter contribuído para a imprensa de sua terra natal e para jornais baianos, não se tornou conhecida.

A casa, antes vista de longe, sempre fechada, foi aberta à pesquisa, “uma casa aberta favorece a descoberta” (CASTRO, 2009, p. 23). A casa guarda o seu arquivo pessoal, constituído com os produtos textuais, com documentos legados aos seus herdeiros e por eles conservados como um conjunto de bens intelectuais de grande valor sentimental. Os manuscritos de *Pedaços de Vida* (1993) exibem as marcas físicas de sua gênese, ou do que restou dela. Essas marcas falam mais do que o próprio texto publicado do qual os leitores tiveram acesso. Esses manuscritos autógrafos mostram o planejamento para a organização do livro, bem como as dobras e as manchas no papel (que sugerem o cenário em que a escrita se desenvolveu). Seu arquivo mostra, também, os suportes que testemunham as ações de passar a limpo os textos, as sucessivas fases da criação dos seus textos.

Este estudo foi dividido em três grandes eixos: um estudo sobre o arquivo, a edição crítico-genética de manuscritos de *Pedaços de Vida* (1993) e um estudo crítico filológico de manuscritos referentes ao seu livro.

Em Estudo Filológico: críticas e acervo apresenta-se o Arquivo Particular de Mady Crusoé (APMC) e como ele foi organizado por seus familiares. Expõe-se o dossiê arquivístico, aproximando os saberes de dois campos distintos, mas afins: Filologia e Arquivística Literária. A atitude de arquivar documentos pessoais e documentos de processo

foi tomada por muitos outros escritores na contemporaneidade e traz à cena um desejo pelo não esquecimento, um desejo de fazer perpetuar sua identidade e, por consequência, de perpetuar a identidade coletiva. Essa atitude de preservar a memória da escritora Mady Crusoé foi tomada por seus familiares, inicialmente por seu esposo e, depois, pelos seus filhos e netos, esses últimos, atualmente, zelam por sua casa e por seus papéis.

O acervo madyano, além de documentos pessoais, fotografias e manuscritos da obra, possui objetos – quadros, porta retratos, bíblia em latim, pinturas em óleo, utensílios de escritório, câmeras fotográficas, entre outros – que o compõem. Mais do que elementos estéticos, ou de utilidade, eles ajudam a construir a identidade dos ex-moradores da casa que guarda o seu acervo.

Observou-se que os manuscritos acondicionados, desordenadamente, em gavetas de seu arquivo particular, encontravam-se misturados a fotografias e documentos pessoais e necessitavam da intervenção de um pesquisador. Por meio do Inventário elaborado pela pesquisadora, pôde-se compreender a natureza dos documentos que compõem esse arquivo e (re)organizá-lo. A partir da constituição do Inventário do APMC, pôde-se organizar o dossiê do livro *Pedaços de Vida* (1993), que é constituído de cadernos compostos por manuscritos com diferentes testemunhos dos poemas e das narrativas que a compõem; datiloscritos com textos passados a limpo, com interferências autógrafas; coletâneas de recortes de jornais (que pertenceram ao esposo da escritora); folhas avulsas contendo manuscritos e datiloscritos de poemas, de textos em prosa e um exemplar do livro lançado em 1993. Explica-se como esses materiais foram organizados por séries e subséries no inventário, por meio de uma descrição para cada série. Para uma melhor apresentação do arquivo, alguns documentos, referentes à sua vida e à sua produção literária foram digitalizados, seguindo a ordem do Inventário, e apresentados em fac-símile, compondo um CD que fará parte do anexo deste estudo. Das leituras dos documentos pessoais, bem como das suas correspondências, apresenta-se Mady Crusoé e (em) seus papéis: professora, poetisa, cronista, esposa, mãe, avó, oradora. Situa-se a escritora e sua produção na cena do arquivo e inicia-se a leitura de seu livro, descrevendo-o e justificando a escolha do modelo editorial desenvolvido na seção seguinte.

Em Edição crítico-genética de manuscritos de *Pedaços de Vida* foi realizado um estudo de manuscritos de poemas e narrativas que compõe o dossiê genético da obra. Trata-se de uma edição crítica em perspectiva genética, um estudo que permitirá ao leitor comum e ao leitor especializado uma leitura do processo de escritura e das campanhas de revisão realizadas pela escritora. Por meio das marcas que deixa nos documentos de processo de escritura, um escritor expressa seu modo de ver e sentir o mundo, além de expressar a sua intenção poética

e leituras que realizou antes e durante a construção de seus textos. Para a realização da edição crítico-genética dos textos escolhidos, reuniram-se os rascunhos, as cópias passadas a limpo, os datiloscritos com correções autógrafas, impressos com emendas autorais. Todas as pistas deixadas nesses materiais foram seguidas para a compreensão da gênese do texto madyano.

Este estudo, que se originou da pesquisa e leituras do Arquivo Particular de Mady Crusoé (APMC), está embasado na concepção de manuscrito moderno, aquele em que o autor deixa marcas que sinalizam seu processo de criação. O manuscrito desvela os materiais de que se acercam os escritores, tais como a época, as tradições literárias do momento em que viveu, os conceitos e preconceitos humanos. São, também, documentos que, conforme Grèssillon (1994, p. 244), “fazem parte de uma gênese textual atestada por vários testemunhos sucessivos e que manifestam o trabalho de escrita de um autor”. No manuscrito moderno, percebe-se o trabalho feito pelas mãos do autor, seja ele manuscrito ou datiloscrito, ou mesmo impresso.

Nessa perspectiva do estudo do manuscrito moderno, apresenta-se a tradição de cada texto selecionado para o exercício filológico, descrevem-se os testemunhos e, por fim, fixa-se o texto (leitura crítica do editor), acompanhado do aparato crítico, que possibilitará outras possíveis leituras construídas nos testemunhos e versões do texto.

Em Estudo crítico filológico de *Pedaços de Vida* (re)constitui-se, com base nos papéis localizados no APMC, o itinerário percorrido pela escritora para a construção do seu livro, publicado em 1993.

Ler os documentos da escrita e desvelar o *modus scribendi* de Mady Crusoé, constitui um dos objetivos deste estudo. Revelar o seu projeto criativo traz para a cena literária a imagem da escritora. Seguiu-se os passos que ela deu na construção do seu livro, enfocando o momento da realização do seu projeto-livro. A autora demonstra seu esforço em apresentar homogeneidade entre as histórias contadas e “cantadas” em versos. Estudam-se as anotações sobre *Pedaços de Vida*, referentes à escolha de títulos, à organização do sumário, bem como as revisões que realizou durante a execução do projeto de publicação do livro, desde a busca pelos textos que iriam compor o livro, a organização até o seu lançamento.

Nesta seção serão tecidos comentários sobre o processo criativo de Mady Crusoé a partir da materialidade dos seus manuscritos, identificando os tipos e topografia das rasuras, especialmente, dos manuscritos localizados no arquivo que delineiam o nascimento do livro, tais como: manuscritos de poemas que compõem a obra trazendo marcas de uma escrita de primeiro jato de tinta; as primeiras versões do sumário; os textos reescritos publicados em jornais baianos com o acréscimo de introduções explicativas; os recortes de jornais com

anotações autógrafas. Também serão consideradas para o estudo do projeto do livro as questões que a autora pretendeu fazer a escritoras baianas sobre a organização da obra, bem como as anotações sobre a ordem em que gostaria que os textos fossem dispostos no impresso, entre outras anotações autorais. Caracterizam-se os cadernos, folhas avulsas, datiloscritos e impressos, numa ordem progressiva para a feitura do livro. Analisa-se a capa, o sumário/ índice, biografia, oferecimento, disposição da apresentação dos textos, conforme os gêneros textuais, mostrando como cada um desses elementos textuais vai tomando forma até chegar à impressão. Tecem-se comentários evidenciando o trabalho da escritora nas campanhas de revisão, nas modificações de cunho estilístico. Essas modificações autorais ajudam a contar a história de cada texto selecionado, até o resultado final, o projeto concretizado: o livro pronto, impresso.

Apresenta-se neste estudo o texto madyano em seu contexto de produção, de transmissão, de circulação e de recepção. O estudo crítico-genético de manuscritos de *Pedaços de Vida* torna acessível ao leitor os documentos de gênese e este poderá conhecer a trajetória percorrida pela escritora na elaboração e execução do seu projeto de escritura.

2 ESTUDO FILOLÓGICO: CRÍTICAS E ACERVO

O estudo desenvolvido busca oferecer uma leitura do APMC. Apresenta-se o acervo madyano sob o olhar do pesquisador que, na condição de crítico e “arquivista” constrói uma nova ordem aos papéis que pertenceram à escritora, dispersos em pastas e gavetas. Com todo o cuidado dedicado a este acervo, imprimiu-se um novo olhar sobre o material localizado. Apresenta-se o arquivo por meio de intervenções pontuais e de atividades interpretativas, para que este pudesse ser lido, apresentado ao público, a quem fora dado a conhecer (até o surgimento deste estudo) apenas o livro *Pedaços de Vida*, “pronto”, “acabado”. O acervo recebeu tratamento arquivístico para torná-lo inteligível. Foi realizada uma pesquisa de cunho histórico, ou seja, partiu-se da leitura do passado, do qual o arquivo é a ponte, para enfim realizar-se a catalogação, o estudo e a análise crítica das informações obtidas em suas fontes primárias e secundárias, com o intuito de manter íntegros os seus documentos, e divulgar as informações neles contidas. Pôde-se reconhecer a importância desse arquivo pessoal para (re)contar a história de vida da titular e a história de sua época.

Por oferecer um leque de fontes ao pesquisador, a pesquisa em arquivos privados/pessoais tem crescido atualmente. Conforme Belloto (2004, p. 265), a arquivística consagrou internacionalmente três tipos de arquivo, a saber: os arquivos econômicos (referentes a empresas, bancos, indústrias e comércios); os arquivos sociais (incluem-se os estabelecimentos de ensino, agremiações políticas, profissionais e desportivas, sindicatos, hospitais, entidades religiosas, caritativas e demais de fins não lucrativos); e os arquivos pessoais (também considerados privados). A cerca deste último, Belloto (2004, p. 265-266) afirma que são aqueles,

[...]constituídos por documentos produzidos e/ou recebidos por uma pessoa física (cidadão, profissional, membro de uma família ou elemento integrante de uma sociedade), enfim, de documentos que, preservados para além da vida dessa mesma pessoa, constituem seu testemunho, como um conjunto orgânico, podendo então ser abertos à pesquisa pública.

Todavia, Belloto (2004) afirma que essa conceituação exige cautela, para que não se amplie esse conceito ao extremo, pois é comum às pessoas de vida adulta, ambientadas em um meio político-social, acumularem papéis, documentos, cartas, entre outros e nem sempre esse acúmulo material constitui um arquivo. Desse modo, para efeito de pesquisa histórica, faz-se necessário conceber arquivo pessoal como:

[...] um conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico, resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas, etc. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda, pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que, se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade. (BELLOTO, 2004, p. 266)

De conformidade com os estudos desenvolvidos por Belloto (2004), pautados na classificação dos acervos, reconhece-se o arquivo de Mady Crusoé como um arquivo pessoal, pois ele apresenta os requisitos para tal denominação, isto é, compõe-se por um conjunto de documentos resultantes da sua vida e das suas produções escritas, que oferecem informações inéditas sobre os seus textos e sobre a sua época, ajudando a tornar inteligível o passado, podendo servir de fonte de pesquisa para diversas áreas do conhecimento. Com o estudo filológico dos textos do arquivo, novos sentidos foram atribuídos aos manuscritos autógrafos, pois ao seguir os rastros produzidos pela escritora no seu processo de criação, nas anotações e nos planos de escrita, nas rasuras, o crítico analisa e dá a ler os antecedentes do texto publicado, bem como os seus silenciamentos. Buscou-se através da crítica que estuda a gênese do texto, seguir as pegadas da escritora. A crítica genética contribuiu para a “construção de um olhar rastreador” (CURY, 1995, p. 54) sobre o trabalho de revisão efetuado pela escritora; ajudou na tentativa do crítico em esclarecer os processos de criação, bem como no estudo das rasuras, na tentativa por flagrar e apreender o processo criativo.

A pesquisa no APMC, sob a perspectiva da Filologia/Crítica Textual em diálogo com a Crítica Genética promoveu a “dessacralização” do texto publicado, revelando os textos que o antecederam. A partir de uma edição crítica em perspectiva genética (crítico-genética) têm-se dois propósitos: “estabelecer o texto, considerando a pluralidade de versões manifestas nas marcas autógrafas, e documentar o percurso seguido pelo autor na construção de cada texto ou da obra” (BORGES, 2012, p. 60). A partir desse modelo editorial adotado, conhecem-se as hesitações da escritora ao iniciar um poema, ou uma crônica; observam-se, até mesmo, as suas dúvidas quanto a escrita de alguma palavra; verifica-se o seu trabalho de revisão dos textos acrescentando ou excluindo expressões, bem como a sua atitude de passar a limpo os seus escritos. Estudar o acervo de um escritor é saber mais sobre o seu titular, sobre o seu tempo, sobre a sua intelectualidade, sobre as suas relações sociais para, enfim, chegar aos processos de criação, às etapas de sua escritura e ao estabelecimento do texto crítico. Nessa perspectiva, tenta-se capturar o “ato pelo qual a obra foi criada, recriando e revivendo a vida cultural de um escritor num determinado período, colocando em diálogo os momentos do seu acervo:

fotos, recortes de jornal, revistas, marginalia, correspondência, objetos pessoais.” (CURY, 1995, p. 61).

O material encontrado no arquivo madyano, sobretudo os seus manuscritos referentes ao livro *Pedaços de Vida* (1993), fornece subsídios não apenas para uma edição crítica – aquela que se ocupa em oferecer um texto definitivo com base no último texto com as intervenções do autor – mas possibilitou um estudo crítico-genético, pois se pode estudar a gênese do texto, ou seja, o nascimento deste, com as rasuras e vacilações da escrita autoral.

O diálogo com a crítica genética neste estudo foi muito importante, pois por meio de sua prática busca-se compreender as diversas possibilidades de modificações que um texto pode sofrer. Quando se optou pela edição crítica em diálogo com a crítica genética, desejava-se um estudo que apresentasse não apenas o aparato com as modificações sofridas pelo texto, mas que trouxesse, conforme afirma Grèsillon (2009, p. 43), “a interpretação de um processo, ou seja, de todos os caminhos, impasses e acidentes pelos quais passa a criação de uma obra”. Nessa perspectiva de estudo escolhida, apresenta-se o devir do texto madyano, além de interpretar os processos de criação e transformação pelos quais passou. Foi do estudo dos manuscritos localizados em seu arquivo particular que se pode ter um entendimento sobre a produção, a transmissão e a circulação dos textos. As modificações, as diferenças entre os manuscritos, bem como a circulação de cada texto analisado, contribuíram para uma construção de sentidos condizente com a situação textual encontrada. Assim, a crítica textual e a crítica genética estarão unidas, com seus métodos tanto para o estabelecimento do texto quanto para o entendimento do processo de criação nos manuscritos. O que pôde ser observado dessa junção de métodos, para o estudo de manuscritos de *Pedaços de Vida*, é que “[...]um texto não é um dado, uma entidade estável, mas um processo inacabado, em constante transformação”, conforme afirma Tavani (1997, p.90 – tradução nossa).

O método editorial escolhido para o estudo dos manuscritos do APMC considera os diversos movimentos do texto, assim como as versões diferentes que foram localizadas. “A crítica textual moderna, a partir da documentação autógrafa, ou homologada pelo autor, tem se ocupado da atividade de editar um texto que corresponda à última vontade do autor, ou à sua intenção final e de mostrar o processo de criação desse texto” (BORGES, 2013, p.44). Desse modo, nesse estudo, além da tarefa de preservar os textos madyanos, edita-os e estuda-os, considerando-os testemunhos-documentos-monumentos.

Quando um texto crítico é estabelecido, trata-se de uma leitura possível, não se trata de uma verdade absoluta, mas de um estratégia de leitura e crítica. Uma leitura de *Pedaços de Vida* foi realizada, porque foram localizados no APMC planos e esboços da organização do

livro. Alguns manuscritos com os rascunhos de alguns textos não foram encontrados, acredita-se que foram destruídos pela escritora. Outros manuscritos apresentam anotações marginais sobre a organização dos textos e referente às pesquisas que a escritora necessitou fazer. Desse modo, o crítico debruçou-se sobre os documentos do arquivo para seguir o percurso feito pela escritora no processo de criação de *Pedaços de Vida*. Pelo fato de a escritora não ter destruído todos os manuscritos que possuem rasuras, pode-se estabelecer relações entre estes e os textos publicados e com as cópias limpas, pôde-se verificar um diálogo entre os textos.

Segundo OLIVEIRA (2007), o espólio documental de um escritor permite, em primeiro lugar, o reconhecimento do percurso biográfico. Em segundo momento, o acervo importa para a compreensão da obra do autor, se é dita ou inédita, e quanto a outros importantes aspectos, quais sejam: cronologia, contexto histórico, temática, recepção crítica, tradição editorial, censura. A pesquisa em um arquivo particular traz à tona momentos importantes da vida de um escritor que muitas vezes são desprezados pela historiografia literária. Mas “[...] os papéis teimam em persistir” [...] sejam eles guardados por amizade, desleixo, horror ao vazio, ou teimosia, nascem para a arquivística literária e para a crítica textual como lugares de memória privilegiados” (OLIVEIRA, 2007, p. 374). Traça-se uma nova biografia para um escritor a partir da memória “arquivada”, às vezes, inscrevendo-lhes pequenos, porém importantes, detalhes. O crítico extrai dos documentos elementos que podem passar despercebidos aos olhos dos leigos. Através das leituras das rasuras, das anotações feitas pelo escritor, pode-se perceber o trabalho artesanal daquele que escreve, pois o arquivo oferece aos olhos do leitor a tradição dos textos e sua história. Assim, a função do filólogo vai além da recolha, análise e interpretação de um espólio literário. Seu trabalho consiste em atualizar a tradição de um texto, com o intuito de tirar um escritor do silenciamento.

A visita às fontes trazem algumas surpresas ao pesquisador, que, muitas vezes, necessita dos contributos da arquivística literária para a construção de um dossiê do arquivo, que norteará o seu trabalho de leitura e interpretação do percurso biográfico em que a obra do autor se desenvolveu. A arquivística literária e a crítica textual possibilitam ao pesquisador adentrar na vida particular do titular do arquivo, através da leitura dos seus “papéis” – correspondências, rascunhos, anotações, esboços, fotografias – essa exploração permite reconstituir o seu perfil biográfico (ou biobibliográfico).

2.1 O ARQUIVO MADYANO: UM LUGAR DE MEMÓRIA

“Todos que vivemos neste mundo, sob o contraste dos painéis da natureza e sob a desigualdade irônica dos destinos, somos também peregrinos da perfeição!” (CRUSOÉ, 1993, p.101)

Monte Belo
(Ilustração da capa)

Meu Monte Belo querido,
Postal da minha cidade,
Te vejo em meus pobres versos,
Entretendo a minha saudade!

Casinha branca, rodeada de janelas, perto do céu duas palmeiras centenárias ladeando, tendo aos seus pés o velho Jaguaripe, cortando a beleza da paisagem, onde se vê pedaço lindo da cidade, com seu casario centenário, belo e maravilhoso, cartão postal de Nazaré, que dulcifica e entenece o visitante, deixando aos olhos de todos, o retrato de uma das vistas mais poéticas da cidade.

Monte Belo, na policromia dos teus campos, pulei corda, subi nos velhos cajueiros, tomei banho na represa que te cerca, cismeí, sonhei e, na minha adolescência, tive a impressão de que, na beleza do teu céu, eu iria construir o meu castelo de amor.

Agora, quando a caminhada já prateia os meus cabelos, eu te agradeço o quanto me deste de ternura e te ofereço aos meus netos, para que façam dos teus campos verdejantes, a liberdade e do teu pedaço de céu, a maior felicidade de suas vidas! (CRUSOÉ, 1993, p. 78)

Monte Belo é o primeiro texto da seção Crônicas e Discursos, do livro *Pedaços de Vida*, de Mady Crusoé (MC) publicado em 1993, que será tomado neste estudo como ilustração da sua residência, lugar que, também, foi o seu laboratório autoral e atualmente guarda o seu arquivo pessoal. É no Monte Belo que a escritora foi “arquivada”. É neste lugar lembrado em versos e prosa que está localizado o APMC. Foi da pesquisa deste arquivo que este estudo tornou-se possível, pois ele acolhe documentos pessoais, manuscritos autorais, recortes de matérias de jornais, fotografias, objetos pessoais, entre outros que ajudam a contar a história da escritora e a traçar o seu itinerário literário, sem perder de vista o contexto histórico em que estava inserida. Seu arquivo descortina a vida social e intelectual da sua pequena cidade, Nazaré (no início do século XX), situada no Recôncavo baiano.

Os lugares de memória nascem da vontade de memória. Essa vontade existiu desde os primeiros documentos organizados em pastas pelo primeiro arconte do APMC: o esposo da escritora, Américo Crusoé. A organização que ele fez não foi com o interesse de transformar a

sua residência em um museu, após a sua morte e de sua esposa, mas pelo simples prazer de guardar as suas memórias, de garantir aos seus sucessores a memória da família. Lugares como este, são “[...] lugares, portanto, mas lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade” (NORA, 1993, p. 22).

Trabalhar com acervos literários requer um enfoque multidisciplinar, faz-se necessário mobilizar conhecimentos de áreas diversas, porém afins, para a organização e leitura crítica destes. Inicialmente, apresenta-se o arquivo particular dessa escritora baiana revelando como se deu a sua organização pelos seus familiares e, sobretudo, como foi feito o seu inventário pela pesquisadora, ação que promoveu visibilidade aos documentos do arquivo e facilitou o manejo destes para que fosse realizado o exercício filológico proposto neste estudo. O tratamento da documentação, nele contida, foi fundamental para a sua preservação e transmissão dos dados importantes sobre a escritora e a época em que viveu.

O arquivo, localizado na casa que pertenceu à escritora, reúne um conjunto de papéis e materiais audiovisuais resultantes de sua vida e de suas produções literárias. O APMC guarda documentos inéditos que revelam o modo de pensar e viver de uma escritora que desenvolveu atividades importantes na sociedade em que atuou. Explorar este arquivo é oferecer contribuições, ainda que de forma modesta, para a historiografia literária baiana, para os estudos filológicos de manuscritos de autores baianos. Seu arquivo é a única fonte de dados sobre a escritora, indispensável para a preservação da sua memória.

O APMC é importante pela variedade e quantidade de documentos e pelas possibilidades de leitura que esses papéis podem proporcionar, fornecendo subsídios para estudos futuros referentes à literatura ou à participação feminina na imprensa baiana no início do século XX, entre outros assuntos. O estudo crítico-genético de textos que compõe o livro *Pedaços de Vida* (1993) é, apenas, uma opção dentre uma variedade de pesquisas que podem ser feitas sobre o conjunto documental que seu acervo possui.

No APMC, memória particular e coletiva harmonizam-se: há manuscritos autógrafos de textos da escritora, bem como as suas correspondências; há documentos pessoais e fotografias de família junto a fotografias da cidade de Nazaré do início do século XX. Há, também, recortes de notícias sobre a política e a economia do país e notícias sobre a segunda guerra mundial; há recortes de textos de escritores locais, nacionais e internacionais – tudo colecionado pelo esposo da escritora. Esses manuscritos, misturados a outros documentos que integram o arquivo, dão-lhe esta feição de lugar, ou de templo de memória, remontam ao passado, e, sutilmente, pode-se entrever a oficina de criação da escritora. Em meio a estes recortes, há recortes de textos de Mady Crusoé, publicados em jornais baianos. A respeito dos

elementos que compõem os arquivos de autores contemporâneos, Antonio Braz de Oliveira (2007, p. 375) afirma que

[...] lugares e temp(l)os de memória, os manuscritos e outros documentos que integram os arquivos de autores contemporâneos ora espelham o pulsar da oficina de escrita própria de cada criador (mostrando a gestação e o devir de sua obra), ora desvendam o especioso percurso de que foi feito o impulso, sucesso ou insucesso, de muitas intervenções singulares e movimentos coletivos (literários, artísticos, cívicos, etc.) que marcaram decisivamente a nossa história cultural mais recente.

Para o filólogo, o espólio documental de um escritor não é um depósito de enunciados mortos, mas, ao contrário, traz enunciados que pulsam a cada leitura atenta. Esses documentos de acervos testemunham o passado e caracterizam a identidade de um sujeito, da sociedade e da época em que viveu. Para Oliveira (2007, p. 375), o espólio documental de um autor

[...] permite, em primeira linha, o reconhecimento do respectivo percurso biográfico, quer como trânsito individual balizado pelas humaníssimas datas de nascimento e morte, quer como (com)vivência geracional e compromisso com a história, circunstanciado este pelo tempo em que a obra e a intervenção cívica do autor se inscreveram. Lembrando Pessoa, dir-se-ia que um espólio é o lugar em que se cruzam os testemunhos das duas vidas que todos temos: a útil e a sonhada ou inventada nas margens daquela, entre o estar aqui e o querer estar mais além. A gênese de um texto é sempre, de igual modo, o percurso (um fragmento, pelo menos...) de uma “mão de escrita” que (se) assinala uma passagem.

O estudo do espólio de um escritor proporciona conhecer um pouco mais sobre a sua vida pessoal, por meio da leitura de documentos, cartas, homenagens, bem como favorece o ressurgimento da figura autoral, que reaparece em meio aos rascunhos, as campanhas de revisão, entre um poema e outro, à margem do texto, ou em qualquer outro espaço. Cabe ao filólogo lançar novo olhar sobre a escrita literária, dando visibilidade aos manuscritos do autor, para a reconstituição de seu processo de escritura, de seus projetos para publicação. Faz-se necessário considerar o arquivo como um sistema de discursos que apresenta diversas possibilidades de enunciação agrupadas em figuras distintas que se correlacionam.

O arquivo, como lugar de memória, na concepção de Pierre Nora (1993), apresenta três sentidos: material, simbólico e funcional, simultaneamente, com o objetivo de cristalizar uma memória e reforçar uma identidade individual e coletiva. O Arquivo de Mady Crusoé deve ser considerado nessa perspectiva, pois expõe elementos da sua vida pessoal, da sua vida profissional e do contexto histórico ao qual estava inserida. Seu arquivo guarda o que Ricouer

(2012) denomina de rastro documental, é o lugar onde os textos, os documentos foram depositados, um lugar físico. Mas, ao mesmo tempo, adverte que “[...] o arquivo não é apenas um lugar físico, espacial, é também um lugar social” (RICOUER, 2012, p. 177).

O arquivo estudado é formado por um conjunto de elementos de naturezas diversas. A casa da escritora é um depósito de informações, o *arkhêion*, como denomina Derrida (2001). E como lugar da memória, o arquivo necessita de alguém que lhe atribua sentido, neste caso o pesquisador do arquivo é quem faz este papel. Ele também desempenha a função de arconte (Derrida 2001), ou seja, é aquele que faz a interpretação desse arquivo, que dá sentido ao conjunto de objetos, que junta as peças, como se montasse um jogo de quebra-cabeças. Ele é quem faz a “escavação” coletando informações.

Para dar conta da dinamicidade dos arquivos particulares e por sua heterogeneidade de documentação, o pesquisador de acervos necessita realizar investigações interdisciplinares, pois ao crítico interessa tudo, seja uma carta, uma anotação, pode ser tão importante quanto um poema ou uma crônica, um discurso. O arquivo desperta no pesquisador uma paixão, uma inquietação, em saber mais sobre o objeto pesquisado. No livro intitulado *Mal de Arquivo* (2001), Derrida apresenta os ideais que Freud denominou de pulsão de amor e de morte e discorre sobre a perturbação em que vivem os pesquisadores que se envolvem na trama arquivística,

[...] estar *com mal de arquivo*, pode significar outra coisa que não sofrer de um mal, de uma perturbação ou disso que o nome “mal” poderia nomear. É arder de paixão. É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde. É correr atrás dele ali onde, mesmo se há bastante, alguma coisa nele se anarquiva. É dirigir-se a ele com um desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprimível de retorno à origem, uma dor da pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia do retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto. (DERRIDA, 2001, p. 118)

Da forma como o acervo foi organizado, não se sabe onde ele começa, mas percebe-se a sua configuração. Os arcontes do APMC preservaram os documentos que permitem identificar os rastros da atividade de escritura madyana, bem como os rastros das atividades que ela desenvolveu no cenário educacional baiano e em instituições filantrópicas em sua cidade, Nazaré. Tal atitude se caracteriza como um ato de fazer história, pois o testemunho surge nesse cenário na condição de trazer o passado para o presente.

A atitude dos arcontes de Mady Crusoé, em zelar por seus papéis, salvando-os do “tempo e do exílio” (TAVANI, 1997, p. 83), transformando-os em arquivo pessoal, tornou possível a preservação de um aparato documental significativo que possibilita o exercício de

edição. O APMC oferece uma heterogeneidade de paratextos, alguns que dialogam entre si e possibilitam novas leituras, a exemplo de algumas cartas de sua mãe. Elas possuem elementos que ajudam a compreender o contexto social no qual a escritora estava inserida, como a dificuldade de comunicação entre as pessoas que viviam distantes umas das outras; também se notam as relações entre os convites para eventos e os discursos que proferiu. Essa diversidade de classes de documentação, literária ou não, em um arquivo permite o estabelecimento de entrecruzamento entre as peças, que são de extrema importância para o exercício de modelos editoriais, pois fornecem pistas para o entendimento do texto em seu processo de produção, de como se deu o aprimoramento da sua escrita. É o arquivo, como explicita Ricouer (2012, p. 320-321), um depositório de rastros,

[...] o rastro indica o *aqui*, portanto no espaço, e *agora*, portanto no presente, a passagem passada dos vivos, ele orienta a caça, a busca, a investigação, a pesquisa. Ora, tudo isso é a história. Dizer que ela é um conhecimento por rastro é apelar, em último recurso, para a *significância* de um passado findo que, no entanto, permanece preservado em seus vestígios.

O arquivo traz o passado de volta, faz com que ele persista, pulse. As pistas ou rastros nele presentes orientam a pesquisa. Trazem para outra época o texto e a sua memória, atualizando-o. O interesse em guardar a memória não é algo novo. A memória é algo necessário para a coletividade, ela é característica da vida em sociedade. Segundo Le Goff (1999, p. 438), “a memória é uma fonte de imortalidade, antídoto do esquecimento” é através dela que a humanidade mantém as suas lembranças vivas, constrói a sua identidade. Guardar os papéis significam muito mais do que guardar as lembranças pessoais, significa garantir a manutenção da memória coletiva.

Os espólios de escritores contemporâneos suscitam discussões no campo da Filologia, que tem como principais objetivos no trabalho com acervos de escritores a edição e a crítica filológica e genética. É significativo o olhar da Filologia para a figura do autor/escritor que, nos bastidores, reaparece com seus rascunhos, anotações, suas marcas autorais, fazendo-se presente na cena literária. Esses materiais orientaram a pesquisa e precisaram ser organizados de modo que facilitasse a leitura e interpretação, para que fosse construída a biografia da escritora e para que se compreendesse o contexto em que escreveu os seus textos. As fontes primárias localizadas apontam para o contexto em que os textos maduros foram desenvolvidos, para a produção material e para as leituras que podem ter sido feitas pela escritora.

A noção de fontes primárias pode ser entendida como tudo o que antecede a produção de uma obra de arte e reaparece através da memória, reelaboradas e readaptadas em conformidade com as necessidades de criação. Dessa forma, o ambiente em que vivia a escritora, bem como a massa documental guardada em seu arquivo, se transforma em matéria poética e proporciona ao seu livro *Pedaços de Vida* um caráter autobiográfico. O livro é, portanto, considerado uma fonte secundária. Conforme Zilberman (2004), “uma obra de arte pode ser considerada um produto secundário da linguagem, elaborado a partir de dados primordiais – a língua materna, as experiências pessoais, uma matéria física” (ZILBERMAN, 2004, p. 17). Neste estudo, o interesse é focar nos documentos que pertenceram a escritora e, sobretudo, nos manuscritos do seu livro que se encontram dispersos no seu acervo. Trata-se de uma tentativa de divulgação e organização desses documentos que foram localizados dispersos em pastas e gavetas, tomando-os não apenas como “documentos”, que ajudam a reconstituir um passado, mas como “monumentos”, considerando a sua autonomia e complexidade.

Seguem-se os rastros produzidos pela escritora em seus movimentos de (re)escritura, apresentando uma leitura possível desses rastros. Há manuscritos e textos publicados em periódicos, de Mady Crusoé, que só são recuperáveis em sua coleção particular. Por isso a importância em conhecer o seu acervo, que guarda uma produção viva, a qual se pretende iluminar com este estudo, abrem-se as suas portas a um público mais amplo, para uma retomada da memória, para o acesso à cultura local, além de promover uma reflexão sobre a literatura e sobre a crítica. A visita ao arquivo de um escritor pode promover uma nova visão sobre o trabalho deste, sobre a sua participação em sociedade, sobre o período histórico em que viveu. Oferecer o arquivo madyano a uma (re)leitura é apresentá-lo como um amplo texto, dando a ler o seu trabalho na construção do seu livro, é conhecer a escritora em suas hesitações, em suas dúvidas, na realização de seu projeto livro; é flagrar o seu processo criativo, tentar apreender os movimentos genéticos em suas campanhas de revisão na realização do seu projeto.

A casa da escritora, em que estão os seus escritos e documentos, situam-se num local privilegiado da cidade, vários de seus textos retratam a beleza desse lugar, que por muitas vezes foi sua inspiração para compor suas crônicas e poemas.

Figura 1 – Monte Belo



Fonte: SCARANTE, 2013

A casa está localizada no alto de um monte, denominado Monte Belo. Trata-se de uma casa, branca, de muitas janelas azuis e rodeada por uma extensa área verde. Subir até a casa significa não apenas conhecer o lugar onde viveu a escritora, mas ter uma ampla visão da vida de uma cidadezinha do interior, com seus casarios e igrejas do século XIX, entrecortada pelo rio Jaguaripe, elementos que ajudam a contar alguns capítulos da história do Recôncavo.

Na sua crônica Monte Belo, a escritora descreve a casa e a sua vista:

Casinha branca, rodeada de janelas, perto do céu duas palmeiras centenárias ladeando, tendo aos seus pés o velho Jaguaripe, cortando a beleza da paisagem, onde se vê o pedaço lindo da cidade, com seu casario centenário, belo e maravilhoso cartão postal de Nazaré, que dulcifica e enternece o visitante, deixando aos olhos de todos, o retrato de uma das visitas mais poéticas da cidade. (CRUSOÉ, 1993, p. 78)

A fotografia, representada pela Figura 2, apresenta a vista da cidade da sua varanda:

Figura 2 – Vista parcial do Monte Belo



Fonte: SCARANTE, 2013.

A diversidade de documentos e objetos que compõem a casa da escritora fornecem subsídios para a construção do seu perfil de professora, esposa, mãe, avó, escritora e de mulher atuante na sociedade em que viveu, desempenhando importantes papéis em instituições artísticas, culturais e filantrópicas de Nazaré. Esse material é muito importante para a compreensão do processo de construção e de transmissão de suas produções, respaldando, assim, o estabelecimento do texto crítico. Além disso, ao trazer à tona as fontes primárias, o filólogo mostra a representatividade da escritora no âmbito intelectual, histórico e cultural do seu tempo. Desse modo, um arquivo particular tem um sentido monumental e histórico, guardam-se as memórias do seu titular e as memórias de sua época para as gerações futuras.

Pensando no APMC e nas possibilidades de leituras e interpretações que dele podem ser feitas, quando se está diante dos seus papéis, a vida da escritora extrapola os limites temporais e espaciais apresentados no seu livro *Pedaços de Vida* (1993). Desse modo, buscou-se fazer o inventário desse arquivo pessoal, dando-lhe visibilidade e alargando-lhe as possibilidades de interpretação e de reorganização. Ele terá sua leitura guiada pela pesquisadora, que o apresentará não apenas como uma representação do perfil da escritora, da mulher, mãe ou professora que

Mady Crusoé foi, mas como um conjunto de elementos que facultam a análise dos processos de produção, transmissão e recepção de seus textos, tendo como base a crítica textual em diálogo com a crítica genética.

Para conhecer as possibilidades de leituras do APMC e seguir as “pegadas” da escritora, foi construído o inventário do seu arquivo. A construção de um novo percurso de leitura proposto pela pesquisadora busca não só traçar o perfil da personalidade da escritora, mas analisar o processo de produção, transmissão e recepção do seu livro *Pedaços de Vida* (1993).

2.1.1 Inventário dos documentos do APMC: diálogos entre Arquivística, Crítica Textual e Crítica Genética

O arquivo particular de Mady Crusoé, como os de outros escritores, tem uma natureza híbrida, isto é, possui uma heterogeneidade de materiais, como se poderá ver ao longo da sua descrição. Partiu-se do itinerário traçado pelos familiares na sua constituição e organização para a construção de um novo percurso de leitura.

O arquivo particular de Mady Crusoé possui riqueza de tipologias textuais e de suporte documental. Nesse espaço, foram localizados uma diversidade de manuscritos literários em suportes variados. A organização desse dossiê perpassou pela compreensão do que é o processo de criação de um escritor, buscando na Filologia as respostas sobre a tarefa de salvaguardar os textos arquivados, na tentativa de tirá-los do esquecimento, conservando-os para que futuras gerações possam conhecê-los, ou seja, para que se possa promover a outros leitores, especializados ou não, o acesso aos textos arquivados. É nessa perspectiva que a Filologia/crítica textual está fundamentada. Conforme Pérez Priego (1997, p.9), esta é a “ciência que se ocupa de la conservación, restauración y presentación editorial de los textos”⁴. Buscando subsídios no aparato teórico metodológico da Crítica Textual, o editor fixará um texto crítico, que represente a sua tradição e transmissão, um percurso que se inicia pela inventariação dos materiais localizados. No APMC, os manuscritos autógrafos de Mady Crusoé, são os materiais que representam a maior acumulação e produção, desse modo, a organização e catalogação desse material foi importante, também, para a compreensão do seu processo de criação, oferecendo elementos para uma abordagem Crítico-Genética.

⁴ Tradução nossa: “ciência que se ocupa da conservação, restauração e apresentação editorial dos textos.

Ao se inventariar os documentos/monumentos presentes no arquivo madyano, realizou-se a organização e classificação destes. Ler o arquivo é conhecer a sua “fábrica de textos” – expressão cunhada por Luiz Fagundes Duarte (1993) – isto é, acompanhar os movimentos da sua escrita na construção do seu livro *Pedaços de Vida* (1993). Ler seu arquivo é verificar os textos publicados nos jornais, com anotações autógrafas, antes de ganharem a página de seu livro, é observar e registrar as alterações sofridas na mudança de suporte, as campanhas de correção que realizou. Desse modo, a atividade filológica nega a interpretação de que o texto é único. Para a filologia o texto é plural, ele é fruto de um processo histórico, atestado pela pluralidade dos testemunhos. Em conformidade com Louis Hay, o conceito de texto é instável.

‘O texto não existe!’: é sobre essa constatação que Jacques Petit concluía, nos meados dos anos 1970, um primeiro debate consagrado à produção do texto. [...] A noção de texto é, na verdade, o resultado de uma evolução muito particular por sua dimensão histórica. Ela compreende um período de grande estabilidade, que se inscreve em longa duração, e um período breve e recente de mutações em cascata. (HAY, 2007, p. 37)

Ao ler os manuscritos literários e ao dar a ler esses manuscritos, o filólogo mostra que os documentos de processo promovem um conhecimento sobre a produção da própria obra e fazem notar que esta é fruto de muito trabalho sobre a língua. Ao propor a releitura do texto, com o estudo crítico das fontes primárias e do arquivo, o filólogo proporciona um novo olhar sobre o livro, sobre a obra acabada. Ele dá a ler o processo de tessitura, apresentando os vários fios que compõem o tecido textual. Por se tratar de uma fonte de memória não somente da escritora, mas de toda a região de Nazaré, justificou-se a necessidade de se higienizar, organizar, catalogar e divulgar os documentos contidos no APMC.

O APMC é um espaço no qual se (re)constrói a narrativa da vida da escritora. Os documentos que o compõem foram convenientemente reunidos em gavetas de antigas cômodas, em sua residência, lugar onde poucos foram autorizados a conhecer. Segundo Artiéres (1998, p. 11),

[...] não arquivamos nossas vidas, não pomos nossa vida em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens.

Na esteira de Artiéres (1998), concebe-se o arquivo como um lugar de poder e de comando, por isso ele não é arquivado de qualquer maneira, seleciona-se aquilo que se quer ver exibido, ou que se deseja consultar para realização de algum trabalho, ou pesquisa. Observa-se que os documentos localizados no arquivo foram consultados pela escritora durante a execução do

projeto de escritura de *Pedaços de Vida*, certos textos e documentos guardados serviram como fontes para a composição e ou reescrita de textos. A história de sua obra é revelada em parte, em seus rascunhos, pois ela tinha o hábito de passar a limpo e descartar os rascunhos que tivessem muitas rasuras. Vale salientar que as rasuras ou emendas que se fazem presentes em seus manuscritos, mesmo naqueles que parecem ter sido de primeiro jato de tinta, são legíveis.

Para a organização dos documentos de Mady Crusoé, recorreu-se à leitura de outros trabalhos sobre arquivos de escritores, sobretudo o *Manual de Organização do Acervo Literário de Érico Veríssimo*, elaborado por Maria da Glória Bordini (1995); o Inventário de Ariovaldo Matos, organizado por Mabel Meira Mota⁵ (2012); O Arquivo Digital de Textos Teatrais Censurados (atividade em andamento), coordenado pela Professora Dra. Rosa Borges, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Observou-se que cada espólio apresenta suas peculiaridades e, desse modo, buscou-se um caminho conveniente para, então, construir o inventário dos documentos do APMC.

O arquivo particular de Mady Crusoé foi organizado em 08 séries, compostas por subséries, conforme apresentação a seguir:

01 Série Vida

01a Subsérie Documentos Pessoais

01b Subsérie Comprovantes de atividades profissionais

01c Subsérie Comprovantes de atividades culturais

02 Série Produção intelectual

02a Subsérie Livro

02b Subsérie Discursos

03 Série Publicações na Imprensa

03a Subsérie Publicações sobre o autor e suas produções

03b Subsérie Publicações autorais

04 Série documentos audiovisuais e digitais

04a Subsérie Fotografias da infância e juventude de Mady Crusoé e Américo Crusoé

04b Subsérie Fotografias de Mady Crusoé e família

04c Subsérie Fotografias de Mady Crusoé no lançamento do livro em Nazaré

04d Subsérie Gravações de áudio e imagem

05 Série Manuscritos notas e rascunhos

⁵ Trabalho desenvolvido em sua Dissertação de Mestrado intitulada *Da trama do arquivo à trama detetivesca de Irani ou as Interrogações, de Ariovaldo Matos: Leitura filológica do arquivo e edição do texto*.

05a Subsérie Cadernos de rascunhos (referente a *Pedaços de Vida*)

05b Subsérie Datilografados

05c Manuscritos em folhas soltas

06 Série Correspondência

06a Subsérie Cartas da autora

06b Subsérie Cartas à autora referentes ao livro *Pedaços de Vida*

06c Subsérie Cartões à escritora

07 Série *Memorabilia*

07a subsérie Certificados e premiações

07b subsérie Homenagens póstumas

08 Série *Vária*

08a- Subsérie Produções acadêmicas

08b- Subsérie Documentos diversos

08c- Subsérie Coletâneas de Américo Crusoé

Cada item reorganizado recebeu um código com a numeração da série, escrito a lápis, sobre etiquetas de papel (presas ao documento com cliques de plástico), ou em etiquetas colantes quando se tratava de objetos ou álbuns, ou coletâneas. Exemplo: 03b0001-32 identifica uma crônica da autora, datada de 1932. Como se trata de uma publicação na imprensa, o documento recebeu o número 03, correspondente à série 03: Publicações na Imprensa; a letra “b” corresponde à subsérie “Publicações autorais”; 001 corresponde ao número do documento; 32 corresponde ao ano em que fora publicado (1932).

Cada item foi arquivado conforme a ordem de número e registro de série. Os documentos, aos quais se teve acesso, dispersos em gavetas ou pastas de folhas de plásticos foram reunidos obedecendo às séries e subséries às quais correspondiam, e foram acondicionados em pastas com folhas plásticas ou em envelopes pardos, acompanhados com uma lista contendo os nomes dos documentos e respectivos registros. Cada item foi acondicionado em locais e compartimentos da casa adequados à natureza da série. Alguns foram acondicionados em caixas-arquivo, outros nas próprias gavetas onde foram localizados, outros em armários.

O levantamento dos textos do seu arquivo e a sua classificação revelam aspectos da produção e da circulação que seus textos tiveram em jornais baianos. Essa leitura permitiu conhecer as suas formas de atuação na sociedade em que viveu.

A série Vida inclui toda a documentação referente à existência de Mady Crusoé, trazem informações sobre vários momentos e instâncias de sua vida pessoal, que servem de fonte para a construção de sua biografia. Esta série é composta por documentos pessoais,

documentos referentes as suas atividades profissionais e culturais. Os itens foram arquivados em pastas (que contém folhas plásticas) ou envelopes pardos, com a identificação do número do catálogo.

A série Produção intelectual é formada por um exemplar do seu livro, publicado em vida, *Pedaços de Vida* (1993) e por seis discursos proferidos pela escritora em momentos importantes na sua cidade, Nazaré e na capital do estado. Os itens foram arquivados em uma pasta de folhas plásticas, identificados com o número da série, seguindo a ordem do registro que fora feito no inventário.

A série Publicações na Imprensa traz textos da escritora ou notícias sobre seu livro, publicados na imprensa baiana. A subsérie Publicações autorais é formada pelos recortes de jornais locais e da capital, constando crônicas publicadas pela escritora, na década de 1930, quando ainda assinava suas produções, utilizando-se de pseudônimos. Há, também, outras que foram publicadas posteriormente, até a década de 1985, nas quais se identificava assinando Mady Crusoé. Alguns desses textos são recortes de jornal situados na coletânea 03 e na coletânea 04, colados às folhas da coletânea. Os textos localizados nas gavetas, ou no interior de seus cadernos, ou em pastas de folhas plásticas, foram organizados em uma única pasta, com o registro de cada item.

A série Documentos audiovisuais e digitais inclui fotografias mostrando Mady Crusoé, pessoas ou locais relacionados a ela, bem como fotografias relacionadas ao seu esposo e à cidade de Nazaré, a lembranças de viagens, além de fotografias de amigos. Há no arquivo muitos álbuns de fotografia, um total de 35 volumes. Junto a esses, há uma caixa contendo 200 fotos avulsas de familiares, eventos em família, amigos e imagens da cidade de Nazaré, entre outros. A coleção fotográfica consta, atualmente, de aproximadamente 1.700 (uma mil e setecentas) fotografias impressas. A maioria encontra-se num armário em um dos quartos da casa. Como se pode ver na Figura 3:

Figura 3 – Armário contendo álbuns de fotografia



Fonte: SCARANTE, 2013

As fotografias as quais a pesquisadora teve acesso, constam de 20 ,e foram inventariadas. A maior parte delas estão armazenadas em álbuns próprios para fotografias; as avulsas foram organizadas em novos álbuns apropriados, pelos familiares, a fim de preservarem-se as imagens de desbotamento. Há fotografias por toda a casa, decorando os móveis e as paredes. Há, também, um painel reunindo imagens da família, organizado pelos filhos e netos, em uma das paredes da entrada:

Figura 4 – Painel de fotografias



Fonte: SCARANTE, 2013

Há muitas recordações expostas em todos os cômodos da casa, como se pode depreender da frase que compõe o painel de fotografias (Figura 4): “Este cantinho é pequeno para tantas recordações boas...”

Fotografar era uma das atividades preferidas do esposo da escritora. As imagens do arquivo, algumas capturadas por suas lentes amadoras, outras feitas por fotógrafos da cidade, remontam o passado de Nazaré, a sua vida, desde a infância, a vida da sua esposa e de seus antepassados. As fotografias ajudam a contar a história da sua família, a chegada ou partida de algum familiar; os registros das festas em que todos se reuniam, as viagens, as participações em eventos sociais. Há, também, registros da atuação de Mady Crusoé discursando:

Figura 5 – Mady Crusoé proferindo discurso na inauguração da rodoviária de Nazaré



Fonte: APMC (040013-sd)

Algumas fotografias possuem anotações no seu verso, identificando as pessoas e, em alguns casos, informando qual a atividade desenvolvida no momento em que fora feito o registro da imagem. A fotografia que registrou o momento em que discursava na inauguração da estação rodoviária de Nazaré (Figura 5), por exemplo, apresenta anotações, no verso, sobre o motivo do discurso proferido pela escritora na ocasião – inauguração da Estação Rodoviária de Nazaré, sem indicação de data em que fora proferido.

As fotografias do arquivo ajudam a reconstruir o espaço de escrita e o espaço de divulgação de seus textos, legando para a posteridade esses ambientes. Algumas contribuem para o entendimento do contexto histórico vivido pela escritora e de seu esposo. A fotografia da primeira turma do curso de datilografia realizado em Nazaré, por exemplo, tendo o Sr. Américo com um dos formandos, representa um período histórico da sociedade e a importância que esses cursos tinham para a juventude, àquela época:

Figura 6 – Primeira turma do curso de datilografia de Nazaré



Fonte: APMC (04a0005-20)

No verso da fotografia, consta a informação de que a formatura aconteceu dia 29 de agosto de 1926. Ao chão, de terno escuro está Américo Crusoé, de posse do seu diploma.

Momentos de divertimento entre o casal Américo e Mady também são retratados nas imagens capturadas por lentes fotográficas, a exemplo da Figura7 apresentada a seguir:

Figura 7 – Mady e Américo na década de 1930



Fonte: APMC (040004-30)

A Figura 8 é o fac-símile da fotografia em que o casal dançava em um dos muitos bailes que participou, sem identificação da data nem dos créditos.

Figura 8 – Mady Crusoe dançando com o esposo



Fonte: APMC (04b0010-sd)

Fazem parte do acervo duas máquinas fotográficas, que segundo as filhas da escritora, pertenceram ao Sr. Américo⁶. Foram acrescentados ao arquivo um DVD contendo fotografias referentes ao Centenário de nascimento da escritora, comemorado em outubro de 2013 e um pôster do Centenário, medindo 1,10m x 0,80m. Também foram incluídos nesta série 02 panfletos de missas. Os materiais do APMC são dotados de características biográficas, falam por si só. “Insinuam as margens da atividade escriturária, suas conexões com o fora, o alheio, o disperso, o devir outro” (MARQUES, 2011, p. 194).

Essa série inclui, também, um filme em suporte DVD, referente a uma participação da escritora juntamente com membros da sua família em uma festa junina; e uma fita de áudio, com a gravação do hino ao Luiz Viana, de sua autoria, entoado pelo Coral da Santa Casa de Misericórdia de Nazaré, gravação feita em 1985. A fita e o DVD foram identificados com os respectivos números registrados no inventário. Também, foram localizadas outras fitas de áudio que, segundo as suas filhas, tratavam-se de discursos proferidos pela escritora, mas estas foram danificadas⁷ e descartadas pelos familiares, não constando, portanto, no inventário do arquivo.

A série Esboços, notas e rascunhos é formada pelas subséries: Cadernos de rascunhos (referente a *Pedaços de Vida*); Datilografados e manuscritos em folhas soltas e Notas manuscritas para a organização do livro. Essa série inclui tanto o material fragmentário folhas soltas, anotações de próprio punho (sobre o livro), manuscritos de poemas em folhas soltas, bem como o conjunto de datiloscritos contendo os textos para o livro, datilografados por sua neta, mas com correções autógrafas. Todos os cadernos, folhas avulsas e datiloscritos receberam um número de registro. Como são partes muito importantes deste estudo, apresentam-se a seguir, todos esses elementos que integram o dossiê genético de *Pedaços de Vida* (1993), acompanhados de sua descrição.

O Caderno Cenoura [1928]⁸ é um pequeno caderno em brochura, medindo aproximadamente 15cm de comprimento por 10cm de largura, possui capa dura, na cor cenoura, com ornamentos vasados em forma de moldura. As suas folhas apresentam-se

⁶ As máquinas localizadas no arquivo não são modelos profissionais, ambas são modelo Olympus TR.

⁷ As filhas ao ouvirem as fitas, perceberam que fora feita uma gravação por cima do áudio. Foram gravados programas de rádio de caráter Evangélico/ Protestante. Ao questionarem o caseiro, este admitiu que fizera a gravação. As fitas não testemunham mais o trabalho da escritora.

⁸ Considerou-se o ano de 1928 por causa da inscrição com o referido ano ao final do primeiro manuscrito de poema situado no caderno.

amareladas e foi utilizada caneta tinteiro, na cor preta, para a escrita dos textos que o compõem.

A Coletânea n.º 3 é um grande caderno em brochura, medindo aproximadamente 32,5cm de comprimento por 22,5cm de largura, possui capa dura, na cor preta. Pertenceu ao esposo da escritora. Possui uma etiqueta de cor branca com contornos em vermelho, medindo aproximadamente 7,5cm de comprimento por 2,0cm de largura, com a inscrição, feita em caneta tipo hidrocor preta, Coletânea n. 3. As folhas são numeradas com algarismos cardinais apenas no anverso, mas são contadas as folhas do verso; as suas folhas possuem uma divisão em forma de tabela, à semelhança de um livro contábil. Há, em todas as páginas, recortes de jornais com notícias, crônicas ou artigos; poemas de autores diversos; há duas crônicas de Mady Crusoé recortadas de jornais sem indicação de data, nem de fonte.

O Caderno Azul [1983]⁹, assim denominado pela escritora, é um suporte em brochura, com uma ilustração de uma paisagem campestre, com a inscrição Mady, de caneta esferográfica azul, centralizada na parte superior da capa. Mede, aproximadamente, 22cm de comprimento por 15cm de largura. O suporte é de 1983, conforme se pode inferir do texto *Prefácio*, à folha [2]. Possui vinte e sete folhas, todas escritas de caneta esferográfica azul. Trata-se de um caderno distribuído pelo Ministério da Educação e Cultura, conforme inscrição na capa do fundo. Os textos da escritora são passados a limpo, alternadamente, por duas de suas netas: Myriam Crusoé e Iêda Crusoé. Pode-se depreender da leitura de alguns textos do caderno, que desejavam escrever uma coletânea de poemas de poetas baianos, para o Centro Cívico Poeta José Bonfim, do Colégio Estadual Dr. José Marcelino de Souza, em Nazaré. A coletânea seria feita em dois volumes: o primeiro com poetas nazarenos, que seria intitulado *Só Poetas* e o segundo com poetas baianos, que seria intitulado *Poetas em Desfile*, conforme se pôde depreender das observações feitas no caderno pelas netas da escritora. Neste caderno, há apenas poemas de Mady Crusoé.

O Caderno [1984]¹⁰ é um suporte em brochura, cuja capa dura possui estampa xadrez em tons marrons. Mede aproximadamente 21cm de comprimento por 14,5cm de largura. Das noventa e seis folhas que o compõe apenas vinte e duas foram utilizadas para a escritura de alguns textos, todos escritos com caneta esferográfica azul. Há na capa, no ângulo inferior

⁹ Considerou-se o ano de 1983 por causa do registro feito pelas netas da escritora referente ao ano em que realizaram a pesquisa escolar.

¹⁰ Considerou-se este ano por causa da inscrição que apresenta na capa: “Poesias de Mady 1984”, escrito de caneta esferográfica azul sobre uma etiqueta.

direito uma etiqueta branca de contorno vermelho, medindo aproximadamente 7,5cm de comprimento por 2,0cm de largura, com a inscrição em caneta esferográfica azul: Poesias de Mady 1984.

As Folhas Avulsas (s.d.) são manuscritos escritos em folhas de papel pautado, que foram localizadas em pastas catálogo, de forma aleatória, misturadas a documentos, cartas, fotografias, entre outros. São doze testemunhos de poemas, todos sem indicação de data, quais sejam: *Chegou a tua vez Brasil*; *Go[s]jai Mocidade!*; *Vim da roça*; *Saudação das Escolas Primárias à ilustre caravana*; *Independência*; *Salve Erato Gloriosa*; *Primavera <es tu> Mocidade*; *Nazaré Primavera* (dois testemunhos); *Não disse adeus* (no verso do testemunho número dois de Nazaré Primavera); *Dia das mães* e um poema sem título. Registram-se, ainda, seis discursos proferidos pela escritora, em suporte papel, sem indicação de data, dos quais apenas dois fazem parte do livro *Pedaços de Vida*. Estas folhas avulsas foram reunidas em uma nova pasta catálogo, intitulada *Folhas avulsas: poemas e discursos*, e foram cronologicamente reorganizadas pelo editor, dando-lhes visibilidade. Dos seis discursos localizados no APMC, apenas dois fazem parte do livro: o discurso em agradecimento ao governador João Durval Carneiro e ao Secretário de Educação do Estado da Bahia, à época, Edvaldo Boaventura, por lhe conferirem o prêmio de Educador Emérito, em 1985; e o discurso em homenagem aos 140 anos de municipalidade nazarena, proferido em 1989.

O Caderno Meu Diário [1993]¹¹ é um suporte em brochura, medindo 17,5cm de comprimento e 14,5cm de largura. Possui 27 folhas escritas. A capa apresenta ornamento verde vazado nos ângulos superior direito e inferior esquerdo. Inscreve-se de caneta azul, abaixo do título: “de Viagens / Astério Crusoé”¹². A capa apresenta manchas, provavelmente provocadas pela ação de água, por toda extensão, e mancha de tinta azul no ângulo superior direito. As folhas apresentam-se sem margem com 20 linhas cada. As folhas iniciais foram arrancadas. Esse caderno apresenta muitos elementos pré-textuais e o projeto do livro com anotações da escritora sobre a sua organização.

O Caderno Verde [1993]¹³ é um suporte encadernado em arame com capa flexível em papelão, com estampa xadrez nas cores verde e branco, medindo aproximadamente 20,7cm de

¹¹ Utilizou-se o ano de 1993, por ter sido o ano em que o projeto do livro foi posto em prática, este caderno contém rascunhos de introduções de textos que foram reescritos, poemas novos para compor o livro, bem como anotações sobre elementos pré-textuais que o formariam.

¹² Astério Crusoé era irmão de Américo Crusoé.

¹³ Utilizou-se o 1993 para datar o caderno, pois este foi o ano em que o projeto do livro foi posto em prática e este caderno contém as cópias limpas para serem datilografadas.

comprimento e 14,5cm de largura. A capa possui marca de dobra na diagonal superior. O nome Mady Crusoé inscreve-se na capa em espaço destinado para título, sobre o nome da marca Sulamericana de Cadernos. O suporte possui 158 folhas escritas, amareladas pela ação do tempo e numeradas apenas no anverso. As folhas compõem-se de 22 linhas azuis manchadas e margens esquerdas na cor vermelha, com 2cm aproximadamente, que marcam o verso das folhas. Os manuscritos presentes neste caderno são textos passados a limpo.

Os Datiloscritos registram-se em papel do tipo ofício, tamanho A4, encadernados, constituindo um bloco composto por 125 folhas. Os textos foram datilografados com fita na cor preta e o tipo da letra da máquina de datilografia se mantém até o final. Algumas folhas apresentam-se com correções autógrafas, realizadas com caneta esferográfica azul. Os textos datiloscritos são dispostos nas folhas no formato retrato.

A série Correspondência inclui cartas recebidas ou enviadas por Mady Crusoé, bem como cartas de outrem, referentes aos seus familiares. As cartas do acervo promovem uma leitura do perfil biográfico da escritora, mostram a sua relação com familiares e amigos e expressam a movimentação nos bastidores da vida artística no contexto de sua época e as estratégias de divulgação da obra bem como recepção crítica de seus textos, presentes em cartas que recebeu de amigos, políticos, ex-alunos, escritores, músicos.

O arquivamento das cartas foi realizado tomando como base a data em que foram enviadas. As cartas referentes ao livro apresentam as impressões de seus leitores sobre o livro e constituem importante fonte de dados sobre a recepção de sua obra. São ao todo 30 missivas, classificadas em subséries, quais sejam: Cartas da autora; Cartas à autora (sobre temas diversos); Cartas à autora sobre o livro *Pedaços de Vida*. Há ainda no acervo cartões referentes à datas comemorativas: aniversário, bodas de ouro, entre outros. Para o inventário e estudo, a pesquisadora teve acesso a 02 cartões. Todos esses itens receberam registro no inventário, identificados quanto a série e subsérie.

A série Memorabilia inclui material relacionado com a memória da vida literária ou pessoal da escritora, que não tenha sido produzido por ela. Esta série foi subdividida nas seguintes subséries: Certificados e premiações e Homenagens póstumas. Esta série é composta do Diploma de Educador Emérito do Estado da Bahia (1985), Moção de honra ao mérito (1985), Moção de parabéns (expedidos pela Câmara Municipal de Nazaré), entre outros; também são incluídos nesta série as homenagens recebidas de entidades oficiais, *in memoriam*. Esse material que compõe esta série foi arquivado em pastas de folhas plásticas e envelopes pardos, cada item identificado com o número correspondente à série. A cada

documento acrescentado por um familiar, ou doado por um agente externo, novos significados são construídos e o arquivo se renova.

A série *Vária* reúne documentos que não se enquadraram nas séries anteriores, mas que são importantes para a composição do arquivo. Esta série é composta por três subséries, que serão descritas a seguir:

A subsérie *Produções acadêmicas* correspondem aos textos que foram escritos sobre a escritora, frutos de pesquisa em meio acadêmico. Em 1994, foi acrescentado ao arquivo um trabalho realizado por uma estudante do curso de História da Universidade do Estado da Bahia, do Campus V. Trata-se de uma monografia realizada durante o curso intitulada *Retalhos de Vida*. Nesse estudo, a professora Virgínia Maria Pinto Alves e Silva disserta sobre a vida da escritora, seus papéis sociais e sua contribuição a importantes jornais, sua carreira como professora, os cargos e funções que exerceu, entre outras considerações.

Também foram acrescentados ao seu arquivo textos publicados pela pesquisadora deste estudo, quais sejam: *Reflexões sobre o arquivo privado da escritora Baiana Mady Crusoé* (SCARANTE, 2012); e dois artigos constantes no livreto distribuído pela pesquisadora, na ocasião do Centenário da escritora em 2013, em Nazaré. Esses textos foram escritos sob a orientação da Professora Dra. Rosa Borges, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e são intitulados: *Mady Crusoé (1913-1997): Uma escritora e(m) seus papéis*; e *Pedaços de Vida de Mady Crusoé: Escrita de si e construção de uma identidade local*. Esta série é composta, também, pela subsérie *documentos diversos*, tratam-se de documentos referentes à residência (escrituras), ao Pai adotivo da escritora, entre outros. A subsérie *Coletâneas de Américo Crusoé* é composta pelos quatro volumes contendo recortes de notícias e de textos de escritores nacionais e internacionais, sendo que na Coletânea n. 3 há recortes de crônicas publicadas por Mady Crusoé em jornais baianos.

Há, também, no arquivo, uma coletânea manuscrita feita pela escritora como presente ao seu esposo, à época seu noivo. A coletânea é composta por textos de escritores canônicos, a exemplo de Olavo Bilac, Humberto de Campos¹⁴, Augustos dos Anjos, Casimiro de Abreu, Pe. Antonio Vieira, Castro Alves, dentre outros. Há também textos de Anísio Melhor, Gilka Machado, Cecile Perin, Hermes Fontes, Virgínia Victorino, Paulo Durval, dentre outros. A coletânea foi datada de 12 de outubro de 1935, data de aniversário de ambos. Cada título de

¹⁴ Este poeta certamente era um dos preferidos do seu noivo, pois nos volumes de miscelâneas organizados por Américo Crusoé há muitos recortes de poemas deste poeta brasileiro.

cada poema foi escrito com letras decoradas e as folhas foram enfeitadas com adesivos com temas que revelam amor, paixão. Há na primeira folha uma dedicatória ao noivo:

Essas rimas enfeitadas com o sorriso ironizado dos tristes e a alegria fingida dos poetas, copiei para a candura sempre bella dos seus olhos e a poesia sempre grande de sua grande alma.
Quando mais tarde, surgir na sua vida uma nevoa de amargura meu amor, procure e colha no jardim do sentimento de cada poeta, a flôr suavíssima e dulcificante da recordação e beije-a ternamente... apaixonadamente, como se deve beijar a pequenina pétala lilá de uma saudade boa... que encantou a nossa vida!... (CRUSOÉ, 1935, f. 1)

Depreende-se que essa coletânea foi baseada nas preferências poéticas do seu noivo, pois os autores citados compõem as suas coletâneas de recortes de jornais e revistas, (citadas na subsérie Coletâneas de Américo Crusoé), além disso, muitos foram contemplados por ele na coletânea de poemas que escreveu em seu caderno.

Além desses itens, compõe a subsérie Documentos Diversos um caderno intitulado pela escritora de “Caderno de cópias”, no qual ela fazia os registros dos documentos oficiais que recebeu (nomeações, afastamentos, benefícios, aposentadoria, entre outros). Há, também, no APMC, discursos feitos por terceiros em sua homenagem, em virtude das comemorações ao Centenário de Nascimento da escritora, quais sejam: Discurso do Diretor da Sociedade Montepio dos Artistas Nazarenos e Discurso de sua filha Maria Aparecida; além de uma reportagem do jornal local, O Eco, com uma matéria sobre o evento realizado. Também foi acrescentado ao arquivo, uma amostra do convite do Centenário, que fora distribuído, na ocasião, para autoridades, amigos e familiares da escritora, instituições de ensino particulares e públicas da cidade, pesquisadores, poetas, Academia de Letras do Recôncavo, Academia de Letras da Bahia, entre outros. Esses novos materiais que foram acrescentados ao APMC, mostram que um arquivo particular é passível de atualizações, suas possibilidades de leitura podem ser ampliadas.

A subsérie Coletâneas de Américo Crusoé corresponde às coletâneas¹⁵ 1, 2, e 4 – numeradas pelos familiares com uma etiqueta colada à capa, centralizada – que são compostas por recortes de jornais (notícias, poemas, crônicas, entre outros textos)

¹⁵ A coletânea n. 3 integra a Série 05 – Esboços, notas e rascunhos, por conter testemunhos do livro *Pedaços de Vida*.

coleccionados pelo esposo da escritora. Dentre esses textos, há produções de Mady Crusoé: crônicas e discursos que foram publicados em jornais locais e da capital.

O APMC caracteriza-se, sobretudo, pelo fato de guardar tudo aquilo que pudesse servir no futuro, ou tudo aquilo que representasse uma recordação. Materiais desse tipo, segundo Miguel Sanches Neto (2011, p. 71),

[...] são materiais herdados dos dias vividos, das leituras feitas, dos sonhos atormentados, das insatisfações cotidianas, agregados mais pela ação do acaso do que por consciência de um projeto, e dão contornos incontroláveis ao imaginário do escritor.

Observa-se que o APMC é lugar, também, de uma memória coletiva da sociedade nazarena e fornece ao pesquisador subsídios para compreender a época em que viveu a escritora e sua participação como ser social. Os materiais que compõem o arquivo em questão revelam a subjetividade dos seus arcontes os responsáveis pela recolha, organização e preservação desses materiais que apresentam informações que vão além dos objetos guardados: são capazes de revelar a vida, a produção literária e o tempo do ser arquivado.

2.2 NA CENA DO ARQUIVO

Ao tomar o arquivo particular de Mady Crusoé como lugar de memória cultural e intelectual de um indivíduo e de uma sociedade, foi necessário realizar um estudo teórico sobre a a Filologia – especificamente da crítica textual em diálogo com a crítica genética – e a Arquivística, para a compreensão da constituição dos arquivos pessoais e suas características. O estudo de arquivos pessoais é de suma importância para a pesquisa filológica, pois é através da leitura dos arquivos que se consegue (re)construir os dados biográficos de um escritor a partir de seus papéis, além de conhecer o seu processo de criação. Conhecer Mady Crusoé, em seu arquivo particular, é ler em seus papéis, seus rascunhos, seus documentos, a sua biografia.

É comum, na atualidade, escritores colecionarem os traços da sua criação, ou seja, guardarem com zelo os manuscritos do processo de criação de seus textos, bem como documentos que comprovem o seu reconhecimento no meio literário. Alguns escritores transformaram sua biblioteca particular, ou seu gabinete de leitura, em um espaço para guardar documentos pessoais, rascunhos, datiloscritos, cartas, entre outros, atitude decorrente do interesse em armazenar a memória. Com esta atitude, preservam-se do esquecimento e deixam registradas as pistas do seu labor na construção do conjunto de sua obra. Apesar da ação de “arquivar-se” ser um prática comum entre os escritores modernos, Mady Crusoé não

foi a responsável pela organização do seu arquivo particular. O APMC foi organizado por familiares. Inicialmente, todos os seus papéis referentes a sua obra literária, bem como documentos de interesse familiar (escrituras públicas, doações de imóveis, cartas, entre outros) foram organizados pelo esposo da escritora, o Sr. Américo Augusto Crusoé¹⁶ (1908 – 1997). Ele foi o guardião do arquivo madyano, exímio leitor de jornais e colecionador de textos, reuniu as produções da sua esposa, desde os manuscritos e rascunhos aos textos publicados em jornais baianos.

Esses materiais revelam, um pouco, o que foi o espaço de criação madyano, bem como apresentam documentos que comprovam as suas atividades profissionais, paralelas às literárias: são ofícios, condecorações, documentos bancários, portarias emitidas pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, à época em que foi professora da rede estadual de ensino e Delegada Escolar do Município de Nazaré, entre outros papéis, que foram submetidos à catalogação pela pesquisadora.

Segundo sua filha, Maria Aparecida, em discurso em sua homenagem, Mady Crusoé foi exemplo de esposa dedicada e mãe cuidadosa. Também ressaltou, em seu discurso, a relação de cumplicidade que Mady viveu com seu esposo:

Mady foi vitoriosa em sua vida, teve um grande parceiro sentimental e intelectual, seu marido, Américo Crusoé, com quem viveu 59 anos, numa relação de cumplicidade e apoio na sua caminhada literária, assim como na construção de uma família” (SOUZA, 2013, f.4).

As folhas avulsas foram localizadas arrumadas em pastas de papelão e em pastas catálogo, e os cadernos e datiloscritos encadernados depositados nas gavetas de duas cômodas (sendo uma escrivaninha), onde permanecem:

¹⁶ Américo Augusto Crusoé (1908-1997) era Agente Fiscal da Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia. Colecionador de recortes de jornais nazarenos e da capital baiana, recortava, especialmente, para os seus volumes de miscelâneas, aos quais chamava de Coletânea, poemas de autores brasileiros canônicos e de outros autores, a exemplo de poetas nazarenos. Segundo depoimento de familiares, ele lia todos os dias os jornais mais importantes do Estado, no seu gabinete de leitura, e recortava notícias e textos literários para a sua coleção. Dentre os textos, interessava-lhe, sobretudo, os gêneros textuais produzidos por sua esposa, a escritora Mady Crusoé.

Figura 9 – Escrivaninha de Américo e Mady



Fonte: SCARANTE, 2013

No seu interior, a casa é constituída por salas amplas e duas salas de jantar, locais onde a escritora costumava reunir toda a família. O imóvel é habitado, atualmente, apenas, durante os encontros realizados pelos familiares, nas férias de junho e nas comemorações de final de ano. A casa em que viveu a escritora guarda elementos que compõem a memória da cidade, como a “presença” do Cônego Getúlio Rosa – sacerdote de Nazaré e Região, venerado pelo povo no início do século XX e pai adotivo da escritora – presença impregnada na sua mobília sacerdotal, nas bíblias em latim, nos cálices que utilizou em diversas pregações. Na Figura 10, podem ser vistos alguns desses objetos:

Figura 10 – Oratório



Fonte: SCARANTE, 2013

O oratório e demais objetos que pertenceram ao Cônego, adornam uma das salas da casa, contribuem para dar ao arquivo o *status* de “lugar da memória”, da memória individual da escritora, mas também, da memória coletiva, pois muitos dos elementos que o compõem são genuínos signos de identidade do povo de Nazaré e região.

Em uma crônica intitulada Sacerdote da Roça, originalmente publicada em um folheto distribuído pela Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, denominado Mensageiro, em 06 de

agosto de 1950, posteriormente publicada no jornal *A Tarde* em 23 de maio de 1986, a escritora homenageia o Cônego Getúlio:

Caminha o pobre Cura de aldeia, pairando aqui a mitigar a dor de uma infelicidade angustiosa. Encostando ali a dulcificar carinhoso e amigo a tristeza de um casebre, onde as asas da morte pousa lúgubre, apavorante! Acolá, balsamizando com os seus minguados recursos, a dor latejante de uma orfandade em desalento! (MARIA MAGDALENA, 1950, f. 4)

Eis uma imagem do sacerdote que a adotou como filha:

Figura 11 – Cônego Getúlio Rosa, pai adotivo de Mady Crusóé



Fonte: APMC (04b0002-sd)

No trabalho de classificação dos arquivos literários, é comum o pesquisador ser surpreendido ou desconcertado por diferentes objetos. No APMC há, por exemplo, uma coleção de sete chaves, grandes. Uma delas, segundo familiares, pertenceu à porta da Igreja Matriz da cidade. São chaves de modelos antigos, que estão arrumadas na bancada de mármore sobre a cômoda onde estão depositados os manuscritos da autora e outros documentos, conforme se pode conferir na Figura 12:

Figura 12 – Coleção de chaves

Fonte: SCARANTE, 2013

Após o falecimento da escritora¹⁷, em julho de 1997, a documentação permaneceu na casa, porém foi feita uma reorganização sob a responsabilidade dos seus filhos e netos. Boa parte dos livros, que constituíam a biblioteca do casal, foram doados e ou distribuídos entre os netos. Também foram inseridos ao arquivo novos documentos, tais como as homenagens póstumas feitas à escritora, discursos, publicações, entre outros. Apenas algumas peças do seu vestuário foram preservadas. Também foram conservados os quadros nas paredes e alguns objetos que pertenceram a ela e ao seu esposo, bem como aqueles herdados de seus antepassados.

Há muitas interfaces entre artesanatos, objetos religiosos, mobília, evocando realidades passadas e demandando leituras e interpretações várias. Há, na parede de uma das salas, dois quadros feitos pela escritora. Tratam-se de dois desenhos feitos a lápis que foram colocados em molduras pelos familiares. A delicadeza dos traços e motivo desenhado demonstram a sensibilidade artística da escritora, como se pode depreender da Figura 13:

¹⁷ O esposo da escritora faleceu dois meses antes dela, no dia 05 de maio de 1997. Ambos faziam aniversário na mesma data, dia 12 de outubro.

Figura 13 – Figuras combinadas: desenhos de Mady Crusoé



Fonte: SCARANTE (2013)



Fonte: SCARANTE (2013)

O Arquivo Particular de Mady Crusoé possui um importante legado documental sobre a sua vida e a sua obra. Ele destaca, principalmente, a sua atuação enquanto escritora, pois consta de muitos manuscritos de textos autógrafos que foram publicados e de outros que permanecem inéditos. Grande parte estão ligados diretamente à sua produção literária, outros são documentos referentes a sua vida pessoal e profissional e a sua família. O item a seguir apresenta uma possibilidade de leitura da história de vida da escritora por meio dos seus papéis.

2.2.1 Mady Crusoé (1913-1997): uma escritora e (em) seus papéis

Das leituras dos documentos do arquivo madyano foi que se pode conhecer um pouco mais da biografia da escritora em questão. Esses elementos localizados no seu arquivo particular ajudam a contar a sua história e proporcionam novas leituras da sua obra *Pedaços de Vida* (1993). Maria Madalena Ferreira Crusoé (1913-1997), ou simplesmente Mady Crusoé, como se tornou conhecida, é natural de Nazaré – Ba, nasceu a 12 de outubro de 1913, filha de Elisa Carvalhal Ferreira. Não conviveu com o seu pai biológico, Claudomiro César da

Silva, nem herdou em seus documentos o seu nome¹⁸. Conforme sua filha Maria Aparecida Crusoé Souza, em discurso proferido no Colóquio Literário e Musical, no Centenário da escritora¹⁹, em 11 de outubro de 2013, Mady Crusoé

[...] rompeu o preconceito de ser filha natural, de ser órfã, de ter sido educada por um padre, que foi seu verdadeiro ídolo – Cônego Getúlio Rosa. Senhores! Em 1938, Mady Crusoé afronta a sociedade, quando, em seu casamento, sobe ao altar usando tons cor-de-rosa para o seu vestido. (SOUZA, 2013, f. 3)

Seu arquivo alarga os horizontes do pesquisador filólogo, editor crítico, e promove, por exemplo, o encontro com a escritora, ainda criança, por meio de tão conservadas fotografias, como esta em que ela está ao lado dos primos Isaac e Benedito, aos sete anos de idade²⁰:

Figura 14 – Mady Crusoé, aos sete anos, na companhia de seus primos Isaac e Benedito



Fonte: APMC

¹⁸ Em seus documentos pessoais – Carteira de Identidade, Carteira de Trabalho, por exemplo – não há o nome do seu pai, ela apenas herdou o nome de sua mãe. Em sua carteira de identidade está registrado: filha natural de Elisa Carvalhal Ferreira. O nome do seu pai biológico fora citado apenas na biografia que consta da orelha de *Pedaços de Vida*, feita pela própria escritora

¹⁹ O Centenário Mady Crusoé foi organizado pela pesquisadora deste trabalho. Foi constituída uma comissão formada por ela pelo professor e historiador Lamartine Augusto Vieira, pelo Vice-Presidente (à época) do Aprendizado Agrícola Manoel Clemente Caldas, Sr. Uriel Santiago, pelas filhas e pelos netos da escritora. O evento foi realizado com o apoio da Prefeitura Municipal de Nazaré, Câmara de Vereadores de Nazaré, Secretaria de Cultura e Secretaria de Ação Social, Secretaria de Educação, Sociedade Montepio dos Artistas Nazarenos. Houve a participação de estudantes de escolas públicas e particulares, membros da Academia de Letras do Recôncavo, escritores, estudiosos da Literatura Baiana, músicos, Banda da Erato Nazarena, Banda Musical Juventude Nazarena (do Colégio Estadual Gov. Luiz Viana Filho), Coral da Santa Casa de Misericórdia de Nazaré, representantes do poder público municipal, professores e familiares. O evento constou de três momentos a saber: O Colóquio Literário e Musical (no Salão Nobre da Câmara Municipal de Nazaré); Missa na Igreja Nossa Senhora de Nazaré (bairro do Camamú, em Nazaré); Coquetel com apresentação do músico nazareno Roberto Argolo, no salão da Erato Nazarena.

²⁰ Informação inscrita no verso da fotografia.

Algumas epístolas do arquivo madyano, também, delineiam aspectos da infância e adolescência da escritora. As cartas rememoram momentos que guardou por toda a vida e que refletem direta e indiretamente na composição da sua obra. Há no acervo um acróstico que foi construído em sua homenagem, pelo poeta Anísio Melhor (1885-1955), quando ela completou 07 anos, informação presente na crônica Anísio Melhor, publicada no livro: “[...] dia do meu aniversário, ele mandou-me um saco de filó, amarrado com fita azul, com seis bonecos de celuloide e, manuscrito, o meu acróstico que ainda guardo religiosamente. Ele me chamava Madil” (CRUSOÉ, 1993, p. 79). O acróstico foi escrito pelo poeta em um cartão com delicada gravura e inspirou a crônica da escritora. Essa fora, talvez, a primeira correspondência que recebera na vida. Fac-símile do cartão compõe a contracapa do livro. Segue fac-símile do cartão localizado no arquivo:

Figura 15 – Acróstico feito por Anísio Melhor

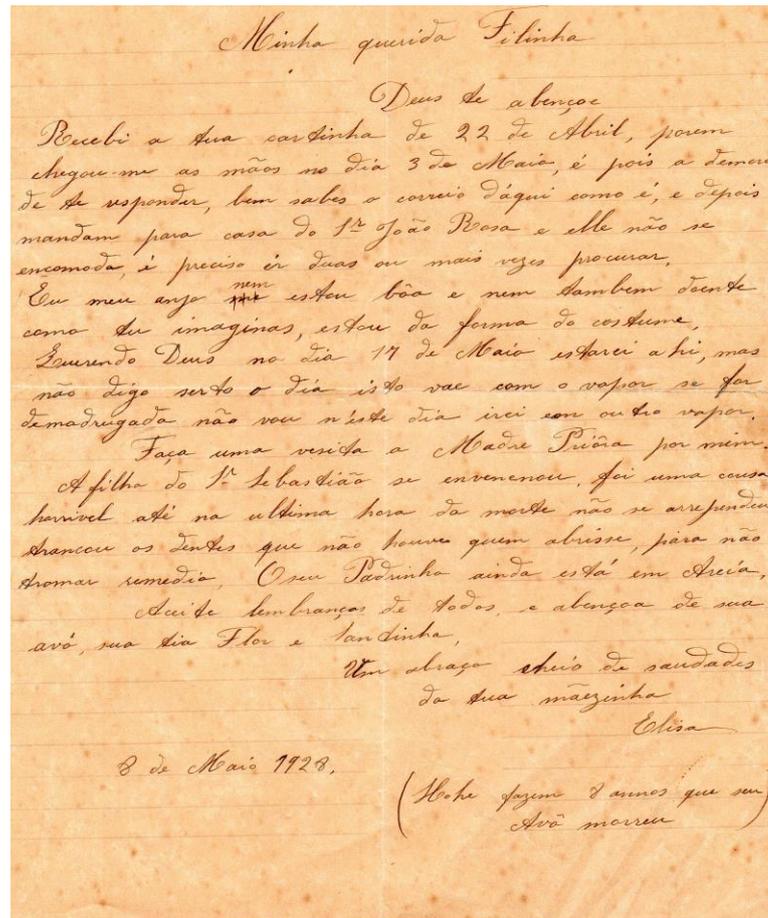


Fonte: APMC (06b0001-20)

As cartas do arquivo, também, dão a ler momentos da vida de sua mãe, Elisa Carvalhal Ferreira. Nelas, definem-se, ainda, contornos do perfil biográfico da escritora e sua trajetória de vida nos primeiros anos de internato em Salvador. Na missiva, datada de 12 de março de 1928, a mãe de Mady Crusoé, Elisa, conta-lhe novidades de vizinhos e amigos, fala-lhe do agravamento de sua saúde e dá-lhe, na condição de mãe zelosa, conselhos referentes aos estudos e ao comportamento no colégio em regime de internato em que a filha estudava na capital baiana: “Você não perdeu nada em não sahir pelo Carnaval, minha filha!.. [...] Peça a N Senhora que se compadeça de mim, e estude muito é o que quero que V pense, mais não em festas e passeios” [...] (06b0002-28). Ainda nessa missiva, informa com mais detalhes sua frágil saúde: “Eu minha filha estou melhor porque não como, e não comendo não tenho as dores[...], como V. sabe, só me sustento com mingau de araruta e sopa de batata, e as vezes... quatro torradinhas”.

O conteúdo das cartas, trocadas entre mãe e filha, demonstra a relação de cumplicidade entre ambas e a frequência com a qual se correspondiam. Àquela época, a carta era a única forma de parentes distantes se comunicarem e, muitas vezes, elas custavam a chegar às mãos do destinatário, ou pela demora do serviço de correios, ou porque eram encaminhadas por um portador. As cartas que Mady Crusoé escrevia eram esperadas com ansiedade por sua mãe, conforme se pode depreender do relato datado de 08 de maio de 1928: “Recebi a sua cartinha de 22 de abril, porém chegou-me às mãos no dia 3 de maio, é pois a demora de te responder, bem sabes o correio daqui como é, e depois mandam para a casa do Sr. João Rosa e elle não se encomoda , é preciso ir duas ou mais vezes procurar”(060003-28). Segue fac-símile da referida carta:

Figura 16 - Fac-símile, Carta da mãe de Mady, Elisa



Fonte: APMC (06b0003-28)

Lendo as cartas do acervo, toma-se conhecimento da fragilidade da saúde da genitora de Mady Crusoé: “Eu meu anjo nem estou boa e nem também doente como tu imaginas, estou da forma do costume” (06b0003-28).

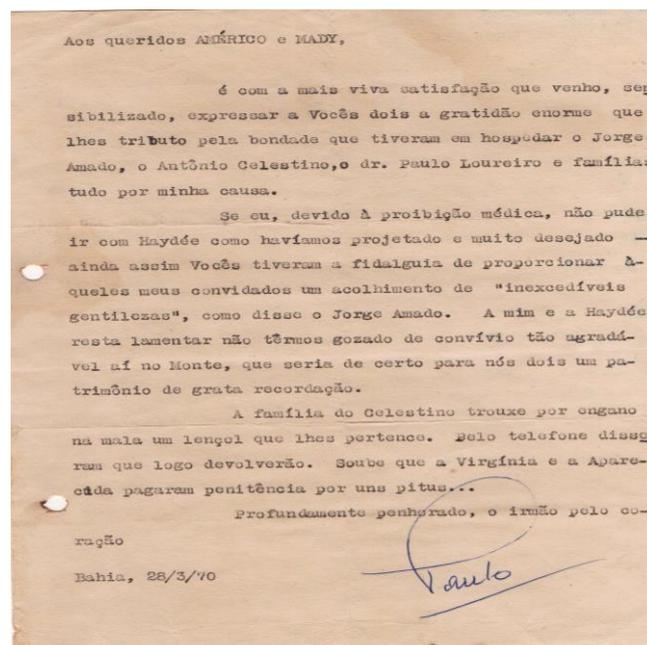
Em outra carta, sem indicação de data (060004-sd), Elisa faz pedidos à filha: “Olhe Mady a sua nota em Português é muito baixa... precisa estudar muito o Português... Eu estou boa peça muito a Deus por mim, minha filha que é a pessoa mais querida que V- tem na sua vida, e que mais lhe estima”.

Elisa faleceu quando a filha contava 14 anos. “Mady” substituiu as cartas por poemas que retratam a saudade, a solidão e a dor de tê-la perdido. As cartas de sua mãe foram guardadas por toda a vida e são fontes que proporcionam valiosas informações sobre a escritora. As lembranças de Mady Crusoé, presentes nas cartas, se transformam em matéria poética e compõem uma das faces, ou vertentes, da sua lírica, dando ao seu livro *Pedaços de Vida* um caráter autobiográfico. As suas memórias do convívio com sua mãe aparecem em

Soneto, escrito aos 14 anos: “Mãe, minha mãe, foste meu amparo e luz /Como agora poderei sem ti viver? /O teu nome purifica-me o sofrer”.

Outras cartas, também, dão pistas do círculo de amizades da família Crusoé. A casa da escritora sempre recebeu ilustres visitantes, a exemplo do amigo e escritor Paulo Tavares²¹, autor do livro *Criaturas de Jorge Amado*, que sempre lhe visitava e escrevia. Em carta, datada de 28 de março de 1970, agradece ao casal Mady e Américo por terem recebido seus amigos em sua casa, Jorge Amado e família:

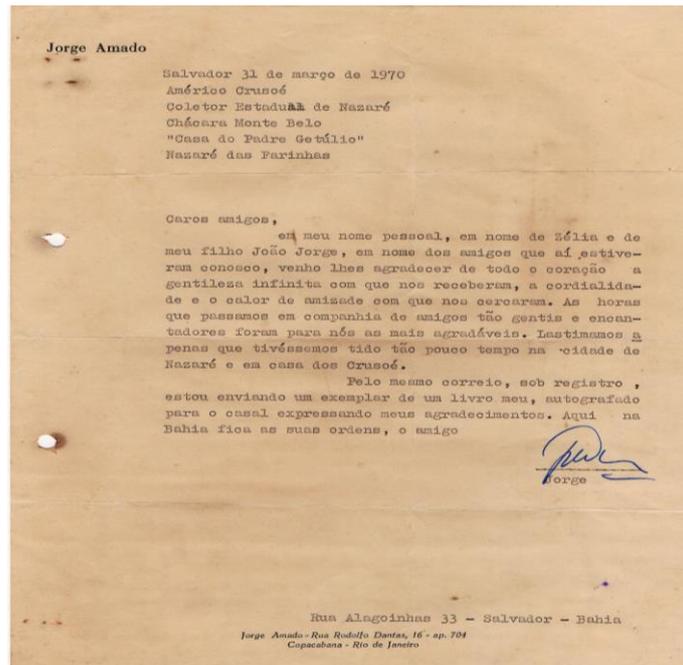
Figura 17 – Carta de Paulo Tavares



Fonte: APMC (06c0010-70)

Em agradecimento à hospedagem, o escritor Jorge Amado escreve a Américo Crusoé em nome de todos os familiares que foram recebidos no Monte Belo:

²¹ Paulo Tavares, escritor baiano, inspirou-se num trabalho similar de Anatole Cerfberr e Jules Christophe, editado em 1887 na França com o nome *Répertoire de La Comédie Humaine* de Honoré de Balzac, para construir o seu *Criaturas de Jorge Amado*. Tavares lançou a primeira edição das *Criaturas de Jorge Amado* em 1969 pela Livraria Martins Editora de São Paulo, tiragem de mil exemplares apenas, com capa de Carybé e orelha de James Amado. Quinze anos mais tarde, o escritor atualizou o seu dicionário totalizando 4.910 verbetes, publicação da Editora Record, com 514 páginas. Também é o autor de *O Baiano Jorge Amado e sua Obra*, lançado em 1980, pela Editora Record, com 196 páginas.

Figura 18– Carta de Jorge Amado

Fonte: APMC (06d0001-70)

O tom de amizade e liberdade que reveste a carta expressam os laços que se formaram entre as famílias Amado e Crusoé, que se conheceram por intermédio de Paulo Tavares. A carta revela um evento de natureza íntima, do cotidiano da casa dos Crusoé, um ambiente acolhedor.

Ao ler as cartas do acervo, observa-se que ao longo dos anos que passam, a datação destas vai resguardando e assinalando o que não volta mais: as amizades, os encontros, os eventos em família, a ausência/presença da mãe da escritora, entre outras informações de caráter pessoal. As cartas ajudam a compor o emaranhado de fragmentos que constituem o arquivo, e estabelecem um diálogo com outras peças arquivadas, a exemplo de poemas, crônicas, discursos, entre outras. Elas ajudam a construir a imagem desse sujeito escritor, fornecendo mais fragmentos na composição do grande mosaico que é o seu acervo particular.

Além de cartas, há documentos no arquivo que dão maiores detalhes sobre a vida particular da escritora, a exemplo de uma escritura de adoção. Mady Crusoé era filha adotiva do Cônego Getúlio Carolino Rosa, que foi o mentor de sua formação intelectual. A escritura pública de adoção (inventariada sob o registro 01a0010-57) foi lavrada em 20 de fevereiro de 1957, pelo Tabelião Amabérico de Oliveira Teixeira, tendo como outorgante adotante o Padre Getúlio Carolino Rosa e outorgada adotada Maria Madalena Ferreira Crusoé, registrado no livro 2- fls. 196, em 20-02-1957. A esta época, em que foi oficializada a adoção, Mady já era

casada e mãe, contava com 44 anos de idade. Neste documento o Cônego declara a relação de paternidade que mantinha com Mady: “a quem consagra desde tenra infância amor de pai, assistindo-a, zelando-a e educando-a e com ela convivendo em plena harmonia e identidade de sentimentos, como na verdade , adota por bem desta escritura e na melhor forma de direito para todos os efeitos jurídicos” (01a0010-57).

Mady Crusoé alfabetizou-se em escola pública em Nazaré e cursou o ensino Primário e Ginásio²² no Colégio da Soledade, em Salvador, em regime de internato, sob a responsabilidade do seu pai adotivo, a quem chamava de “padrinho”. Em seu arquivo, há uma fotografia, de toda a sua turma em companhia das freiras, as responsáveis por sua formação intelectual, desde as séries iniciais de sua vida escolar:

Figura 19 – Alunas internas do Colégio da Soledade



Fonte: APMC (04a0006-28)

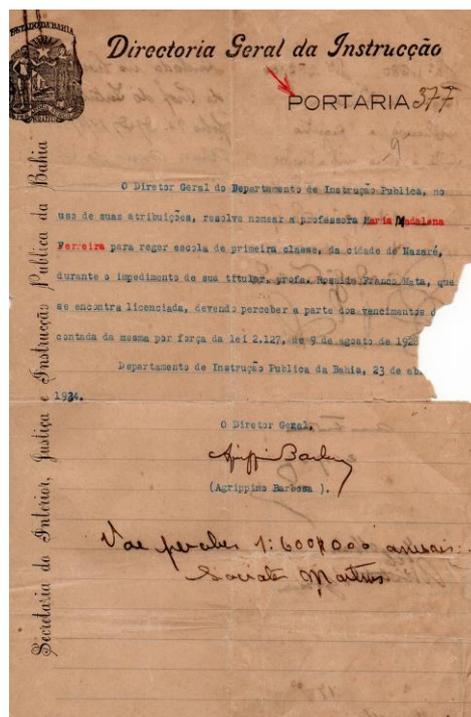
Mady Crusoé continuou seus estudos e fez o curso de Magistério. Seu pai adotivo foi seu grande exemplo e dele obteve todo apoio. Foi diplomada professora pelo Instituto Normal da Bahia em 1933 – que passou a ser denominado Instituto Central de Educação Isaías Alves

²² Atualmente ensino Fundamental I e II, respectivamente.

– ICEIA. Casou-se com o Auditor Fiscal Américo Augusto Crusoé, em 25 de maio de 1938, com o qual viveu até o fim da vida, em Nazaré, e com quem teve três filhos, quais sejam: Getúlio Augusto (falecido em 28 de julho de 2012, aos 73 anos), Elisa Margarida e Maria Aparecida.

A vida profissional da “Professora Madalena”, ou “Professora Mady” como a chamavam seus colegas de profissão, sempre foi intensa. Após formada em Magistério, iniciou a sua carreira como professora substituta. Suas nomeações, para o referido cargo, encontram-se identificadas no inventário. Apresenta-se a seguir o fac-símile de uma destas nomeações. Trata-se de um documento de 1934, à época com 21 anos de idade, em que fora nomeada para substituir a professora Rosário Franco Mata, enquanto esta permanecesse de licença. O documento não esclarece por quanto tempo ficaria substituindo a professora titular, nem há no arquivo outro documento que se refira ao período de substituição. Conferir Figura 7:

Figura 20 – Fac-símile, Portaria Professora Substituta



Fonte: APMC (01c0001-34)

Conforme Processo n.º 3594/46, constante em seu arquivo (01c0005-46), Mady Crusoé foi nomeada para o cargo da classe B, da carreira de Professor do Interior, do Quadro do Funcionalismo Público Civil do Estado, lotada na Secretaria de Educação e Saúde, em 11 de julho de 1946. Em seu próprio relato, na orelha de seu livro, Mady Crusoé descreve os seus papéis no campo educacional: foi professora de Francês, de Ciências, de Educação Artística e de Relações públicas nos Colégios Clemente Caldas e Estadual Governador Luiz Viana Filho – no qual exerceu o cargo de Vice-Diretora de 1968 a 1988, um total de 52 anos dedicados à Educação da gente de sua terra.

Ela compôs em homenagem ao Colégio Estadual Gov. Luiz Viana Filho um hino de louvor, musicado pela professora Anatólia Silva, professora de Artes, sua colega de trabalho à época. Há, no seu acervo, uma fita cassete (04c0001-sd) com o áudio da canção, cantada pelo Coral da Santa Casa de Misericórdia da cidade de Nazaré. A música é cantada ainda hoje, nos eventos cívicos e festividades no referido colégio, que é referência em educação em Nazaré. O hino Oficial ao Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho é mais um exemplo de seu amor ao magistério e à juventude nazarena. Seguem os versos:

Salve, salve, salve, salve
 Salve, salve, eia cantemos com amor
 Luiz Viana, Colégio adorado
 A mocidade sente em ti grande valor!

Nazaré cidade bela e primorosa
 Onde a cultura dos seus filhos é sagrada
 Melhor investimento aqui não existe
 Que o direito do saber ó terra amada!

No teu céu resplendente de estrelas,
 Brilha a maior estrela do universo:
 Nosso Colégio harmonioso, sempre em festa
 Refulgindo na beleza dos teus versos!

Realce no saber e amor ao belo
 Luiz Viana és o escudo juvenil
 Do alunado que te traz no coração
 Sintetizando toda glória do Brasil!

Sempre em defesa dos profissionais da educação, solicitou às autoridades do Estado da Bahia, no ano de 1951, melhorias no plano de carreira da classe, pois os professores concursados trabalhavam os primeiros seis meses sem receber salário, no período denominado Estágio Probatório. Em seu discurso, publicado no seu livro à página 103,

intitulado Mensagem dos professores nazarenos, Mady Crusoé falou em defesa dos professores primários do interior, no I Congresso Intermunicipal dos Professores Primários, em agosto de 1951, ela foi a única professora do interior da Bahia a defender “tese”²³. Conforme afirmou em seu discurso, seu trabalho, apresentado nessa ocasião, fora solicitado pela Secretaria de Educação do Estado para colaborar no processo de mudança do Estágio não remunerado de seis meses, a que os professores concursados eram submetidos, até serem efetivados no cargo. No discurso que realizou naquela ocasião, utilizou-se de inúmeras metáforas para conceituar o trabalho do professor. Ela expressa a sua crença na união e na força dos professores junto ao poder público, conforme se pode notar no fragmento abaixo do discurso que foi publicado no Jornal *A Voz do Professor*, em 1951:

Esse alvissareiro grito que a SUPPE acaba de dar para maior levantamento da classe, há de ecoar em toda Bahia gloriosa, nos colegas incrédulos, nos pedagogos luminares, nos Poderes Constituídos, advertindo que os professores bahianos, modestos mas eficientes, haverão de lutar, trazendo as fileiras supeanas para união e glória da nossa carreira, os valores que a Bahia esconde nos maravilhosos escrínios de seu deslumbrante e incomparável torrão! (CRUSOÉ, 1993, p. 104).

A sua atitude em defender o professor primário do estado da Bahia, ao apresentar a “tese” sobre estágio e concurso, repercutiu na imprensa baiana e entre os professores de todo o estado. O professor e poeta José Leone²⁴, na ocasião, enviou-lhe uma carta datada de 25 de abril de 1952: “Li, com o maior interesse, sua Tese sobre Estágio e Concurso e dou-lhe parabéns pela justeza das considerações que tece em torno do assunto. Observei, também, a clareza e simplicidade da linguagem” (LEONE, 1952).

Em discurso no encerramento solene da I Concentração Regional de Professores Primários, ocorrida em Nazaré, dia 02 de julho de 1952, promovida pela Sociedade Unificadora do Professor Primário do Estado – SUPPE, ela ressalta a importância do professor para a construção de uma sociedade mais justa e próspera e convida os intelectuais e os detentores do poder a pensarem na importância do professor para o sucesso de cada um. Segue o fragmento do discurso:

Então, os inteligentes e sábios, os detentores dos poderes e os observadores de coletividades, por que não se recordam de leve, que devem ao seu

²³ A tese da qual Mady tece comentários em um de seus discursos publicados no livro *Pedaços de Vida* não foi localizada no arquivo.

²⁴ José Leone foi professor e poeta, era natural da cidade de Aratuípe, Ba, lecionou por muitos anos em Nazaré.

primeiro mestre uma fagulha maior de luz, no esplendor da sua estrela faiscante? (CRUSOÉ, 1952, f. 6)

A escritora recebeu em Sessão da Câmara de Vereadores, o troféu Poeta José Bonfim, homenagem do Centro Cívico do Colégio Estadual Dr. José Marcelino de Souza, segundo narra na orelha do seu livro. Em seu acervo encontra-se um certificado de Moção de Honra ao Mérito (07a0006-85), que lhe fora dado pela Câmara Municipal de Vereadores, em 10 de novembro de 1985, de autoria do Vereador Arthur Arézio da Fonseca. Também foi homenageada, juntamente com outros professores Estado da Bahia, pelos serviços prestados a educação pública²⁵, com o Diploma de Educador Emérito do Estado da Bahia (07a0004-85), conforme Lei n. 67, de 1º de junho de 1983, Portaria nº 9.625, D. O. de 23.10.1985, pelo então Secretário de Educação Edvaldo Boaventura. A lista de professores da rede estadual de ensino que foram homenageados com o Diploma de Educador Emérito, foi publicada no Diário Oficial da Bahia, no dia 23 de outubro de 1985, conforme cópia localizada no arquivo, sob o registro 07a0005-85. A homenagem se deu, decerto, por ela ter exercido importante atividade intelectual, como cronista de jornais baianos, e por ter sido defensora incansável dos direitos dos professores baianos, usando sempre do seu prestígio para intervir no debate público e defender os valores que defendia na esfera educacional. O Diploma de Educador Emérito, também, foi localizado no arquivo, segue fac-símile do documento:

Figura 21 – Fac-símile, Diploma de Professor Emérito

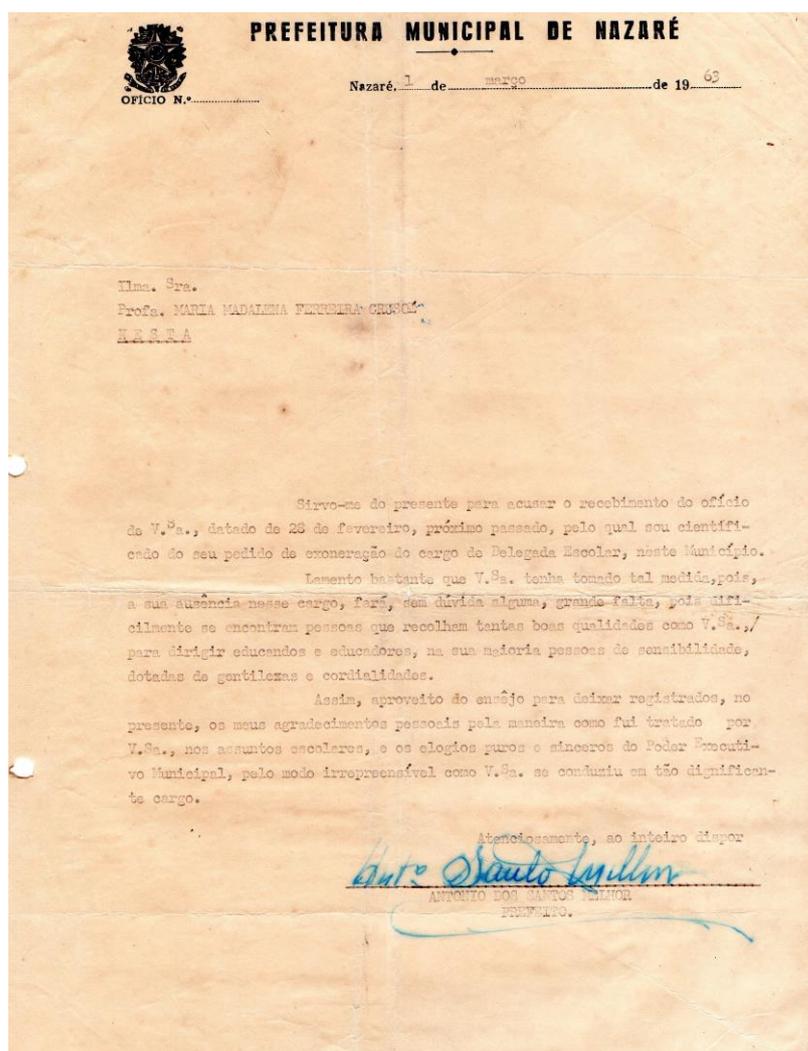


Fonte: APMC (07a0004-85)

²⁵ A lista dos professores da rede estadual de ensino foi publicada no Diário Oficial

Foi Delegada Escolar do município de Nazaré por duas vezes. À época, o Delegado Escolar, atuava junto às escolas, e exercia funções que hoje equivalem, guardadas as devidas proporções, às exercidas pelo Coordenador Pedagógico. Há no arquivo, documentos que comprovam a sua atuação nesta função, a exemplo do ofício datado de 01 de março de 1963 (01c0009-63), encaminhado pelo então prefeito da cidade, Antônio dos Santos Melhor, em resposta ao seu pedido de exoneração do cargo:

Figura 22 – Ofício em resposta ao pedido de exoneração do cargo de Delegada Escolar



Fonte: APMC (01c0009-63)

Devido a sua efetiva participação no âmbito da Educação em sua cidade, sempre era convidada a participar de eventos importantes, como formaturas e festividades em instituições públicas e particulares, algumas vezes como homenageada: foi escolhida Paraninfa dos formandos do curso de Magistério do Colégio Educandário de Nazaré (1970) e do Colégio Estadual Luiz Viana Filho (1980). A professora Maria Madalena obteve destaque na sua missão de ensinar e foi exemplo de dedicação e devotamento para a formação da juventude de sua época. As homenagens que recebeu ao longo de sua carreira, e mesmo após a sua aposentadoria, comprovam o reconhecimento que obteve no âmbito educacional do Estado da Bahia pelos serviços prestados.

Uma das características da escritora era a sua habilidade em construir discursos para serem proferidos em momentos comemorativos e importantes em Nazaré. Foi oradora da Sociedade Filarmônica Euterpe Nazarena²⁶ (já extinta) e da Rádio Clube Cultural de Nazaré²⁷ (Ala feminina). Assumiu os papéis de oradora, secretária e presidente da Sociedade Unificadora do Professor Primário do Estado - SUPPE.

Mady Crusoé foi, também, secretária da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Nazaré, trabalhando em prol da comunidade nazarena através daquela filantrópica instituição, junto a seu esposo, Américo Crusoé, que foi, por duas vezes, Provedor da referida instituição, entre as décadas de 1960 e 1970. Ela também exerceu papel importante em outra instituição: foi uma das fundadoras e secretária do Instituto Feminino Nossa Senhora de Nazaré, além de redatora do seu estatuto, à época²⁸. Não foram localizados documentos referentes a sua participação nestas instituições. Apenas uma fotografia de uma de suas visitas à Santa Casa de Misericórdia, na ala infantil (conforme inscrição no verso da fotografia), foi localizada no arquivo:

²⁶ Conforme Lamartine Augusto* (1999), a Sociedade Filarmônica Euterpe Nazarena foi fundada por empregados da Tram-Road, empresa responsável pelo transporte ferroviário de Nazaré e região, no dia 13 de maio de 1903.

²⁷ O Rádio Clube Cultural de Nazaré, conforme seu estatuto refeito em 1973, foi fundada em 18 de outubro de 1925. É uma sociedade civil sem fins lucrativos, políticos ou religiosos, tem como finalidade proporcionar aos seus associados e respectivas famílias atividades recreativas, desportivas e culturais.

*Lamartine Augusto Vieira é historiador, editor do jornal nazareno *O Alvitre*, contista e cronista, autor do livro *Porta do Sertão*, membro da Academia de Letras do Recôncavo – ALER e possuidor de um rico arquivo particular, que guarda importantes informações históricas e literárias da cidade de Nazaré e região.

²⁸ Essas informações foram declaradas pela escritora em sua biografia, na orelha do seu livro. Não foram localizados em seu acervo documentos referentes às funções exercidas na Santa Casa de Misericórdia, nem referentes às atividades exercidas no Instituto Feminino.

Figura 23 – Mady Crusoé em atividade na Santa Casa de Misericórdia de Nazaré



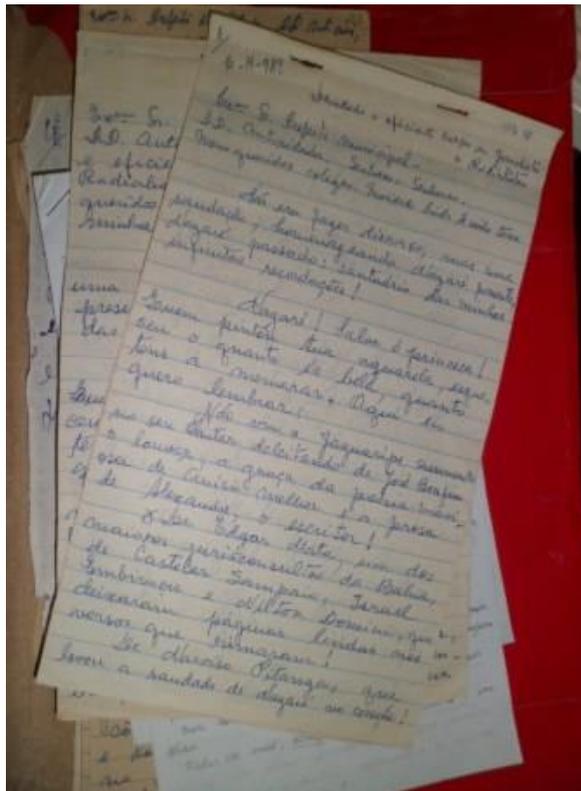
Fonte: APMC (04b0014-sd)

Nesta exposição do privado, o arquivo aponta para além da sua obra, para além do seu percurso de escritura, apresenta-a como ser social participativo na sua sociedade. Há no seu arquivo particular oito manuscritos de discursos, passados a limpo, em papel pautado cortado ao meio, formando uma espécie de bloco. Há seis discursos que foram proferidos pela escritora em momentos distintos. Apresentam-se com o mínimo de três e o máximo de sete folhas, cada um. Tratam de temas que são recorrentes em outros gêneros textuais que a escritora compôs, quais sejam: recordações de sua vida, recordações da história de Nazaré, exaltação de instituições nazarenas, defesa do professor primário do Estado, recordação de cidadãos nazarenos ilustres – políticos, escritores, músicos, professores, trabalhadores da estrada de ferro, profissionais da área de saúde.

Os discursos serão citados neste item seguindo a ordem/classificação dada pela pesquisadora. Será apresentada a síntese de cada um desses textos, a fim de comprovar a dinamicidade da escritora em dissertar sobre vários assuntos, sobre as variadas instituições nazarenas em que atuou. A maioria desses textos não apresenta a indicação de data, nem de local onde foram proferidos.

A seguir, Figura 24 do conjunto de discursos, localizados no arquivo:

Figura 24 – Conjunto de discursos madyanos



Fonte: SCARANTE, 2013

O manuscrito do discurso *Recordações* (02b0001-sd) traz elementos de sua infância. O subtítulo, escrito a lápis, esclarece o objetivo do texto: “Continuação da palestra sobre o poeta dos escravos”. Sem apresentar pistas da ocasião, nem do local em que fora proferido, ela rememora a época em que estudou no Colégio da Soledade, em Salvador, período em que conviveu com a irmã do poeta Castro Alves, Adelaide de Castro Alves Guimarães. Nas férias de Semana Santa, entre as décadas de 1924 e 1930, hospedava-se na residência dela, que ficava próxima ao colégio. Essas memórias apresentam a realidade vivida pela poetisa, como se pode perceber no fragmento que segue:

Assim, no início dos meus 11 anos, tive para glória minha a sublimidade de ouvir de Adelaide de Castro Alves Guimarães, elogios, sentimentalismos, entusiasmos, adoração-saudade, quando referia-se ao gênio inconfundível do seu inesquecível Cecéu.

A minha fronte infantil que pela inocência ainda não se havia despertado para compreender as grandezas da genialidade curvava-se, achando de ternura e misticismo o beijo que ela me depunha todas as manhãs quando em minhas férias de Semana Santa no velho solar da Ladeira da Soledade, passava-as ao lado dessa irmã predileta do poeta. (CRUSOÉ, [19--], f.1)

O discurso não faz parte do livro, nem fora publicado pela escritora em outro suporte. Permanece guardado em seu arquivo e apresenta um rico retrato de uma fase da sua infância na capital baiana. A partir das suas memórias, ela conta que Adelaide de Castro Alves Guimarães cuidava com carinho de alguns pertences do irmão poeta:

Ela guardava, cismadora, inteligente e amorosa, com carícias de namorada eterna, os rascunhos, os originais, as correspondências e pequeninas cousas como mechas dos espessos cabelos do grande gênio! E mais tarde todas essas doces reminiscências foram reclamadas pelos museus, escolas, grêmios, academias e pelos apaixonados e amorosos que fazem da poesia um culto divino!(CRUSOÉ, 19--, f. 3)

No discurso (02b0002-sd) que proferiu em homenagem à Professora Denise Tavares²⁹ (1925-1974), a escritora discorre inicialmente sobre a importância do trabalho. Para ela, “Todo o trabalho é poesia, é perfeição, é justiça, é bondade, é coragem, é valor, é sacramento!” E exalta o trabalho desempenhado pela professora, escritora e bibliotecária, Denise Tavares, na Sucursal da Biblioteca Monteiro Lobato [sic], em Nazaré:

Espírito que luta por ideal sublime é Denise Tavares, que nas arrancadas magníficas de sua vida, sempre de olhar cismarento e inteligente, tem conseguido edificar no coração infantil, através de um trabalho que é graça e é sacramento, o mais sublime e encantado palácio das lendas fabulosas! Não esmorecer foi a maior das suas energias. Rumando sempre para concretizar seu ideal, colocou a sua aspiração no alto silencioso e místico e ascendeu pela aspereza intransigente até a contemplação purificadora! Escolhida a terra que lhe sentiu os primeiros afagos de inocência e os primeiros beijos de claridade, para a “Sucursal da Monteiro Lobato”, muito justo que fique o seu nome e o seu retrato, oferta de um grupo de amigos, amor fatalizados na terra de Anísio Melhor, José Bonfim e Pedro Embiruçu, os poetas esplêndidos da Saudade e do carinho de Nazaré! (CRUSOÉ, 19--, f. 2 - 3)

No discurso (02b0003-sd), sem indicação de data, proferido na comemoração aos cinco anos da Casa da Amizade, do Rotary Clube de Nazaré, atualmente extinto, a oradora discorre sobre o caráter dos projetos filantrópicos da instituição, parabenizando aos companheiros de jornada e alertando-os para que tenham sempre em mente “o ideal de bem servir sem pensar em si”.

²⁹ Denise Fernandes Tavares, nasceu em Nazaré no dia 4 de maio de 1925 e faleceu no dia 19 de abril de 1974, em Salvador, vitimada por um câncer de mama. Foi a criadora da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, foi professora primária, Bibliotecária e professora da Universidade Federal da Bahia – UFBA. (ARAGÃO E FREITAS, 2008).

Na ocasião em que recebeu o título de Educador Emérito do Estado da Bahia, concedido pelo Secretário de Educação, à época, Edvaldo Boaventura. Mady Crusoé demonstra em seu discurso (02b0004-85) a sua gratidão em recebê-lo, bem como se utiliza do espaço que lhe fora dado para falar sobre a relevância do trabalho do professor:

Glórias às nossas mãos cansadas de traçar linhas certas para a mocidade incerta!
 Glórias aos nossos lábios santos, onde a beleza da palavra flui desvendando gênios!
 Glórias aos nossos olhos perscrutadores de inteligências fluentes e de comportamentos negativos!
 Glórias aos nossos corações que palpitam sempre novos, numa eterna vibração de ensinamentos, agora também, na doçura dos nossos filhos idolatrados, ou na graça do sorriso dos netos que nos enfeitam a vida!
 O tempo, nevando os nossos cabelos, não desgastou para a posteridade, o muito da utilidade que havemos prestado. (CRUSOÉ, 1985, f. 3 - 4)

Várias vezes homenageou Nazaré em seus textos, em versos e em prosa, um trecho do discurso (02b0005-89), publicado no livro, à página 108, em que exalta o passado de glória vivido por sua terra, no aniversário de 140 anos de sua emancipação política de Nazaré, em 10 de novembro de 1989:

Nazaré viveu época de luz e de glória, assistindo Euterpe e Erato, maviosas nos seus acordes e nas suas orquestrações belíssimas!
 Nazaré viveu época de luz com o Rádio Clube e o Tênis Clube, em festas inesquecíveis e também na expectativa dominical dos seus jornais: “O Conservador”, “O Regenerador”, “O Grito”, “O Alvitre”, lidos e comentados para gáudio de expressivas emoções!
 Nazaré assistiu ao apito saudoso do velho navio da baiana, embarcando e desembarcando viajantes, dando expansão à zona Sudoeste.
 Nazaré vibrava nos deslizos dos velhos trens da Estrada de Ferro, onde “Maria Fumaça” trôpega e fumegante, escorregava brandamente em trilhos ferrugentos, cantando a marcha da chegada e da saída em compassos lentos e arranhados. (CRUSOÉ, 1989, f. 4)

Há no arquivo um discurso que proferiu em nome do seu esposo, durante a posse de novos colaboradores da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Nazaré, momento em que ele receberia homenagens da referida instituição que se dedicou no passado, quando foi por duas vezes Provedor. No discurso (02b0006-sd), falou em nome do seu esposo, homenageado por aquela instituição, juntamente com outras pessoas (médicos e membros daquela irmandade). Na sua oratória, relembra e os cargos assumidos pelo esposo e cita trecho do Relatório publicado em 1º de fevereiro de 1962 pelo então Provedor Américo Augusto Crusoé:

‘Do cumprimento do nosso dever e do orgulho que sentimos pelo mesmo, não cabe agradecimentos, apenas, diremos bem alto, para que o nosso eco chegue até as gerações porvindouras, que nós cumprimos o nosso dever com zelo, honestidade e amor à causa. Pela estrada tormentosa das nossas obrigações, sempre tivemos como guardiã das nossas atitudes a consciência da responsabilidade, que serviu aos nossos antigos, mantendo a nossa Santa Casa de portas abertas à pobreza, vitória incontestada, na hora em que outras casas assistenciais, fecharam suas portas ou tiveram suas atividades reduzidas. Genuflexos, rendemos graças a Deus por nos ter concedido manter acesa a chama da fé que nos foi legada pelo inolvidável Dr. José Gonçalves Martins a 05 de setembro de 1830’. (CRUSOÉ, 1990, f. 3)³⁰

Observa-se que o arquivo privado de Mady Crusoé possui uma riqueza de tipologia e suporte documental que promovem outras leituras e possibilitam outras pesquisas de grande valor histórico. Ler estes discursos significa um breve retorno ao passado de Nazaré. O estudo desse gênero textual produzido pela escritora oferece subsídios para a narração histórica, esclarece acontecimentos e eventos literários, artísticos e culturais do contexto histórico em que viveu.

A escritora, em sua Biografia³¹, apresenta-se como: “cronista social dos jornais: O Conservador, O Grito, da cidade de Nazaré, do Imparcial, Voz do Professor e A Tarde, de Salvador, sob os pseudônimos de Amy, Mariza, Madame X e Mady”. Alguns textos, dispersos no APMC, testemunham a sua participação imprensa baiana, no início do século XX. Essa sua experiência nos jornais contribuiu para que ela construísse a sua identidade como escritora.

Em uma crônica localizada na Coletânea 3, à folha 59 desse suporte, há um comentário da redação do jornal que introduz a crônica intitulada *Paisagem noturna*, a saber:

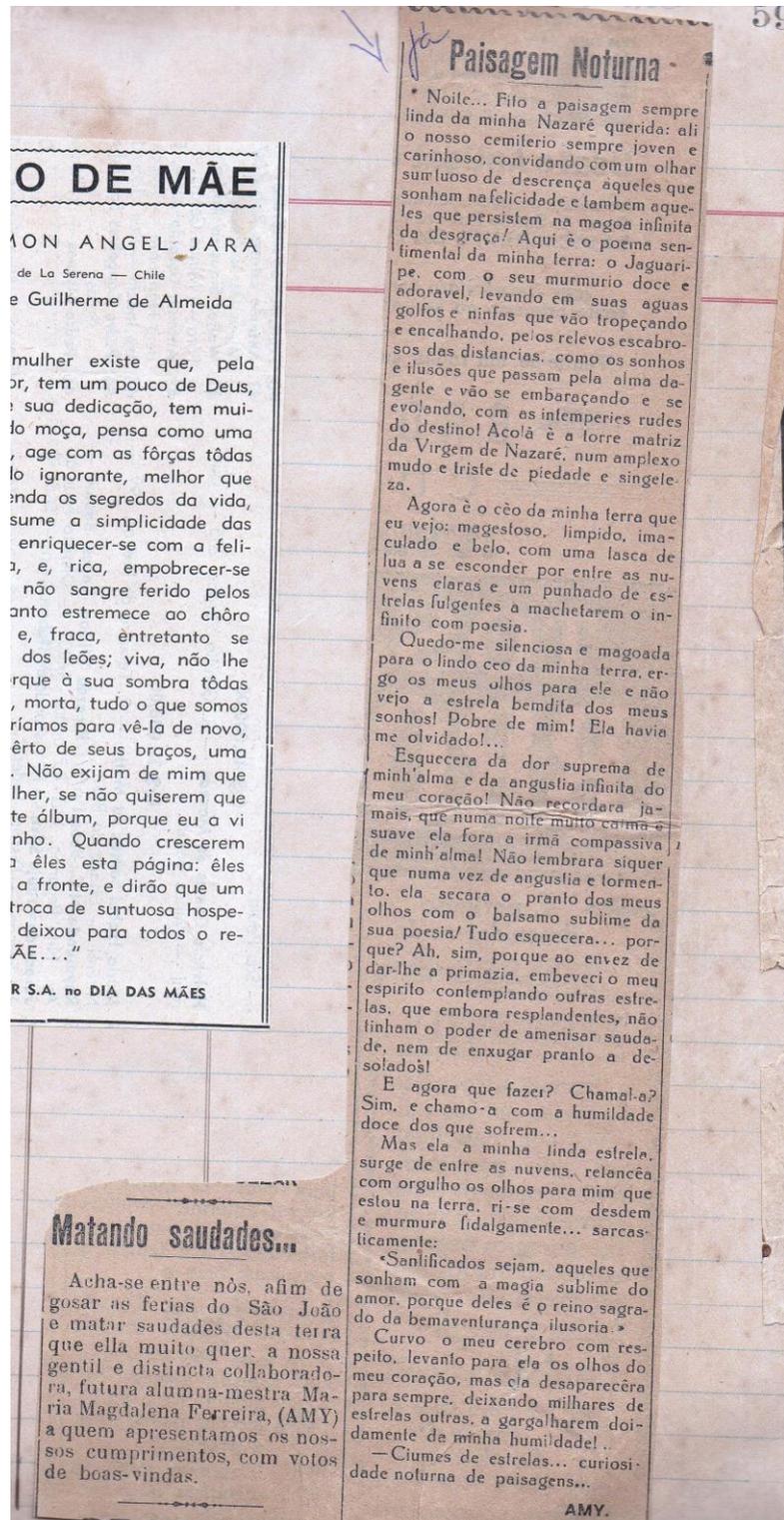
Acha-se entre nós, afim de gosar as férias do São João e matar saudades desta terra que ella muito quer, a nossa gentil e distinta colaboradora, futura alumna-mestra Maria Magdalena Ferreira, (AMY), a quem apresentamos os nossos cumprimentos, com votos de boas-vindas.

³⁰ A pesquisadora atribuiu o ano de 1990 a este discurso, pois o evento ocorreu à época em que Américo Crusoé já se encontrava muito doente, segundo relatos de sua filha Maria Aparecida, não mais participando de eventos como o relatado no discurso. As aspas foram mantidas na citação, pois foram originalmente utilizadas pela autora do discurso, já que se tratou de uma citação do próprio Américo Crusoé, retirada de outro documento citado por ela, não localizado no arquivo.

³¹ A Biografia da escritora foi publicada na orelha do livro *Pedaços de Vida* (1993)

Segue abaixo o fac-símile do recorte de jornal com a crônica e o comentário supramencionado:

Figura 25 – Crônica Paisagem noturna [1932]

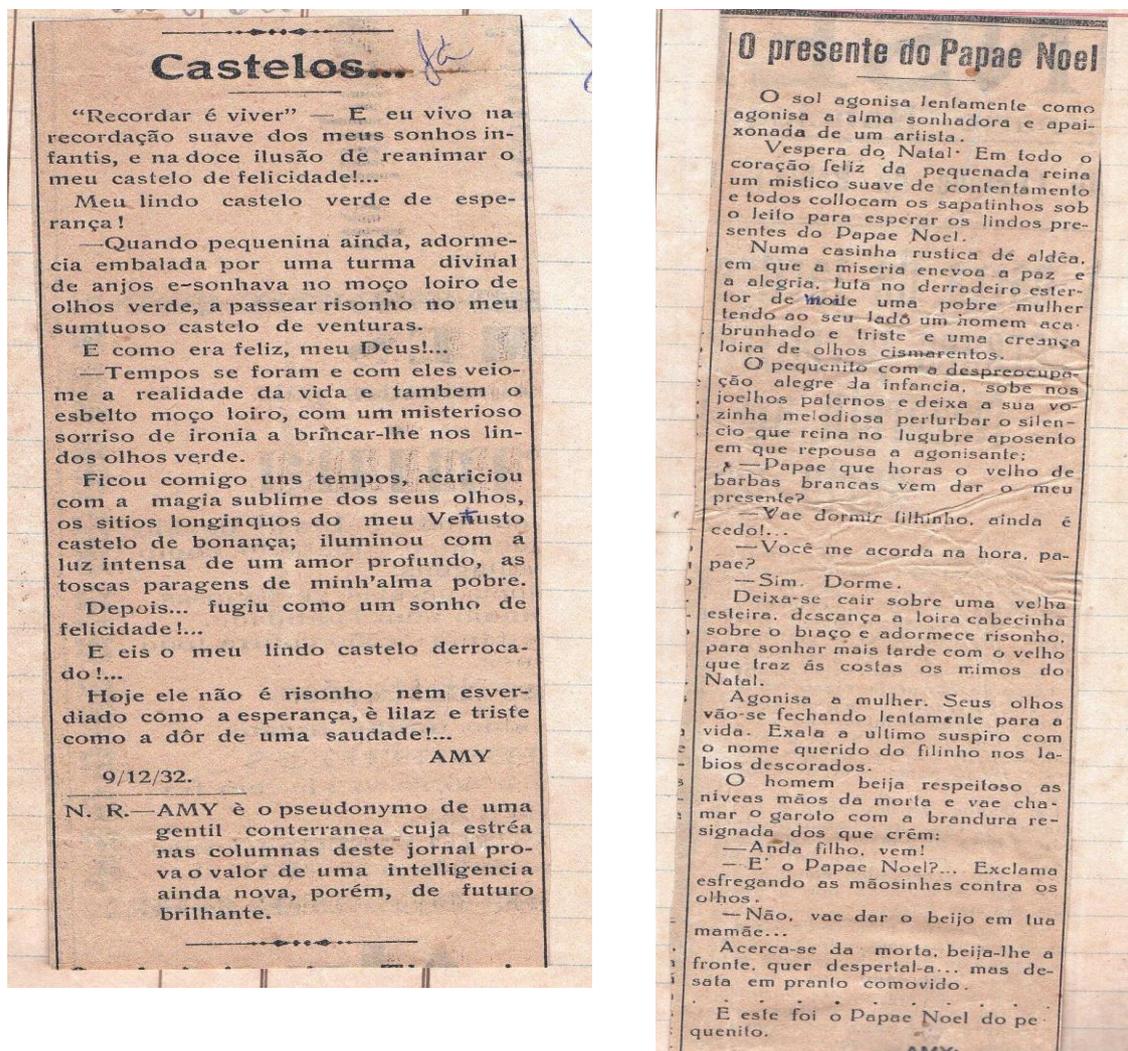


Fonte: APMC Coletânea 3 (03b0008-sd)

À época em que foi publicada a crônica no jornal *O Conservador*, apresenta Mady Crusoé como colaboradora do periódico e revela um de seus pseudônimos: Amy. Naquele período estava residindo em Salvador e ainda era estudante do curso de Magistério. Ao chegar em Nazaré, para passar as férias de São João, fora requisitada pelo jornal para escrever uma crônica. Paisagem noturna revela a cronista saudosa de sua terra, exaltando cada elemento da natureza que pode visualizar do alto do Monte Belo, sua residência.

No recorte representado pela figura, localizado à Coletânea número 3, organizada seu esposo, pode-se notar o pseudônimo Amy, com que assinou as crônicas *Castelos...* (03b0001-32) e *O presente de Papai Noel* (03b0002-sd):

Figura 26 - Crônicas de Mady Crusoé publicadas em *O Conservador*



O cenário da produção literária baiana feminina, durante as primeiras décadas do século XX, ainda se mostrava marcado por certas restrições e controle da sociedade no tocante à escrita feminina. Mady Crusoé vivenciou este processo, engajando-se na luta por uma sociedade mais justa, mais letrada. A sua participação na década de 1930 no jornal nazareno *O Conservador*, dirigido, à época, pelo poeta Anísio Melhor, mostra o seu engajamento no movimento pela leitura em Nazaré, incentivando a juventude a acompanhar as crônicas que escrevia todos os domingos, na coluna intitulada *Eles*, publicada no jornal *O Conservador*, em 1932, conforme se pode notar no trecho abaixo, que introduz a crônica:

Todos os domingos ‘O Conservador’ publicava esses rascunhos que eu escrevia para os rapazes e o poeta Israel Embiruçu respondia para as moças, de modo que, aos domingos pela manhã, a distração era ler o jornal e descobrir quem eram os privilegiados do dia. Foram escritos muitos ‘Eles’ e muitas ‘Elas’ para a alegria da moçada que, naquela época, endeuza a beleza da poesia e valorizava a cultura e a inteligência de sua terra (CRUSOÉ, 1993, p. 92).

As suas produções literárias, também, marcaram a sua presença no mundo, e ajudaram a traçar a sua identidade feminina, a interagir com as pessoas de seu tempo, a manter vivos os seus sonhos, e as alegrias que experimentou na vida. Algumas de suas crônicas contribuem para o entendimento do passado de desenvolvimento da sua cidade e constituem importantes fontes de informações para os estudos históricos, a exemplo da crônica publicada no *Jornal A Tarde*, em 08 de novembro de 1985. Às vésperas das comemorações ao aniversário de Emancipação Política de Nazaré, a escritora rememora a extinta Estrada de Ferro de Nazaré “Palco da vida nazarena, onde filhos tinham atividades e pais ganhavam o sustento para suas famílias” (CRUSOÉ, 1985). Segue fac-símile da publicação:

Figura 27 – Crônica no Jornal A Tarde



Fonte: APMC (03b0013-85)

As atividades que desenvolveu em jornais baianos, bem como a sua forma de ver o mundo e as pessoas, permanecem vivas em seu arquivo particular. As suas ações no mundo são reveladas por seus papéis. Consultá-los significa não só caminhar por entre seus versos, crônicas e discursos, mas conhecer um pouco mais sobre essa mulher que sempre demonstrou estar à frente do seu tempo. Significa, sobretudo, contar a história de sua vida e reconstruir o percurso que seguiu no âmbito literário.

2.2.2 Pedacos de Vida: da leitura do arquivo para as leituras críticas

Pôde-se com a atitude de reorganizar o seu arquivo particular, traçar o perfil desta escritora baiana, bem como mostrar as marcas deixadas em seus textos, oferecendo ao leitor especializado e ao leitor comum um estudo crítico da sua produção literária, revelando o texto como produto e processo, que deve ser entendido na sua pluralidade, isto é, nas suas muitas formas assumidas.

Foi localizado em seu arquivo, um exemplar do livro *Pedacos de Vida*, de única edição, publicado em 1993, conforme dedicatória no livro, feita ao seu filho Getúlio. Utilizou-

se este ano como referência, pois não consta no impresso o ano de seu lançamento pela editora. Publicado pela Edições Travessias, Alfa Gráfica e Editora Ltda. Salvador, Bahia, possui 110 páginas, em brochura, apresenta-se dividido, conforme indicação em Sumário, em quatro partes a saber: I. Poemas; II. Versos; III. Pedacinhos; IV. Crônicas e discursos.

Possui em sua primeira parte, 52 poemas, alguns com identificação do ano em que fora escrito e com a indicação a quem fora dedicado. Em sua segunda parte, apresenta-se com título diverso do citado no Sumário: Versos soltos. Tratam-se de poemas curtos, sem título, e sobre os mais diversos temas (a vida, o amor de mãe, o amor, o comportamento feminino, a saúde). São, ao todo, oito poemas. A parte três, *Pedacinhos*, é formada por 13 textos em prosa. São histórias vividas e ouvidas pela escritora, no seio familiar e em seu cotidiano de professora. A quarta e última parte do livro apresenta crônicas publicadas nos jornais “O Conservador”, “O Grito”, “Voz do Professor”, “O Imparcial”, e “A Tarde”, conforme informações na página introdutória da referida seção. São ao todo, publicadas no livro, 16 crônicas, algumas com a indicação da fonte em que fora publicada. Além das crônicas, esta seção do livro apresenta dois discursos proferidos pela escritora.

Para a leitura de *Pedaços de Vida* seguiram-se os pressupostos da Filologia, para a qual o texto deve ser investigado em sua pluralidade, isto é, ao ser estudado, devem ser considerados os seus processos de produção, de transmissão, de circulação e de recepção, visto que, muitos podem ser os sujeitos que atuam na sua história, dando-lhe voz ou silenciando sentidos. Chartier (2002) afirma que os diversos atores envolvidos com a publicação acrescentam novos sentidos aos textos. Essas interferências, autorizadas ou não, feitas por diversos atores sociais, produzem marcas na materialidade do texto, ressignificando-o, promovendo novos sentidos, novas interpretações. Os suportes materiais, nos quais são veiculados, também ajudam a contar a sua história, colaboram para a construção de seus significados, revelando, muitas vezes, as condições históricas e sociais que interferiram na sua produção. Nas palavras de Chartier (2002, p. 62): “O “mesmo” texto, fixado em letras, não é o “mesmo” caso mudem os dispositivos de sua escrita e de sua comunicação”.

Com base nesse jogo de apropriações e interpretações, que caracteriza o objeto texto propõe-se um estudo crítico e genético de textos que compõem o livro *Pedaços de Vida* (1993), da escritora baiana Mady Crusoé (1913-1997), cuja obra dispõe de uma diversidade de manuscritos autorais pertencentes ao arquivo particular da escritora. Os seus manuscritos de processo revelam que o seu livro é resultado do trabalho de pesquisa da escritora em seu próprio arquivo, de leituras, de seleção de textos que escreveu durante a sua vida, releituras,

revisões de ortografia, reescrita. Em alguns momentos contou com a ajuda das netas, na recolha dos manuscritos e na feitura dos datiloscritos.

Esses fatores motivaram a escolha do modelo editorial a ser adotado: edição crítico-genética. Trata-se de uma proposta que concilia duas metodologias: a crítica textual e a crítica genética, seguindo o modelo de trabalho desenvolvido pelo exercício filológico de Rosa Borges, outrora Carvalho (2002), em sua tese de doutoramento, intitulada, *Poemas do Mar de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*³², pesquisa que inaugurou, no contexto da Universidade Federal da Bahia, um novo pensamento a respeito da atividade de edição de textos, e que teve como base os estudos de Luiz Fagundes Duarte (1993).

A edição crítica em perspectiva genética que foi desenvolvida neste estudo, objetivou trazer à tona

[...] o momento textual último, pelo menos no que concerne àquele processo de produção, de manipulação do texto pelo escritor, e através do exame do texto, mostrar os caminhos da criação, a partir dos materiais autógrafos reunidos, definindo as marcas estilísticas, o *usus scribendi*, que, por sua vez, deverão fornecer subsídios para outras leituras ou conjecturas por parte de estudiosos do assunto e até mesmo para tomadas de decisões do editor quando da fixação do texto crítico [...] (BORGES e SOUZA, 2013, p. 29).

Nessa perspectiva escolhida para estudo, são apresentadas as leituras das marcas autorais que permitiram desenvolver o estudo do projeto de Mady: o livro *Pedaços de Vida*. Assim, o trabalho com a Crítica Textual em diálogo com a Crítica Genética justifica-se pela necessidade de construir uma leitura minuciosa dos textos madyanos, estabelecendo sentidos.

Para a organização do trabalho com a obra madyana, buscou-se situar a escritora e sua obra na cena do arquivo. Recortam-se alguns poemas em suas diferentes versões, e alguns textos em prosa, para edição e estudo crítico-genético, com o intento de mostrar como Mady Crusoé trabalhou na construção de seu texto, como é seu processo criativo, a partir do estudo das rasuras. Depois, apresentam-se os passos dados por ela na organização do livro *Pedaços de Vida* (1993) para a publicação, contando a sua história, apresentando para este processo

³²Rosa Borges dos Santos Carvalho (2002) fez uma incursão pelo itinerário de escritura do poeta baiano Arthur de Salles, um dos nomes mais representativos da literatura baiana no século XX. Nesse trabalho pioneiro, na Bahia, Carvalho apresenta uma proposta de edição crítico-genética dos *Poemas do Mar* do referido autor baiano. A pesquisa consistiu em reunir todos os poemas do escritor com temática marinha. Além de analisar os aspectos relativos à construção do texto poético por Arthur de Salles, a partir dos manuscritos autógrafos, datiloscritos e impressos com correções autorais, a estudiosa estabeleceu os textos críticos e apresentou considerações sobre o vocabulário do escritor com ênfase para o léxico referente ao mar.

uma leitura crítico-filológica. Pretende-se, com este trabalho, por em evidência o seu lugar como escritora, analisando a sua produção a partir de um estudo filológico: editar e estudar os seus textos.

Com base nos manuscritos localizados no APMC, referentes ao livro *Pedaços de Vida*, apresenta-se, na seção seguinte, a edição crítico-genética de alguns textos do livro. Nem todos os textos foram submetidos à edição, pois a maioria dos manuscritos são cópias limpas que não apresentam rasuras. A escritora, além de ter o hábito de passar a limpo os seus rascunhos, se desfazia destes, quando o texto já estava corrigido. Foram escolhidos para edição aqueles manuscritos que apresentavam rasuras, isto é, que demonstravam movimentos genéticos significativos para estudo, esses, considerando-se a quantidade de manuscritos do APMC, são em pequena quantidade.

Neste estudo analisam-se os textos (manuscritos) como processo e como produto, conciliando os métodos da crítica textual e da crítica genética. Levando-se em conta o conjunto de manuscritos localizado no APMC, optou-se pelo modelo de edição crítico-genética, para tratamento dos manuscritos, desde os rascunhos às versões corrigidas, modificadas e anotadas que precederam a edição definitiva dos textos. A escolha desse tipo de edição justifica-se pelo empenho em guardar a memória literária da escritora, em trazer à cena a obra madyana sob o aporte da Filologia e da Genética, apresentando uma leitura interpretativa dos manuscritos nele localizados, considerando o texto e seu processo de construção.

3 EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DE MANUSCRITOS DE *PEDAÇOS DE VIDA*

Os manuscritos de Mady Crusoé contribuem não só para o entendimento de como o livro foi planejado pela autora, como também, dão a conhecer pistas do seu processo de escritura, deslocando o olhar do pesquisador do texto como objeto final dos estudos literários, para o entendimento de texto como um espaço aberto e bem mais complexo. Os papéis localizados no APMC, em especial os manuscritos do livro, referem-se a sua história particular, as suas memórias particulares.

Este estudo parte da concepção de manuscrito moderno, aquele em que o autor deixa as marcas de como se deu o seu trabalho autoral. As pistas, a partir de suas rasuras, visíveis e “invisíveis”, revelam o caminho percorrido pelo escritor para chegar ao texto publicado. Conforme Grésillon (2007 [1994]), o manuscrito é objeto material, cultural e intelectual. Caracteriza-se como objeto material pelas propriedades do suporte em sua maioria, os manuscritos são gravados em papel, paginado ou não pelo autor, ocupando apenas o anverso, ou anverso e verso deste; além disso, os papéis podem apresentar variações de formato, espessura, cor e estado de conservação; também o manuscrito é considerado objeto material pela forma como ocupa o espaço gráfico, bem como pelo tipo de tinta utilizada para inscrevê-lo. O manuscrito é objeto cultural, pois testemunha a arte de escrever, testemunha as práticas de escritura individuais ou coletivas, “faz parte dos valores culturais e dos objetos do patrimônio nacional” (GRÉSILLON, 2007, p. 110). A filologia e a crítica genética deram ao manuscrito moderno o estatuto de objeto do conhecimento, pois ele suscita reflexões teóricas sobre os movimentos de escritura que subentenderam o processo criativo.

Para tratamento teórico-metodológico, buscam-se os fundamentos na filologia, valendo-se das metodologias da crítica textual e da crítica genética para a edição dos textos selecionados.

3.1 TRATAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Procedeu-se ao exame dos manuscritos de *Pedaços de Vida* e ao levantamento dos movimentos genéticos, ou seja, das passagens dos manuscritos que se caracterizam por não terem uma redação única, mas por apresentar modificações feitas pela escritora, que reconsiderou o que escrevera: ora fazendo correções ortográficas, ao passar a limpo o texto, considerando as mudanças realizadas na língua ao longo do tempo; ora acrescentando informações (datas, subtítulos), ora realizando modificações estilísticas.

Examinado o texto como objeto polimorfo e como lugar de diversas leituras, o crítico poderá dar a ler suas muitas histórias, que são sempre mediadas por sujeitos autorizados ou não, que as constroem, interpretam e, conseqüentemente, modificam-nas. A prática filológica deve ser pensada como um exercício de leitura e atualização de textos, considerando as diversas formas em que o texto se materializa como fatores determinantes na construção de seus sentidos (CHARTIER, 2002).

A crítica textual, conforme Luiz Fagundes Duarte (2012, p. 59),

[...] é uma disciplina filológica e por isso, e tendo ainda em conta o sentido geral que actualmente lhe reconhecemos, deve ser encarada como um dos ramos da História, na medida em que se ocupa do processo histórico dos textos em duas vertentes fundamentais: o texto em processo de produção e o texto em processo de transmissão.

É, assim, a Filologia o lugar de enunciação na constituição deste estudo. A crítica textual e a crítica genética são os métodos utilizados para o tratamento do *corpus* documental de que se dispõe. No âmbito da crítica textual, dentre os modelos de edição utilizados, o mais adequado para tratamento do objeto em questão é o da edição crítico-genética. Apresenta-se o último testemunho do texto, ou seja, aquele que se considera último estado de manipulação autoral, registrando as modificações em aparato. Para Duarte (1997), uma edição crítico-genética é aquela

[...] que combina os objectivos e os métodos da edição crítica e da edição genética: por um lado, reproduz o texto que o seu responsável considera criticamente como contendo a última vontade do autor, registrando todas as intervenções do editor e, no caso de textos já publicados e que originaram tradição, elaborando um aparato de variantes da tradição; por outro lado, faz a recensão de todos os manuscritos relacionados com o texto classificando-os, organizando-os e descrevendo-os, registrando em aparato genético as sucessivas alterações autorais, lugar a lugar e testemunho a testemunho, utilizando para isso um dispositivo técnico que permite ao leitor reconstituir a gênese do texto e, eventualmente, no caso em que o texto não foi claramente acabado pelo autor, fazer a escolha de cada uma das variantes alternativas (DUARTE, [1997-] verbete).

O modelo editorial escolhido propõe trilhar os caminhos percorridos pela escritora até chegar ao livro, tomando como base o trabalho desenvolvido por Rosa Borges S. Carvalho, em sua tese de doutorado intitulada *Poemas do Mar de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo* (2002). Nesse trabalho, Carvalho (2002) apresenta uma edição crítica em perspectiva genética da obra *Poemas do Mar*, do referido escritor. A pesquisadora reuniu os rascunhos, os fragmentos, as cópias limpas, os datiloscritos com emendas autógrafas, e a

correspondência do escritor para que, a partir das marcas deixadas por ele em seus manuscritos, pudesse reconstituir a gênese do texto literário de Arthur de Salles. Nesse estudo, que ora se toma como exemplo, conforme explica Borges (2012, p. 98),

[...] traçou-se o percurso das transformações que se foram realizando sobre o texto, para, então, cumprir o objetivo maior, fornecer ao leitor comum ou ao especialista uma edição que resulta do tratamento crítico dado aos materiais utilizados, considerando o texto como produto e processo, que não se encerra no e pelo autor, mas o extrapola, sendo analisado em sua dinâmica e dimensão histórica.

A elaboração de uma edição crítico-genética, conforme Borges e Souza (2012), traz para a cena de discussão o momento último de manipulação de um texto pelo escritor, dá a ler o processo de produção do texto. Para Borges e Souza (2012, p. 29), a incursão pelos caminhos da criação definem

[...] as marcas estilísticas, o *usus scribendi*, que por sua vez, deverão fornecer subsídios para outras leituras ou conjecturas por parte de estudiosos do assunto e até mesmo para tomadas de decisões do editor quando da fixação do texto crítico ou determinar a lição definitiva em face de uma lição alternativa. Para a edição crítica em uma perspectiva genética, são relevantes o processo de criação e a obra, o produto e o processo.

Investe-se, portanto, em tais orientações para realização do estudo aqui proposto. A edição crítica em uma perspectiva genética é um modelo que tem sido adotado para a edição de trabalhos de escritores contemporâneos que possuem manuscritos autógrafos conservados, como é o caso dos manuscritos de *Pedaços de Vida*.

Segundo Rosa (2012), a prática editorial que concilia essas duas metodologias, tem dois objetivos, quais sejam: “estabelecer o texto, considerando a pluralidade de versões manifestas nas marcas autógrafas, e documentar o percurso seguido pelo autor na construção de cada texto ou da obra” (BORGES, 2012, p. 60).

Assim, a partir do estudo do manuscrito autógrafo, a figura do autor vai sendo delineada, bem como os processos de produção e de transmissão de seus textos. Uma edição crítica pode ser enriquecida com um dossiê genético, explicando fatos que só os manuscritos podem revelar. Borges (2012, p. 61) esclarece que,

[...] em uma edição crítica, o objetivo está ainda na fixação do texto. Quando, porém, se leva em conta o “processo” da criação de um texto dentro daquilo que seria, com maior exatidão, a situação textual planejada, projetada e realizada pelo autor, a edição reverte-se em um exemplo

concreto da práxis filológica, ao tirar do recôndito obras que não alcançaram grande público.

Luiz Fagundes Duarte (1993, p. 67) defende que algumas obras necessitam de uma edição crítico-genética. Ele apresenta uma possibilidade de edição que aponta, ao mesmo tempo, para a procura da obra e do processo de escritura do autor, a fim de melhor caracterizar o seu estilo. Esta metodologia de uma edição crítico-genética, também, é defendida por Ivo Castro (1990), para a edição das obras de Pessoa.

Castro (1995) mostra em seus estudos que os manuscritos revelam ao crítico uma diversidade de sentidos que uma obra pode apresentar. A partir da leitura desses manuscritos, nota-se que o escritor possuiu muitas vontades antes de definir aquela que gostaria de ver publicada, visto que

[o]s originais examinados pelo geneticista revelam uma fracção do processo criador do texto. A intenção autoral é impalpável, só suas manifestações materiais podem ser consideradas. Nenhuma edição crítica é mais que uma 'proposta de trabalho', nenhuma encerra definitivamente a forma e a significação de um texto. (CASTRO, 1995, p.516)

Isso significa que tanto o filólogo quanto o geneticista trabalham com pistas, com rastros deixados nos textos, esses são decifrados pelo crítico que apresenta ao final de seu estudo uma interpretação. Nessa tentativa de decifração, o filólogo depara-se com fragmentos de um processo que são materializados no suporte em que a obra foi tecida (CASTRO, 1995). Nesta proposta de edição o filólogo/geneticista oferece leituras, interpretações dos manuscritos madyanos. Alguns desses manuscritos trazem as suas primeiras ideias, numa escrita de primeiro jato de tinta, outros são cópias limpas, com poucas rasuras materiais, que não permitem a leitura de todas as modificações autorais, alguns trazem rasuras imateriais, vistas apenas se confrontados os testemunhos.

Para os testemunhos que trazem modificações autorais, optou-se, para além da edição, por desenvolver um estudo genético, a partir da seguinte metodologia: selecionar, ordenar, descrever, transcrever, cronologizar, confrontar e interpretar as modificações autorais, para finalmente apresentar os textos críticos, acompanhados de seus respectivos aparatos, registrando as modificações, utilizando-se de operadores que permitem ler os movimentos de gênese. Procura-se apresentar o momento textual último, isto é, referente ao processo de manipulação do texto pelo escritor. Leva-se em conta a fixação do texto e o processo da criação deste, dando visibilidade a uma produção literária que não alcançou grande público.

3.2 CRITÉRIOS PARA A EDIÇÃO DOS TEXTOS

Traça-se, inicialmente, a história de cada texto, ou seja, o seu processo de transmissão. Para tanto, apresentam-se a tradição e a descrição dos textos selecionados, visto que cada testemunho apresenta uma fisionomia própria e deve ser acompanhado da história de sua tradição. Cada testemunho porta marcas que vão do tipo de suporte aos instrumentos de escrita utilizados.

Para fazer remissão às folhas dos manuscritos na descrição, procedeu-se à numeração destas, entre colchetes. Os manuscritos que necessitaram da numeração foram os localizados no caderno meu diário e no caderno verde; também o datiloscrito foi numerado. Com exceção do caderno cenoura, que fora numerado pela escritora. Os textos selecionados para a edição foram dispostos a partir da ordem em que aparecem no livro.

Para a descrição física e transcrição dos testemunhos e demais registros nos aparatos, foram utilizados alguns dos operadores propostos por Carvalho (2002), em sua tese de doutoramento. Seguem os símbolos e sinais, alguns de uso comum em trabalhos de edição:

< > segmento autógrafo riscado

† palavra ilegível

[] acréscimo

< > / \ substituição por sobreposição, na relação <substituído> /substituto\

< > [↑] substituição por riscado e acréscimo na entrelinha superior

[↑] acréscimo na entrelinha superior

[↓] acréscimo na entrelinha inferior

[→] acréscimo na margem direita

[←] acréscimo na margem esquerda

[↑↑] acréscimo na margem superior

[↓↓] acréscimo na margem inferior

<†> riscado autógrafo ilegível

< > [] substituição à frente

<†> [] substituição de um segmento apagado, riscado ou ilegível

< [< >] > supressão, substituição e novamente supressão, ou seja, segmento apagado, substituído e riscado numa terceira etapa

[< >] acréscimo suprimido

Considerando-se o fato de ser uma edição crítica, deve-se eleger um dos textos que transmitem a obra como texto de base, neste caso, o texto do livro. A partir dele, realiza-se o cotejo entre os testemunhos, registram-se, no aparato as mudanças autorais e textuais.

Para a fixação do texto crítico, adotaram-se os seguintes critérios:

- a) Apresentar os títulos ou o *incipit* de cada texto (poemas, crônicas, pedacinhos), em letras maiúsculas, em negrito, centralizado;
- b) Realizar ajustes nos textos, no tocante à grafia e à acentuação, conforme novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa, outorgado em 2010;
- c) Restaurar as passagens onde se registram erros óbvios;
- d) Respeitar o seccionamento do texto de base, numerando versos ou linhas (no caso das narrativas) de cinco em cinco, e mantendo, quando se apresenta no texto de base, a divisão do texto;
- e) Registrar a intervenção do editor no texto crítico, valendo-se do uso do recurso itálico;
- f) Indicar no aparato (à margem direita) as modificações textuais/autorais;
- g) Utilizar, no aparato, abreviaturas para referir-se à ausência de acentos gráficos: será utilizada (s.a), entre parênteses para indicar a ausência de acentuação; para a ausência de pontuação serão utilizadas entre parênteses: (s.v), para sem vírgula e (s.p) para sem ponto; (s.r) para sem reticências; (s.t.) para sem travessão; e (s.e) para sem exclamação; Escrever no aparato, entre parênteses, a expressão “sem título” para os testemunhos que não apresentem título;
- h) Utilização de siglas para indicar os testemunhos dos textos selecionados;
- i) Registrar nota de rodapé para indicar observações sobre o testemunho, para explicar as escolhas e intervenções do editor ou para transcrever versão inteira de texto que seja caracterizado como escrita de primeiro jato, que se apresente muito distinta das versões localizadas nos demais testemunhos.

Escolheram-se alguns textos dos gêneros poema, memória e crônica, publicados em seu livro *Pedaços de Vida* (1993), para edição e estudo crítico em perspectiva genética, quais sejam: do gênero poema, são cinco – *Súplica*, *Minha dor*, *Controvérsia*, *Tudo passou*, *Meus filhos*; do gênero memórias, que a escritora chama de “Pedacinhos”, foram escolhidos dois. Como os Pedacinhos não possuem título que os diferencie, a pesquisadora os identificou a partir da ordem em que estão localizados no livro, serão editados o 11º e o 12º, ambos à

página 76³³. Do gênero crônica, foram escolhidos quatro textos – *Anísio Melhor, Eles, Granadas de 1933 e Sacerdote da Roça*. Apresentam-se a tradição e a descrição de cada texto selecionado, depois fixa-se o texto crítico com o respectivo aparato e conclui-se a edição com a análise das modificações realizadas, dos manuscritos ao impresso, uma síntese do processo.

Interessaram para este estudo os textos que evidenciam movimentos de gêneses para dar a conhecer a escritura de *Pedaços de Vida*, ou seja, textos que apresentassem mais de um testemunho, que colocasse em evidência as modificações autorais, traçando o percurso de escritura dos manuscritos aos textos publicados no livro. A maioria desses documentos são textos passados a limpo pela escritora. Apesar desta constatação, pode-se perceber que o seu trabalho na produção do livro foi intenso, nota-se o seu empenho em organizá-lo. À época da construção do livro, já contava quase oitenta anos de vida, mas não perdera o entusiasmo que possuía no início da sua trajetória literária, é o que disseram os seus familiares à pesquisadora quando do período em que começou o seu trabalho de leitura do APMC.

Mesmo nos textos passados a limpo há anotações à margem, seja uma palavra ou um risco que indique que já fora revisado ou copiado em outro lugar. Há, em muitos testemunhos dos seus poemas, por exemplo, a modificação de títulos, a correção da pontuação. Tais campanhas de revisão produziram novos sentidos aos textos revisados/corrigidos pela escritora.

3.3 EDIÇÃO DOS TEXTOS SELECIONADOS

3.3.1 *Súplica*

Súplica é o segundo poema do livro, apresenta-se em forma de soneto. A escritora dedica-o a sua genitora. Nele, pede “em pranto”, que a mãe não a esqueça aqui na Terra. Relembra, ainda, o dia da sua partida para a “eterna mansão”. A tradição do poema é constituída de quatro testemunhos, a saber: *Súplica caderno cenoura* (Scc), *Súplica caderno verde* (Scv), *Súplica datiloscrito* (Sd), *Súplica obra publicada* (Sop).

O testemunho Scc, manuscrito, está situado à folha 1, com o título *Partiste* e com a inscrição 1928, ao final da folha, no ângulo inferior direito. Apresenta-se escrito com caneta do tipo tinteiro na cor preta, apenas no averso, ocupando as 21 linhas da folha. Há no ângulo

³³ Os Pedacinhos não possuem título, por isso eles foram identificados pela pesquisadora a partir da ordem que estão organizados no livro.

superior direito, na direção do título, o registro da palavra “já”, escrito de caneta esferográfica em tinta azul, indicando que o texto fora passado a limpo em outro suporte.

O testemunho Scv, manuscrito autógrafo, traz o título *Súplica*, escrito sobre *Partiste* (lição apagada, com provável uso de borracha), situado à folha [3] do caderno, com a inscrição (*Para minha mãe, feito 1927-14 anos*). O texto é escrito com caneta esferográfica em tinta azul, apenas no anverso e ocupa 20, das 22 linhas da folha. Há uma mancha causada pela ação da água que molhou o papel na extensão do título até a segunda estrofe. No ângulo superior esquerdo, na direção do título, há a letra “c”, escrita com caneta de mesma cor, e o numeral ordinal 2º, circulado, de caneta esferográfica em tinta vermelha, indicando a ordem que deveria ser impresso no livro – informação depreendida das anotações da escritora no bloco de folhas avulsas, denominada em inventário de *Notas sobre a organização do livro* (05d0001-93).

O testemunho Sd encontra-se à terceira folha do datiloscrito, com o mesmo título e com a mesma inscrição entre parênteses de Scv: (*Para minha mãe, feito/1927-14 anos*). O texto foi datilografado em folha ofício tipo A4. Há uma rasura no primeiro verso da quarta estrofe, feita de caneta esferográfica em tinta azul.

O testemunho Sop, impresso, está situado à página 10 do livro. A inscrição que indica o oferecimento do texto para a sua genitora encontra-se em entre parênteses, abaixo do título à direita “(*Para minha mãe*)” e logo abaixo a inscrição da idade que tinha ao escrever o texto “Aos 14 anos”.

A seguir, o texto crítico acompanhado do aparato com o registro das modificações autorais:

SÚPLICA	Sec Partiste.
(<i>Para minha mãe, em 1927 – Aos 14 anos</i>)	Scv Para minha mãe, feito 1927 – 14 anos Sd (<i>Para minha mãe, feito/1927 – 14 anos</i>) Sop (<i>Para minha mãe</i>) / Aos 14 anos
Minha mãe, minha pobre mãe, partiste. Será verdade que não vens buscar-me? Oh não mãezinha, de certo me ouviste No derradeiro dia, antes de ausentar-te.	Scv, Sd, Sop (s.p.) Scv, Sd O' não Sec mãezinha (s.v.) Sec dia (s.v.) Sec auzentar-te. Scv ausentar-te (s.p.)
Naquele dia triste e temeroso Em que tu'alma a Deus se entregou De certo ouviste o gemido doloroso E as muitas lágrimas que se derramou.	Sec Naquelle Sec entregou, Sec lagrimas (s.a.) Scv, Sd derramou (s.p.)

Também ouviste de tua filha a oração
Pedindo que a tirasse do mundo sedutor
E a levasse para a eterna mansão.

Sec, Scv Tambem (s.a.)
Scv seductor
Scv, Sd mansão (s.p.)

Suplico oh mãe, nunca te esqueças
Que na terra ainda ficou teu sangue
E não o abandones para que pereça.

Sec Suplico ó mãe Scv Suplico ó mãe Sd <i<implica>[↑Suplico] o' mãe
Scv Sangue Sop [a]inda³⁴
Scv, Sd, Sop pereça (s.p.)³⁵

Sec 1928³⁶

Estudados os manuscritos do poema *Súplica*, examinaram-se, palavra a palavra, todos os testemunhos, comparando-os. As rasuras, todas imateriais, feitas pela escritora foram registradas em aparato. Em sua maioria se deram na pontuação e na acentuação das palavras, bem como na revisão ortográfica segundo a norma vigente à época [1993]. A mudança do título, *Partiste* para *Súplica*, foi notada no testemunho Scv, também uma rasura imaterial. As modificações sofridas pelo texto lhe trouxeram novos sentidos. O manuscrito passado a limpo, Scv, foi tomado como última versão do texto, esse fora datilografado (Sd) para, enfim, ser destinado à publicação (Sop).

3.3.2 *Minha dor*

Minha dor é o terceiro poema do livro, localizado à página 11. Nele, a escritora pede a Deus que tenha compaixão de sua orfandade, que Deus a proteja e que dê repouso à alma de sua mãe. A tradição do poema é composta por quatro testemunhos, a saber: *Minha dor* caderno cenoura (MDcc), *Minha dor* caderno verde (MDcv), *Minha dor* datiloscrito (MDd), *Minha dor* obra publicada (MDop).

O testemunho MDcc é um manuscrito autógrafo, passado a limpo, localizado às folhas 14 e 15 do referido caderno, escrito com caneta tinteiro na cor preta, apenas no anverso das folhas. À direita do título, escritas de caneta esferográfica azul, estão duas inscrições referentes à revisão do texto: “já”, “já”.

³⁴ Há um acréscimo a lápis no testemunho Sop, acredita-se que autoral.

³⁵ Reconstituiu-se o ponto conforme lição Sec.

³⁶ Optou-se por 1927 no texto crítico pois neste ano a escritora contava com 14 anos, idade que registrou na maioria dos manuscritos, apesar de estar registrado no Caderno Cenoura o ano de 1928.

O testemunho MDcv situado às folhas [34] e [35], foi escrito com caneta esferográfica azul. Há, ainda, à margem superior, à direita, a seguinte inscrição destacada por um asterisco: “*colocar no início do livro”. À folha [35], há, ao lado esquerdo do título o numeral ordinal 7º, escrito de caneta esferográfica vermelha, circulado, também em tinta vermelha. Acima do numeral está escrita a letra “c” com caneta esferográfica azul, mais um indício de que o texto está correto, foi revisado. Ao final da página, há a inscrição “vire”, indicando que o texto continua na folha seguinte. À folha seguinte, [35], o restante do poema divide espaço com outro texto, intitulado *Versos soltos*, composto por quatro versos. O texto é um passado a limpo do caderno cenoura, com uma mudança no título (uma rasura imaterial): passa de Súplica (cc) para Minha Dor (cv).

O testemunho MDd encontra-se à folha [39], é um datiloscrito idiógrafo, com supervisão da autora, pois apresenta, no quarto verso da primeira estrofe: Ve<j>/l\,a, uma substituição por sobreposição. Apresenta-se abaixo do título *Minha Dor*, à direita da folha, a inscrição “(16 anos)”.

No MDop, o poema localiza-se no início do livro, à página 11. Nesse testemunho, registra-se uma modificação na inscrição referente à idade: “Aos 15 anos”. Não foram localizadas anotações feitas pela escritora que indicassem tal modificação.

Segue o texto crítico de *Minha Dor* com o seu respectivo aparato, trazendo as modificações que se notam nos diversos testemunhos:

MINHA DOR	MDcc SÚPLICA MDcv MINHA DOR MDd MINHA DOR MDop MINHA DOR
Aos 16 anos	MDcc (Para minha mãe)
Tem compaixão de minha orfandade ó Deus Compaixão da minh'alma sem carinho! Toma-se agora como um dos filhos teus Vela por mim pra que siga bom caminho.	MDcc orfandade MDcc teus, MDop caminho (s.p.) ³⁷
Tu me tiraste o meu anjo de repouso A minha mãe, minha vida, minha luz Senhor Deus, dá a su'alma o santo pouso Deixa su'alma descansar no bom Jesus.	MDcc repouso: MDcc luz, MDcc pouso, MDcc Dei<s>/x\,a desc<ç>/s\ar \ MDcc , MDcv , MDd Jesus (s.p.) ³⁸
Deixa a mãezinha repousar no seu jazigo	MDcc Dei<s>/x\,a MDcc jazigo,

³⁷ O editor inseriu ponto ao final do último verso da 1ª estrofe.

³⁸ O editor inseriu ponto ao final do último verso da 2ª estrofe.

Deixa que durma em paz na solidão
 Já que não pode descansar num peito amigo
 Dá-lhe senhor o repouso sem aflição!

MDcc Dei<s>/x\|a **MDcc** solidão,
MDcc, MDd poude **MDcc, MDd** descançar
MDcc aflição (s.e.)

Dá que descanse o último sono dos fiéis
 E que su'alma purificada pelo amor
 Receba enfim na glória seus lauréis
 E ore a Deus por sua filha com fervor.

MDcc descance o ultimo(s.a.) somno **MDcc, MDcv,**
MDd fieis (s.a.)
MDcc amor,
MDcc, MDcv, MDd laureis (s.a.)
MDcv, MDd, MDop fervor (s.p.)

Descansa mãe, minha estrela bem amada.
 Dorme em paz na solidão do cemitério,
 A tua filha sofre e é amargurada,
 Mas vive bem, sabendo os gozos do etéreo!
 Mãe intercede por mim ao Salvador
 Pede por mim constantemente ao Eterno,
 Lembra a minha tristeza mãe e minha dor,
 E roga a Deus pelo teu fruto materno!

MDcc Descança mãe, minha estrela, minha amada
MDcv MDd amada (s.p.)
MDcc cemiterio (s.a.)
MDcc sofre
MDcc Mais **MDcc** , **MDcv** gosos **MDcc** ettreero!³⁹
MDcc Salvador,

MDcc fructo **MDcc** Materno. (s.e.)

Os testemunhos do poema *Minha Dor* possuem poucas rasuras. O MDcc traz marcas da revisão da escritora nas anotações à margem (“Já” “Já”). Algumas palavras do texto comprovam a época em fora escrito – 1928 –, pois fora utilizada a norma ortográfica vigente àquele período, como se vê, por exemplo, na grafia das palavras “seductor”, “naquele”. No MDcc o poema era intitulado *Súplica*. Abaixo do título desse testemunho está a informação complementar: “Para minha mãe”. Verifica-se, ainda, a correção da palavra “descançar” no quarto verso da segunda estrofe, uma substituição por sobreposição do “ç” por “s”, feita com caneta esferográfica azul, feita à época da revisão para a publicação. No MDcv, observa-se a rasura imaterial na mudança de título, o poema passa a ser denominado *Minha dor*, modificação que se mantêm nos demais testemunhos. Outra rasura imaterial corresponde à mudança na expressão abaixo do título para “(16 anos)”, que permanece no MDd, mas não fora considerada no MDop, no qual está registrada “Aos 15 anos”, talvez por um erro tipográfico.

³⁹ A palavra “ettreero” está escrita no MDcc do jeito que fora transcrita no aparato. Um provável erro de grafia da autora, que acrescentou um “r” a mais.

3.3.3 *Controvérsia*

Controvérsia é o quinto poema do livro e está situado à folha 13. A tradição é composta por quatro testemunhos, a saber: *Controvérsia* caderno cenoura (Ccc); *Controvérsia* caderno verde (Ccv); *Controvérsia* datiloscrito (Cd), *Controvérsia* obra publicada (Cop).

O testemunho Ccc é um texto passado a limpo, manuscrito à folha 25, em caneta preta, do tipo tinteiro e tem como título: *Elle fala da mulher mas...* O título foi cancelado e, à margem superior, apresenta-se uma nova possibilidade de título: “*Controvérsia?*”, escrita com caneta esferográfica de tinta preta. O papel encontra-se amarelado e com muitas manchas de fungos. Há algumas rasuras feitas com caneta de tinta azul. Observa-se a inscrição “já”, escrita com caneta esferográfica de tinta azul, no ângulo superior esquerdo da folha. À margem esquerda na terceira estrofe escreveu o conectivo “que”, com caneta esferográfica preta. À margem inferior, no ângulo direito, está escrito “1930”, possivelmente o ano em que escreveu o texto.

O testemunho Ccv é um manuscrito, feito com caneta esferográfica azul, que ocupa apenas o anverso da folha [36]. Na segunda linha, à direita : “(17 anos)”. Há, ainda, nesse testemunho uma letra “c”, no ângulo superior esquerdo, de caneta azul, e o numeral ordinal 8º, escrito e circulado com caneta esferográfica vermelha. Esta observação feita pela escritora demonstra que esse poema era mais um dos textos que a escritora desejou que fosse colocado no início do livro.

O testemunho Cd é um datiloscrito, localizado à folha [41]. Trata-se de texto passado a limpo sem rasuras materiais. A inscrição “(17anos)” se mantém, como se vê em Ccv.

No Cop, o texto do poema corresponde ao do datiloscrito, com exceção, apenas, da informação que se refere à idade que ela tinha quando o escreveu, modificada para “*Aos 16 anos*”⁴⁰. Observa-se que se fossem consideradas as inscrições correspondentes à idade que a escritora tinha ao escrevê-lo, teria permanecido a idade “(17 anos)” na obra publicada, visto que, em 1930 (ano registrado no Caderno Cenoura) a escritora contava 17 anos de idade.

Segue o texto crítico e seu respectivo aparato:

CONTROVÉRSIA

Ccc <Elle fala da mulher mas...>[↑ *Controvérsia?*]

⁴⁰ As inscrições que indicam a idade ou ano de construção do texto na obra publicada foram escritas pela gráfica/editora em itálico.

(Aos 17 anos)	Cop Aos 16 anos ⁴¹
Ele fala da mulher naturalmente Diz que é dúbia, não tem um coração Que é volúvel e fere cruelmente Com a tosca e maldita ingratidão!	Ccc Elle Ccc naturalmente: Ccc dúbia (s.v.) Ccc e não Ccc coração, Ccc [←que] É volúvel Ccc ingratidão.
Diz que é má e perverte facilmente Que é abjeta, incapaz de uma boa ação Fala tudo e diz mui secamente Não é digna de amor, mas sim de traição!	Ccc facilmente, Ccc abjecta Ccc acção Ccc seccamente: Ccc <mas> /e\ sim de traição (s.e.)
Que é como a moda, sempre variável Em toda parte quer ser a mais notável N’evitando ofender instante sequer	Ccc moda: sempre variavel, Ccc offender Ccc , Cd , Cop siquer.
Diz tudo enfim e esquece o principal E esquece que o homem é tão fatal Que não pode passar sem a mulher!	Ccc emfim Ccc fatal: Ccc mulher. Ccc 1930 ⁴²

Flagram-se as intervenções da escritora nos manuscritos do poema. Na condição de leitora de seus escritos ela deixa marcas (materiais e imateriais) em suas campanhas de revisão, sobretudo na correção gramatical. Chama atenção as modificações que se mostram em cada suporte, nas cores de cada campanha de revisão. As substituições, sobreposições e acréscimos atestam o trabalho de autoria. No Ccc observa-se a campanha de revisão realizada pela escritora, na supressão do título e a anotação à margem superior: *Controvérsia?* Há uma substituição por sobreposição no último verso da segunda estrofe. No Ccv observam-se mudanças no tocante à pontuação ao final de alguns versos, além de uma atualização da ortografia por parte da escritora (rasuras imateriais). As modificações autorais foram mantidas no Cd e permanecem no Cop, com exceção da informação “Aos 17 anos” que fora modificada, no texto publicado, para “16 anos”.

⁴¹ A pesquisadora optou pela informação “(Aos 17 anos)”, seguindo os manuscritos Ccc, Ccv, e, sobretudo o ano registrado em Ccc “1930”, que confirma a idade de 17 anos e não 16 anos como está publicado no livro.

⁴² A pesquisadora acrescentou o ano com base no testemunho do Caderno Cenoura, sobretudo porque confirma a idade de 17 anos e não 16 anos, como está publicado no livro.

3.3.4 *Tudo passou*

Tudo passou é o oitavo poema do livro e está situado à página 17. A tradição desse texto é formada por quatro testemunhos, a saber: Tudo Passou caderno cenoura (TPcc); Tudo Passou caderno verde (TPcv); Tudo Passou datiloscrito (TPd); Tudo Passou obra publicada (TPop). Todos os manuscritos são textos passados a limpo e nem todos apresentam rasuras materiais.

O testemunho TPcc é um manuscrito situado à folha 9 do Caderno Cenoura, escrito com caneta do tipo tinteiro, de cor preta. Inicialmente foi intitulado *Soneto*, mas este título foi rasurado e substituído à frente por *Recordando*. Novamente o título foi riscado e foi substituído por *Tudo passou*. Tais rasuras foram feitas com uma caneta de cor azul, do tipo esferográfica. Abaixo do título, ao lado esquerdo, está escrito “já”, em caneta esferográfica de cor azul. Na segunda estrofe do poema, no terceiro verso, suprime “tivesse” e substitui, na entrelinha, por “houvesse”, que permanecerá nos demais testemunhos. À última linha da folha, tem-se o ano “1929”, no ângulo inferior esquerdo.

O testemunho TPcv é um manuscrito, situado à folha [13], escrito com caneta esferográfica, de cor azul, ocupando dezenove linhas das vinte duas que compõem a folha. Há no ângulo superior esquerdo da folha o numeral ordinal 3º, circulado, escrito com caneta esferográfica de tinta vermelha. Abaixo do título, à direita, está escrito “(18 anos)”.

O testemunho TPd é um datiloscrito, situado à folha [15]. Apresenta apenas uma emenda, com o uso de caneta esferográfica na cor azul, no terceiro verso da primeira estrofe: a[<g>f]astado, um erro de datilografia que fora corrigido. Abaixo do título a idade: “(18 anos)”

O testemunho TPop está situado à página 17 da obra impressa, com o registro de idade abaixo do título: “*Aos 17 anos*”.

Apresenta-se o texto crítico do poema *Tudo passou* e seu respectivo aparato:

TUDO PASSOU	TPcc <Soneto>[→Recordando] [↑Tudo passou]
<i>Aos 16 anos</i>	TPcv, TPd (18 anos) TPop <i>Aos 17 anos</i> ⁴³
Creio que não lembras aquele passado	TPcc <i>aquelle</i>
Aquele promessa de simulada ilusão	TPcc <i>Aquellas promessas de ideal ilusão</i>

⁴³ O editor registrou no texto crítico a inscrição “*Aos 16 anos*”, considerando a inscrição localizada no Caderno Cenoura: “1929”, à época a escritora contava com 16 anos.

Como agora estás de mim afastado!
Tens em memória uma só recordação?

TPcc afastado!...
TPcc memoria (s.a.) **TPd** recordação.

Tens em lembrança o meu amor mortificado
A minha'alma dedicada a tua afeição?
Antes houvesse a outro me entregado
Ao invés de a ti, desse a outro o coração!

TPcc à tua afeição?
TPcc <tivesse>[↑houvesse] a outro me entregado,
TPcc Em vez de a te coração!... **TTPcv**, **TPd** te

Tudo passou, de mim já esqueceste,
Queria tanto que o tempo não passasse
E que aquele amor tão bom, não fenecesse

TPcc Peço-te somente ó infiel ingrato,
TPcc De gravares em teu pensamento louco
TPcc A lembrança daquelle amor mui falso

Mas o destino foi cruel, enganador,
Sorriu de nós, zombou do meu sofrer
E disse eterno adeus, a meu sincero amor!

TPcc Recorda aquele idyllio enganador
TPcc E acredita que foste o mais culpado
TPcc E acredita: não conheces o amor!...
TPcc 1929 **TPcv**, **TPd**, **TPop** (s.d.)⁴⁴

Nos documentos autógrafos do poema *Tudo Passou*, pode-se observar que a escritora retoma o texto, faz modificações que alteram o sentido, como se vê, sobretudo, nos testemunhos TPcc, TPcv. Verifica-se no TPcc a mudança do título, feita à época em que retomou os manuscritos para a organização do livro, mais de seis décadas depois. Há, também, uma outra rasura material nesse testemunho: supressão seguida de acréscimo na entrelinha, no quarto verso da segunda estrofe. No testemunho TPcv foram localizadas rasuras imateriais na terceira e na quarta estrofe do poema. As estrofes foram modificadas completamente⁴⁵. Tem-se um novo texto. Esse manuscrito foi considerado última versão do texto. As alterações autorais foram mantidas no TPd, que fora encaminhado à publicação (TPop).

3.3.5 *Meus filhos*

Meus filhos é o trigésimo texto do livro, situado à página 38. A tradição desse texto é composta por cinco testemunhos, quais sejam: Meus Filhos meu diário 1 (MFmd1); Meus Filhos meu diário 2 (MFmd2); Meus Filhos caderno verde (MFcv); Meus Filhos datiloscrito

⁴⁴ O editor registrou a data 1929 conforme inscrição no Caderno Cenoura

⁴⁵ Estas informações serão esclarecidas no confronto entre os testemunhos e na leitura dos movimentos de escritura realizados na seção IV deste estudo.

(MFd); Meus Filhos obra publicada (MFop). Os rascunhos que possuem mais marcas de reescrita são os localizados no suporte Meu Diário (MFmd1 e MFmd2).

O testemunho MFmd1 está situado no verso da folha [7] do caderno meu diário. O texto apresenta-se em estágio “embrionário”, trata-se de uma tentativa de escrever o poema, pois ainda não possui forma de versos. Nas primeiras linhas (1, 2 e 3) há anotações de três possíveis títulos para o texto. Só a partir da sexta linha da folha, é que o texto se inicia. Há riscos em forma de “x” que anula todo o texto.

O testemunho MFmd2 é um manuscrito, localizado à folha [8] do Caderno Meu Diário, ocupando anverso e verso do papel. Esse texto já se apresenta em forma de versos, dividido em oito estrofes e com um provável título: “Meus Filhos?”, localizado no ângulo superior direito, na primeira linha da folha, seguido pela palavra “bem diz”, à sua direita. Há três linhas na diagonal em todo o texto, anulando-o. A quinta estrofe apresenta-se entrecortada por três grandes “x”. As três últimas estrofes, também, aparecem riscadas por três linhas na diagonal.

O testemunho MFcv é um manuscrito, com caneta esferográfica de cor azul, situado no anverso das folhas [62] e [63] do caderno verde. Trata-se de um passado a limpo com algumas rasuras materiais: supressões, sobreposições e substituições. Acima do título, posicionada à direita e escrita na diagonal, há uma anotação sobre a grafia da palavra “traz”, entre parênteses, que foi suprimida pela escritora <(tráz é c/z)>. Ao final da folha [62] na margem inferior está escrito: “vire”, indicando a continuação do texto na folha seguinte. Na décima segunda linha da folha 63, após o poema, há uma pista da organização do livro *Pedaços de Vida*: “(*No fim, ainda tm A poesia Primavera!)”⁴⁶.

O testemunho MFd está situado à folha [67], possui duas rasuras autógrafas, uma no segundo verso da segunda estrofe, que a escritora cancela um acento agudo na palavra “traz” e uma supressão seguida de substituição na entrelinha superior, no quarto verso da quinta estrofe do poema: <vida> [↑velhice].

O testemunho MFop está situado à página 38 da obra impressa. Seu texto corresponde ao do datiloscrito.

Os manuscritos MFmd1 e MFmd2 serão transcritos em nota, visto que apresentam-se muito distintos dos testemunhos MFcv, MFd e MFop. Segue o texto crítico do poema *Meus Filhos* e seu respectivo aparato crítico:

⁴⁶ Essa anotação feita pela escritora foi transcrita tal qual estava no manuscrito; “tm” tem o significado de tem.

MEUS FILHOS

Brilhos de estrela na imensidade do meu céu,
Filhos de minh'alma, correntes do meu amor
Eles são como centelhas no meu peito arfante
Fazendo-me esquecer da vida o dissabor!

Quanto me orgulho de vocês queridos,
Quanta ventura o seu amor me traz!
O beijo de vocês tão amoroso e puro
É bálsamo que consola e que feliz me faz!

No tempo, não fiquei cansada de viver,
Por que vocês me transmitiram confiança

MFmd1 (sem título)⁴⁷ MFmd2 Meus filhos? Bemdiz⁴⁸
MFcv[↑<↑>] <↑> [imensidade]

MFcv trá<s>/z\⁴⁹

MFcv [↑No tempo,] não fiquei

⁴⁷ Segue a versão do testemunho MFmd1:

Eles são meus amores mais queridos
<Presente do céu>
1 Tesouro do ceu, mais linda recompensa
3 Do amor que Deus me deu tão belo e justo
2 Gravados no meu peito docemente
Louvarei este amor eternamente!
Até o fim da minha vida ei de amá-los
Como sabe amar uma mãe tão amorosa
Agradecendo a Deus <por tantos mimos> [↑tanta bondade]
<Rogamos ao destino por tanto>
Tanto

⁴⁸ Segue a versão do testemunho MFmd2:

<São> [↑<lindas>] [↑brilhos de] estrelas no <firmamento> [↑horizonte] do meu céu –
E na [↑luzes] [↑do]beleza do meu <coração> [↑<peito>] <apaixonado> [↑<feliz>] [→amado]
Eles refletem o meu amor <todo carícia> [↑Deus querido]
Eles dão vida ao meu coração apaixonado!

Filhos de minh'alma quanto me orgulho!
De perto ao meu amor tão renovado
<Presen> Tesouros do ceu

Sou feliz hoje, depois de tantos anos feitos
Olhando nos olhos dos meus [↑filhos] o carinho
E a graça de um amor muito perfeito
Como

Não fiquei velha porque eles me [↑deram vida] <enobrecem>
A velhice me passou despercebida
Porque olhando <a> /o\ graça [↑amor] infinito dos meus filhos
A velhice me passou despercebida!

Que Deus os faça sempre bons e puros
Unidos no amor que eu soube [↑<lhes>] dar
A união e a paz serão suas guardidas
Porque após <minha> a vida ainda os ei de amar!

⁴⁹ Mady Crusoé fez o acréscimo do acento agudo na palavra “traz” no testemunho MFcv e suprime no MFd.

Na vida esse amor infinito que nos une
Me anima, me conforta na esperança.

Olhando nos olhos dos meus filhos o carinho
Sou feliz hoje, depois de tantos anos feitos
Agradecendo a Deus sua bondade infinda
E a magia desse amor perfeito!

MFcv E a magia suave [↑desse] amor perfeito!

O tempo me passou em brancas nuvens
Não fiquei velha, porque eles me deram vida
Pois olhando o amor infinito dos meus filhos
A velhice me passou ... despercebida!

MFcv nuvens!

MFcv A<vida> [↑velhice] MFd <vida>[↑velhice]

Que Deus os faça sempre bons e puros
Unidos no amor que eu soube dar
A união e a paz serão suas guaridas
Porque após minha vida, ainda os hei de amar!

A cada testemunho estudado, verificou-se o processo de escritura do poema. Os primeiros testemunhos, MFmd1 e MFmd2, chamam a atenção pela variedade de rasuras por substituição, acréscimo e supressão⁵⁰. Além das rasuras, há outras materialidades nos testemunhos, tais como anotações sobre a escrita de palavras e anotações sobre a organização do livro⁵¹. Flagram-se os caminhos percorridos pela escritora na construção do poema e da organização do livro. O testemunho MFcv possui poucas rasuras. Ele é tomado como definitivo, isto é, “última versão de uma elaboração textual” (GRESILLON, 1997). O manuscrito MFd apresenta apenas uma rasura material no quarto verso da quarta estrofe do poema. As modificações autorais foram mantidas no texto publicado (MFop).

3.3.6 Nazaré Primavera

A tradição do poema *Nazaré Primavera* é formada por quatro testemunhos a saber: Nazaré Primavera (1) (NP1), Nazaré Primavera (2) (NP2); Nazaré Primavera caderno verde (NPcv); e Nazaré Primavera obra publicada (NPop).

O testemunho NP1 está em folha avulsa, sem data. Trata-se de um texto manuscrito em papel pautado, com caneta esferográfica de tinta azul, esmaecida pelo tempo. O suporte

⁵⁰ Estas informações serão esclarecidas no confronto entre os testemunhos e na leitura dos movimentos de escritura realizados na seção IV deste estudo.

⁵¹ Far-se-á, na seção IV deste estudo, o confronto entre as diferentes versões do texto, ressaltando as modificações realizadas pela escritora.

apresenta-se com marcas de destruição por fungos, nas linhas 8, 9, 10, 11 e 12 (apresentando um furo, ocasionado pelos fungos, na extensão da palavra “terra”). Entre as linhas 15 e 16 também estão bastante manchadas por fungos. Há manchas pequenas e escuras em toda a extensão do papel. Trata-se de uma cópia limpa.

O testemunho NP2, também se encontra em folha avulsa, sem data. O testemunho não se encontra em bom estado de conservação. Trata-se de texto manuscrito em papel pautado, com caneta esferográfica azul, que se apresenta esmaecida, com manchas resultantes da ação de fungos. Há quatro marcas de dobras que estão partindo o papel em quatro partes. O testemunho apresenta uma rasura autógrafa à linha 18, (substituição por sobreposição) no terceiro verso da quinta estrofe do poema. Possui no verso dessa folha um rascunho de um poema intitulado “Não disse Adeus”⁵².

O testemunho NPcv está situado às folhas [25] e [27]. O texto apresenta-se escrito em caneta esferográfica azul. Trata-se de um cópia do manuscrito NP2, com um acréscimo de um subtítulo com a data em que fora recitado em público: “(Recitada em 21.09). Apresenta uma rasura no terceiro verso da quinta estrofe, assim como no manuscrito NP2, (substituição por sobreposição). No primeiro verso da sétima estrofe uma rasura na entrelinha (um acréscimo). À folha 27, o texto encerra-se na décima primeira linha, sendo a décima segunda preenchida por três X. Nesta mesma folha está o manuscrito intitulado *Versos soltos*, composto por quatro versos (uma quadra).

O testemunho NPop é o quadragésimo poema do livro, localizado à página 50. As modificações autógrafas realizadas no manuscrito NPcv, inclusive referentes aos sinais de pontuação e ao subtítulo com a data em que fora recitado foram mantidos.

Segue o texto crítico e o seu respectivo aparato:

NAZARÉ PRIMAVERIL

(Recitada em 21.09)

Ergue-te minha terra esplendorosa e amiga
Deixa no ocaso como tudo que é passado
O inverno. E chega-te para a vida!

NP1 ocaso

Deixa que te sobre com beijo ardente
A primavera que surge, risonha e vaporosa
Cheia de graça, de música esplendente!

NP1 primavera NP1 surge. Risonha
NP1, NP2 musica (s.a.)

⁵² Esse poema foi publicado no livro.

Vem para o achego da vida minha boa terra!	NP1 achêgo NP1 bôa
O inverno passou, dentro em cada peito compassa	NP1, NP2 passou. Dentro
O coração, e a alma lesta doce alegria encerra!	NP1, NP2 coração. E a alma lésta
Chega-te perto Nazaré, espia o fruto do amor	NP1 NP2 Nazaré. Espia NP1 amôr
Em cada rostinho infantil, em cada sorriso	NP1 em que o sorriso
Esquece o sofrimento e esquece a dor	NP1 dór!...
Olha quanto rostinho infantil, flor em botão, Vê quanto olhar de virgem cheio de vaidade	NP1, NP2 flôr
Pela beleza do teu rio, cortando a beleza da cidade!	NP1 belêsa NP2, NPcv <céo> /rio\ NP1 cortando a beleza
Vem Nazaré, reza a primavera da vida	NP1 réza NP1 primavéra NP1, NP2 vida!
Rasga o teu seio e planta a semente do progresso	
Esquece os invernos do passado minha terra doce e amiga!	NP2 E esquece NP1 passado, NPop ⁵³
Levanta o verdor de tuas matas e toca o céu	NP1 tóca NP2 céu
Beija sempre o infinito das quimeras	NP1 quiméras
E que teus filhos sejam frutos da ciência	NP1, NP2 ciencia (s.a.)
Numa encantada e festiva primavera!	NP1 festiva – Primavéra!... NP2 – “Primavera!”–

As folhas avulsas, apesar de apresentarem textos passados a limpo, registram pequenas, porém significativas, modificações feitas pela escritora. Para o poema *Nazaré Primavera*, por exemplo, há no arquivo dois testemunhos, escritos em folhas de papel pautado, atualmente armazenadas em uma pasta com folhas plásticas (Pasta n. 02)⁵⁴. O manuscrito NP1 apresenta rasuras imateriais no tocante à pontuação de alguns versos e mudanças de conectivos, que somente podem ser constatadas no confronto entre os testemunhos. Observa-se uma rasura material no testemunho NP2, nota-se uma rasura de substituição por sobreposição da palavra “céu”: [céu] / rio\ , no terceiro verso da quinta estrofe do poema. Esta mesma rasura aparece no NPcv. No NPop a palavra rio aparece como a eleita para o poema. A maioria das modificações autorais verificadas são referentes às atualizações de grafia e as modificações na pontuação e são mais recorrentes no NPcv.

⁵³ O verso “terra doce e amiga” está disposto dessa forma no NPop.

⁵⁴ A pasta de folhas plásticas foi organizada pela pesquisadora, visto que as folhas estavam sem classificação e como não se encontram em bom estado de conservação, foram armazenadas em folhas plásticas, envoltas em papel A4, na pasta catálogo n. 02.

3.3.7 Pedacinhos [11]

Os textos intitulados *Pedacinhos*, formam um conjunto de pequenas narrativas. Estas não possuem título individual, cada página contém dois ou três pedacinhos e estes são identificados por um único título, centralizado no alto da página. São, ao todo, doze textos. Para identificar os Pedacinhos trabalhados nessa edição, optou-se por numerar cada texto, além de identificá-lo pela página em que estão localizados. Os textos, que estão localizados à página 76 do livro, foram os escolhidos para a edição, visto que apresentam testemunhos com modificações autorais. Pedacinhos são narrativas curtas, que retratam acontecimentos cotidianos vividos pela escritora ou contados por algum familiar. A tradição do texto Pedacinho [11] é formada por quatro testemunhos a saber: Pedacinho 11 Meu Diário (P11md), Pedacinho 11 Caderno Verde (P11cv), Pedacinho 11 Datiloscrito (P11d), Pedacinho 11 Obra Publicada (P11op).

O P11md está localizado à folha [10] do Caderno Meu Diário escrito com caneta esferográfica na cor azul; há um traço cortando-o, ao meio, na vertical. O testemunho apresenta-se com várias rasuras e com a expressão “já”, entrecortando as duas primeiras linhas do texto, indicando que fora revisado ou passado a limpo para outro suporte.

O P11cv está localizado no verso da folha [68]. Trata-se de uma cópia do P11md. Apresenta marcas feitas com borracha que apagaram palavras ou expressões que ficaram ilegíveis. O texto foi escrito com caneta esferográfica azul.

O P11d está localizado à folha [28]. À penúltima linha do texto há o acréscimo de aspas na palavra “tilogra”. Esse acréscimo foi feito com caneta do tipo esferográfica na cor azul.

O P11op está localizado à página 76 do livro. Ele divide a página com mais duas narrativas. Todos os três textos sob um único título: *Pedacinhos*.

Segue o texto crítico do Pedacinho [11]:

PEDACINHOS

P11md, P11cv pedacinhos...⁵⁵

– Como vai você, Adélia, de estudos? Vai fazer sempre o

P11md <certa vez, conversando>⁵⁶
Como <vai> [↑está] você menina, [↑de

⁵⁵ Se a pesquisadora tivesse de enumerar os “Pedacinhos”, este seria o de número 11.

⁵⁶ As vírgulas destacando o vocativo Adélia, bem como o ponto de interrogação após a palavra “estudos” e a letra maiúscula da palavra “Vai”, no texto crítico, foram interferências da pesquisadora; a letra maiúscula na palavra “Gostou”, também.

concurso?

– Vou. Não tenho medo de nada, em português estou ótima, mas em “tilogra” – sou fracasso!

Gostou?

estudos], **P11cv**, **P11d**, **P11op** estudos,

P11md Vou. Não tenho medo

P11md, **P11cv** tilogra

P11md sou fracasso!

P11md Pode? **P11cv**, **P11d** gostou?

P11md <Isso me comoveu...>

Quatro testemunhos permitem a leitura do texto *Pedacinhos*. Neles observam-se as modificações introduzidas por cópias ou por campanha de revisão, que sugerem a intervenção da autora. O primeiro testemunho, P11md, traz rasuras que caracterizam uma escrita de primeiro jato, devido às supressões que apresenta e aos acréscimos nas entrelinhas. O segundo testemunho, P11cv, é uma cópia do P11md e apresenta modificações na pontuação e na grafia das palavras que são mantidas no P11d e no P11op.

3.3.8 *Pedacinhos* [12]

O texto *Pedacinhos*, que seria o número 12^{o57}, é o segundo texto da página 76, do livro. A tradição desse texto é formada por cinco testemunhos, quais sejam: *Pedacinhos 12 Meu Diário 1* (P12md1), *Pedacinhos 12 Meu Diário 2* (P12mdb), *Pedacinho 12 Caderno Verde* (P12cv), *Pedacinho 12 Datiloscrito* (P12d), *Pedacinho 12 Obra Publicada* (P12op).

O P12md1 está situado à folha 9 do suporte do caderno meu diário. O papel amarelado e com manchas, não possui margem e cada folha compõe-se de 20 linhas cada. O texto foi escrito em caneta esferográfica azul e apresenta uma linha em branco entre L.1 e L.2 e entre L. 16 e L.17. Apresenta-se com muitas rasuras e vacilações.

O testemunho P12md2 encontra-se no verso de P12md1. É composto por quinze linhas. Escrito em caneta esferográfica azul, apresenta uma linha em branco entre L.1 e L.2 e entre L.14 e L.15. Apresenta um risco vertical sobre as linhas 2 a 15. Apresenta um X à esquerda do título na L.1. À direita do título há reticências e o numeral 1. Foi escrita a palavra “já” entre as linhas 1 e 2, próximo à margem direita. O texto possui poucas rasuras.

O P12cv é um texto com 14 linhas, escrito em caneta esferográfica azul. Apresenta riscos circulares no ângulo superior direito. Transcende a margem esquerda nas linhas 3, 4, 11

⁵⁷ O texto será numerado pelo editor para fins de estudo.

e 12. Apresenta manchas de tinta provenientes da escrita do verso nas linhas 17, 18, 21, 22. Trata-se de um texto sem rasuras, passado a limpo.

O P12d é composto por 10 linhas, está situado à folha [88]. Não apresenta rasuras.

O P12op é o segundo dos três textos do item *Pedacinhos* da página 76 do livro, composto por oito linhas (de L.06 a L.13). Os textos desta página estão separados por divisores na forma de três círculos preenchidos em preto.

Segue texto crítico de *Pedacinhos* [12] e respectivo aparato:

PEDACINHOS

Sentados, estávamos sorrindo pelos últimos acontecimentos familiares, quando meu bisnetinho que é botão em flor do jardim da escolinha Novo Horizonte, colocou-se em posição de Budha: joelhos dobrados, mãos postas, olhos fechados, lábios trêmulos e disse:

- Estou rezando!
- Rezando para quem menino?
- Rezando para papai do céu dá paciência a minha pró!
Pode?

P12mda, P12mdb, P12cv pedacinhos... P12d

P12md1 <Meus filhos> <Brilhos de es> [↑sentados] estávamos <conversando muito> <contando> [↑conversando] casos alegres>, <[↑da vid]> <[→quando]> últimos acontecimentos <da>

P12md1 <Terra> quando o <que é> **P12mdb** <quatro de quatro anos> flor [↑do jardim] **P12md1, P12md2, P12cv, P12d, P120p** bisnetinho (s.v.)

P12md1[↑joelhos dobrados]

P12md1, P12md2 (s.t.) estou rezando!

P12md1, P12md2 (s.t.) para quem (s.v.)⁵⁸

P12md1, P12md2 (s.t.) **P12md1** pró!...

Observando-se os testemunhos deste texto, verificam-se as modificações autorais realizadas. Muitas foram as rasuras materiais presentes no testemunho P12md1, elas revelam o processo de produção do texto e apresentam indícios de um escrita de primeiro jato. O testemunho P12md2 é uma cópia do P12md1, possui poucas rasuras materiais, mas há modificações na pontuação e um registro de supressão, introduzindo novos sentidos ao texto. As modificações feitas em P12md2 permanecem no testemunho P12d. Algumas modificações foram feitas, no tocante à pontuação no P12op.

3.3.9 Anísio Melhor

A crônica, *Anísio Melhor*, está localizada à página 79 do livro, na seção denominada Crônicas e Discursos. A tradição deste texto é formada por 4 testemunhos, quais sejam: Anísio Melhor Meu Diário (AMmd), Anísio Melhor Caderno Verde (AMcv), Anísio Melhor Datiloscrito (AMd), Anísio Melhor Obra Publicada (AMop).

⁵⁸ Vírgula acrescentada pelo editor no texto crítico, após “quem” na linha 7, destacando o vocativo “menino”.

O testemunho AMmd está localizado às folhas [15], anverso e verso, e [16], sob o título *pedacinhos...*, escrito com caneta do tipo esferográfica, de tinta azul. O texto apresenta rasuras de supressão e acréscimos na entrelinha superior. Verifica-se, ao final do texto, a transcrição do acróstico que recebeu do poeta Anísio Melhor.

O AMcv está localizado à folha [72] (anverso), ocupando, também, a folha [73] (anverso e verso). Há na margem superior, à esquerda, escrito com caneta esferográfica vermelha o numeral ordinal 2º, circulado, indicando a ordem que a escritora gostaria que o texto fosse publicado no livro. O título *pedacinhos...* foi suprimido e acrescentado na entrelinha superior o novo título: *Anísio Melhor*. Há, à margem superior, no ângulo direito uma anotação cancelada com um “X”: “O acróstico está na coletânea 3”. À última folha do poema, a escritora transcreveu o acróstico com seu nome, que lhe fora apresentado pelo poeta Anísio Melhor. Ao final do acróstico, há a seguinte anotação: “(Ver se pode ser impresso)”, com uma seta apontada para o acróstico.

O testemunho AMd localiza-se à folha [71] e estende-se à folha [72], onde está localizado o acróstico. Trata-se de uma cópia limpa do texto, com apenas três correções autorais, realizadas com caneta do tipo esferográfica de cor azul, na L.1 e na L.21 e L.22.

O testemunho AMop, localizado à página 79 do livro publicado, apresenta a seguinte observação abaixo do título: “ (Ilustração da Contra capa)”. O título do testemunho do Caderno Verde permanece no datiloscrito e no impresso.

Segue o texto crítico com o aparato:

ANÍSIO MELHOR

(Ilustração da Contra capa)

Antes de completar 7 anos, eu ia a escola da professora Adjovita Marques, (que me alfabetizou) no bairro da Conceição.

Nessa passagem até lá, tudo era mato, não havia cais e na maré cheia, as águas do Jaguaripe subiam até onde hoje é o novo mercado. Lembro-me bem do único sobrado que chamavam da Maçonaria, nele morava o grande poeta nazareno Anísio Melhor.

Imaginem... eu e o poeta nos encontrávamos todos os dias às 8 horas; eu ia à escola e ele ao trabalho na

AMmd pedacinhos... AMcv <pedacinhos...>[↑↑Anísio Melhor]

AMmd, AMcv, AMd,⁵⁹

AMd d<e>/a\

AMmd Marques, [↑que me alfabetizou]

AMmd Mato, <algumas casas esparsas> cais<para>

AMmd [↑e na <maré cheia>] e as águas

AMmd<grande> Ma<ss>/ç\onaria

[↑único]

AMmd,

AMcv

AMmd horas: <ao> [→ao]

⁵⁹ Nos testemunhos AMmd, AMcv e AMd não há essa anotação, esta fora localizada apenas no testemunho AMop, e corresponde ao acróstico feito por Anísio Melhor para a escritora, que foi utilizado para ilustrar a contra capa do livro. A inscrição está em itálico no livro, não se trata de interferência do editor.

Tipografia Aurora, onde imprimia-se o jornal “O Conservador”.

Íamos conversando e um dia eu perguntei: – Seu Anísio por que você só se veste de preto e traz no peito essas flores roxas? (violetas)

Ele sorriu e disse:

– Porque estou de luto de minha noiva!

– Não fique triste, eu agora vou ser sua noiva!

Daí a alguns meses, dia do meu aniversário, ele me mandou-me um saco de filó, amarrado com fita azul, com seis bonecos de celuloide E, manuscrito, o meu acróstico que ainda guardo religiosamente. Ele me chamava Madil.

AMmd <Ele gostava de conversar comigo e eu>
perguntei: - <lhe>: AMcv <s>/S\eu
AMmd <usa>/se\

AMmd <ele> dia

AMmd bonecas celulóide AMcv filó, [↑amarrado com
fita azul] AMd se<u>/i\s AMmd que [↑copiar o
acróstico] <aqui>
AMd chama [va] AMmd MADIL ⁶⁰

O texto Anísio Melhor, inicialmente, fazia parte do conjunto de Pedacinhos, visto que, o testemunho AMmd apresenta como título “pedacinhos...” e o testemunho AMcv, também o mesmo título, mas este foi rasurado e seguido pela substituição na entrelinha: “Anísio Melhor”. Há rasuras de supressão, substituição, bem como de acréscimo suprimido, no AMmd. Notam-se modificações no AMcv, a exemplo do título, com a supressão seguida de acréscimo na margem superior. O acróstico que recebeu de presente do poeta Anísio Melhor permanece no testemunho, ao final da crônica, bem como no AMd. A mudança se deu apenas no AMop, que não apresenta o acróstico.

3.3.10 Eles

Eles é o décimo texto da seção Crônicas e Discursos, localizado à página 92 da obra publicada. Essa crônica foi publicada no Jornal *O Conservador* em 193[3]⁶¹. Na ocasião, as crônicas intituladas *Eles* eram frequentes no referido jornal, sempre publicadas aos domingos. Tratavam-se de textos que descreviam uma personalidade da época, um jovem da sociedade

⁶⁰ Nos testemunhos AMmd, AMcv, AMd, a escritora transcreveu o acróstico, que lhe fora presenteado pelo poeta Anísio Melhor ao final do texto. Segue a transcrição do acróstico seguindo o testemunho AMmd:

À nda Madil, sorri, descanta
M ostra a boquinha bem vivaz
A idade sobe, é quem suplanta
D as ilusões tudo o que apraz...
I nfla sorrindo as azas,
L onge do mal que a vida traz.
Anísio

⁶¹ A reconstituição da data foi feita mediante o próprio título do texto “Granadas de 1933”.

nazarena, sem a identificação do nome do homenageado. A tradição desse texto é formada por cinco testemunhos, a saber: Eles Coletânea 3 (Ec3), Eles Meu Diário (Emd), Eles Caderno Verde (Ecv), Eles Datiloscrito (Ed), Eles Obra Publicada (Eop).

O testemunho Ec3 foi considerado o mais antigo, trata-se de publicação no Jornal O Conservador, provavelmente da década de 193[3,], que integra a Coletânea de número 3, que pertenceu ao esposo da escritora. É um recorte de jornal, sem indicação de data, colado à folha 57 da referente coletânea. O testemunho apresenta correções autógrafas feitas com caneta esferográfica de tinta azul.

O testemunho Emd está situado às folhas [16], no verso, e [17], anverso. Este testemunho traz um rascunho da introdução do texto que publicaria no livro. Nessa introdução, a escritora explica sobre a coluna Eles, que ela escrevia para o jornal O Conservador.

O testemunho Ecv está localizado às folhas [117] a [120]. Escrito apenas no anverso das folhas, com caneta esferográfica de cor azul, trata-se de uma cópia limpa, sem rasuras materiais.

O testemunho Ed, está localizado às folhas [100] e [101], uma cópia limpa, sem rasuras materiais.

O testemunho Eop, localizado à página 92, mantém a introdução com a explicação sobre o contexto histórico e cultural em que fora publicada em jornal.

Dispõe-se, a seguir, do texto crítico e do aparato para mostrar as modificações textuais/autorais trazidas pelos diferentes testemunhos:

ELES

Todos os domingos “O Conservador” publicava esses rascunhos que eu escrevia para os rapazes e o poeta Israel Embiruçu respondia para as moças, de modo que, aos domingos pela manhã, a distração era ler o jornal e descobrir quem eram os privilegiados do dia. Foram escritos muitos “Eles” e muitas “Elas” para alegria da moçada que, naquela época, *endeusava* a beleza da poesia e valorizava a cultura e a inteligência de sua terra.

Eles:

Ec3 Israel [↑Embiruçu]

Emd p^a os rapazes

Emd Israel [↑Embiruçu] p^a as moças

Ecv, Ed que (s.v.) **Emd, Ecv, Ed** endeuzava⁶² **Emd**> Que <era> naquela época, <era> <pura, tinha procurava [↑endeuzava] a <cultura> a beleza da <cultura> [↑poesia] <e a pureza da>

⁶² A grafia de endeusava foi corrigida pelo editor no texto crítico, por isso está destacado em itálico.

– Olhos claros, castanhos os cabelos, alto e magro, alma generosa e de ouro o coração.

Simples, conquanto seja um dos mais nobres de minha terra.

Modesto, conquanto seja um dos mais inteligentes e cultos em Nazaré.

Dedicando-se altamente à literatura, a sua biblioteca é um ninho de belíssimas e escolhidas obras.

Muito grande para o seu minúsculo nome, a parecer-se antes com o rio caudaloso e extenso que vai pelas bandas do Egito, trazendo na história o destino do profeta que no Sinai, recebeu em táboas os mandamentos divinos do Senhor.

Trabalhador assíduo e valoroso, honra a nossa terra com a colaboração de sua generosidade e simpatia.

Seu coração três vezes abelhudado pelas vizinhas curiosas, acha-se hoje feliz e sorridente, a espernear, de alegria nas morenas e veludas mãos de uma “rainha”, cujos olhos grandes e lindos, lhe proporcionam num segundo, a suprema felicidade que o seu cérebro inteligente e culto procurava de balde numa dezena de anos.

E ele agora arquivou no esquecimento aqueles romances velhos e tracentos que ele tinha, para viver aos pés de sua jovem rainha e com ela levantar na estante de sua dedicação o romance mais sentimental e mais doce do seu sonho de rapaz.

Depois será feliz, muito feliz e ver-se-á cercado de príncipezinhos que mimosearão docemente o divino aconchego do seu futuro lar.

Emd co<m>/n\quanto

Emd co<m>/n\quanto **Ec3** dentro em Nazaré

Ec3 bellissima (s.a.)

Ec3 minusculo (s.a.)

Ec3 vae historia (s.a.)

Ec3 taboas

Ec3 assiduo (s.a.)

Ec3 traz vezes abillindado visinhas espernear *rainha*⁶³ cérebro

Ec3 de balde,

Ec3 joven **Ec3**, **Ed** alevantar

Ec3 mais soberbo

Ec3, **Ecv** principesinhos mimoseará

AMY⁶⁴

Entre os testemunhos, é significativa a construção da introdução, em Emd, para trazer explicação sobre o momento em que o texto foi escrito, bem como adaptá-lo para uma nova publicação em um livro, seis décadas depois de ter sido publicado pela primeira vez em um periódico. A primeira versão Ec3, impressa não apresenta anotações autógrafas. A primeira escrita da introdução, Emd, mostra-se apressada, com a presença de abreviaturas e muitas supressões e substituições. No testemunho Ecv, têm-se uma cópia limpa, considerada como texto definitivo para o preparo da publicação. A introdução feita para a crônica permaneceu nos testemunhos Ed e Eop.

⁶³ A palavra *rainha* está escrita em itálico e sem aspas na publicação feita na década de 193[3] no jornal O Conservador (recorte localizado na Coletânea n. 3).

⁶⁴ Pseudônimo utilizado pela escritora para assinar as suas crônicas no jornal *O Conservador*.

3.3.11 Granadas de 1933

O texto intitulado Granadas de 1933 faz parte da seção Crônicas e Discursos do livro *Pedaços de Vida*, situado às páginas 93 e 94. Trata-se de uma crônica que a escritora fez em homenagem à amiga Maria Odete Crusoé. Àquela época era comum a publicação em jornais de Perfis, textos que homenageavam alguém, pela formatura. Na obra publicada, a escritora fez uma introdução para explicar aos leitores sobre o perfil.

A tradição deste texto é formada por cinco testemunhos, sendo que um deles apenas traz o rascunho da parte que se tornou a introdução do texto no livro. Os testemunhos são:

Granadas de 1933 impresso (Gi); Granadas de 1933 Meu Diário (Gmd); Granadas de 1933 caderno verde (Gcv); Granadas de 1933 Datiloscrito (Gd); Granadas de 1993 Obra Publicada (Gop).

O testemunho Gi foi considerado o mais antigo, pois se trata de um recorte de jornal, sem indicação de fonte, nem de data, nem de página. O texto foi publicado no Jornal O Imparcial, segundo informações contidas na introdução feita pela escritora. Esse perfil foi publicado, acredita-se, na década 193[0], provavelmente, período em que a escritora colaborava com jornais baianos. O testemunho está localizado em uma pasta catálogo azul, no APMC.

O testemunho Gmd situa-se às folhas [22v] e [23]. Esse texto consta apenas da introdução da crônica, escrito à época em que organizava o livro⁶⁵, trata-se de um rascunho. Ocupa as linhas 12º a 20º da folha [22b] e as linhas de 1 a 4 da folha [23].

O testemunho Gcv, é um texto passado a limpo, apresentando um acréscimo. Está situado às folhas [155] a [158].

O testemunho Gd localiza-se às folhas [122] e [123]. Apresenta poucas rasuras autógrafas feitas de caneta esferográfica de cor azul, em mais uma campanha de revisão.

Segue o texto crítico acompanhado do aparato:

⁶⁵ Essa introdução foi feita para a publicação desta crônica no livro para dar a conhecer ao público leitor do livro, diverso do jornal, outro gênero textual. Foi a forma que a autora encontrou de situar essa publicação no formato livro, mas esclarecendo a sua origem.

GRANADAS DE 1933

Gop Granadas de 1993⁶⁶
Gi Maria Odette Crusoé
Gev (Jornal<(>O Imparcial)

(Jornal O Imparcial)

Naquela época, quando a mocidade valorizava a literatura, a poesia e o romance eram a maior expressão do sentimento, quase todos os colégios publicavam “PERFIS” dos seus neo-formandos, sendo muito apreciado pelos leitores. Escrevi muitos, que foram publicados no (O IMPARCIAL) de Salvador, transcrevo apenas um:

Maria Odete Crusoé
 Preferindo da vida jóias raras
 Diamante, safira ou turmalina
 Encontrarás uma pérola mais cara
 Nesse coração sublime de menina!

Sim! Coração sublime e nobre de menina-moça! coração que ama, que perdoa e que esquece os males que a vida rudemente sabe ofertar às almas santas!

E dizer agora a beleza espiritual do seu sorriso melancólico de Madona, me é impossível, pois falta-me à pena a fidelidade que caracteriza os espíritos iluminados.

Não obstante a minha pequenez, não resisto à tentação de trazer à baila o quanto de graça, sedução e encanto, foram feitos esses lindos olhos verdes que ela tem.

Será que ama a Odetinha? Não... nunca amou, iludiu-se apenas. Ela é a eterna sonhadora de um romance lindo... ela sonha com um deus moreno de olhos verdes, para unir num beijo puro e santo a sua felicidade, nunca amou, teve na vida uma ilusão passageira, como um sonho doce que não viveu.

“Deliciosa”... alguém a chama; e eu aqui proclamo-a deliciosíssima!... Da vida escolar que trilhamos juntas, que poderei dizer? tudo e nada; tudo porque ela sendo perfeita é inteligente. Nada porque é tímida e calma, colocando suas obrigações acima das distrações momentâneas.

Quando alguma maldade a faz sofrer, ela vem, meiga e triste, com os olhos numa lágrima de tortura, jogar na profundidade da minha admiração, os seus segredos ingênuos como sua bela alma!

E agora que a Odetinha deixa o convívio despreocupado da escola, deixa também no coração dos seus colegas, uma saudade

Gev <e>a **Gev** poesia; <e> [↑e] o

Gev joias rara **Gi** joias caras

Gi de brilhante,

Gi encontrarás uma pessoa mais rara,

Gev [↑e nobre] **Gi** Coração
Gi tão **Gi** Bondade, carinho, singeleza e perfeição, é tudo
Gi Que essa menina loira, traz dentro de uma alma pura e de uns olhos verdes, lindos como o oceano imenso! [q-circunda a nossa vida]⁶⁷ rudemente

Gi, **Gev** madona **Gev** impossível
Gi prodigiosamente iluminados, que de um só golpe, nos dão a idéia perfeita da imagens por eles vivida.

Gev a tentação⁶⁸ **Gi** a minha inferioridade
Gi a (s.a.) tentação **Gi** a (s.a.)baila
Gi encanto (s.v.)
Gi olhos que ela tem<.> /, [e] não nega a muita gente sequiosa, um olhar piedoso e comovente de felicidade!
Gi lindo... muito lindo!...
Gi a sua divindade augusta e eterea (s.a)!
Gi Nunca amou...
Gi doce **Gi** viveu...

Gev **Gi** alguém (s.a.) **Gev** **Gi** deliciosíssima (s.a.)
Gi que docemente trilho com Odette, **Gi** Tudo e nada.
Gev <T>/\tudo **Gi** porque ela é sempre
Gi tímida e calma observando as cousas para depois rir ou chorar silenciosamente!
Gi ingenuos (s.a.)

Gi Odetinha deixa para sempre
Gi Escola, vai deixar também no coração de todas as colegas que a apreciam,

⁶⁶ O ano de 1993, que compõe o título do texto publicado no livro, foi registrado com provável equívoco, observando-se os rascunhos e demais testemunhos da crônica, verifica-se que nos demais registros consta *Granadas de 1933*, por isso, no trabalho de edição optou-se por esse título para registrar no texto crítico.

⁶⁷ O período “q- circunda a nossa vida” é um acréscimo feito pela escritora no recorte do jornal, a lápis, possivelmente à época em que organizava o livro para publicação.

⁶⁸ Crase acrescentada pelo editor.

imensa e no coração do velho templo a mais terna e fiel recordação.

E na minh'alma Odetinha, terás a mais grata e sincera das lembranças e uma afeição mais leal e inquebrantável.

Segue a vida nova que te surge resplendente e grandiosa e terás um destino coroado de felicidade.

Gi imensa e grande Gi e vai deixar também no

Gi Odetinha, tu terás Gcv Sincera
Gi Gcv inquebrantavel (s.a.)

Gi Surge, Gi grandiosa,

Gi MADY

Estudados os manuscritos da crônica *Granadas de 1933*, examinaram-se, palavra a palavra, todos os testemunhos, comparando-os. As muitas rasuras materiais, feitas pela escritora, foram registradas em aparato. Comparando-se os testemunhos Gi e Gcv, observam-se muitas rasuras imateriais, pois ao reescrever o texto para publicá-lo em livro, a escritora suprimiu muitas palavras e frases. Uma provável tentativa de deixar o texto mais direto, mais resumido. Muitas modificações se deram na pontuação e na correção da acentuação das palavras, bem como na revisão ortográfica segundo a norma vigente à época [1993]. As modificações sofridas pelo texto lhe trouxeram novos sentidos. O manuscrito passado a limpo, Gcv, foi tomado como última versão do texto, esse fora datilografado (Gd) para, enfim, ser destinado à publicação (Gop).

A cada leitura feita pela autora, observa-se a sua preocupação em ler criticamente o seu texto, revisá-lo, reescrevê-lo ao seu modo, corrigi-lo para, enfim confiá-lo a outros leitores. Um mecanismo utilizado por Mady Crusoé nas suas campanhas de correção para a execução do projeto do livro, diz respeito ao que Grèsillon (2007, p. 287) denomina de “meta-escritural” (2007, p. 287), que corresponde uma anotação, um lembrete ou um comentário que o escritor faz para seu próprio uso e sobre a sua escritura. Muitos mecanismos “meta-escriturais” foram localizados nos seus manuscritos passados a limpo e naqueles que se apresentam rasurados, quais sejam: “rever”, “pesquisar no dicionário”, “ver como escreve...”, “não esquecer de...”, “X”, “já”, “ver livrinho cenoura”, “Pedir a...”, “consertar”, “colocar longe de...”, “ver caderno azul”, “vire”, “no papel”, “certo, vi no dicionário”, “procurar quadras no livrinho cenoura”, “colocar título”, entre outras anotações que demonstram os movimentos de escritura e de revisão de seus textos para publicação.

Estudar os manuscritos madyanos fez ver como a escritora trabalhou na construção do seu livro *Pedaços de Vida*. As marcas que deixou em seus textos, sejam em seus rascunhos, ou nas suas campanhas de revisão, justificam o estudo crítico-genético de *Pedaços de Vida*. Nessa perspectiva crítico-genética, interessa o processo de criação e a obra, isto é, o produto (o livro produzido pela escritora) e o processo (seu itinerário de escritura).

Conforme Grésillon (2007, p. 196) [...] “todo manuscrito é uma terra prometida para os apaixonados pela língua em ato”. Assim, a proposta de leitura dos manuscritos madyanos promovem uma nova maneira de ler a obra, observam-se as construções, revisões e retomadas do texto realizadas pela escritora. Por meio do trabalho filológico, conhecem-se as escolhas feitas pela escritora. Há, dessa forma, uma pluralidade de sentidos e de possibilidades que se delineiam a cada movimento de gênese (campanhas de revisão, reescritura).

No trabalho de interpretação dos dossiês genéticos, o pesquisador encontra partes de um processo que se materializaram no suporte em que a obra foi construída (cf. CASTRO, 1995). Realizou-se um trabalho de interpretação, que se compreende subjetivo. Trabalha-se com as pistas deixadas pela autora, oferecendo novas possibilidades de leitura a partir das marcas flagradas nos seus textos, sobretudo para oferecer a leitura da história desses textos, no que diz respeito à produção, transmissão e recepção.

A Crítica textual em diálogo com a crítica genética possibilita fazer um levantamento das modificações textuais/autorais e, com um estudo minucioso, pôde-se conhecer o processo de escritura dos textos recortados para esta análise. Também foi importante conhecer as campanhas de revisão realizadas pela escritora, no tocante à pontuação, acentuação e grafia das palavras. Seus textos são significativamente marcados por esses movimentos.

Além de destacar o trabalho autoral, uma abordagem crítico-genética, também, revela o labor do editor crítico, que proporciona, ao final do seu trabalho, transmitir textos confiáveis para estudos futuros e para a divulgação de um escritor, de sua produção literária.

A seção a seguir, intitulada Estudo crítico filológico de manuscritos de *Pedaços de Vida*, apresenta leituras de manuscritos localizados no APMC, que contam a história do livro de Mady Crusoé, isto é, tenta-se reconstruir o projeto do livro. Além da busca no arquivo pelos textos que compõem o livro, caracterizam-se os cadernos, folhas avulsas, datiloscritos, impressos, numa ordem progressiva, para entender como se deu a feitura do livro.

Analisa-se os elementos pré-textuais (capa, sumário, biografia, oferecimento, apresentação, etc), bem como a organização das seções e dos textos, mostrando como cada elemento desses vai sendo burilado até a impressão. Por fim, apresenta-se como ficou o produto final, o livro. Após essa “reconstituição” da história do livro, tecem-se considerações sobre o processo criativo de Mady Crusoé a partir da materialidade dos seus manuscritos, identificando os tipos e topografias das rasuras dos manuscritos destacados para o estudo. Com base nesses elementos que serão estudados pretende-se reconhecer a autoria do livro, não somente pela assinatura que os documentos evidenciam, mas pelos movimentos genéticos que particularizam a produção madyana. Desse modo, os documentos estudados, que atestam

e permitem a leitura do devir da construção de *Pedaços de Vida*, promovem não só o reconhecimento da autoria da escritora Mady Crusóé, mas da sua atuação na imprensa baiana e das demais atividades que desempenhou em sua época, que a fez uma mulher à frente do seu tempo.

4 ESTUDO CRÍTICO FILOLÓGICO DE *PEDAÇOS DE VIDA*

Para estudo crítico filológico de *Pedaços de Vida*, apresentam-se o projeto do livro e uma leitura crítica de alguns de seus manuscritos, a partir das modificações autorais.

Estudar o manuscrito é uma tentativa de testemunhar a atividade intelectual, significa quebrar o silêncio que acometeu o escritor. É bem verdade que o crítico não consegue trazer à luz as obras em toda a sua integralidade, pois seu trabalho é fruto de uma interpretação em detrimento de muitas outras escolhas que poderiam ser feitas ao analisar uma rasura, uma anotação marginal, a correspondência, entre outros documentos. Os documentos de gênese, de acordo com Tavani (1997, p.88) atestam o atormentado devir do texto. Para ele,

[...] a obra literária não é um dado, mas sim um processo, não é uma entidade estável, fixada de uma vez, mas uma variável, ou melhor um conjunto dinâmico de variáveis em contínuo movimento, em perpétua transformação (TAVANI, 1997, p. 90)

Desse modo, o manuscrito torna-se objeto de desejo do pesquisador, que procura no próprio movimento de escritura, os mecanismos de produção, objetivando elucidar os caminhos seguidos pelo escritor e o processo que presidiu ao nascimento da obra.

Coloca-se, nesse estudo, no lugar do filólogo, que se ocupa, sobretudo, de manuscritos autógrafos, considerando essa categoria de manuscrito em

[...] sua materialidade pura, como nada mais do que a parte visível do campo onde se desenrola a batalha, ou do tabuleiro onde se faz o jogo, contra as palavras, a gramática, as regras, os gostos, os hábitos, as expectativas – que o escritor travou enquanto construía seu texto: tudo o que aqui encontramos foi ou sujeito ou objecto, arma ou qualquer tipo de aparelho ou de técnica utilizados na batalha ou no jogo que ali se travou – e tudo isso se torna importante para julgar seja o vencedor, se há (quando o texto foi acabado), seja o vencido (se o texto não chegou a ser acabado). (DUARTE, 2007, p. 27)

O manuscrito é a parte visível do jogo entre texto e escritor, o seu estudo dá a conhecer os bastidores da criação de um determinado sujeito-escritor. É no estudo dos manuscritos que o trabalho do escritor aparece, pois, nesse espaço, ele é autor, leitor e crítico do que promove-se a leitura e a interpretação da produção literária madiana, buscando iluminar e esclarecer o texto publicado.

Nessa perspectiva, fala-se sobre o surgimento da ideia de escrever o livro *Pedaços de Vida* (1993), da realização de todo o trabalho de seleção dos textos dispersos, feito pela

escritora – a pesquisa em seus cadernos, os gestos de passar a limpo e revisar os textos, bem como a definição da estrutura do livro e o trabalho de preparar os originais para a publicação. Apresenta-se, também, a leitura da produção escrita dos textos que ela preparou, especialmente, para compor o livro, à época em que organizava a sua publicação. Tece-se considerações, também, a cerca da organização do seu lançamento e divulgação na imprensa baiana.

Cada dossiê de manuscritos conta uma história singular. Conforme (LOPEZ, 1990), todo autor planeja, esboça, rascunha, emenda, escolhe, reformula, em maior ou menor grau, visando sempre ao aprimoramento da construção literária. Alguns escritores guardam rascunhos, notas e versões, alguns pedem às editoras a devolução dos originais dos livros publicados, tudo isso como forma de proteger a história de seus textos, que é a sua própria história (LOPEZ, 1990). Esses documentos constituem o dossiê genético da obra de um escritor. Tomou-se para este estudo o conceito de dossiê genético apresentado Grèsillon (2007, p. 150): “um conjunto constituído pelos documentos escritos que podem ser atribuídos *a posteriori* a um projeto de escritura determinado, cujo fato de resultar ou não num texto publicado importa pouco”. Vale ressaltar que os manuscritos de um autor revelam o que o texto definitivo não consegue mostrar,

[é] a escrita mais íntima, a dos cadernos e cadernetas, que mostra como o vivido, o real, o biográfico estão intimamente ligados à escrita da obra e como, por aproximações infinitesimais e ao preço de conflitos cruciais, o eu real pode metamorfosear-se em narrador de ficção. (GRÈSILLON, 2007, p. 38)

O manuscrito é documento e monumento, pois traz o histórico do texto, de sua transmissão e a presença do autor na cena literária. Conforme Hay (2007, p. 106), o manuscrito é um “acontecimento”, que “faz surgir o movimento de um pensamento”. Mas o manuscrito não revela todos os “segredos” da autoria, todos os passos do escritor. Há um mundo desconhecido por trás dele e pode apresentar uma variedade de percursos possíveis. Ele suscita questões que provocam o pesquisador a desvendar a sua história, decifrá-lo. Louis Hay (2007) apresenta reflexões a respeito da leitura dos manuscritos. Para ele,

[o] manuscrito é uma extraordinária diversidade, e pertence a todas as etapas e a todos os estados do trabalho, dossiês, cadernos, esboços, planos, rascunhos. Mas desde que o pensamento ou a imaginação os tocaram, todos, do documento inerte – dicionário, relatório – até a página inspirada, encontram-se dotados de vida e convocados a desempenhar seu papel num projeto de escritura. (HAY, 2007, p. 17)

Os manuscritos de trabalho de um escritor (seus cadernos, esboços, projetos, rascunhos) são dotados de vida, neles flagra-se a língua em ato, com suas reinvenções, retomadas. Os manuscritos, especialmente, os que apresentam rasuras mostram que a produção literária não é um dom, ou um mito, mas uma dinâmica de trabalho árduo sobre a língua.

Após a identificação, a classificação dos documentos e organização do inventário do APMC, conhecer seus esboços, planos, cadernos, entre outros documentos, foi possível explorar o projeto do livro *Pedaços de Vida* (1993). Nas discussões propostas por Grésillon (1994), o arquivo é apresentado como construção do trabalho do pesquisador, que segue as pistas do sujeito arquivado. O arquivo é o espaço onde o trabalho de escritura pode ser revelado em suas idas, vindas, rasuras, borrões.

Por haver no APMC documentos que expressam a labor autoral de Mady Crusoé, estudar este arquivo traz a figura da escritora para cena literária, oferece subsídios para a compreensão do contexto histórico em que viveu e escreveu seus textos. Conforme Eneida Souza (2012, p. 299), na história da crítica ocidental, a crítica censurava a presença do autor na cena literária. O escritor era entidade incômoda para a crítica, que não se importava com o contexto histórico das obras. Na contemporaneidade, a crítica abriu espaço para o exame das fontes primárias, interessando-se pelos bastidores da criação. Na contemporaneidade, os rascunhos estão se tornando, cada vez mais, partes autênticas de uma obra. Não apenas o resultado final é o que conta, mas o processo de escritura, as transformações pelas qual um projeto passou até a sua concretização. Desse modo, no estudo do processo de criação de *Pedaços de Vida* (1993) a escritora estará em evidência, a cena literária será, em parte, apresentada.

Nesta seção, apresenta-se uma leitura possível da história desse livro registrada nas marcas deixadas pela escritora em seus papéis. Destacam-se os processos de produção, transmissão, circulação e recepção do referido livro. O dossiê de *Pedaços de Vida* é, como já foi exposto na seção anterior, formado por suportes variados: papel pautado (folhas avulsas), cadernos em brochura, caderno espiral, datiloscritos, recortes de jornal. Ele também é composto por variados gêneros textuais: poemas, crônicas, trovas, discursos, perfil, narrativas curtas (que ela intitulou *Pedacinhos...*). Do exame de alguns testemunhos de seus textos, procurou-se elaborar uma leitura da obra, a partir de uma abordagem transdisciplinar entre a crítica textual e crítica genética. A prática filológica empreendida neste estudo é vista “como

um laboratório de produção de sentido”, “como uma atitude crítica [...] [ou] como um espaço de produção histórica, linguística, sociocultural e política” (BORGES; SACRAMENTO, 2012, p. 46).

Como afirma Borges (2015), é conhecendo a materialidade do texto (o suporte onde está escrito) que os sentidos começam a ser produzidos para sustentar o trabalho do crítico, a quem compete preservar, recuperar, restaurar e/ou editar os textos, oferecendo ao final do seu estudo minucioso uma leitura crítico-interpretativa, dando-lhe novos sentidos, promovendo novas leituras.

Ao se observar as intervenções que a escritora Mady Crusoé realizou em seus textos, atentou-se para as supressões e substituições. Esses rastros autorais, possibilitaram ao editor crítico o levantamento de hipótese quanto à cronologia dos testemunhos de uma crônica, ou de um poema. Há alguns casos de rasuras imateriais que só são vistas quando realizado o confronto entre os testemunhos. Pois devido ao ato de fazer cópias limpas, a escritora se desfazia dos rascunhos carregados de rasuras.

4.1 PROJETO DO LIVRO *PEDAÇOS DE VIDA*

O APMC guarda documentos que são dotados de vida e que foram consultados por Mady Crusoé na ocasião da execução do seu projeto de escritura. O livro *Pedaços de Vida* (1993) nasceu desse acúmulo de documentos, de manuscritos, dos registros materiais guardados nas gavetas das escrivaninhas, nas estantes dos livros, nas pastas-catálogo, nos seus cadernos.

A ideia da organização de um livro com os textos que escreveu durante a sua vida (alguns éditos, outros inéditos) surgiu depois que suas netas, Iêda Crusoé e Myriam Crusoé, à época adolescentes, realizaram uma pesquisa para a elaboração de um trabalho escolar, a fim de participarem de um concurso, para a escolha da melhor coletânea de poetas nazarenos. A coletânea que organizaram foi denominada por elas de *Poetas em desfile*⁶⁹, e foi apresentada em novembro de 1983, ao Centro Cívico Poeta José Bonfim, do Colégio Estadual Dr. José Marcelino de Souza, onde estudavam. Ao reunirem os textos da avó, para compor o trabalho,

⁶⁹ Essa coletânea intitulada *Poetas em Desfile* continha poemas de Mady Crusoé, José Leone, José Bonfim, Anísio Melhor, entre outros escritores.

as jovens pesquisadoras perceberam o valor daquelas produções. A coletânea foi a vencedora do concurso e a repercussão dos textos de Mady Crusoé foi intensa entre os participantes do evento escolar e entre os familiares.

Após a pesquisa, as netas e demais familiares insistiram para que Mady reunisse seus textos em um livro. O pedido dos familiares foi atendido tempos depois, já na década de 1990. Com a ajuda das netas, ela iniciou sua busca pelos textos que iriam compor o livro. Esses estavam guardados em seu arquivo pessoal, em pastas, cadernos e nas coletâneas de seu esposo que colecionava recortes de jornais, dentre esses recortes de textos foram localizadas crônicas que Mady Crusoé escreveu para jornais baianos.

Alguns textos que foram pesquisados pelas netas para o trabalho escolar, foram revistos pela escritora e coletados do caderno azul, nome dado por ela ao caderno que foi utilizado pelas netas, para registro dos textos que utilizaram na referida atividade escolar. Trata-se de um caderno em brochura, datado de 1983. Notam-se, neste suporte, alguns textos revisados por ela, com o acréscimo da expressão “Já”, situada à margem esquerda dos textos, ou à margem superior (ao centro). Há 29 poemas de autoria de Mady Crusoé, no referido caderno. Além dos poemas, foram localizados uma biografia da escritora, o prefácio e a conclusão para o trabalho desenvolvido pelas netas da escritora.

Denominaram-se de folhas avulsas os suportes em que estavam alguns manuscritos de poemas, crônicas e discursos madyanos. Tratam-se de folhas de papel pautado ou papel ofício que contém cópias limpas de poemas da escritora. Estes manuscritos, em sua maioria, não se encontram em bom estado de conservação. São, ao todo, 24 textos, localizados em pastas catálogos, são de gêneros textuais diversos: crônicas, poemas e discursos.

As buscas pelos textos impressos nas coletâneas, contendo recortes de jornais colecionados pelo seu esposo, também foram intensas. Há na lista dos textos, que farão parte do livro, localizada no caderno meu diário, anotações sobre a coletânea 03, ao lado dos títulos de alguns textos. São ao todo 04 coletâneas formadas por recortes de notícias, poemas e narrativas de autores nacionais e internacionais, localizadas no acervo. A maioria das crônicas madyanas estão localizadas na coletânea n. 03⁷⁰. Esses recortes não possuem indicação da fonte de onde foram retirados, nem indicação da data em que foram publicados. A reconstituição das datas e fontes foi feita pela escritora em suas anotações e foram registradas

⁷⁰ A denominação “coletânea n. 03” foi dada pelo próprio colecionador, o esposo da escritora.

no livro. Foram localizados 13 textos impressos, todos do gênero crônica. Destes, nove estão na coletânea 03 e quatro estão na pasta catálogo n. 2⁷¹.

Nas listas que a escritora elaborou contendo títulos de textos que selecionou para compor o livro, há ao lado dos títulos o suporte onde ele está localizado. Em vários destes títulos a escritora menciona: “caderninho cenoura”, “livro cenoura”, “livrinho cenoura” “caderno pequeno”. Trata-se do caderno em brochura, de capa dura na cor cenoura, à semelhança de uma caderneta de bolso. Possui apenas manuscritos de poemas, alguns datados, sendo o mais antigo de 1928. Há no suporte, as marcas das campanhas de revisão feitas em outro tempo (na década de 1990) e com outra caneta (esferográfica de cor azul), que se destaca diante da caneta tinteiro preta, utilizada na escrita de todos os manuscritos.

Depois de feito o levantamento dos textos e a localização destes, a escritora passou a limpo os textos, com as respectivas modificações que realizou, para um outro suporte: o caderno verde, um caderno em espiral de capa dura, de estampa xadrez, na cor verde. Ele possui textos que a escritora selecionou para compor o livro, alguns foram escritos na ordem em que desejava que fossem publicados, outros foram numerados por ela, indicando o lugar que desejava que ocupassem no livro impresso. Não foram localizados elementos pré-textuais nesse suporte. Segundo as filhas da escritora, ela própria passou a limpo os textos que possuía em cadernos, em folhas avulsas e em recortes de jornais, para o caderno espiral de capa verde, que antecede o datiloscrito.

Após todo o trabalho em selecionar, revisar e copiá-los para o suporte caderno verde, os textos foram datilografados, para que, enfim, fossem destinados à publicação. O trabalho de datilografia foi realizado por sua neta, Iêda Crusoé e supervisionado pela escritora que fez uma campanha de correção no datiloscrito, corrigindo pequenos erros de datilografia, utilizando-se de caneta esferográfica, de cor azul, para este feito. Segundo sua neta⁷², por várias vezes, ela se reuniu com a escritora, corrigindo e relendo com ela todos os textos passados a limpo. Ela revelou, ainda, que foi a responsável por providenciar a encadernação dos mesmos para que fosse entregue à gráfica e editora para a publicação.

Alguns textos que o compõe possuem rasuras autógrafas feitas com caneta esferográfica azul, representam uma campanha de revisão. A neta afirmou ter acompanhado a revisão dos textos, feita pela avó. Tudo foi revisado pela escritora até ser encaminhado para a

⁷¹ Os impressos localizados na pasta catálogo n. 02 estavam dispersos em gavetas ou no interior de livros, foram reunidos pela escritora na referida pasta.

⁷² Em conversa informal com a pesquisadora.

Alfa Gráfica e Editora, Ltda – Edições Travessia, da cidade de Salvador. Os textos foram dispostos numa ordem muito próxima àquela estabelecida no caderno verde, a diferença está na localização dos *Versos Soltos* e dos *Pedacinhos*, que surgem intercalados aos poemas e crônicas, tal como expressou no projeto do livro, no Caderno Meu Diário, diferente do que foi publicado. O livro não apresenta essa organização.

No Datiloscrito não constam os discursos, nem contém o poema *Nazaré Primavera*. Além destes textos, não constam os elementos pré-textuais, Apresentação e Sumário. Também não consta a Biografia que foi utilizada na publicação como orelha do livro.

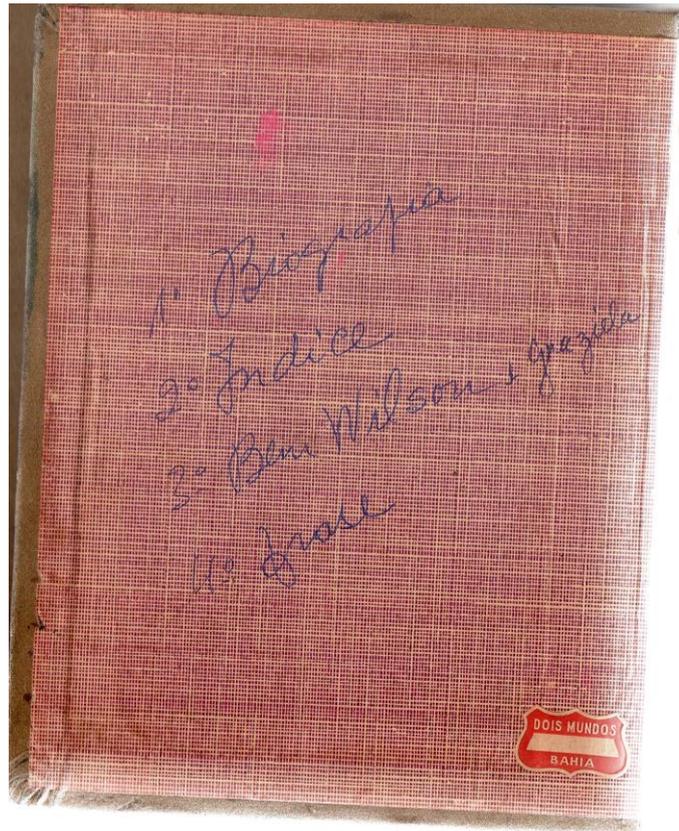
O projeto do livro foi delineado pela escritora em um caderno em brochura, com a inscrição na capa: Meu Diário. Nesse suporte há textos em fase pré-redacional e fase redacional. Contém, também, anotações importantes sobre o processo de recolha dos textos pela escritora; sobre a estrutura do livro, bem como a ordem em que os textos deveriam ser dispostos na publicação. Ela fez uso deste caderno para a escrita dos elementos “pré-textuais” e para a organização de todo o livro. Começou a organizá-lo desde o verso da capa do caderno.

Enumerados, um abaixo do outro, ela lista: 1º Biografia; 2º Índice; 3º Ben Wilson⁷³ e Graziela⁷⁴; 4º frase. Como se pode perceber na Figura 28:

⁷³ Ben Wilson Brito de Souza (1921- 1999) era formado em Magistério, pelo extinto Colégio Clemente Caldas. Foi Vice –diretor do Colégio Educandário de Nazaré (da rede particular de ensino, já extinto). Exerceu a função de Delegado Escolar do município de Nazaré, por mais de uma década; era escritor e colaborador de Jornais locais, a exemplo de *O Conservador* e o *Grito*. Também foi correspondente do jornal *A Tarde*. Foi Vice-Diretor da Escola (à época estadual) Dr. Alexandre Bittencourt, entre 1993 e 1999, no qual eram oferecidas as séries iniciais do Ensino Fundamental.

⁷⁴ Graziela Domini Peixoto é graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia, e escritora. É autora dos livros *A Dama de Branco*; *Provérbios – A Sabedoria do Povo*; *Papai Noel existe, Mamãe?* Ela era filha do primo da escritora, Isaac Lemos Peixoto.

Figura 28 – Primeiros passos para a execução do projeto livro

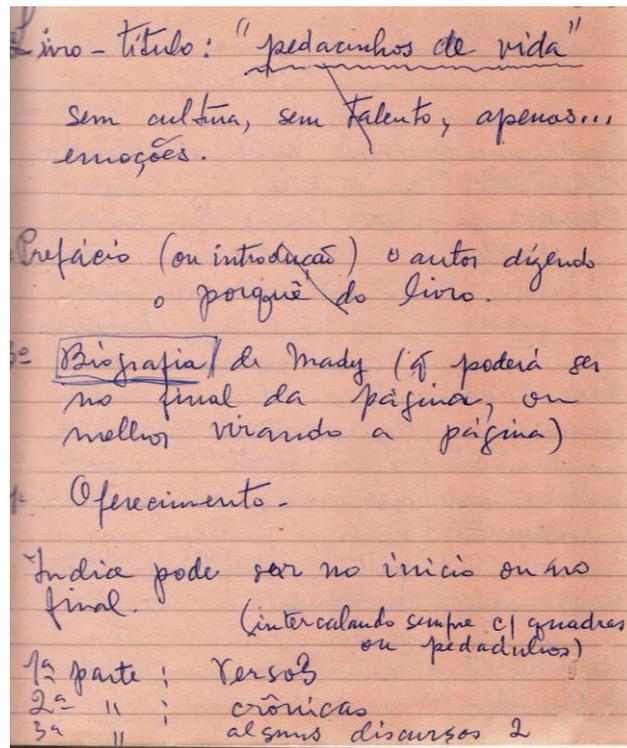


Fonte: APMC (05a0004-93)

Os nomes de Bem-Wilson e Graziela aparecem nas primeiras anotações para a construção do livro. No APMC, fora localizado o prefácio feito por Ben Wilson Brito de Souza, um manuscrito do texto que foi publicado no livro. Quanto ao desejo de solicitar algum texto da escritora Graziela Domini, não há no arquivo nenhum texto de sua autoria para compor o livro.

À primeira folha do caderno, a escritora amplia o esboço que escreveu na parte interior da capa do suporte. Ela reorganiza o seu plano de construção do livro, enumerando elementos pré-textuais, como se pode ver no fac-símile:

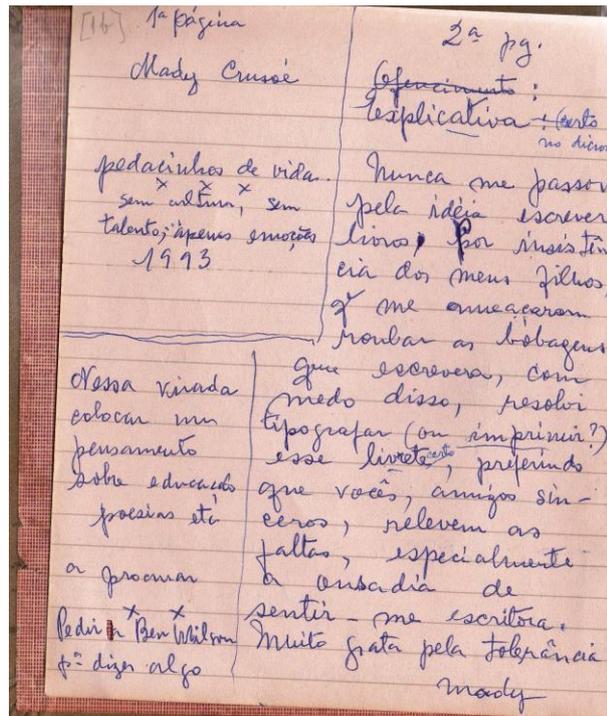
Figura 29 – Plano de trabalho para a organização do livro *Pedacinhos de Vida*



Fonte: APMC (05a0004-93)

Este esboço, certamente, orientou o seu trabalho de recolha e seleção dos textos, bem como norteou o desenvolvimento do seu projeto, ajudou-lhe a construir uma sequência lógica, cronológica aos seus escritos. Observa-se o numeral “2” após a palavra discursos na 3ª parte. Acredita-se que a escritora pretendia, inicialmente, publicar apenas dois de seus discursos, o que não ocorreu na versão final. Ela selecionou três de seus discursos para a publicação. Começa assim o projeto do livro, com este plano de trabalho, sob o título *Pedacinhos de Vida*, e posteriormente, com seleção de todos os textos que fariam parte da obra publicada, bem como a ordem em que seriam publicados.

No caderno meu diário, a escritora utilizou-se do verso da primeira folha para expor um esboço de como seria a 1ª página e a 2ª página do livro (esta contendo a Explicativa). Há, ainda, nesta mesma folha, uma nota falando da necessidade de uma epígrafe: “Nessa virada colocar um pensamento sobre educação poesias etc”. E acrescenta ainda nesta parte da folha: “Pedir a Ben-Wilson pª dizer algo”. Como se pode conferir no fac-símile representado pela Figura 31:

Figura 30 – Projeto do livro (elementos pré-textuais)

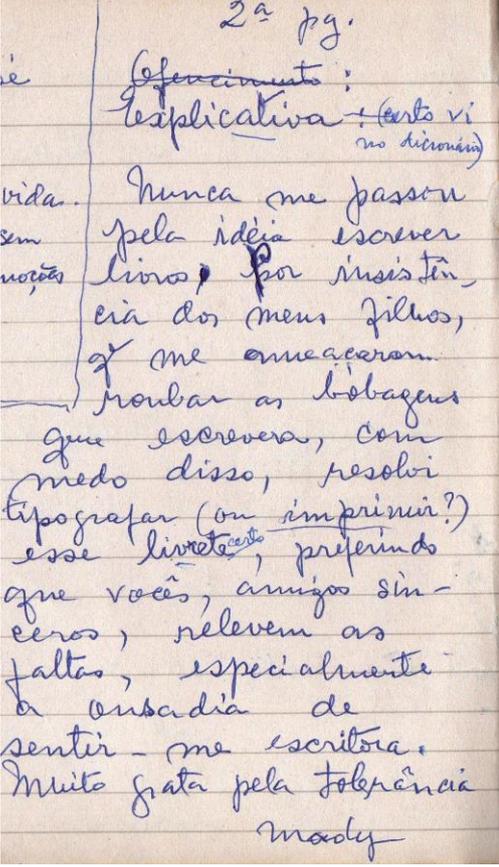
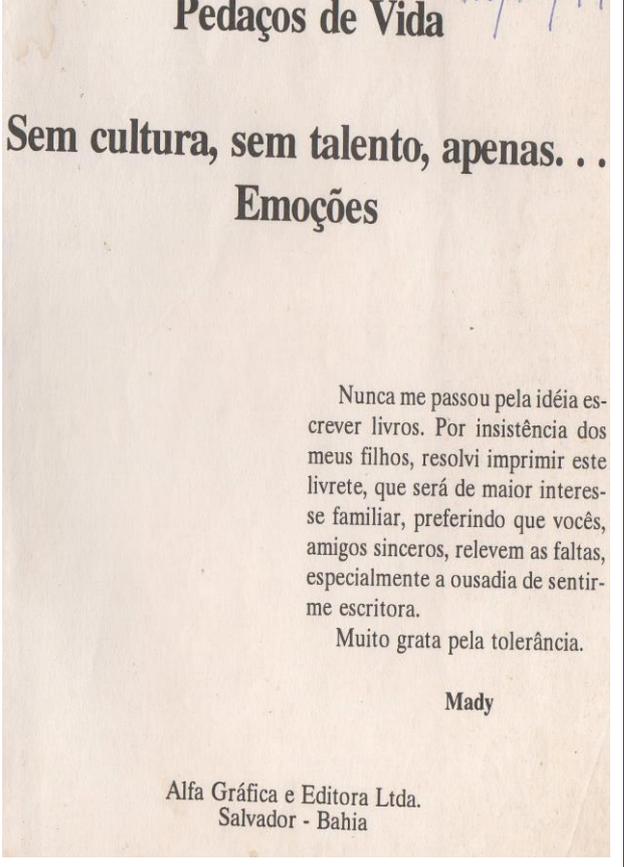
Fonte: APMC (05a0004-93)

A escritora utiliza-se da mesma folha para o planejamento de elementos pré-textuais. A primeira página seria destinada ao título, inicialmente, *Pedacinhos de vida*, acompanhado da inscrição, “Sem cultura, Sem talento,... apenas emoções”, antecedido por três X, seguido da data: 1993. A frase, que utilizou como subtítulo, demonstra sua extrema modéstia frente aos textos que escreveu, ela não se reconhecia escritora.

No rascunho do texto que intitulou *Explicativa*, localizado no caderno meu diário, a escritora revela que fora “ameaçada” pelos filhos, que lhe roubariam os seus escritos caso ela não publicasse seus textos em livro. Observa-se que o título escolhido fora modificado, no impresso, para *Pedaços de Vida*. Apesar de todo o trabalho da escritora em acompanhar, cuidadosamente, o processo de edição, a data em que foi editado o livro, 1993, não aparece no impresso. Verificou-se, que no Datiloscrito, também, não consta a data.

No impresso, a *Explicativa* sofreu modificações, algumas informações foram suprimidas. O rascunho desse texto, localizado no caderno meu diário, apresenta detalhes da construção do livro que não estão presentes no texto publicado, como se pode perceber no quadro abaixo, que apresenta o confronto entre o texto publicado e o rascunho localizado no referido caderno:

Figura 31 – Figuras combinadas: Explicativa cmd e Explicativa op

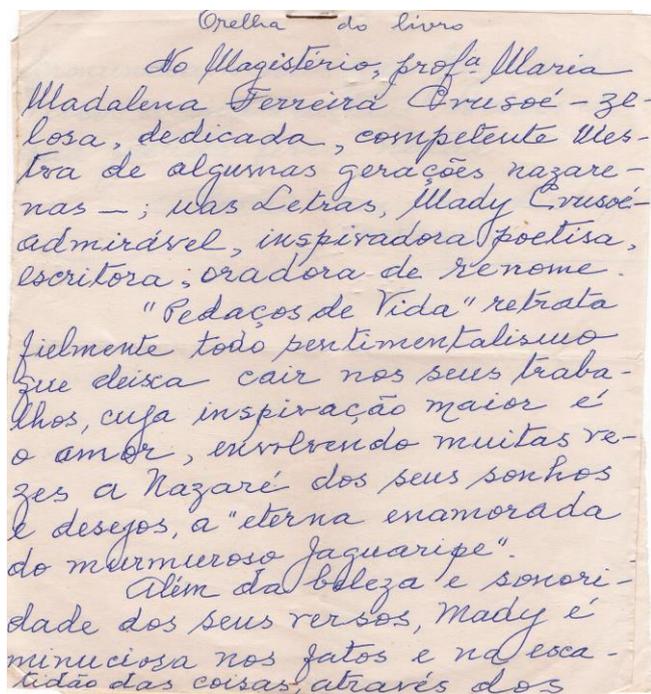
Explicativa caderno meu diário	Explicativa obra publicada
	
Fonte: APMC (02a0001-93)	Fonte: <i>Pedaços de Vida</i> , 1993.

Mady Crusoé não se considerava escritora, pois nunca pensou em escrever um livro, conforme relata na explicativa. Outro detalhe que reforça esse seu comentário é o fato de chamar o seu livro de “livrete”, cujo significado em dicionário é “pequeno livro”, “caderneta”, ou “pequeno caderno”. Apesar de ter colaborado para jornais baianos, de ter escrito poemas, hinos cívicos e religiosos reconhecidos em sua cidade e região, de ter colecionado ao longo da vida uma variedade de textos de literários e discursos, a escritura do livro se deu, tão somente, pela exigência dos familiares e pela motivação de doar parte dos recursos, com a venda dos livros, para uma instituição de cunho filantrópico O Aprendizado Manoel Clemente Caldas e parte aos festejos católicos a São Roque, santo de sua devoção.

Ainda, na Figura 30, observa-se que a escritora expressa seu desejo de procurar um pensamento que servisse como epígrafe, que tratasse do tema Educação ou poesias. No livro não há pensamento ou frase que exerça essa função, nem fora localizado em seus rascunhos algo que indicou para epígrafe. Ainda à mesma folha [1], do caderno meu diário, representada pela figura 31, ela escreve uma nota sobre o pedido que faria ao amigo e professor Ben-Wilson, para que ele

dissesse algo sobre o livro: “Pedir a Ben Wilson p^a dizer algo”. O seu texto encontra-se no impresso, sob o título de Apresentação. A versão original, manuscrita, está localizada no arquivo, com a identificação: “Orelha do Livro”, um acréscimo feito por outra mão⁷⁵. No impresso, a “orelha do livro” apresenta a Biografia da escritora. No texto da Apresentação, situado à página 3, Ben-Wilson exalta as qualidades de Mady: professora, poetisa, escritora e “oradora de renome”. O autor da apresentação discorre aos leitores que todo o trabalho madyano tem como inspiração maior, o amor. Esclarece ainda que ela, no Magistério, ficou conhecida como Maria Madalena Ferreira Crusoé e nas Letras Mady Crusoé. Não houve modificação no texto localizado no texto publicado, com exceção do acréscimo da palavra “jornalista” ao lado de professor, na identificação do seu autor e do título que passou de “Orelha do livro” para “Apresentação”. Segue fragmento do manuscrito da apresentação do livro:

Figura 32 – Manuscrito da Apresentação do livro, f. 1



Fonte: APMC (05d0003-93)

À folha 2 do caderno meu diário, Mady Crusoé informa sobre a localização da Biografia e rascunha o “Oferecimento”, para compor o livro como se pode ver na Figura 33:

⁷⁵ A caligrafia do título é de Mady Crusoé.

Figura 33– Oferecimento

[2]

Biografia no final do livro -
 ver como escrevi
 um memorium

Oferecimento: Aos meus inesquecíveis
 padrinhos Sr. Getúlio, a minha ^{admirada} mãe Elisa,
 adorada de minha mãe - babá - Cândia

Sempre presentes na ^{minha vida e no} meu coração;
 meus filhos e netos.

↓
 Sempre presentes ^{em minha existência} na ~~minha vida~~
 e no meu coração; meu esposo,
 meus filhos, netos ^{e bis-netos},
~~netos e genos~~ ^{netos e genos} daria toda minha
 vida, se ~~fosse~~ preciso fosse.

Anady

Fonte: APMC (05a0004-93)

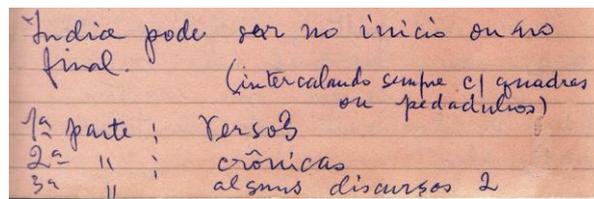
O texto foi passado a limpo para outro suporte, um bloco de manuscritos, intitulado pela pesquisadora de *Notas para a organização do livro*, composto por três folhas grampeadas, localizadas no interior do caderno verde.

Referente ao texto intitulado *Biografia*, que a escritora construiu para publicar no livro, foram localizados quatro testemunhos no seu arquivo. À folha 6, do caderno Meu Diário, a escritora faz anotações de atribuições importantes que não poderiam ficar de fora do referido texto. No mesmo suporte, à folha 24, localiza-se um manuscrito que intitulou *Biografia*. Este testemunho é um texto passado a limpo, mas com acréscimos, substituições e deslocamentos. Nota-se o seu empenho em apresentar todos os papéis que exerceu, com o cuidado de situar cronologicamente todos os trabalhos que realizou e homenagens que recebeu. Outra versão foi localizada no Caderno Azul, utilizado como rascunho para o trabalho de suas netas. Trata-se de uma versão resumida e com caligrafia diferente da sua (provavelmente escrita por uma de suas netas). Há, ainda, um outro manuscrito com sua biografia, composto por três folhas de caderno, grampeadas, com algumas rasuras e construções nas entrelinhas. Nota-se que o texto localizado no Caderno Meu Diário, é o mais completo. Acredita-se que as folhas avulsas foram consultadas pela escritora, na construção

do texto do suporte Caderno Meu Diário. Esse texto não foi localizado no Caderno Verde, nem compõe o Datiloscrito. No impresso, foi publicado na “Orelha do livro”.

Foi localizado um manuscrito do índice, ou sumário, do livro, à folha 01 do caderno meu diário (cf. Figura 30), demonstrando a estrutura que gostaria que o livro tivesse. Apresenta-se na Figura 34 o fac-símile da parte que trata desse elemento:

Figura 34 – Planejamento do índice livro



Fonte: APMC, caderno verde, f.1

Há importantes informações sobre o itinerário percorrido pela escritora na construção do livro, neste suporte (caderno meu diário). Nesse suporte, ela manifesta uma clareza de ideias e uma objetividade quanto ao produto final do seu trabalho e o percurso necessário para alcançá-lo. Do verso da folha 2 à folha 6 do *Caderno Meu Diário* estão os títulos dos textos que fariam parte do livro, acompanhados da inscrição “Já”, ao lado, significando que já foram revisados, ou passados a limpo. Alguns títulos de textos aparecem riscados e assinalados com um “X”. Outros aparecem com a inscrição indicando o caderno e a página em que estavam escritos, ou se estavam em uma folha avulsa, ou se se tratava de um recorte de jornal. Ao lado de alguns títulos, ela fez anotações afirmando a necessidade de acréscimo ou de mudança, já sugerindo um título novo. Alguns desses movimentos na preparação do livro podem ser observados no fac-símile, disposto a seguir, um fragmento da primeira lista dos textos recolhidos e passados a limpo, situada no verso da folha [3], do referido caderno:

Figura 35 – Lista de textos revisados, Caderno Meu Diário.

+ Audácia (livro venova)
 Lanquei-me com você já
 se eu amasse a um poeta... já
 Olhos - já
 Controvérsia já
 Destino já
 Teus olhos já
 (procurar quadras no
 livro cenoura)
 Soudo (edocar título) já
 Fantasia
 + Yello mar
 + Saudade (no caderno)

Fonte: APMC (05a0004-93)

Há mais registros no caderno meu diário sobre a coleta e organização dos textos para o livro. No verso da folha 6, a escritora expõe uma lista (refeita) de textos que deverão compor o livro, um total de 41 textos. A lista é reescrita na folha seguinte, folha 7, interrompida no título de número 29, *O teu olhar*, que foi cancelado com um traço. Em seguida, no final da mesma folha (7), retoma a lista da folha anterior continuando do título 42 ao 50, indicando os textos que, até aquele momento, foram passados a limpo e revisados. Como se pode ver no fac-símile apresentado na Figura 36:

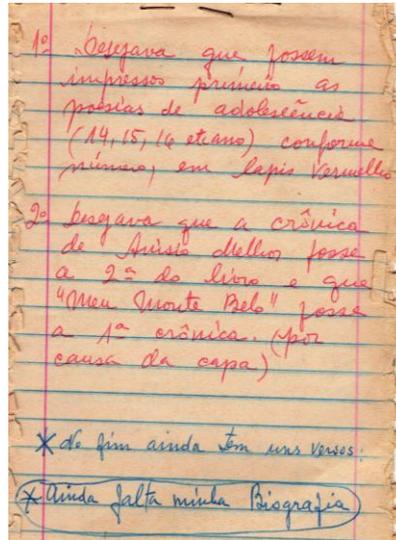
Figura 36 – Fac-símile, lista de textos copiados, caderno Meu Diário, fls. 6(v) e 7 (a)

6		7	
foi só copiado: Primavera, modista		Faltam	
1. Gratidão (sem pontos)	21. Inquietos	1º - Gratidão	21 - Inquietos
2. Soudo (uma vez)	22. Falso amor	2º - Soudo	22 - Falso amor
3. Súplica	23. Audácia	3º - Súplica X	23 - Audácia
4. Saudade - se isso	24. O grande amor: vai	4º - Saudade	24 - O grande amor: vai
5. Idade?	25. Alguma primavera?	5º - Idade?	25 - Alguma primavera?
6. Indiferente	26. Clima - tua vez Brasil	6º - Indiferente	26 - Clima - tua vez Brasil
7. Olhos -	27. Independência	7º - Olhos	27 - Independência
8. Reforma	28. Sabe Soudo: poemas	8º - Reforma	28 - Sabe Soudo: poemas
9. Bolas de prata	29. Milhões	9º - Bolas de prata	29 - Milhões
10. Felicidade	30. Controvérsia	10 - Felicidade	30 -
11. Ideal trocado	31. Destino	11 - Ideal trocado	*42. Soneto verde
12. Alucinação	32. Teus olhos	12 - Alucinação	43 - Hino a S. Roque
13. Tudo passou	33. Recordando	13 - Tudo passou	44 - Hino ao meu Brasil
14. Canção	34. Fantasia	14 - Canção	45 - primavera: voz
15. Soneto	35. O teu olhar	15 - Soneto	46 - primavera: voz
16. Inquietos	36. Poemas: Primavera	16 - Inquietos	47 - Primavera: voz
17. Confissão	37. Saudades de São. Primavera	17 - Confissão	48 - Primavera: voz
18. Indiferente	38. Hino da modista	18 - Indiferente	49 - Primavera: voz
19. Soudo - se isso?	39. Procurando no livro	19 - Soudo - se isso?	50 - Primavera: voz
20. se eu amasse a um poeta	40. Soudo - se isso	20 - se eu amasse a um poeta	51 - Primavera: voz
	41. não disse adeus		

Fonte: APMC (05a0004-93)

Sobre a ordem que desejava que os textos fossem publicados, há no APMC um bloco de papel composto por três folhas (destacadas de caderno espiral), localizado dentro do caderno verde, contendo anotações sobre a organização de alguns textos para o livro. Segue fac-símile da primeira folha, representado pela Figura 37:

Figura 37 – Notas da escritora sobre a organização do livro



Fonte: APMC (05D0001-93)

A escritora solicita que as poesias da sua adolescência ocupassem as primeiras folhas do livro e que obedecessem a uma ordem cronológica “14, 15, 16 etc anos” e acrescenta: “conforme números em lápis vermelho”. Verificou-se que os manuscritos do caderno verde que ela desejava que fossem os primeiros a serem publicados, estavam numerados com caneta esferográfica de cor vermelha. Essas exigências não se concretizaram totalmente, visto que, nem todos os poemas numerados ficaram no lugar desejado no livro, como por exemplo, o poema *Tudo Passou*, sinalizado com o numeral ordinal 3º, não foi publicado como terceiro poema do livro. Percebe-se que o critério que predominou para a apresentação final do livro foi a cronologia (“14, 15, 16 etc anos”).

À mesma folha, em nota, a escritora expõe o seu desejo de que a crônica *Anísio Melhor* fosse a segunda do livro e a crônica *Monte Belo* fosse a primeira do livro, por causa da capa que traz a ilustração do Monte Belo, sua residência. Nestes dois casos, prevaleceu a vontade da escritora na publicação.

A capa do livro traz uma fotografia panorâmica A casa, cercada por duas palmeiras está situada no alto de um monte. Em tons esverdeados, a capa traz o título *Pedaços de Vida*,

escrito com letras ornadas na cor verde. A contra capa é ilustrada pelo fac-símile do acróstico que ganhou de presente do poeta Anísio Melhor, em 1920, quando completou sete anos de idade.

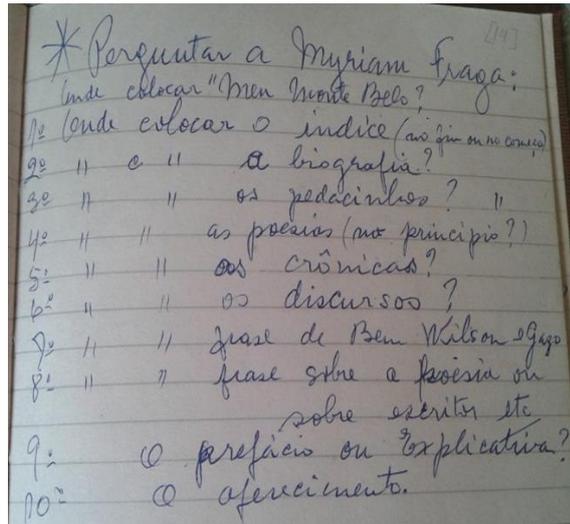
Os cadernos e demais suportes em que constam seus manuscritos foram consultados pela escritora para ser feito o levantamento dos textos que escreveu. Mas, é no Caderno Meu Diário que se vê o cenário do desenvolvimento do livro. Nele a escritora encena-se na condição de autora quando compõe textos e quando os modifica; é leitora de seu tempo, pois repensa o seu momento histórico, especialmente quando reescreve suas narrativas e discursos, esclarecendo para os leitores, de outro tempo (da década de 1993), sobre a repercussão que tiveram à época em que foram publicados ou proferidos; é criteriosa revisora gramatical, revendo a pontuação dos seus textos, bem como a ortografia vigente quando publicou seu livro.

Mady Crusoé situa-se nesses diferentes lugares, no que tange ao seu processo de escritura. Os testemunhos presentes no Caderno Meu Diário, que não possuem redação única, exemplificam como se dava a construção dos textos da escritora e mostram os seus hábitos enunciativos, pode-se “acompanhar” as revisões estilísticas, identificadas nos manuscritos. Seguiram-se os tipos de correção estilística do autor hierarquizadas por Duarte (1993, p. 17), quais sejam: de características funcionais (substituição, supressão, acréscimo, deslocamento) e de características espaciais (na linha, na entrelinha, à margem, em sobreposição). Além disso, observa-se como elementos do seu arquivo foram significativos para o desenvolvimento do projeto do seu livro.

Foi localizado no Caderno Meu Diário uma lista de perguntas que Mady Crusoé faria à escritora Myriam Fraga⁷⁶. São perguntas a respeito da organização do livro, de como dividir as seções, onde dispor o prefácio, dentre outras dúvidas. As perguntas situam-se à folha [14], dispostas sob a inscrição: “* Perguntar a Myriam Fraga”, como se pode ver no fac-símile:

⁷⁶ Myriam Fraga foi escritora e Diretora Administrativa da Fundação Casa de Jorge Amado e faleceu neste ano de 2016. A pesquisadora foi ao encontro da escritora na Fundação Casa de Jorge Amado, em 09 de outubro de 2013. Foi apresentado à escritora o fac-símile do manuscrito das questões elencadas por Mady Crusoé, bem como o seu livro *Pedaços de Vida*. Questionada sobre o assunto, Myriam Fraga disse que não colaborou com a organização do livro e não se lembrava de ter sido procurada pela escritora na ocasião da publicação em 1993. Sugeriu à pesquisadora que procurasse a professora Edilene Mattos, que à época atuava junto à Fundação Cultural do Estado da Bahia, para verificar se ela teria conhecimento sobre o projeto do livro.

Figura 38 – Lista de questões sobre a organização do livro (*Caderno Meu Diário*)



Fonte: APMC (05a0004-93)

No Caderno Verde, há uma informação que remete para Edilene Matos⁷⁷, no verso da folha [31]: “Edilene Matos 321-0222 r. 218”. Talvez esse nome e telefone signifique uma tentativa de busca por orientação na organização do livro. Edilene Matos é uma personalidade importante no cenário da literatura baiana, que, certamente, poderia contribuir na organização do seu trabalho. De acordo com informações concedidas por Miriam Fraga e por Edilene Matos, quando questionadas pela pesquisadora, em 2013, o encontro não aconteceu, ficando apenas o registro do nome delas nos rascunhos da escritora.

O itinerário para a organização do livro *Pedaços de Vida*, percorrido pela escritora, revela que o modelo de escritura de Mady Crusoé, é relativamente organizado, visto que, obedece aos protocolos que ela mesma estabeleceu para a sua escrita, ela segue um pensamento estruturante (as listas, as notas, as observações) que precede a produção textual. O livro *Pedaços de Vida* é um impresso em brochura, com 110 páginas. A capa é ilustrada em tons esverdeados. O título apresenta-se com letra ornamentada, criada pela própria escritora, conforme depoimento de familiares. A fotografia panorâmica da cidade de Nazaré, com vista

⁷⁷Edilene Dias Matos é doutora em Comunicação e Semiótica/Literaturas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1999. Tem Pós-Doutorado em Literatura pela USP - Instituto de Estudos Brasileiros (2000-2002). Tem Pós-Doutorado (2012- 2013) pela Université Paris-Ouest Nanterre La Défense (France). Foi Professora Doutora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nos cursos de Graduação e Pós-Graduação. Atualmente é Professora Adjunta da Universidade Federal da Bahia. A pesquisadora conversou com a professora e esta afirmou não ter sido procurada pela escritora. A mesma não conhecia o livro *Pedaços de Vida* e acredita que à época da publicação do livro estava em São Paulo, realizando estudos.

para a casa da autora ilustra a capa. Abaixo da imagem, apresenta-se o nome *Mady Crusóé*, também com letra ornamentada. Na contracapa, tem-se a reprodução de cartão constando imagem e acróstico manuscrito sobre o tema *Madil*, assinado pelo poeta nazareno Anísio Melhor. O livro foi editado e impresso por Edições Travessia, Alfa Gráfica e Editora Ltda, sem indicação de data de publicação. Mas foi 1993 o ano de publicação, pois consta esta data nas dedicatórias compostas pela autora nos livros que presenteou aos familiares. Além disso, foi localizada no caderno *Meu Diário* uma anotação que aponta o ano de 1993, como ano em que foi feita a publicação.

A numeração das páginas é registrada a partir da página 9, onde está o primeiro poema do livro, *Soneto*. Os elementos pré-textuais não possuem numeração, mas as páginas foram contadas, verso e anverso. Esses elementos foram dispostos no livro, na seguinte ordem: a Biografia situa-se na “orelha do livro”, constando de uma fotografia da escritora, ainda jovem; o título permaneceu *Pedaços de Vida*; à terceira folha do livro, repete-se o título acompanhado da inscrição: “Sem cultura, sem talento, apenas... Emoções”, seguidos da Explicativa; à página seguinte (correspondente à página 3) está o Oferecimento, que mantém as informações contidas no manuscrito do suporte “Notas para a organização do livro” (05d0001-93); à página 5, está a Apresentação, de autoria de Bem-Wilson Brito de Souza; por último, no verso da página em que está a Apresentação, está disposto o Sumário, que apresenta o livro dividido em quatro partes, quais sejam: I Poemas; II Versos; III Pedacinhos; IV Crônicas e discursos. Não foram encontrados rascunhos ou anotações sobre este sumário, mas a referência ao “Índice”: “poderia ser no início ou no final”, e sugere uma organização dos textos no livro: “1ª parte: versos/ 2ª parte: crônicas/ 3ª parte: alguns discursos”. Observa-se que a ordem estabelecida no esboço preparado pela escritora no início da organização do livro fora seguido.

Foram publicados no livro 60 poemas, sendo 52 classificados pela escritora como “poemas” e 8 como “versos”⁷⁸. A escritora buscou organizá-los cronologicamente, começando pelos primeiros poemas que escreveu, aos 14 anos. Os primeiros poemas ela dedica a sua mãe, que faleceu quando ela tinha 14 anos de idade. Nesse período entre o agravamento da enfermidade de sua mãe e o falecimento desta, Mady Crusóé estudava em regime de internato em Salvador; as cartas eram frequentes entre mãe e filha. Com a perda de

⁷⁸ Os poemas que a escritora denomina versos são formados por uma única estrofe de quatro versos. No índice ela os apresenta como “versos”, mas no interior do livro, denomina a seção onde estão dispostos de “versos soltos”.

sua mãe, substituiu-as por versos cheios de saudosas lembranças. Nesses poemas há a evocação da infância, das conversas que tinha com a sua mãe. A autora faz a leitura do seu passado, recorta-o e transmuta-o em arte. As suas angústias, as saudades estimularam-na a escrever, assinalam um norte ou um limite aos seus primeiros escritos e definem o espaço autobiográfico. Os poemas tecem os eventos vividos, apresentam os primeiros cenários (principais e secundários), numa visão nostálgica do passado e da sua cidade. Conforme se pode depreender em seus registros manuscritos, dedicou-se, no início de sua caminhada literária, exclusivamente, aos poemas, que não apresentam uma métrica rigorosa.

Os Pedacinhos são ao todo 13. As crônicas, localizadas no arquivo, foram todas publicadas. Quanto aos discursos, apenas três, dos seis manuscritos localizados no arquivo, fazem parte do livro.

Após a conclusão do trabalho de organização, revisão, dos textos para composição do livro, e encaminhamento para a editora, a escritora, também, foi organizadora dos eventos de lançamento do seu *Pedaços de Vida*, em Salvador, e em Nazaré. Todo o trabalho foi custeado com recursos próprios, com o intuito de doar a renda com a venda dos livros para as obras sociais do Aprendizado Manoel Clemente Caldas, da cidade de Nazaré, e para os festejos Católicos em louvor a São Roque, um dos santos Padroeiros da cidade⁷⁹.

Em seu arquivo, foram localizadas anotações nas últimas folhas do caderno verde, referentes ao lançamento do livro, tratam-se de duas listas, a saber: uma lista de pessoas para quem ofertaria o livro (parentes e amigos da cidade de Salvador, de Nazaré, de Santo Antonio de Jesus, do Rio de Janeiro e de Brasília); e uma lista de convidados para a festa de lançamento, sem registro da data ou do local onde ocorreria. O fac-símile representado pela figura 39 é de uma das folhas do caderno verde, contendo listas de nomes para quem ofertaria o livro:

⁷⁹ Nazaré tem como santos padroeiros São Roque, festejado no dia 16 de agosto, e Nossa Senhora da Purificação de Nazaré, festejada em 2 de fevereiro.

Figura 39 – lista para oferta de livros

Pa Salvador (oferta de livros)

Stelinda e Wilson?	Climério ^{Natalina} (?)	* Odilene Matos
Arlete -	Dr. Feni e Teresinha	Myriam Santana
Joice -	André e Carol	Ilza Costa
Vilda ^{Uzeda}	Almir Aquino	
Leila e Ayres -	Olga Amrado	
Zolita Martins	Onáide	
Irma de Jendico	Suzana	
Mambuca e Isabel	Ceres Almeida	
Maneco e Sofia	Conceição Pebo Gilberto x	
+ Conceição Cruz	PE Edmilson	
Arilo e Bernadete, Flávia	Valdica, Hamilton	Luiz (professor)
Arilson e Margarida	Ambrosio	Jandira Tupiavalá
Fajardo e Margarida	Moque Proença	Paulina Pin
Benedito e Maria		Edla e Benigno
Ana e Dr. Vantado		Raquel Raz
Valdete de Guilherme		Isay e Alta
Leiria e Paulo		Raimundo e Mariana
De Robert e Ruzela		Nagibulo e Suzana
Mãe Angéla		Guimarânia Valdeir
Railte		Josénilde
Valter Ferreira*		Ana Luíza e ?
Joselita e Sona		Marilyn e ?

22

Fonte: APMC (05a0005-93)

A escritora fez o lançamento do livro em Nazaré, entre familiares e amigos em comemoração aos seus 80 anos de idade, em sua residência no Monte Belo. O evento foi noticiado no Jornal *A Tribuna*, de 7 de janeiro de 1994, como se pode verificar na Figura 40:

Figura 40 – Notícia sobre o lançamento do livro

Pedacos de Vida

Mady Crusoe lançando seu "Pedacos de Vida", da Edições Travessia com capa de Monte Belo, postal da sua cidade, aos oitenta anos, quando seus filhos ofereceram uma linda recepção em sua residência no Sítio Monte Belo, cidade de Nazaré acompanhada de missa assistida pelos amigos e companheiros do Rotary Club. Quando Mady autografou o seu primeiro livro "Pedacos da Vida" que deu a todos os presentes como recordação de sua oitava década de vida, dizendo sempre que "a juventude está dentro da gente, existindo crianças de 80 anos e velhinhos de dez anos, suplicando aos céus que todos mantenham viva a esperança, acreditando sempre no amanhã e tendo a chama da juventude iluminando suas vidas".

Inch by Inch AGORA EM SALVADOR

EXERCÍCIO SEM ESFORÇO

Visite-nos e conheça as vantagens e benefícios deste sistema, que a nível mundial, é a grande solução para quem não pode ou não gosta de fazer exercícios físicos com esforço.

Rua da Paciência, 263 — Rio Vermelho — Tel. 235-6626.

Jornal "A Tribuna" de 7/7/1994

Fonte: APMC – Pasta catálogo azul (A Tribuna, 1994)

Conforme a matéria divulgada no jornal *A Tribuna*, de Salvador, ela distribuiu para cada convidado um exemplar do seu livro, autografado, como recordação, pela passagem do seu aniversário. O primeiro momento de apresentação ao público do seu livro tratou-se de um evento particular.

O lançamento na capital baiana aconteceu na Igreja da Conceição da Praia. O evento foi anunciado no jornal *A Tarde* de 12 de março de 1994. Segue fac-símile do recorte da notícia representado pela figura 41:

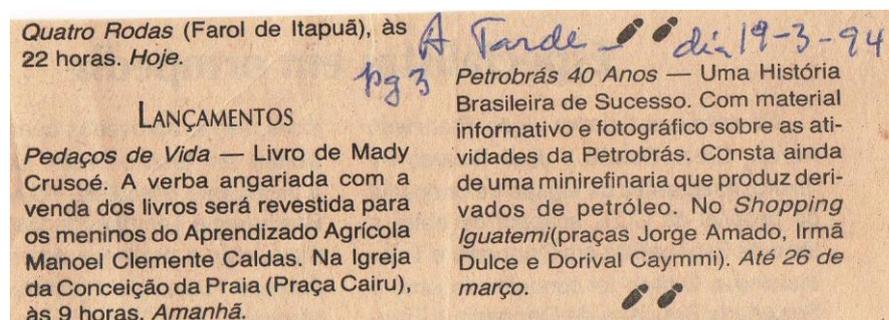
Figura 41 – Lançamento do livro na Capital



Fonte: APMC – Pasta catálogo n. 1 (A Tarde, 12/03/1994)

O Jornal *A Tarde* noticia o lançamento do livro, afirmando que a venda seria revestida para os meninos do Aprendizado Agrícola Manoel Clemente Caldas, da cidade de Nazaré, como se pode ler no fac-símile a seguir:

Figura 42 – Lançamento do livro



Fonte: APMC, coletânea n.º 1 (A Tarde, 19/03/1994)

Observa-se que fora acrescentado, ao recorte do jornal, a fonte e a data em que a notícia foi publicada, com caneta esferográfica de cor azul: “A Tarde, dia 19-3-94”.

Há, no arquivo, fotos referentes ao lançamento do livro em Nazaré, em um evento em julho de 1995, cuja renda com a venda dos livros, também, foi doada. Desta vez, os numerários foram destinados aos festejos de São Roque, realizados pela Paróquia de Nazaré, conforme anotações no verso das fotografias.

Figura 43 – Figuras combinadas: Lançamento do livro em Nazaré



Fonte: APMC (04c0002-95 e 04c0001-95)

O seu arquivo possibilitou conhecer e interpretar, o contexto histórico no qual a sua obra nasceu. Pôde-se conhecer alguns momentos da sua produção, da transmissão de seus textos (por meio dos seus cadernos, datiloscritos, folhas avulsas), da circulação de suas produções literárias e da sua recepção crítica. Este último aspecto diz respeito aos registros escritos feitos por aqueles que leram seu livro e teceram considerações sobre ele. Cada livro encaminhado a um amigo, escritor, ou não, ia junto uma carta revelando o propósito da venda dos exemplares. Alguns desses amigos, lhes responderam com outra carta, discorrendo sobre a sua ação filantrópica e, sobretudo, tecendo comentários sobre as impressões que tiveram da leitura de seu livro.

Algumas missivas localizadas no APMC trazem elementos que permitem evidenciar a recepção crítica da *Pedaços de Vida*. Outras trazem informações de possíveis fontes primárias para a produção dos seus primeiros textos, como as cartas que trocava com a sua mãe na sua adolescência, que podem ter inspirado seus poemas em homenagem a sua genitora, podem ser pistas indiretas do que motivou a escrita dos poemas de sua adolescência. A correspondência de um autor, conforme Genette (2009, p. 329), pode ser utilizada por especialistas “como uma espécie de testemunho sobre a história de cada uma de suas obras: sobre sua gênese, sobre sua publicação, sobre a acolhida do público e da crítica, e sobre a opinião do autor a respeito de todas as fases dessa história”.

Mady Crusoé, ao encaminhar o livro *Pedaços de Vida* para seus amigos, coloca a sua produção artística à apreciação do outro. As cartas que recebeu dos seus leitores foram uma acolhida, como se pode depreender, por exemplo, da carta do padre e escritor Edmilson Ribeiro⁸⁰:

Nada é mais gratificante em Nazaré do que ter a amizade de sua família. Nada é mais revelador do que sentir a finesse do seu tratamento humano quando se subia ao Monte Belo para alguma comemoração ou mesmo nos contatos na Igreja, Rotary ou mesmo Colégio Estadual.[...]
Fiquei encantado com a publicação de *Pedaços de Vida*, pois nele há um filtro especial de alguém como você Mady, que é capaz de traduzir com palavras doces até os tempos amargos, mas deixar ficar a Nazaré soberba, a folgazã de outras eras, onde a sociedade primava na cultura e no respeito aos valores morais da cristandade. Você soube filtrar de uma maneira meiga aquilo que ninguém destrói, nem acaba num povo, o seu orgulho, a sua história. Aquilo que parece velharia em Nazaré é a história do Recôncavo, contada em lendas mas com pitadas de realismo, porque às margens do Jaguaripe, um povo se manteve coeso na tradição e na fé dos seus ancestrais.[...] (RIBEIRO, 1993, f. 1)

O poeta e músico Ambrósio Bispo dos Santos⁸¹, da cidade de Nazaré, enviou-lhe uma carta (060020-93) contendo um poema que descreve as suas impressões sobre o livro *Pedaços de Vida*:

Muito obrigado D. Mady
Deus lhe deu toda inteligência
Recebi seu lindo livro
Com amor e reverência

Já disse em meus versos
Nazaré é a terra da literatura
Parabéns D. Mady
Orgulho da nossa cultura.
(SANTOS, 1993)

As professoras, que assinam uma carta datada de 12 de novembro de 1993, Gisélia e Noélia (06c0003-93), expressam suas opiniões sobre o livro:

⁸⁰ O padre Edmilson Ribeiro foi pároco da paróquia de Nossa Senhora da Purificação de Nazaré, na cidade de Nazaré e conviveu com a escritora tanto no Colégio Estadual Gov. Luiz Viana Filho em que ambos lecionavam quanto nas atividades da Paróquia de Nazaré. O Pe. Edmilson também é escritor. A carta foi escrita em resposta à carta que acompanhou o livro que a escritora o enviou. À época o padre residia em Natal, no Rio Grande do Norte.

⁸¹ Ambrósio Bispo dos Santos (1933- 1998) foi poeta, músico e compositor nazareno, além de mecânico da extinta Fábrica Têxtil de Nazaré. Seus poemas e canções permanecem dispersos em jornais locais e folhetos, bem como no arquivo particular de sua família.

Lendo seu livro “Pedaços de vida”, revivemos momentos felizes em Nazaré e lágrimas de emoção nos afloraram. [...] Entusiasmadas pelos assuntos tão lindos e cheios de sensibilidade, entre eles as lindas palavras de carinho ao nosso grande amigo Pe. Getúlio e ao poeta Anísio Melhor que muito as mereceram”.

O amigo Renato Machado, médico e, à época, prefeito da cidade vizinha de Santo Antônio de Jesus, escreve-lhe uma carta, em 17 de novembro de 1993, muito agradecido, pela dedicatória contida no livro. Ele apresenta suas impressões sobre os textos e afirma que ficará no aguardo de novas publicações: “Fiquei deveras emocionado e ao mesmo tempo orgulhoso de minha querida terra por adoção, Nazaré, ter uma Escritora e Poetisa, cujos os versos expressam sentimentos tão nobres que nos faz sentir como se nós tivéssemos vivendo nossos próprios sentimentos”.

As correspondências localizadas no APMC trazem informações sobre a acolhida do público. Outra ilustração desse tipo de correspondência pode ser apreciada na carta da ex-aluna, Élvia Lordello Castello Branco⁸², ex-Ministra do Tribunal de Contas da União (TCU), que lhe escreve relatando as suas impressões emocionadas sobre o livro e sobre a professora que lhe dispensou, na infância triste de órfã, cuidados e afeto de mãe. Sobretudo, relembra o tempo em que se sentava ao colo da sua mestra que lhe alisava os cabelos e trazia uma fita para prendê-los num laço: “chamar-me de bonita e inteligente foi o primeiro sinal de bem querer que então encontrei”. Para a remetente, o livro *Pedaços de Vida* contém “versos cheios de ternura, compreensão, carinho e bondade”.

Apesar de ter publicado textos de valor literário, em jornais baianos e ter sido requisitada para proferir discursos em várias ocasiões importantes em Nazaré e na capital do estado, de ter publicado um livro, Mady Crusoé permanece como uma escritora “desconhecida” no cenário literário baiano. Mas o seu desconhecimento é devido, em parte, à utilização de pseudônimos ao assinar seus textos em jornais no início do século XX.

⁸² Élvia Lordello Castello Branco, segundo depoimento em carta enviada a Mady Crusoé, no ano de 1994, conheceu Mady Crusoé aos seis anos de idade, quando ficou órfã duplamente. Apresenta em sua carta, a professora como uma das lembranças mais queridas de sua infância. Conta na carta que foi casada com o grande jornalista Carlos Castello Branco, colunista político que por trinta anos publicou no Jornal do Brasil e em mais de 30 jornais em todos o país. Conforme livro intitulado *Posse no TCU*, localizado no arquivo, livro composto pelo discurso de posse da então Ministra, à época, e por discursos de outros membros do Governo Federal homenageando-a, ela assumiu o cargo de Procuradora Geral do Tribunal de Contas do Distrito Federal, onde permaneceu por 26 anos. Em 10 de setembro 1987 foi nomeada Ministra do Tribunal de Contas da União, pelo então Presidente José Sarney, cujo mandato durou de 10 de setembro de 1987 a 06 de junho de 1995. Foi a primeira mulher a assumir esses postos no país. Élvia Castello Branco faleceu em 26 de novembro de 2005, no Rio de Janeiro, aos 78 anos.

Conservar e tornar público os manuscritos madyanos, referentes ao livro *Pedaços de Vida*, é permitir que o trabalho da escritora permaneça vivo, possibilitando outras leituras. Ler seus manuscritos e tomar conhecimento da sua existência como poetisa, cronista, educadora, é recuperar e apresentar o legado de Mady Crusoé, recuperando-a textualmente através de sua produção literária com características autobiográficas.

A subseção 4.2 apresenta-se um estudo crítico filológico de manuscritos de *Pedaços de Vida*. Este estudo diz respeito às modificações ocorridas nos manuscritos do livro, isto é apresenta-se uma análise das rasuras. Os manuscritos foram selecionados considerando-se o processo de retomada dos textos para a preparação do livro.

4.2 LEITURA CRÍTICA DE MANUSCRITOS DE *PEDAÇOS DE VIDA*

A prática filológica vai além do gesto de editar textos. Ela é caracterizada, principalmente, pelo exercício da interpretação do texto a ser editado, pois não consiste apenas na fixação e publicação de textos, mas analisa as diversas situações textuais nos aspectos, a saber: a história da gênese, os processos de transmissão, circulação e recepção de textos, bem como, analisa a atuação de agentes sociais no tocante à mediação editorial, por exemplo. A prática filológica é entendida “como um laboratório de produção de sentido”, “como uma atitude crítica [...] [ou] como espaço de produção histórica, linguística, social e política” (BORGES; SACRAMENTO, 2012, p. 46).

Nos papéis do projeto de escritura de Mady Crusoé, verificam-se os seus escritos revestidos de supressões, acréscimos e retomadas. Na leitura dos seus manuscritos, vê-se o embate entre texto e escritora: Mady exerce o papel de autora, leitora e revisora de seus escritos. É no momento da atuação nesses papéis que surgem as rasuras.

Mady Crusoé é leitora do texto que produz, de seu conteúdo. Ela resume o texto, ela explica o contexto em que produziu determinada crônica, fazendo adaptações necessárias para o livro, como uma necessidade do momento em que compunha o livro. Na condição de revisora gramatical, flagram-se anotações de pesquisas em dicionário, questões relacionadas à estrutura do gênero textual. Buscou-se compreender as fases genéticas através do confronto sinóptico, comparando as versões dos textos, observando as rasuras materiais e imateriais, que correspondem às campanhas de correção/ revisão empreendidas pela escritora.

Chamam à atenção os movimentos de reescritura, as rasuras e deslocamentos que ocorrem nos textos. Esses denunciam o seu comprometimento no processo de organização do livro, muitas vezes indicando os caminhos ao editor, ou responsável pela impressão e

diagramação do livro. Caminhos apontados por canetas de tinta azul, vermelha, a lápis, que colore as folhas dos papéis, marcam a superfície textual e mostram a elaboração progressiva de seu livro. O estudo dessas rasuras, embasam-se na constatação de que,

[...] o texto definitivo de uma obra literária é, salvo raras exceções, o resultado de um trabalho de elaboração progressiva. Ao longo desse processo, o autor dedica-se, por exemplo, à pesquisa de documentos ou de informações, à concepção, à preparação, para então dedicar-se à redação do texto, a diversas campanhas de correções e revisões, etc (BIASI, 2010, p.13).

O processo de escritura madyano mostra-se nas cores dos instrumentos utilizados nas suas campanhas de revisão, de reescrita, nas anotações nas linhas, entrelinhas, margens, sobreposições que comprovam a presença da escritora na cena literária. Essas configurações perceptíveis nos documentos madyanos, isto é estes “rastros”, são comuns aos manuscritos modernos e contemporâneos e permitem o estudo da gênese textual. Os manuscritos de *Pedaços de Vida* contam a história entre o momento em que surgiu a ideia de seu projeto livro e o momento em que o seu texto, escrito, reescrito e corrigido surge como um livro impresso.

Para proceder a uma leitura filológica dos manuscritos e sua ordenação, constituíram-se critérios para que não fossem cometidos equívocos na análise dos testemunhos, a saber: a “análise da estratigrafia do manuscrito” (Castro 1990). Foram analisados os manuscritos verificando se são cópias limpas ou rascunhos, observando-se as emendas acrescentadas pela autora em suas campanhas de revisão e aperfeiçoamento do texto; ainda verificou-se a sua paleografia, o material utilizado pela escritora (lápis, caneta, borracha). Com este critério foi possível perceber quais lições foram introduzidas ao mesmo tempo no texto, por serem de uma mesma campanha e quais foram feitas posteriormente.

No estudo dos manuscritos de *Pedaços de Vida*, observou-se que Mady Crusóé buscou os textos no caderno cenoura, no caderno em que as netas transcreveram os textos de sua autoria, nos recortes de jornais, para listá-los em outro caderno (o caderno meu diário), objetivando a seleção dos textos que desejava publicar. Alguns textos novos, feitos especialmente para compor o livro, também foram construídos no caderno meu diário. Após o levantamento desses, a escritora começa a passá-los a limpo no caderno verde. Esses manuscritos foram datilografados pela neta, para ser enviado à gráfica/editora. No ato de passar a limpo, algumas modificações foram realizadas. Essas rasuras identificadas nos manuscritos serão estudadas.

As reformulações na linguagem, realizadas pela escritora, consistem em reorganizações locais, limitadas ao texto, manifestadas na pontuação, na ordem das palavras,

nas substituições de construções sintáticas, nas escolhas de termos gramaticais e lexicais, na substituição de estrofes de alguns poemas, na construção de parágrafos explicativos para as crônicas que publicou em jornais da capital e do interior do estado. Essas rasuras nem sempre são explícitas, pois em muitos textos notam-se as mudanças apenas no confronto entre os testemunhos, visto que, a autora se desfazia de alguns rascunhos quando passava seus textos a limpo. Verificou-se que nem todos os manuscritos se apresentam com muitas rasuras que denotem o processo pré-redacional e redacional de seus textos. Desse modo, escolheram-se aqueles manuscritos que apresentam modificações autógrafas mais significativas para discussão. Do gênero poema foram recortados para estudo: Soneto, Falso amor, Confissão, Tudo passou, Meus filhos, Nazaré Primavera, Não disse adeus; do gênero memórias: Pedacinhos [11], Pedacinhos [12]; do gênero crônica: Anísio Melhor, Granadas de 1933 e Eles.

Identificar as marcas e interpretá-las é tarefa do editor, que apresenta o percurso genético percorrido na elaboração do texto. As rasuras, sejam elas materiais ou imateriais, até o momento, eram desconhecidas dos leitores do seu livro, elas estão localizadas nos cadernos e datiloscritos guardados no arquivo e só foram acessíveis ao crítico. Apesar de esquecidos pela escritora e desconhecidos do público leitor, esses elementos semânticos, aos quais o crítico chama de rasuras, colaboram para o entendimento do(s) sentido(s) do texto.

4.2.1 Leitura dos manuscritos

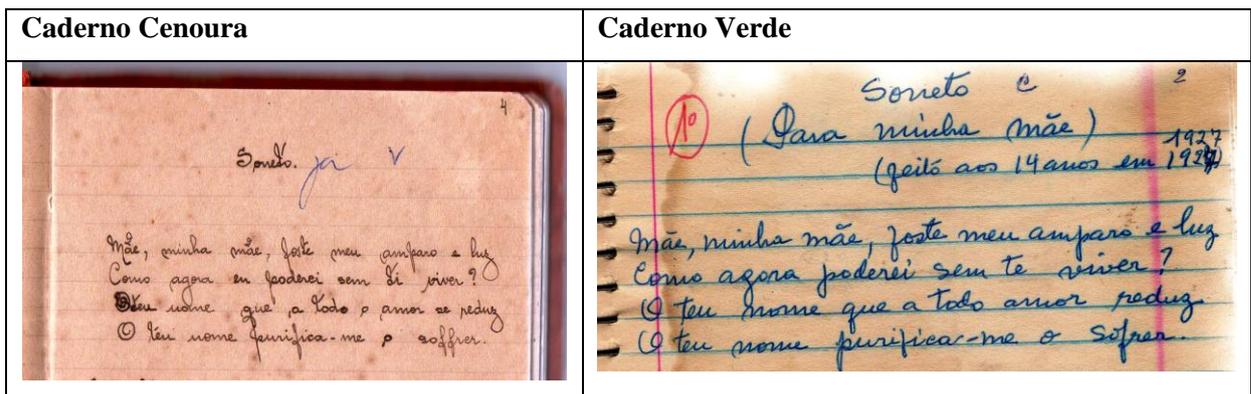
Os textos escolhidos possuem rasuras que permitem o estudo filológico das etapas de escritura, possibilitando uma “visita” aos bastidores do trabalho da escritora. Nesses autógrafos, veem-se os momentos diferentes da reescrita, com a correção do texto. Nota-se o uso que a autora faz dos signos léxicos, dos sinais de pontuação, esses usos demonstram a preocupação com o aperfeiçoamento estilístico. Esses movimentos dão a conhecer as marcas de reelaboração da linguagem, que revelam o uso que ela faz das normas da língua, buscando adaptar-se às normas vigentes à época em que revisou o texto.

Alguns critérios foram adotados para este estudo, quais sejam: apresentação de fac-símiles de testemunhos estabelecendo, em alguns casos, um confronto sinóptico para ressaltar as alterações, especialmente as rasuras imateriais; Destaque em azul para as rasuras imateriais presentes nos testemunhos estudados; transcrição dos testemunhos utilizando símbolos para identificação das rasuras (supressão, acréscimo, substituição); apresentação de quadros com a

classificação das rasuras, para aqueles textos que apresentarem muitas modificações autógrafas.

A revisão/ (re)leitura de alguns poemas consistiu, em modificar alguns títulos, ou modificar estrofes inteiras. Algumas dessas ações, realizadas em suas campanhas de revisão podem ser comprovadas nos fac-símiles a seguir. São fragmentos de dois testemunhos do poema intitulado *Soneto*, escrito aos 14 anos, em homenagem a sua mãe:

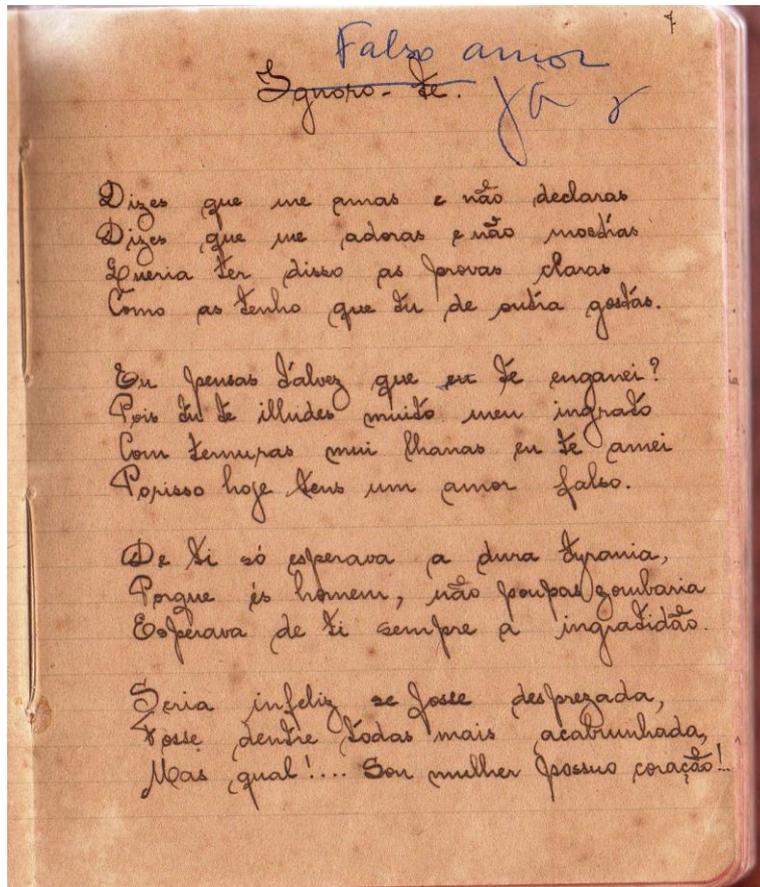
Figura 44 – Figura combinada: Primeira estrofe do poema *Soneto* Scv e Scv



Fonte: APMC

Verificam-se acréscimos referentes à idade e ao ano em que fora escrito o poema, no fac-símile do Caderno Verde. Observam-se as mudanças que se delineiam ao serem comparados os manuscritos. Nota-se que ao passar a limpo o texto *Soneto*, Mady Crusóe procedeu modificações, atualizações da ortografia, ações que revelam a escritora como leitora de seus escritos.

Figura 44 – Falso amor (f. 7)



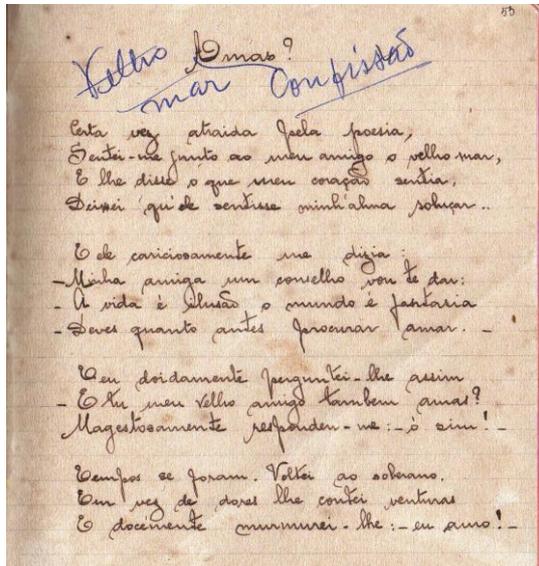
Fonte: APMC (05a0001-28)

Observa-se, nessa passagem, Mady Crusoé na condição de leitora e revisora do texto que escreveu. Há a anotação “Já”, indicando a revisão feita no texto, além da modificação sofrida pelo título do texto, houve o processo de supressão do título “Ignoro-te” e a sua substituição por “Falso Amor”. Tal fato faz vislumbrar os movimentos empreendidos pela escritora para atender aos objetivos pensados para o seu texto no processo de releitura, décadas depois, para ser publicado em um livro. A mudança do título imprime novo significado aos versos.

A produção poética de Mady Crusoé não segue um padrão de métrica definido, seus poemas fogem à formalidade, seus versos são dotados de musicalidade e apresentam suas memórias, as suas experiências de vida, o cotidiano do ambiente familiar, os costumes de uma época. No poema *Confissão*, ela demonstra a sua relação com a poesia e a cumplicidade com o mar. No manuscrito localizado no Caderno Cenoura, apresenta três opções de título para

esse poema. “Amas?”, depois “*Velho Mar*”, e por último “Confissão”, como se pode ver no fac-símile a seguir:

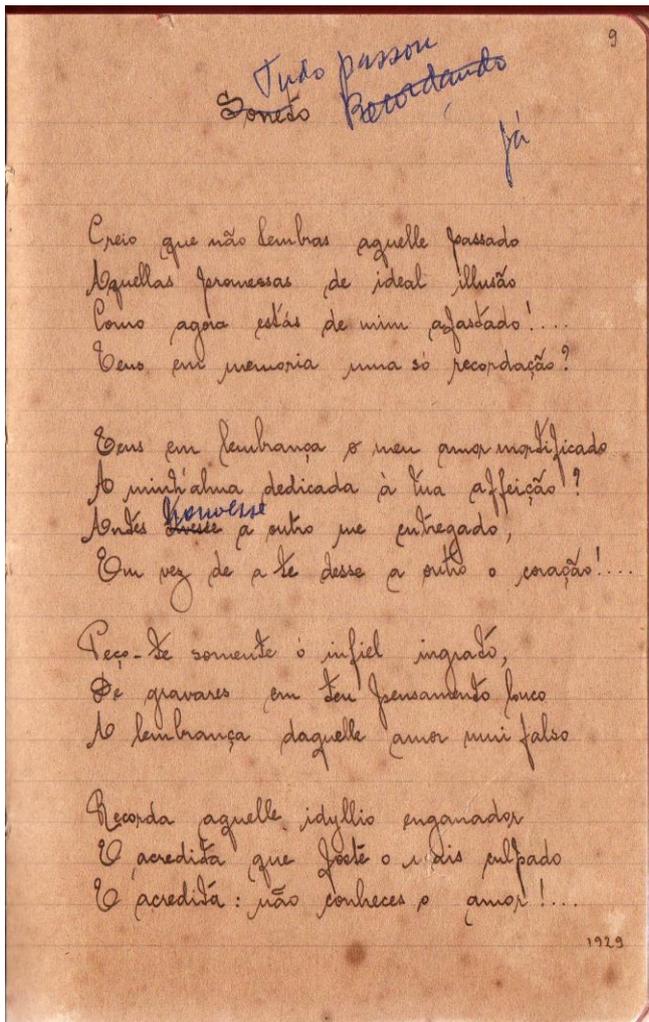
Figura 45 – Poema *Confissão*



Fonte: APMC (05a0001-28)

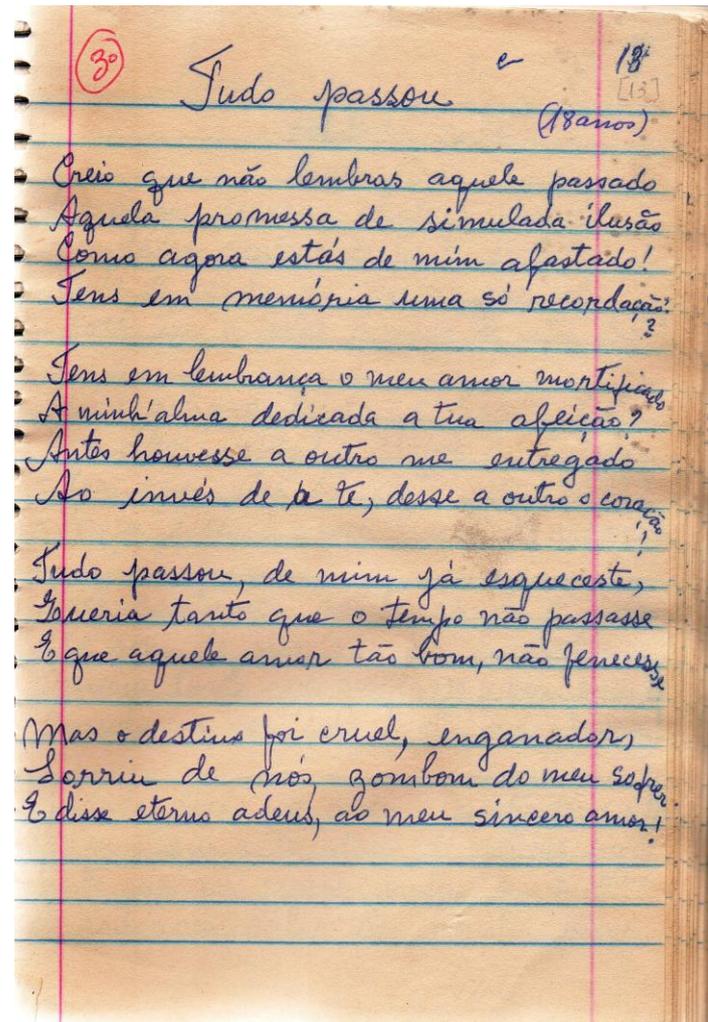
Observam-se as mudanças na escolha do título. Cada um deles contribui com um sentido ao poema. Esse é um manuscrito passado a limpo, que sofreu intervenções autógrafas, quando retomado pela escritora à época da organização do livro. Nele estão registradas algumas fases pelas quais passou o trabalho de (re)elaboração do texto para compor o livro. As intervenções, realizadas com caneta esferográfica de tinta azul, como mostram a figura acima, representam supressões e acréscimos. Inicialmente “Velho Mar” substitui “Amas?”, mas este novo título é suprimido e a escritora apresenta outro: “Confissão”, que permanece nos demais cadernos, no datiloscrito e na obra publicada.

Figura 46 – TPcc



Fonte: APMC (05a0001-28)

Figura 47 – TPcv



Fonte: APMC (05a0005-93)

O Caderno Cenoura concentra maior parte dos poemas que escrevera. Nele estão os mais antigos, alguns permaneceram inéditos, outros inacabados. O caderno chama a atenção, ainda, por possuir manuscritos feitos com caneta tinteiro na cor preta, com muitas correções feitas, em outro tempo, pela escritora, com caneta esferográfica de cor azul. Muitos poemas tiveram o título modificado, ou o acréscimo de alguma palavra.

Alguns manuscritos localizados no APMC não apresentam consideráveis rasuras materiais, ao passo que apresentam rasuras imateriais significativas. É o caso dos testemunhos do poema *Tudo passou* TPcc e TPcv. Esse último não apresenta rasuras materiais, trata-se de um passado a limpo que apresenta rasuras imateriais, ou invisíveis, perceptíveis apenas no confronto entre os testemunhos, como se pode observar nos fac-símiles apresentados a seguir:

Do confronto entre os testemunhos, observam-se algumas modificações no segundo verso da primeira estrofe “Aquellas promessas de ideal illusão”, anula-se o plural: “Aquellas” é substituída por “Aquele”, a palavra “ideal” é substituída por “simulada”: “Aquele promessa de simulada ilusão”. No terceiro verso da segunda estrofe do poema, a forma verbal “tivesse”, foi suprimida e substituída na entrelinha superior por “houvesse”, essa rasura foi feita algum tempo depois, quando a escritora exercia o papel de leitora e revisora de seus escritos para a publicação do livro. Nesse testemunho, há na última linha da folha, no ângulo direito, o ano de 1929, escrito com o mesma cor e mesmo tipo de caneta (tinteiro) de todo o texto, desse modo, àquela época a escritora estava com 16 anos de idade. Em TPcv, tem-se 18 anos. Ao passar a limpo este texto para o caderno verde, situado à folha [13], ela faz alterações, sem deixar rasuras materiais, a idade “18 anos”, na entrelinha (entre a linha 1 e 2) abaixo do título e as duas últimas estrofes do poema foram modificadas completamente.

Para uma melhor visualização das modificações realizadas pela autora e em razão desses movimentos genéticos terem modificado o sentido do texto, julgou-se necessário apresentar o confronto entre os testemunhos, por meio de uma transcrição, destacando em azul as rasuras imateriais, utilizando-se dos operadores para a identificação dessas rasuras. Seguem as transcrições dos testemunhos TPcc e TPcv:

Quadro 1 – Confronto Sinóptico do poema *Tudo passou*

TPcc	TPcv
<Soneto> [-><Recordando>] [↑Tudo passou]	Tudo passou (18 anos)
Creio que não lembras aquele passado Aquellas promessas de ideal illusão Como agora está de mim afastado!... Tens em memória uma só recordação?	Creio que não lembras aquele passado Aquele promessa de simulada ilusão Como agora estás de mim afastado! Tens em memória uma só recordação?
Tens em lembrança o meu amor mortificado A minh'alma dedicada à tua afeição ? Antes <tivesse>[↑houvesse] a outro me entregado, Em vez de a ti desse a outro o coração!...	Tens em lembrança o meu amor mortificado A minh'alma dedicada a tua afeição ? Antes houvesse a outro me entregado Ao invés de a te , desse a outro o coração!
Peço-te somente ó infiel ingrato, De gravares em teu pensamento louco A lembrança daquelle amor mui falso	Tudo passou, de mim já esqueceste, Queria tanto que o tempo não passasse E que aquele amor tão bom, não fenecesse
Recorda aquelle idyllio enganador E acredita que foste o mais culpado E acredita: não conheces o amor!...	Mas o destino foi cruel, enganador, Sorriu de nós, zombou do meu sofrer E disse eterno adeus, ao meu sincero amor!
1929	

Foram realizadas atualizações da ortografia, uma alteração pronominal (“ti” para “te”) e a reescrita das duas últimas estrofes, que, na mudança, permanecem apenas as palavras “amor” e “enganador”.

Os testemunhos MFmd1 e MFmd2 do poema *Meus Filhos* apresentam muitas rasuras materiais. Este texto foi escrito pensando no livro, pois seus primeiros rascunhos (sua escrita de primeiro jato) foram localizados no Caderno Meu Diário, suporte que ela utilizou para planejar todo o livro. Apresenta-se, a seguir, um quadro com a transcrição dos testemunhos, para que se possam observar os movimentos textuais entre o primeiro e o segundo rascunho do texto:

Quadro 2 – Transcrição de testemunhos do poema *Meus Filhos*

MFmd1	MFmd2
<p>47 – Adeus – <Adeus> /48\ – Dia do papai 49 – Vovô Eles são meus amores mais queridos <Presente do céu> 1 Tesouro do ceu, mais linda recompensa 3 Do amor que Deus me deu tão belo e justo 2 Gravados no meu peito <u>docemente</u> <Levarei> /Louvarei\ este amor eternamente! Até o fim da minha vida ei de amá-los Como sabe amar uma mãe tão <u>amorosa</u> Agradece<u>/n [↑do] a Deus <por tantos mimos> [↑tanta bondade] <Rogando ao destino por tanto> Tanto Não fiquei velha porque <eles> me deram vida <Porque> [↑Pois] olhando o amor infinito dos meus filhos A velhice me passou despercebida!</p>	<p>Meus filhos? bemdiz</p> <p><São> <[↑lindas]> [↑Brilhos de] estrelas no <firmamento> [↑ horizonte] do meu céu E na beleza do meu [↑luz do meu destino] < <coração> <[↑peito]> <apaixonado> <[feliz] > [↑emoção] Eles refletem o meu amor <todo carícia> /Deus querido\ Eles dão vida ao meu coração apaixonado! Filhos de minh’alma quanto me orgulho! De perto ao meu amor tão renovado <Presen> Tesouros do ceu Sou feliz hoje, depois de tantos anos feitos Olhando nos olhos dos meus [↑filhos] o carinho E a graça de um amor muito perfeito como contra Não fiquei velha porque eles me <enobrecem> [↑deram vida] <A velhice me passou despercebida> Porque olhando <a> /o\ <graça> /amor\ infinito dos meus filhos A velhice me passou despercebida! (f.7v) / Não fiquei velha porque <eles> me deram vida</p>

	<p><Porque> [↑Pois] olhando o amor infinito dos meus filhos A velhice me passou despercebida!⁸³</p> <p>(f. 8v) Que Deus os faça sempre bons e puros Unidos no amor que eu soube <[↑lhes]> dar <Seja> A união e a paz [↑serão] suas guaridas Porque após <minha> [↑a] vida ainda os ei de amar!</p>
--	---

O tipo e topografia das rasuras realizadas pela escritora no testemunho MFmd1 foram identificados como substituição por sobreposição, supressão e supressão seguida de substituição na entrelinha ou à margem. **Substituição por sobreposição** tem-se: <Levarei> /Louvarei\; **supressões**: <Presente do céu>, <Rogando ao destino por tanto>, <eles>; e **supressão seguida de substituição na entrelinha**: Agradece<u>/n [↑do]; <por tantos mimos> [↑tanta bondade]; <Porque> [↑Pois].

O testemunho MFmd2 é uma nova versão do texto e já está tomando forma de poema. Nesta fase da escrita, notam-se muitas intervenções autorais: são **supressões seguidas de acréscimo suprimido**: <São> <[↑lindas]> , <coração> <[↑peito]>; <apaixonado> <[feliz]>; supressões: <presen>, <a velhice me passou despercebida>; **supressão por sobreposição**: <todo carícia> /Deus querido\, <a> /o\, <graça> /amor\; **acrécimo na entrelinha superior**: [↑Brilhos de], [↑luz do meu destino], [↑emoção]; **acrécimo na entrelinha superior suprimido**: <[↑lhe]>; **supressão seguida de acréscimo na entrelinha superior**: <firmamento> [↑horizonte], <enobrecem> [↑deram vida]; <Porque> [↑pois]; **acrécimo na entrelinha superior**: [↑filhos], [↑deram vida].

O manuscrito cuja representação segue abaixo na Figura 47, NP2, pertence a uma etapa de revisão. A palavra “céu” foi rasurada e substituída por “rio”, no terceiro verso da quinta estrofe. Verifica-se que o texto é uma cópia limpa, mas que em outro tempo sofreu uma rasura por substituição. Apesar de ser uma rasura de uma só palavra, o texto sofreu uma alteração de sentido. Com a edição crítico-genética, esse pensamento não é anulado, ao contrário, é revelado como uma das possibilidades.

⁸³ Essa última estrofe é uma reescrita daquela que é a penúltima estrofe do poema e foi localizada à folha 7v (no verso da folha 7), sinalizada por dois asteriscos.

Figura 47 - Nazaré Primavera

já

Nazaré primavera. já

Ergue-te minha terra esplendorosa e amiga
 Deixa no ocaso, como tuu que é passado
 O inverno. E chega-te para a vida!

Beija que te sopra com beijo ardente
 A primavera que surge. Risonha e vaporosa
 Cheia de graça de música esplendente.

Tem para o abrigo da vida minha boa terra!
 O inverno passou. Deito em cada peito compassa
 O coração. E a alma bota doce alegria encerra!

Chega-te perto Nazaré. Espia o fruto do amor
 Tem cada rostinho infantil em que o sorriso
 Esquece o sofrimento e esquece a dor.

Olha quanto rostinho infantil, flôr em botão
 Tô quanto olhar de virgem cheio de vaidade
 Pela beleza de teu rio, cortando a beleza da cidade!

Tem Nazaré, seja a primavera da vida!
 Rasga o teu seio e planta a semente do progresso
 Esquece os invernos do passado minha terra doce e amiga!

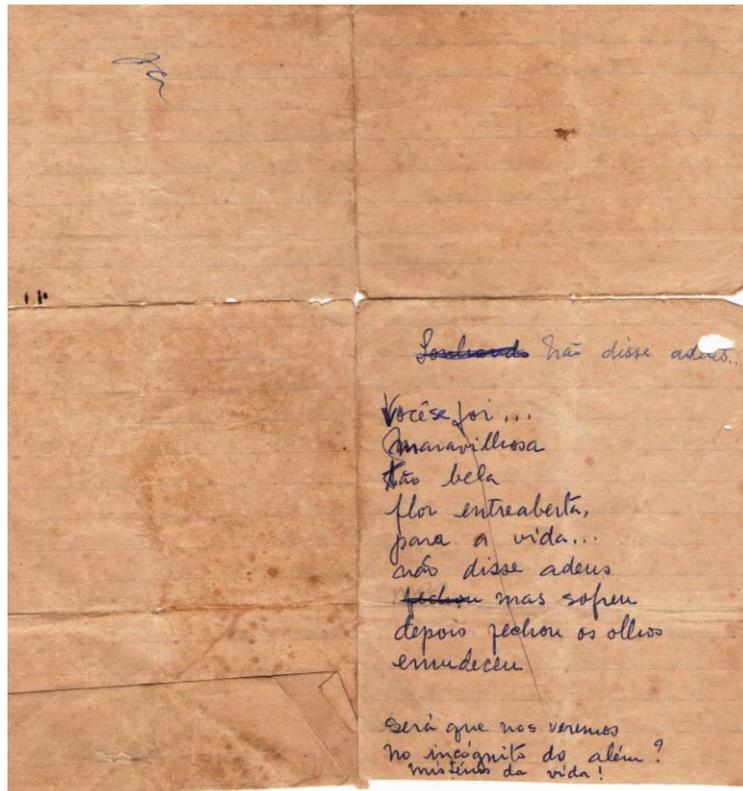
Levanta o vedor de tuas matas e toca o céu
 Beija sempre o infinito das quiméras
 E que teus filhos sejam frutos de ciência
 Numma encantada e festiva - "Primavera!" -

Fonte: APMC (05C0011-sd)

O texto foi passado a limpo para o *Caderno Verde* e a rasura aparece no mesmo verso: nota-se que há uma dúvida, uma vacilação, entre publicar céu ou rio, no texto final. Seguindo as regras da topografia das rasuras, foi considerada a primeira lição o manuscrito NP1, em que a palavra “céu” aparece sem rasuras. Ao retomar o texto, para publicação a escritora faz a substituição da palavra por sobreposição. A mudança altera o significado do verso e, sem dúvida, está mais ligada ao contexto do poema, acredita-se que esse foi o motivo para a palavra “rio” ter prevalecido no texto publicado. Observou-se que o poema Nazaré Primavera não faz parte do Datiloscrito, mas está publicado no livro, à página 50.

No verso do documento NP2, está o rascunho de um outro poema: *Não disse adeus*, escrito em homenagem à primeira esposa do seu filho adotivo⁸⁴. A existência de um rascunho de um outro poema no verso da folha, também, reforça as evidências de que o testemunho NP2 é mais recente do que o NP1, pois essas campanhas de revisão, de reescrita e de escrita de novos textos ocorreram intensamente no período em que a escritora estava organizando o livro.

Figura 49 – Poema *Não disse adeus*

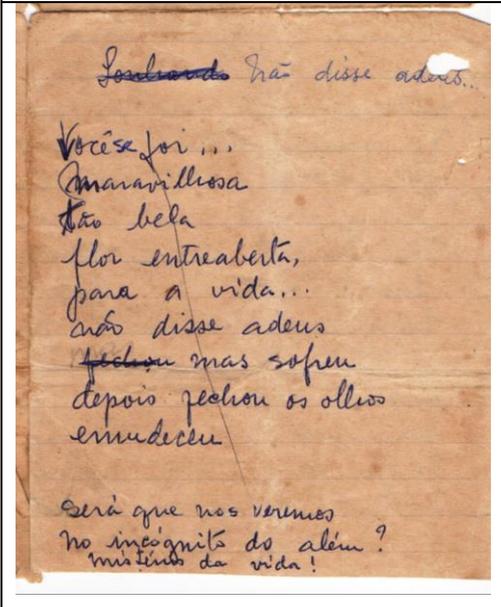
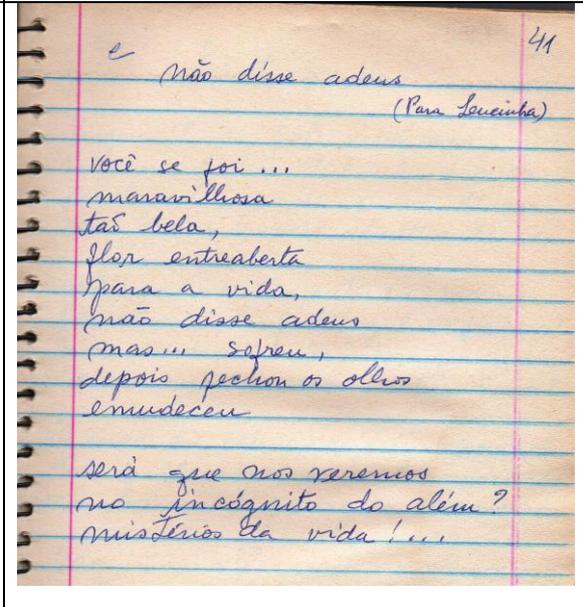


Fonte: APMC (05C00011v-sd)

Esse texto compõe a seção de poemas publicados no livro. Ele foi passado a limpo no caderno verde e integra o datiloscrito. Ao estudar seus manuscritos, observa-se a relação entre o sujeito-escritor e o sujeito-leitor. Verificam-se rasuras nesse manuscrito, quais sejam: uma supressão do título <Sonhando>, seguida do acréscimo de [Não disse adeus...] e a supressão do verbo <fechou>, no sétimo verso. Observam-se rasuras imateriais no testemunho do poema no caderno verde. Apresenta-se um confronto entre os testemunhos NDA1 e NDACv:

⁸⁴ O filho adotivo da escritora, Dilmar Ramos (falecido na década de 1990), perdeu sua primeira esposa, na década de 1980, ela se chamava Lúcia, “Lucinha”, para os familiares.

Quadro 3 – Confronto entre os testemunhos do poema *Não disse adeus*

Manuscrito NDA1	Manuscrito NDAcv
 <p>Lucinha não disse adeus.</p> <p>Você se foi... maravilhosa tão bela flor entreaberta, para a vida... não disse adeus fechou mas soube depois fechou os olhos emudeceu</p> <p>Será que nos veremos no incógnito do além? mistérios da vida!</p>	 <p>41 não disse adeus (Para Lucinha)</p> <p>você se foi... maravilhosa tão bela, flor entreaberta para a vida, não disse adeus (mas... soube, depois fechou os olhos emudeceu</p> <p>Será que nos veremos no incógnito do além? mistérios da vida!...</p>

O manuscrito NDAcv apresenta modificações autorais no tocante aos sinais de pontuação. São substituições e acréscimos. Esses sinais modificam o sentido ao poema. Além desses acréscimos, há nesse testemunho, abaixo do título, o acréscimo da informação entre parênteses: “(para Lucinha)”, o nome da falecida esposa do seu filho adotivo.

Nos manuscritos de seus textos em prosa, delineia-se, também, o caminho percorrido pela poetisa em seu fazer poético, concretiza-se a relação entre os conteúdos apresentados na prosa e a temática dos poemas: a história de vida da escritora destaca-se em suas narrativas.

Os testemunhos das narrativas as quais a escritora intitulou *pedacinhos...* presentes em seus cadernos, trazem marcas dos movimentos de retomada, revisão e algumas alterações. Os *Pedacinhos...* são narrativas curtas, cujas temáticas dizem respeito as suas memórias, quais sejam: o dia do seu casamento, as suas vivências no seio familiar, os diálogos com os netos, as histórias vividas pelo Cônego Getúlio Rosa (seu pai adotivo), entre outros. Muitos desses textos contam fatos curiosos. Os fac-símiles, a seguir, são testemunhos manuscritos de *Pedacinhos...* [n.11], eles apresentam rasuras de supressão e de acréscimo na entrelinha:

Figura 50 – Pedacinhos... [11] cmd

X pedacinhos... 2 [10]

Cesta vez, conversando A

Como ~~ela~~ ^{ela} vai ~~menina~~ ^{de estudos}, vai fazer sempre o concurso? Não temo medo de nada; em português estou ótima, mas em tilogra sou fracasso! Pode? Isso me comovea...

Xine

Fonte: APMC (05a0004-93)

Figura 51 – Pedacinhos... [11]. Cv

pedacinhos...

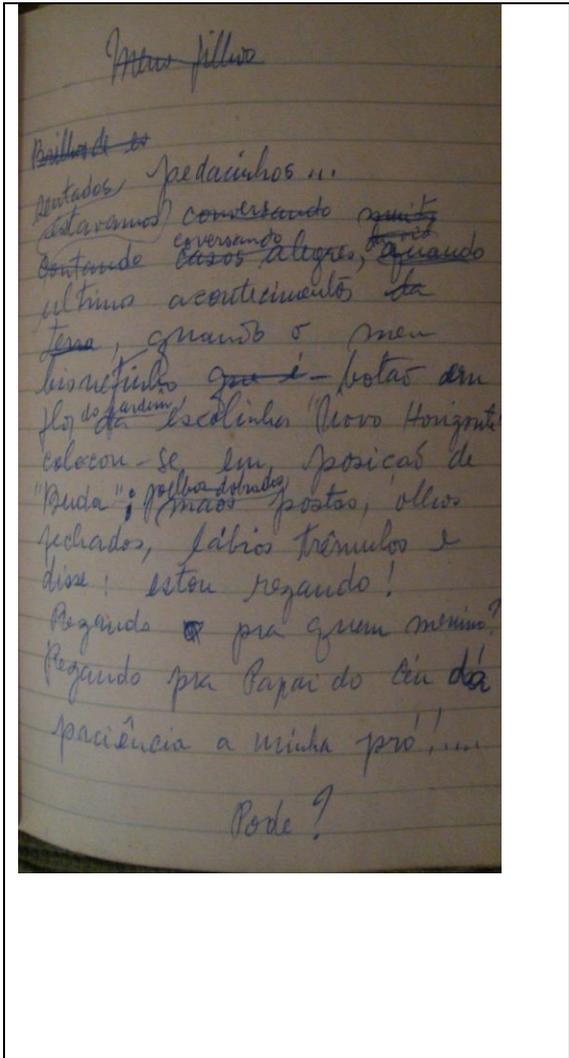
→ Como vai você Adélia de estudos, vai fazer sempre o concurso? Não temo medo de nada; em português estou ótima, mas em tilogra sou fracasso! gostou? gostou?

Fonte: APMC (05a0005-93)

O testemunho P11md apresenta rasuras de supressão, acréscimo na entrelinha. Além disso, vê-se, a partir do registro da palavra “já” e do traço que corta o texto na diagonal, que o testemunho fora revisado pela escritora. Em P11cv há rasuras que resultam do uso de borracha. A escritora anula passagens do texto, realiza alterações, substituindo “menina” por “Adélia” e acrescentando “gostou?” ao final. Há, também, nesse testemunho o acréscimo de travessões, indicando a fala das personagens da narrativa.

O testemunho P12md1, que narra um episódio vivido no seio familiar, apresenta muitas modificações realizadas pela escritora, apresentadas sob a forma de supressões e acréscimos, como se pode ver no fac-símile a seguir e sua respectiva transcrição:

Quadro 4- Fac-símile do testemunho P12md1 e transcrição

	<p><Meus filhos> <Brilhos de es> pedacinhos...</p> <p>[↑sentados] estávamos <conversando muito contando casos alegres,> [↑conversando] <[↑da vida]> últimos acontecimentos <da> <Terra>, quando o meu 5 bisnetinho, <que é> - botão <d>/e\m flor [↑do jardim] da escolinha "Novo Horizonte" co ocou-se em posição de "Buda"; [↑joelhos dobrados] mãos postas, olhos 'fechados, lábios trêmulos e 10 disse: estou rezando! Rezando <†> pra quem menino? Rezando pra Papai do Céu d<ar>/á\ paciência a minha pró!.... Pode?</p>
---	---

O testemunho P12md1 parece ser uma escrita de primeiro jato. Faz correções, reescrevendo, às vezes, antes de concluir a grafia de uma palavra. As rasuras são de supressão, acréscimo e substituição por sobreposição:

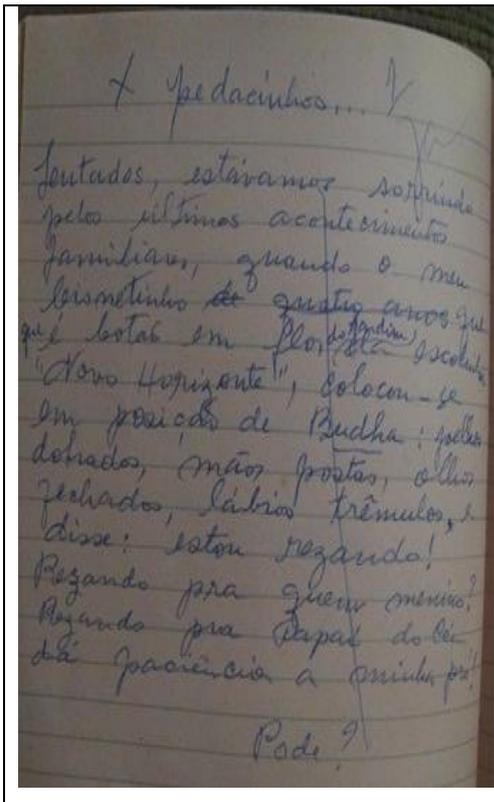
Quadro 5- Rasuras do manuscrito P12md1

Processo de escritura	Processo de escritura	Campanha de revisão
SUPRESSÃO	ACRÉSCIMO	SUBSTITUIÇÃO POR SOBREPOSIÇÃO
Meus filhos (L.1)	sentados (L.4)	<d>/em\ (L.8)
Brilhos de es (L.2)	Conversando (L.5)	D<ar>/á\ (L.15)
conversando muito (L.4)	do jardim (L.9)	
contando casos alegres, quando (L. 5)	joelhos dobrados (L.11)	

da vid (L.5)		
da (L.6)		
Terra (L.7)		
que é (L.8)		

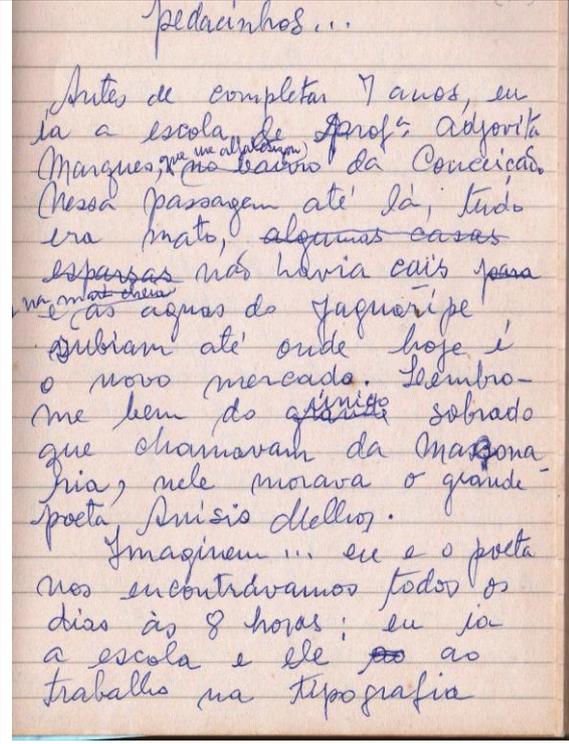
O testemunho P12md2, acha-se no verso da folha que traz P12md1. Trata-se de um manuscrito passado a limpo, no qual retorna ao texto, realizando supressão e acréscimos: na L. 5 elimina “de quatro anos” e na L. 6: “que”, “do jardim”. Há um “X” à esquerda do título, na L.1, talvez indicando a correção ou a cópia para outro suporte. A palavra “já” entre as linhas 1 e 2, lançada à direita, também reforça a hipótese de que o texto fora passado a limpo ou copiado para outro suporte. Segue o fac-símile do testemunho P12mdb e sua respectiva transcrição:

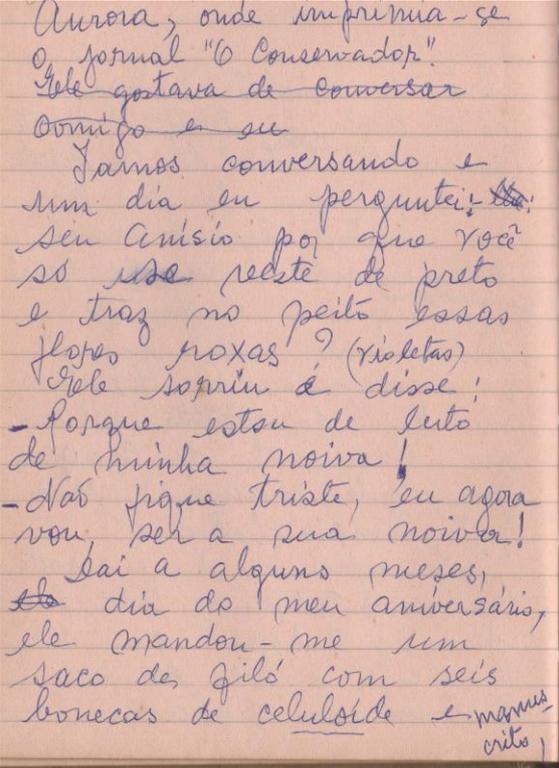
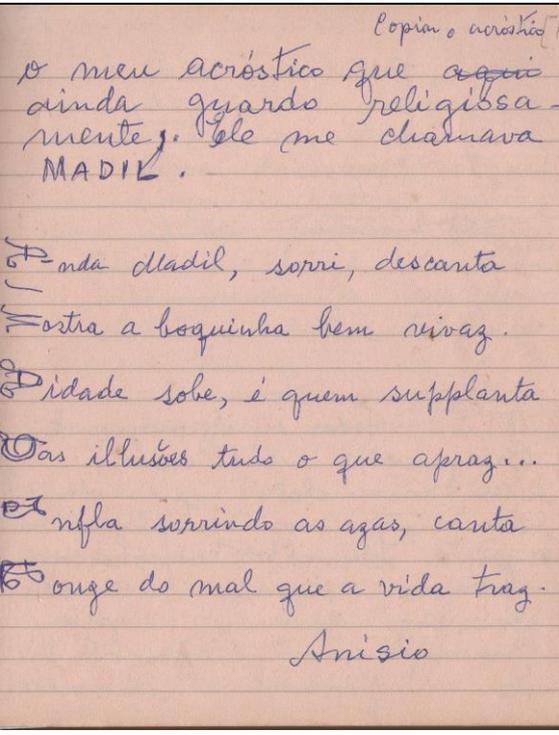
Quadro 6 – Fac-símile e transcrição do testemunho P12md2

	<p>pedacinhos...</p> <p>Sentados, estávamos sorrindo pelos últimos acontecimentos familiares, quando o meu bisnetinho <de quatro anos> que [←que] é botão em flor [↑do jardim] da escolinha “Novo Horizonte”, colocou-se em posição de Budha: joelhos dobrados, mãos postas, olhos fechados, lábios trêmulos, e disse: estou rezando! Rezando pra quem menino? Rezando pra Papai do Céu dá paciência a minha pró! Pode?</p>
---	---

Dentre os manuscritos uma das narrativas que intitulou *pedacinhos...*, apresenta rasuras materiais como supressões e sobreposições. Esse texto sofreu modificações, também, quanto ao gênero, pois passou a compor a seção crônicas e discursos do livro. A escritora intitulou-o *Anísio Melhor*, na obra publicada. No testemunho localizado no Caderno Meu Diário, pode-se notar que a maioria dos movimentos de gênese são de substituições, supressões e anotações à margem. Apresenta-se, a transcrição das folhas 15 (anverso e verso) e parte da folha 16 do testemunho “pedacinhos...” localizado no referido caderno, acompanhadas do fac-símile:

Figura 52 – Figuras combinadas: Anísio Melhor (f. 15, f. 15v, f. 16)

 <p>pedacinhos...</p> <p>Antes de completar 7 anos, eu ia a escola de Prof^a Adjovita Marques, ^(no bairro da Conceição) no bairro da Conceição. Nessa passagem até lá, tudo era mato, algumas casas esparsas não havia cais para ^{na maré cheia} e as águas do Jaguaripe subiam até onde hoje é o novo mercado. Lembro-me bem do ^{único} sobrado que chamavam da maçonaria, nele morava o grande poeta Anísio Melhor.</p> <p>Imaginem... eu e o poeta nos encontrávamos todos os dias às 8 horas; eu ia a escola e ele ia ao trabalho na tipografia</p>	<p>pedacinhos...</p> <p>Antes de completar 7 anos, eu ia a escola de <D>/p\rof^a Adjovita Marques, [[↑]que me alfabetizou] no bairro da Conceição.</p> <p>5 Nessa passagem até lá, tudo era mato, <algumas casas esparsas> não havia cais <para> [[↑]e na maré cheia] as águas do Jaguaripe subiam até onde hoje é o novo mercado. Lembro-me bem do <grande> [[↑]único] sobrado</p> <p>10 que chamavam da ma<ss>/ç\onaria, nele morava o grande poeta Anísio Melhor. Imaginem... eu e o poeta nos encontrávamos todos os dias às 8 horas: eu ia a escola e ele <ao> ao</p> <p>15 trabalho na tipografia</p>
---	--

 <p>Aurora, onde imprimia-se o jornal "O Conservador". Ele gostava de conversar comigo e eu vamos conversando e um dia eu perguntei: Seu Anísio por que você só usa veste de preto e traz no peito essas flores roxas? (violetas) Ele sorriu e disse: - porque estou de luto de minha noiva! - Não fique triste, eu agora vou ser a sua noiva! Daí a alguns meses, ele mandou-me um saco de filó com seis bonecas de celuloide e manuscrito</p>	<p>Aurora, onde imprimia-se o jornal "O Conservador". <Ele gostava de conversar> <comigo e eu> 20 Vamos conversando e Um dia eu perguntei[:] <-lhe> Seu Anísio porque você Só <usa>/se\ veste de preto E traz no peito essas 25 Flores roxas? (Violetas) Ele sorriu e disse: - Porque estou de luto de minha noiva! - Não fique triste, eu agora vou ser sua noiva! 30 Daí a alguns meses, <ele> dia do meu aniversário, Ele mandou-me um saco de filó com seis 35 Bonecas de celuloide e manuscrito,</p>
 <p>Copio o acróstico o meu acróstico que aqui ainda guardo religiosamente. Ele me chamava MADIL. Ennda Madil, sorri, descanta Mostra a boquinha bem vivaz. Didade sobe, e quem supplanta Das ilusões tudo o que apraz... Enfla sorrindo as azas, canta Bõnze do mal que a vida traz. Anísio</p>	<p>O meu acróstico que <aqui> Ainda guardo religiosa- Mente, . Ele me chamava 40 MADIL.</p>

Fonte: APMC (05a0004-93)

Verificam-se rasuras autógrafas no manuscrito "pedacinhos...", estas são apresentadas e classificadas no quadro a seguir:

Quadro 7– rasuras do manuscrito AMmd

SUPRESSÃO	SUPRESSÃO SEGUIDA DE ACRÉSCIMO	ACRÉSCIMO	SUBSTITUIÇÃO POR SOBREPOSIÇÃO
Algumas casas esparsas (L. 5)	<grande> [↑único] (L.9)	que me alfabetizou (L.4)	<D>/p\rofessora (L. 3)
para (L. 5)		na maré cheia (L. 6)	Ma<ss>/ç\onaria (L.10)
ao (L. 14)		: (L. 21)	<usa> /se\ (L.23)
Ele gostava de conversar comigo e eu (L. 18)			
-lhe (L. 21)			
Ele (L. 32)			
Aqui (L. 37)			

A maioria das rasuras no testemunho “pedacinhos...” são supressões realizadas no processo de construção do texto, anulando eventuais redundâncias <algumas casas esparsas>; ou buscando um adjetivo mais preciso, fazendo o acréscimo de um adjetivo substituto em curso, logo após a supressão: <grande> [↑único]. Além da maioria das rasuras localizadas no testemunho serem de supressão, que demonstram modificações autógrafas no curso da escrita, isto é, no processo de construção, a ausência de pontuação em algumas palavras, também, denotam uma escrita rápida, evidenciando uma construção de primeiro jato.

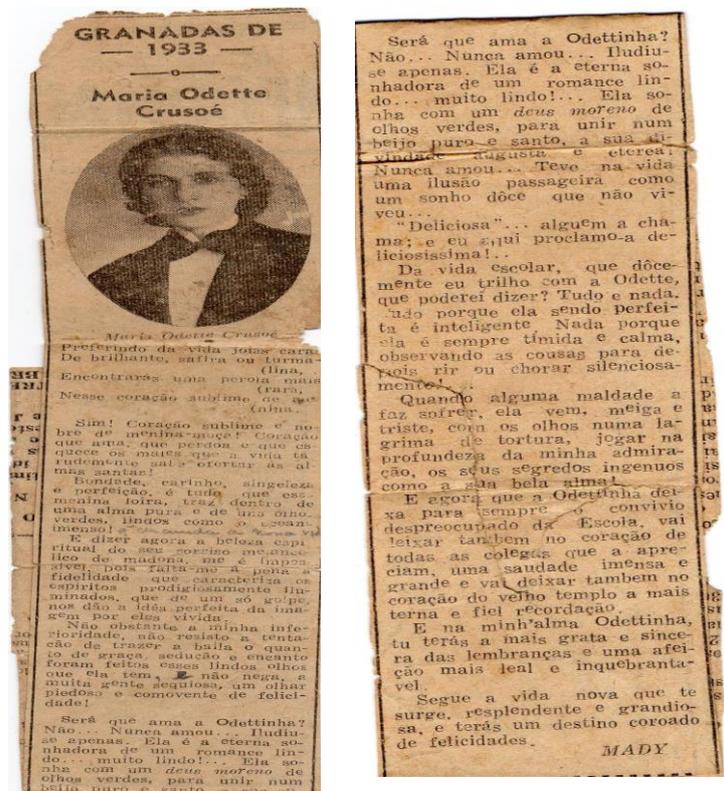
No livro, o texto apresenta o título *Anísio Melhor*, compõe a seção “Crônica”, em vez de fazer parte da seção “Pedacinhos”, bem como não traz o acróstico no corpo do texto. A homenagem que recebeu na infância, prestada pelo poeta, fora utilizada para ilustrar a contracapa do livro.

No livro, o texto não apresenta o Acróstico que lhe fora presenteado pelo poeta nazareno Anísio Melhor, na infância. Este foi utilizado para ilustrar a capa do fundo do livro.

Na preparação das crônicas para o livro, a escritora fez intervenções no corpo do texto, com o propósito de fazer a correção de grafia e adequação gramatical. Merecem destaque os parágrafos introdutórios que elaborou para dois textos, quais sejam: *Eles* e *Granadas de 1993*. Nos parágrafos introdutórios, a escritora descreve-os e contextualiza-os, mostrando sua importância para a época em que foram publicados em jornais baianos, entre o final da década de 1920 e início da década de 1930, período em que se utilizava de pseudônimos para assinar seus textos, tais como: Amy, Mady, Mariza, Madame X.

A releitura da sua própria produção motivou a sua reescrita. Foi localizado no interior do caderno verde, um recorte de jornal com a publicação do texto *Granadas de 1933*, no *O Imparcial*, da cidade de Salvador. Segue fac-símile apresentado na figura a seguir:

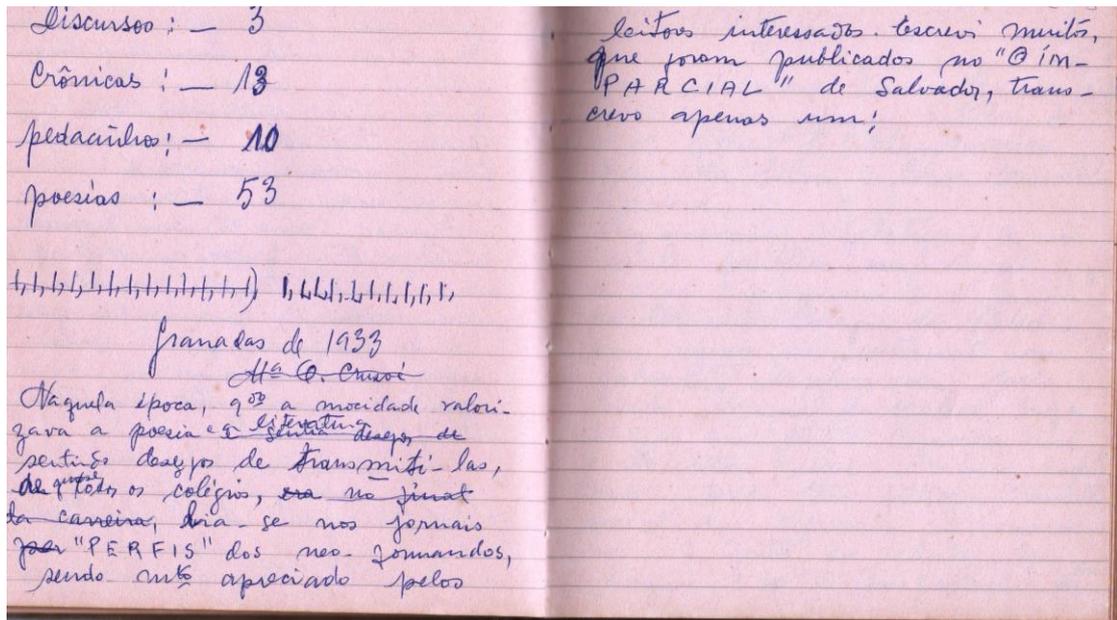
Figura 53 – Figuras combinadas: *Granadas de 1933*



Fonte: APMC (03b0010-sd)

No impresso, tem-se um acréscimo feito a lápis no quinto parágrafo do impresso: “q. circunda a nossa vida”; o acréscimo de uma vírgula e uma sobreposição, na sexta linha do sétimo parágrafo do texto /e/. No caderno Meu Diário, no verso da folha 22, a escritora lista os gêneros textuais e apresenta a quantidade de cada um para divulgar no livro. Após esta anotação, inicia, ainda nesta folha, a redação do texto que introduziria essa sua crônica, que ela classifica de Perfil. Mady Crusóe escreve a introdução para o texto *Granadas de 1933* e continua a escrita à folha [23], ocupando as quatro primeiras linhas. A escritura, flagrada em estado inicial, marca-se nos movimentos de ir e vir da escrita, conforme se nota na reprodução fac-similar, do texto localizado no caderno meu diário.

Figura 54 – Introdução para o Perfil *Granadas de 1933*, f. [22v] e 23



Fonte: APMC (05a0004-93)

O fac-símile do manuscrito que apresenta um rascunho inicial, provavelmente não se trata de uma cópia de um manuscrito anterior, ela o redigiu para a publicação do livro. No quadro a seguir, apresenta-se a transcrição que traz os movimentos genéticos, de supressão e acréscimo:

Quadro 8 – Transcrição da introdução para crônica *Granadas de 1933*

Granadas de 1933

<M^a C. Crusoé>

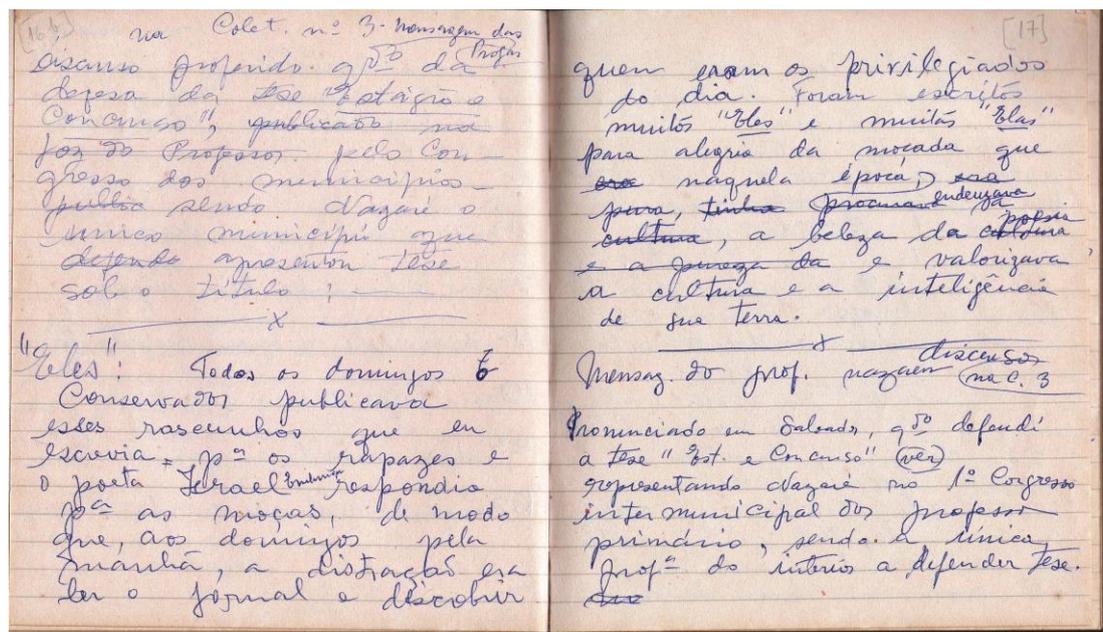
Naquela época, qd^o a mocidade valorizava a poesia e [↑e a literatura] <e tinha desejos de> sentindo desejos de transmiti-las, /de< [quase]> todos os colégios, <era no final da carreira>, <v>/\|ia-se nos jornais <per> “PERFIS” dos neo-formandos, sendo mto apreciado pelos leitores interessados. Escrevi muitos, que foram publicados no “O IMPARCIAL” de Salvador, transcrevo apenas um:

Na obra publicada apresenta-se um erro tipográfico, no tocante ao ano que compõe o título dessa crônica. Equivocadamente, foi publicado o título: “Granadas de 1993” e não fora encontrada nenhuma errata publicada, ou mesmo anotação autógrafa no livro que ressaltasse o

equivoco, que só pode ser verificado observando-se o contexto, ou se comparado o texto do livro ao publicado no jornal *O Imparcial*. Muitos leitores não devem ter atentado para isto, decerto, a maioria desconhecia a publicação da crônica no jornal, no ano de 1933. De conformidade com Chartier (2002, p. 40), “os descuidos do autor, os erros dos tipógrafos, as inadvertências dos revisores, tudo contribuiu para a construção dos sucessivos textos do “mesmo” trabalho”. O texto publicado é fruto do trabalho de vários agentes, por isso uma mesma produção pode apresentar muitas variantes, que devem ser compreendidas pelo editor crítico, que deverá escolher uma das modalidades de sua escrita para transmitir o texto. Esses guiam-se pelas convenções ortográficas vigentes à época da publicação, revisam a sintaxe. Em se tratando da organização do livro de Mady Crusoé, observaram-se as diversas campanhas de revisão empreendidas pela escritora, preparando o manuscrito, que serviu de original para a publicação.

Ao preparar a crônica *Eles*, para publicá-la no livro, Mady Crusoé elabora uma introdução para explicar o contexto em que estava inserido. Segue fac-símile do testemunho, seguido da transcrição, para identificação das rasuras:

Figura 54 – Introdução para a crônica *Eles*, f [16v] e [17]



Quadro 9 – Transcrição da introdução para a crônica *Eles*

“Eles: Todos os domingos o Conservador publicava esses rascunhos que eu escrevia p^a os rapazes e o poeta Israel [↑Embriuç]u] responda p^a as moças, de modo que, aos domingos, pela manhã, a distração era ler o jornal e descobrir quem eram os privilegiados do dia. Foram escritos muitos “Eles” e muitos “Elas” para alegria da moçada que <era> naquela época <era> <pura>, <tinha> <procurava> [↑endeuzava] a <cultura>, a beleza da <cultura> [↑poesia] <e a pureza da> e valorizava a cultura e a inteligência de sua terra.

O rascunho contém abreviaturas, supressões e acréscimos nas entrelinhas. A introdução para a crônica *Eles* dividiu espaço com o rascunho de uma introdução que escreveu para o discurso proferido aos professores da rede estadual de ensino, quando defendeu em Salvador-BA a “Tese” *Estágio e Concurso*. Dessa proximidade entre os rascunhos, dessa retomada aos textos que escreveu no passado, dessa busca ao seu arquivo, percebe-se que os documentos do processo de criação de *Pedaços de Vida*, estabelecem, entre si, microrrelações que vão se estruturando ao longo do processo de escritura de Mady Crusoé.

Percebe-se o trabalho de construção do livro *Pedaços de Vida* em estado nascente, ao estudar os manuscritos autógrafos presentes no APMC. Foram objetos desse estudo os planos, esboços, roteiros, cadernos, papéis avulsos, entre outros documentos de trabalho. Coube ao crítico tentar desvendar o que dizem esses documentos, compreender as microrrelações entre eles, que foram se formando ao longo da construção do livro. A análise dos testemunhos selecionados permitiram acompanhar o processo criativo de Mady Crusoé, os caminhos traçados nos seus manuscritos levam ao livro, que a autora se ocupou até a entrega do texto final para a gráfica-editora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“No âmbito da Filologia, os textos são documentos, testemunhos e monumentos de uma época, de um povo, de uma sociedade, de um lugar” (BORGES, 2013, p. 43).

Com este estudo que ora se finda, apresentou-se a leitura do Arquivo Particular de Mady Crusoé (APMC), bem como a escritora e(em) seus papéis. Descreveram-se os papéis em que a produção literária madyana foi inscrita e arquivada, indicando alguns movimentos de escritura e as campanhas de revisão; realizou-se a leitura do processo de escritura de alguns manuscritos de *Pedaços de Vida*, através da edição crítico-genética e estudo de manuscritos autógrafos.

Com o estudo dos manuscritos, mostrou-se o projeto do livro *Pedaços de Vida* e o seu preparo para a publicação. Buscou-se na Filologia, respaldo teórico-metodológico para tratamento e leitura dos documentos; na Arquivística, os elementos para a organização do conjunto documental do APMC, bem como para a feitura do inventário; e na Crítica Genética, encontraram-se os meios para classificar as rasuras presentes nos rascunhos e para interpretar as transformações da escrita.

Comprovou-se que as anotações nos cadernos, nos papéis avulsos, exibem a marca de um acontecimento, que a sua escritora objetivou e pôs em prática. Conforme Grèsillon (2007, p. 197), “o manuscrito surge, então, como uma espécie de laboratório vivo para provar, ilustrar e afinar uma determinada concepção da linguagem”. Estudar os traços da gênese desses textos é mostrar a língua em ato, com as suas intervenções, retomadas, erros e correções, êxitos, domínios.

Para Grèsillon (2007, p. 282), “todo escritor é [...] em primeiro lugar leitor de outros textos, depois leitor crítico de seus próprios textos, antes de reescrevê-los ao seu modo, e de corrigi-los para, enfim, confiá-los a outros leitores”. Ao se examinar os manuscritos de *Pedaços de Vida*, de Mady Crusoé, localizados em seu acervo particular, flagrou-se uma escritora, leitora de seus próprios escritos, no processo de organização do primeiro e único livro que publicou. As rasuras, anotações e questionamentos que ela faz às margens, nas entrelinhas, etc, dos seus manuscritos, representam as marcas das fases pelas quais passou o seu trabalho. Muitas dessas marcas evidenciam o que escritora reconsiderou, de alguma forma, o que sentira ou escrevera.

Os autógrafos de *Pedaços de Vida* reúnem textos de primeira mão, textos copiados pelo autor e pelo datilógrafo (sua neta) e textos que se aproximam da versão final. Desse

conjunto documental, escolheram-se os testemunhos que apresentaram rasuras mais significativas, que denotem a(s) vontades da autora, para a edição crítico-genética. Com o confronto entre os testemunhos e acompanhando os movimentos da sua escritura, verificou-se que a escritora se mostra preocupada com a estética de suas produções, buscando lapidar os seus textos. O seu primeiro passo na construção do livro consiste em “resgatar” esses textos das gavetas, pastas e coletâneas, em que foram arquivados, ao longo da vida, por seu esposo. Dispersas em seu arquivo particular, suas produções ganham vida ao serem recolhidas para compor o seu primeiro livro publicado. A sua produção literária é voltada, em grande parte, para temáticas referentes as suas experiências. Mesmo quando as suas vivências não são o tema principal, há sempre o seu espaço doméstico, ou a sua paixão pela cidade.

Mady Crusoé apresenta as suas lembranças do passado e isso inclui as lembranças da sua cidade. Essas últimas são “pontos de amarração de sua história” (BOSI, 2003, p. 70). As suas lembranças trazem à tona o passado da sua cidade, tais como os aspectos geográficos, elementos da imprensa em Nazaré, além de representar, em parte, o comportamento de mulheres escritoras do início do século XX no cenário da literatura baiana, produzida no interior do estado. Suas memórias trazem à tona momentos da sua vida desde a adolescência. Esses recortes da memória são envoltos em uma linguagem sinestésica, capaz de oferecer os sons, as cores, o aromas, as vozes que permearam a sua vida.

A cidade de Nazaré é, também, matéria da memória, pois a escritora descreve a sua arquitetura colonial e seus elementos naturais, tudo como plano de fundo para evocar as suas experiências. A casa onde morava, bem como a cidade apresentam-se na sua narrativa como seiva de onde retira a memória.

A criação poética madyana é fruto de uma mistura do que leu, do que viveu – as perdas, os ganhos, a dedicação à educação, as tradições de sua época, a família, as memórias. As crônicas que publicou em jornais, também, testemunham as releituras que fez de acontecimentos e opiniões. Suas produções aparecem como um lugar de culto da memória familiar, das histórias que lhes foram transmitidas, oralmente, hábitos e costumes, ao mesmo tempo que oferecem um passado compartilhado com situações cotidianas significativas para os seus leitores, pois mesmo a sua maioria resguardando o espaço doméstico da escritora, ultrapassam o pessoal, pois incluem a sua vida pública, a coletividade, envolvendo e emocionando outras pessoas e, nesse sentido, nota-se o eu e o outro implicados no texto.

Em seu livro, a escritora expõe os seus sentimentos e vivências aos olhares da sociedade. Narra histórias de vida, confissões, perdas. E coloca em cena a sua intimidade. Apresenta em seus poemas e suas narrativas a consciência de si para a mesma sociedade que a

fez, por toda a vida, preservar a sua imagem; que controlou as suas reações afetivas; que a inibiu a não revelar sua verdadeira identidade em seus textos publicados em jornais nos quais foi colaboradora.

Apesar de ceder a certas imposições e convenções sociais ela não demonstrou um comportamento passivo, nem tampouco ingênuo, o que a fez uma mulher à frente do seu tempo. Observa-se que ao apresentar aos leitores essa consciência de si, a escritora realiza um desejo que era de muitas mulheres de sua época, no início do século XX: expor seus sentimentos, opiniões e críticas a uma sociedade que oferecia poucas oportunidades de participação social e de desenvolvimento intelectual às mulheres. Assim, seus textos se identificam com outros sujeitos, aqueles com os quais partilhou experiências, seja no âmbito do exercício do magistério, seja no âmbito familiar.

As suas memórias desdobram-se, alargam-se e envolvem a sociedade na qual se insere. É por isso que uma história de vida não pode ficar escondida. Conforme Ecléa Bosi (2013, p. 69), “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu.” E a cidade a viu crescer, formar-se, casar-se, tornar-se professora, mãe, avó, bisavó. A cidade testemunhou seu trabalho à frente de instituições filantrópicas, contribuindo para o crescimento de sua terra e de sua gente. Em discurso proferido na ocasião das comemorações ao centenário de nascimento da escritora, sua filha Maria Aparecida Crusoé Souza a descreveu:

[...] mulher extremamente sentimental, que soube como ninguém transmitir para todos a alegria de viver, o amor para com o próximo e o amor pela sua cidade Nazaré.
Nazaré que ela grita e reivindica progresso, através do seu poema Nazaré Primavera! (SOUZA, 2013, f. 4)

Em *Pedaços de Vida*, a escritora apresenta-se em seus textos como personagem das narrativas e dos versos. Por este motivo, afirma-se que a sua obra apresenta uma escrita que se encena e que orienta o leitor a uma interpretação autobiográfica. Apesar de se conferir ao seu texto um estatuto de texto literário, percebe-se que ela se mostra preocupada em apresentar datas em que escreveu alguns dos seus textos e pelos nomes das personagens, que são reais (filhos, netos, nora, o pai adotivo, o poeta Anísio Melhor, por exemplo). Esse aspecto autobiográfico é demonstrado desde o subtítulo do livro, na folha de rosto da obra: “Pedaços de Vida – Sem cultura, sem talento, apenas... Emoções”. E complementa, no ângulo inferior esquerdo da página, com a explicativa: “Nunca me passou pela ideia escrever livros. Por

insistência dos meus filhos, resolvi imprimir este livrete, que será de maior interesse familiar, preferindo que vocês, amigos sinceros, relevem as faltas, especialmente a ousadia de sentir-me escritora” [...] (CRUSOÉ, 1993, p. 1)

Essa fidelidade às suas experiências ganha corpo ao longo das suas narrativas, escritas em primeira pessoa, nas quais o narrador recorda-se de acontecimentos vividos, nos quais muitos familiares e amigos da escritora são citados. Pode até ser que alguns elementos sejam fictícios, mas o grande eixo do livro é a sua própria vida.

O crítico é o intermediário entre o universo dos escritores e o dos leitores” (HAY, 2007, p. 28), cabe ao crítico fazer com que o livro nas mãos dos leitores “[...] não seja um objeto, mas viva ainda todas as vidas que atravessou”. (HAY, 2007, p. 28). São os manuscritos que promovem essa percepção, pois eles permitem que se observe o trabalho autoral, os movimentos da caneta, do lápis, da borracha, a escrita por todos os lados do papel, nos mais diferentes ângulos, tudo isto multiplica as possibilidades de leitura.

Em função da pesquisa no APMC, notou-se o quanto é evidente o processo de modificações pelo qual os textos passam entre os labores autoral e editorial. Notou-se, ainda, como faz parte do processo criativo a relação escrita-reescrita, bem como as atividades de redação, cópia e edição estão intrinsecamente ligadas, são inseparáveis dentro de um processo de como um texto se torna público. Desse modo, cabe ao crítico textual contar e esclarecer a história dos textos, sua gênese. Na perspectiva dos estudos crítico-genéticos, o texto não é apenas o produto final, publicado. Os manuscritos são o espaço no qual as ideias ganham vida. Os rascunhos da produção literária de um escritor não são apenas fragmentos, mas partes autênticas da própria obra, visto que o texto é um tecido, um trabalho de entrelaçamento de fios, de ideias que surgem, desaparecem ou reaparecem de outra forma.

Ao final deste trabalho, que visou, sobretudo a edição e estudo crítico-genético de manuscritos de *Pedaços de Vida*, acredita-se, ter colaborado para a valorização e divulgação da produção literária de Mady Crusoé, escritora ainda desconhecida do grande público. Espera-se que esta pesquisa contribua, de alguma forma, para os estudos sobre escritoras baianas e que possa suscitar outras atividades referentes ao acervo desta escritora, em especial.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Esmeralda Maria. FREITAS, Joseania Miranda. Denise Tavares: Traços biográficos. Salvador: EDUFBA, 2008.
- ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: *Revista Estudos Históricos*. v. 11, n. 21. 1998.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos Permanentes: tratamento documental*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BIASI, Pierre-Marc de. A crítica genética. In: BERGEZ, Daniel. *Métodos críticos para a análise literária*. Tradução Olinda Maria Rodrigues Prata. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BIASI, Pierre-Marc de. *A genética dos textos*. Tradução Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- BIASI, Pierre-Marc de. A crítica genética. In: BERGEZ, Daniel [et al.] *Métodos críticos para a análise literária*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BORDINI, Maria da Glória. *Manual de Organização do Acervo Literário de Érico Veríssimo*. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, V. 1, jan. 1995.
- BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Filologia e Edição de Texto. In: BORGES, Rosa, et. al.; *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012. p. 15-59.
- BORGES, Rosa. Filologia, genética e sociologia do texto: um diálogo entre críticas. In: *Compêndio de Crítica Genpética: América Latina*. Vinhedo, Editora Horizonte, 2013. p. 43-50.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CARVALHO E SILVA, Maximiano de. *Crítica textual: conceito, objeto, finalidade. Confluência*: Revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n.7, p. 57-63, jan/jun. Separata, 1994.
- CARVALHO, Rosa Borges Santos. *A Filologia e seu objeto: diferentes perspectivas de estudo*. *Phillologus*, Rio de Janeiro: CIFEFIL, ano 9, n. 26, p. 44-50, maio-ago. 2003.
- CARVALHO, Rosa Borges Santos. *Poemas do Mar de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. 2002. 2v. 809 + 56 il. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- CASTRO, Ivo. *A casa fechada*. In: *Revista Escritos*, Ano 3, n. 3, 2009. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero03/FCRB_Escritos_3_2_Ivo_Castro.pdf; Acesso em: maio 2016.

- CASTRO, Ivo. *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa nacional; Casa da Moeda, 1990.
- CASTRO, Ivo. O retorno à filologia. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias. *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários 'in memoriam' Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 511-20
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia M.L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- CRUSOÉ, Mady. *Pedaços de Vida*. Salvador: Edições Travessia, [1993].
- DERRIDA, Jaques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DIAZ, José-Luís. “*Qual genética para as correspondências?*” Tradução Cláudio Hiro e Maria Sílvia Ianni Barsalini. In: *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, 15. São Paulo: Associação de Pesquisadores de Crítica Genética/Humanitas, 2007, p. 119-162.
- DUARTE, Luiz Fagundes. *A fábrica dos textos: ensaios de crítica textual acerca de Eça de Queiroz*. Lisboa: Cosmos, 1993.
- DUARTE, Luiz Fagundes. A maldição do manuscrito autógrafo. *Qvinto império: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, Salvador, n. 5, p.87-96, 2. sem. 1995.
- DUARTE, Luiz Fagundes. Glossário. In: _____. *Crítica textual*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1997. 106 p. Relatório apresentado a provas para a obtenção do título de Agregado em Estudos Portugueses, disciplina Crítica Textual. p.66-90.
- DUARTE, Luiz Fagundes. Entre Penélope e Euriclea. In: SANTOS, Rosa Borges; TELLES, Célia Marques. *Filologia, críticas e processos de criação*. Studia Philologica. Curitiba: Appris, 2012. p. 53-67
- DUARTE, Luiz Fagundes. Glossário. In: _____. *Crítica textual*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1997. 106 p. Relatório apresentado a provas para a obtenção do título de Agregado em Estudos Portugueses, disciplina Crítica Textual. p. 66-90
- DUARTE, Luiz Fagundes. Manuscritos: para que servem. In: *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, n 20, setembro 1997. p. 11-20.
- DUARTE, Luiz Fagundes. *A Fábrica dos textos: ensaios de crítica textual, acerca de Eça de Queiroz*. Lisboa: Edições Cosmos, 1993.
- DUARTE, Luiz Fagundes. Tempo de perguntar. *Veredas*, Porto Alegre, v.8, 2007. p. 11-29.
- DUARTE, Constância Lima. *Arquivos de Mulheres e Mulheres Anarquivadas – Histórias de uma história mal contada*. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. (Orgs.) *Crítica e Coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. pp.129-160.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Tradução Elisa Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. (Coleção Ditos e Escritos II)

GENETTE, Gèrard. Paratextos editoriais. Tradução Álvaro Falheiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GRÉSILLON, Almuth. Crítica genética e edição. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Tradução Cristina de Campos Velho Birck [et al]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007 [1994]. p. 233-264.

GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética: Ler os manuscritos modernos*. Tradução Cristina de Campos Velho Birck et. al. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2007.

GRÉSILLON, Almuth. Crítica genética, prototexto, edição. In: GRADO, Ângela; CIRILLI, José, (orgs.). *Arqueologias da Criação: estudos sobre o processo de criação*. Belo Horizonte: C/arte, 2009, p. 41-51.

HAY, Louis. Do texto à escritura. In: *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

LEJEUNE. Philippe. *O Pacto autobiográfico*. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. Textos, etapas, variantes: o itinerário da escritura. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. N. 31, p. 147-159, São Paulo, 1990.

MARQUES, Reinaldo. O que resta nos arquivos literários. In: SOUZA, Eneida Maria de. MIRANDA, Wander Melo. (Orgs.) *Crítica e Coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MENDES, Marlene Gomes. *Edição crítica em uma perspectiva genética de As três Marias de Rachel de Queiroz*. Niterói: EDUFF, 1998.

MIRANDA, Wander Melo. O apagamento do arquivo modernista. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. *Crítica e Coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 118-128.

MORAES, Marcos Antonio. *Epistolografia e Crítica Genética*. In: Cienc. Cult. vol.59 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2007.

MORRÁS, Maria. Informática y crítica textual: realidades y deseos. In: Veja Ramos, María José (coord.). *Literatura hipertextual y teoria literária*. La Rioja: Mare Nostrum

Comunicación, 2003. p. 225-240. Disponível em <[HTTP://dialnet.unirioja.es/servlet/librocodigo5328](http://dialnet.unirioja.es/servlet/librocodigo5328)>; Acesso em: set. 2015.

MOTA, Mabel Meira. *Da trama do arquivo à trama detetivesca de Irani ou as interrogações, de Ariovaldo Matos: Leitura filológica do arquivo e edição do texto*. 2011. 1v. 198f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

NORA, Pierre. *Entre memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, António Braz de. Arquivística literária: notas de memória e perspectiva. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, Porto Alegre, v. 8, p. 373-382, 2007. Seção: Crítica e Arquivística.

PRIEGO, Miguel Àngel Pérez. *La edición de textos*. Madrid. Sínteses, 1997.

RICOUER, Paul. Tempo e narrativa. Tomo III. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Papirus, 1997.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François [et. al]. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.

SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: uma introdução*. Fundamentos dos estudos genéticos sobre os manuscritos literários. São Paulo: EDUC, 1992, p. 18.

SANCHES NETO, Miguel. Autobiografia Material. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. *Crítica e Coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 64-75.

SANTOS, Rosa Borges dos. A filologia textual e a gramática estilística do autor. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). *Diferentes Perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006.

SANTOS, Rosa Borges dos. Uma metodologia aplicada à edição de textos teatrais. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Org.). *Múltiplas perspectivas em linguística*. Uberlândia: Edufu, 2008. 1 CD-ROM. P. 2663-2670.

SCARANTE, Ionã Carqueijo. *Um convite à leitura de Anísio Melhor*. 2008. 1v. 150f. Dissertação (Mestrado em Cultura Memória e Desenvolvimento Regional) – Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus V, Santo Antonio de Jesus.

SILVA, Virgilina Maria Pinto e. *Retalhos de vida*. 1994 1 v. 24 f. Monografia (Graduação) – Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus V, Santo Antonio de Jesus.

SOUZA, Eneida Maria de. Crítica genética e crítica biográfica. In: *Letras de hoje*. Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 25-29, out. / dez. 2010.

SOUZA, Eneida Maria de. MIRANDA, Wander Melo. (Org.). *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SOUZA, Eneida Maria de. Crítica biográfica e gênese textual. In: *Filologia, Críticas e Processos de Criação*. TELLES, Célia Marques. SANTOS, Rosa Borges. (Org.). Curitiba: Appris, 2012, p. 299-308.

TAVANI, Giuseppe. Filologia e genética. In: *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, n. 20, Salvador, setembro, 1997, p. 79-96.

TAVANI, Giuseppe. Metodología y práctica de la edición crítica de textos literarios contemporáneos. In: *Litterature Latino-Americaine et des caraibes du XX siecle. Theorie et pratique de l'edition critique*. Collection Archives. Roma: Bulzoni, 1988. p. 65-84.

WILLEMART, Philippe. Questões de edição crítica. In. *Bastidores da criação literária*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

APÊNDICE**INVENTÁRIO DO ARQUIVO PARTICULAR DE MADY CRUSOÉ (APMC)**

01 SÉRIE VIDA

01a Subsérie Documentos Pessoais

CARTEIRA DE IDENTIDADE. Bahia. 17 jun. 1941. Estado de conservação: Bom Obs: Apresenta partes ilegíveis, mas não comprometem a leitura.	01a0001-41
CARTEIRA DE IDENTIDADE DE BENEFICIÁRIO. INAMPS. Nazaré-BA, s.d. Estado de conservação: Muito bom Obs.: Segurada (Aposentada)	01a0002-sd
CARTEIRA PROFISSIONAL. Bahia. 1968 Estado de conservação: Bom Obs.: Documento expedido pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social	01a0003-68
FOLHA DE CHEQUE. Banco do Brasil. n. 045194. Nazaré-BA, 21 julho 1997. Estado de Conservação: Muito bom Obs: Cheque no valor de R\$300,00, assinado pela titular.	01a0004-97
FOLHA DE CHEQUE. Banco do Brasil n. 045196. Nazaré-BA, s.d. Estado de conservação: Muito bom Obs: Cheque em branco, assinado pela titular.	01a0005-sd
FOLHA DE CHEQUE. Banco BANE. n. 27859. Nazaré-BA. Estado de conservação: Muito bom Obs: Cheque em branco, assinado pela titular.	01a0006-sd
CERTIDÃO DE CASAMENTO. Nazaré-Ba, 31 agosto de 1938. Estado de Conservação: Muito Bom Obs: texto manuscrito assinado pelo Tab. Jamin Nogueira Brandão.	01a0007-38
CERTIDÃO DE CASAMENTO. Nazaré-Ba, 02 set. 1938. Estado de conservação: Bom Obs: Texto manuscrito. casamento ocorreu em 25 de maio de 1938	01a0008-38
CERTIDÃO DE CASAMENTO. Nazaré-Ba, 10, set. 1938. Estado de conservação: Muito bom Obs: não é cópia do testemunho 01a0008-38, manuscrito assinado pelo Tab. Jamin Nogueira Brandão.	01a0009-38
ESCRITURA PÚBLICA DE ADOÇÃO. Nazaré, 20 de fevereiro de 1957. Livro n. 2, folha 96 Estado de conservação: bom Obs.: Este documento comprova que Mady Crusóé foi oficialmente adotada pelo Cônego Getúlio Rosa, a quem chamava de padrinho.	01a0010-57
CERTIDÃO DE CASAMENTO. Nazaré-Ba, 20 jun. 1970. Estado de Conservação: Bom	01a0011-70

Obs: Formulário preenchido e assinado por Oficial do registro civil: Vilobaldo José da Silveira.	
--	--

01b Subsérie Comprovantes de atividades profissionais

PORTARIA. 377/34. Departamento de Instrução Pública. Bahia, 23 abril 1934. 1f. Estado de Conservação: Regular Obs: O documento encontra-se rasgado em várias partes, e faltando um pedaço que compromete, em parte, o entendimento do texto. Nomeação para professora substituta para reger escola de 1ª classe.	01b0001-34
PORTARIA 345/35. Departamento de Instrução Pública da Bahia. Bahia, 19 mar. 1935. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Nomeação para professora substituta para reger escola de 3ª classe em Nazaré	01b0002-35
DECRETO. Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública da Bahia. Bahia, 05 set. 1935. 1f. Estado de conservação: bom Obs: Nomeação para professora substituta para reger escola de 1ª classe.	01b0003-35
DECRETO. Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública da Bahia. Bahia. 09 nov. 1937. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Nomeação para Professora Substituta para reger escola de 3ª classe.	01b0004-37
DECRETO. Secretaria de Educação e Saúde. Bahia, 26 maio 1941.1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Nomeação para Professora Substituta para reger escola de 3ª classe.	01b0005-41
PROCESSO n. 3594/46. Interventor Federal no Estado da Bahia. 11 jul. 1946. 1 f. Estado de Conservação: Bom Obs: Nomeação para exercer o cargo da classe B, da carreira de Professor do Interior, do Quadro de Funcionalismo Público Civil do Estado, ficando lotada na Secretaria de Educação e Saúde.	01b0005-46
CADERNETA DE CONTRIBUINTE. n. 7931. Bahia, 18 nov. 1946. Estado de Conservação: Bom Obs.: Montepio dos Funcionários Públicos do Estado da Bahia	01b0006-46
OFÍCIO n. 20/62. Delegacia Escolar. Nazaré-Ba, 13 nov. 1962. 3f. Estado de Conservação: Bom Obs: Referente ao Telegrama sob n. 1545, enviado ao Secretário de Educação e Cultura do Estado por Maria Magdalena F. Crusoé.	01b0007-62
OFÍCIO. s.n. Nazaré- BA, 25 fev. 1963. 2f. Estado de Conservação: Bom Obs: Enviado por Narciso da Silva Pitanga em respeito ao seu pedido	01b0008-63

de exoneração do cargo de Delegada Escolar, em 23 de fevereiro de 1963.	
OFÍCIO. s.n. Nazaré, BA. 01 mar. 1963. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Enviado pelo Prefeito Antonio dos Santos Melhor, referente ao pedido de exoneração de Maria M. F. Crusoé.	01b0009-63
LICÊNCIA PRÊMIO. Secretaria da Educação e Cultura. Salvador, BA, 16 mar. 1974. 1f.	01b0010-74
PORTARIA n. 6/65. Nazaré-Ba, 08 set. 1965. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Documento mimeografado, assinado pelo Diretor do Educandário de Nazaré, Sr. Raymundo de Araújo Pereira. Homenagem aos professores e alunos pela Parada de 07 de setembro.	01b0011-65
REQUERIMENTO. Nazaré- Ba, 28 nov. 1972. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Requerendo à Coletoria Estadual de Nazaré certificado por tempo de serviço.	01b0012-72
PORTARIA. Nazaré-BA, 27 mar. 1972. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Recado anotado à margem superior esquerda do documento, à Magdalena, sobre a mudança do nome do Centro Cívico do Colégio Estadual Gov. Luiz Viana Filho, que se chamaria: Cônego Getúlio Rosa. (Possui uma cópia feita com carbono)	01b0013-72
REQUERIMENTO. Nazaré-BA, 18 jan. 1974. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Requerimento solicitando Certidão de tempo de serviço, por Maria Magdalena F. Crusoé, à Coletoria Estadual de Nazaré.	01b0014-74
REQUERIMENTO. Nazaré-BA, 12 fev. 1975. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Requerimento solicitando Certidão de tempo de serviço para fins de aposentadoria.	01b0015-75
CURRICULUM VITAE. Nazaré-BA, s.d., 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: texto mimeografado e incompleto.	01b0016-sd

01c – Subsérie Comprovantes de atividades culturais

CONVITE FORMATURA. Nazaré-Ba, 14 dez. 1973. Estado de Conservação: Muito bom Obs.: Educandário de Nazaré e Colégio Comercial Clemente Caldas – Formatura de Professores e Contabilistas.	01c0001-73
CONVITE FORMATURA. Salvador –BA, 30 jan. 1976. Estado de Conservação: Bom Obs.: Formatura da sua filha Maria Aparecida.	01c0002-76

02 PRODUÇÃO INTELECTUAL

02a Subsérie Livro

CRUSOÉ. Mady. <i>Pedaços de Vida</i> . Nazaré, BA, 1993, 110 p. Estado de conservação: Bom Obs: Coletânea de poemas, crônicas e discursos de sua autoria. Localização: Cômuda sala 2	02a0001-93
---	------------

02b Subsérie Discursos⁸⁵

RECORDAÇÕES. [Nazaré], s.d Estado de conservação: Bom	02b0001-sd
“EXCELENTÍSSIMO SR. PREFEITO DA CIDADE...” Nazaré-Ba, s.d. Estado de conservação: Regular Obs.: Discurso em homenagem a Denise Tavares, apresentando manchas de água comprometendo a leitura da parte inicial do texto.	02b0002-sd
“QUERIDOS COMPANHEIROS...” Nazaré, s.d. Estado de conservação: Muito bom Obs.: Discurso aos companheiros do Rotary Clube em comemoração aos 05 anos da Casa da Amizade.	02b0003- sd
“EXMO. SR. GOVERNADOR DO ESTADO DR. JOÃO DURVAL CARNEIRO.”(2), Salvador-Ba, 30 out. 1985. Obs.: Discurso proferido no dia em que recebeu, do Governo do Estado, o Diploma de Educador Emérito.	02b0004-85
“EXMO. SR. PREFEITO MUNICIPAL...” (2) “Não irei fazer discurso...” Nazaré -Ba, 10 nov. 1989. Estado de conservação: Bom Obs.: Discurso proferido em comemoração ao aniversário de Emancipação Política da cidade de Nazaré.	02b0005-89
“ILMO. SR. PROVIDOR E DIGNOS IRMÃOS DA ...” Nazaré-Ba, s.d. Estado de conservação: Bom Obs.: Discurso proferido durante solenidade de posse de irmãos da Santa Casa de Misericórdia de Nazaré, dia em que seu esposo fora homenageado.	02b0006-sd

03 – SÉRIE PUBLICAÇÕES NA IMPRENSA

03a Subsérie Publicações sobre o autor e suas produções

PEDAÇOS DE VIDA. A Tribuna, Salvador, 07 jan. 1994. Estado Conservação: Bom Obs: Recorte de jornal armazenado na pasta n. 02	03a0001-94
MANHÃ DE AUTÓGRAFOS. A Tarde, Salvador, 12 mar. 1994. Estado de Conservação: Muito Bom	03a0002-94

⁸⁵ Os discursos estão localizados na pasta n.º 2 com folhas de plástico.

Obs.: Localizado na pasta n. 02	
LANÇAMENTO. A Tribuna, Salvador, 17 mar. 1994. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na pasta n. 02.	03a0003-94
LANÇAMENTOS. Pedacos de Vida. A Tarde, Salvador, 19 mar. 1994. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na pasta n. 02	03a0004-94

03b Subsérie Publicações autorais

AMY. <i>Castelos...</i> O Conservador, Nazaré-Ba, 09 dez. 1932. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na Coletânea n. 03, no verso da folha 55	03b0001-32
AMY. <i>O Presente de Papae Noel.</i> O Conservador, Nazaré – BA, s.d. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na Coletânea n. 03, no verso da folha 55.	03b0002-sd
CRUSOÉ, Mady. <i>A Saudação ao Professor Aposentado.</i> s.l., s.d. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na Coletânea n. 03, no verso da folha 56.	03b0003-sd
YMA. <i>Ellas.</i> O Conservador. s.d. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na Coletânea n. 03, no verso da folha 56, (coluna de crônicas).	03b0004-sd
AMY. <i>Eles.</i> O Conservador, Nazaré-BA, s.d. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na Coletânea n. 03, à folha 57.	03b0005-sd
AMY. <i>Eles.</i> O Conservador, Nazaré-BA, s.d. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na Coletânea n.03, à folha 57.	03b0006-sd
CRUSOÉ, Mady. <i>Mensagem das Professoras Nazarenas.</i> s.l, s.d Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de Jornal localizado na Coletânea n. 03, no verso da folha 57.	03b0007-sd
AMY. <i>Paisagem noturna.</i> O Conservador, Nazaré-Ba, s.d. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na Coletânea n. 03, à folha 59.	03b0008-sd
AMY. <i>Fantasia.</i> O Conservador, Nazaré –BA, s.d. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na Coletânea n. 03, no verso da folha 59.	03b0009-sd
MADY. <i>Granadas de 1933 – Maria Odette Crusoé.</i> s.l., s.d. Estado de Conservação: ruim Obs.: Recorte de jornal localizado na pasta n. 02	03b0010-sd
MARIA MAGDALENA. <i>O Sacerdote da roça.</i> Mensageiro. Nazaré-BA, 06 ago. 1950. Estado de Conservação: bom Periódico localizado na pasta n. 02	03b0011-50

CRUSOÉ. Maria Madalena F. <i>Discurso na sessão de Encerramento da 1ª Concentração Regional de Professores Primários. A Voz do Professor</i> , Salvador, jul. 1952, f. 4 e 6. Estado de Conservação: bom Jornal localizado na pasta 02	03b0012-52
CRUSOÉ, Mady. Estação Ferroviária (Reminiscências). <i>A Tarde</i> , Salvador, 08 nov. 1985. Estado de Conservação: bom Recorte de jornal localizado na pasta 02	03b0013-85

04 – SÉRIE DOCUMENTOS AUDIOVISUAIS E DIGITAIS

04a Fotografias da infância e juventude de Mady Crusoé e Américo Crusoé

Mady aos sete anos na companhia dos primos Benedito e Isaac	04a0001-20
Mady em 1936- foto dedicada ao noivo Américo	04a0002-36
Mady Crusoé em 1936	04a0003-36
Mady Crusoé com o noivo Américo na década de 1930	04a0004-30
Américo Crusoé- formatura do curso de datilografia- 1920	04a0005-20
Alunas internas do Colégio da Soledade	04a0006-28

04b Fotografias de Mady Crusoé e família

Elisa, mãe de Mady	04b0001-sd
Cônego Getúlio Rosa (pai adotivo de Mady)	04b0002-sd
Mady, Américo, Cônego Getúlio, seus filhos Margarida e Getúlio	04b0003-sd
Mady, Américo e os sete netos	04b0004-sd
Mady, Américo e Dilmar Ramos (seu filho adotivo)	04b0005-85
Mady, Américo, Margarida e Jacy (filha adotiva)	04b0006-85
Mady, Américo, seu filho Getúlio e família	04b0007-85
Mady, Américo, sua filha Margarida e família	04b0008-85
Mady, Américo, sua filha Maria Aparecida e família	04b0009-85
Mady e Américo dançando	04b0010-sd
Mady e Américo- bodas de ouro	04b0011-88
Mady	04b0012-sd
Mady Crusoé discursando na inauguração da estação rodoviária de Nazaré	04b0013-sd
Mady Crusoé em atividade na Santa Casa de Misericórdia de Nazaré	04b0014-sd

04c Fotografias de Mady Crusoé no Lançamento do livro em Nazaré

Mady autografando livro <i>Pedaços de Vida</i>	04c0001-95
Mady com os amigos Carlos Moura e Edmilson Prazeres	04c0002-95
Mady com a filha Maria Aparecida e amigos	04c0003-95

04d Gravações de áudio e imagem

Fita (de áudio) com a gravação do Hino ao Colégio Luiz Viana Filho Cantado pelo coral da Santa Casa de Misericórdia da cidade de Nazaré Estado de conservação – Bom Modelo/marca: BASF 60	04b0001-sd
Cd contendo fotografias das homenagens ao seu centenário de nascimento Estado de conservação: Muito Bom	04b0002-13

05 - SÉRIE MANUSCRITOS, NOTAS E RASCUNHOS

05a - Subsérie Cadernos manuscritos (referentes a *Pedaços de Vida*)

Caderno cenoura [1928] Estado de Conservação: Regular Obs.: Manuscritos de poemas feitos com caneta do tipo tinteiro, na cor preta.	05a0001-28
Caderno azul [1983] Estado de conservação: Bom Obs.: Caderno com as anotações de trabalhos escolares realizados pelas netas da escritora, em 1983, sobre poetas nazarenos.	05a0002-83
Caderno [1984] Estado de Conservação: Bom Caderno em brochura de capa dura, de estampa xadrez, contendo manuscritos de <i>Pedaços de Vida</i> .	05a0003-84
Caderno Meu Diário [1993] Estado de conservação: Bom Obs.: Caderno contendo manuscritos de <i>Pedaços de Vida</i> .	05a0004-93
Caderno Verde [1993] Estado de conservação: Bom Obs.: Caderno contendo manuscritos passados a limpo.	05a0005-93

05b - Subsérie textos datilografados

Datiloscrito [1993] Estado de conservação: Muito bom Obs: Datiloscritos de <i>Pedaços de Vida</i> (encadernados) com correções autógrafas.	05b0001-93
--	------------

05c – Subsérie manuscritos em folhas soltas

BIOGRAFIA. Nazaré – Ba, s.d. Estado de conservação: Bom Obs.: texto manuscrito em três folhas pequenas, destacadas de caderno espiral, localizadas na pasta n. 02	05c0001-93
FANTASIA. Nazaré – Ba, s.d. Estado de conservação: Regular Obs.: Poema escrito em folha de papel pautado. Localizado na pasta n.02	05c0002-sd
CHEGOU A SUA VEZ BRASIL! Nazaré – Ba, s.d. Estado de conservação: Regular	05c0003-sd

Obs.: Poema escrito em folha de papel pautado. Localizado na pasta n.02	
GOSAI A MOCIDADE! Nazaré – Ba, s.d. Estado de conservação: Regular Obs.: Poema escrito em folha de papel pautado. Localizado na pasta n.02	05c0004-sd
VIM DA ROÇA. Nazaré – Ba, s.d. Estado de conservação: Regular Obs.: Poema escrito em folha de papel pautado. Localizado na pasta n.02	05c0005-sd
SAUDAÇÕES DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS À ILUSTRE CARAVANA. Nazaré – Ba, s.d. Estado de conservação: Regular Obs.: Poema escrito em folha de papel pautado. Localizado na pasta n.02	05c0006-sd
INDEPENDÊNCIA. Nazaré – Ba, s.d. Estado de conservação: Regular Obs.: Poema escrito em folha de papel pautado. Localizado na pasta n.02	05c0007-sd
SALVE ERATO GLORIOSA. Nazaré – Ba, s.d. Estado de conservação: Regular Obs.: Poema escrito em folha de papel pautado. Localizado na pasta n.02	05c0008-sd
PRIMAVERA MOCIDADE. Nazaré – Ba, s.d. Estado de conservação: Regular Obs.: Poema escrito em folha de papel pautado. Localizado na pasta n.02	05c0009-sd
NAZARÉ PRIMAVERIL. Nazaré – Ba, s.d. (testemunho 1) Estado de Conservação: Ruim Obs.: Texto escrito em papel pautado.	05c00010-sd
NAZARÉ PRIMAVERIL. Nazaré – Ba, s.d. (testemunho 2) Texto escrito em papel pautado. Possui no verso um rascunho do poema intitulado “Não disse Adeus”.	05c0011-sd
CHEGOU A TUA VEZ BRASIL! Nazaré – Ba, s.d. Estado de Conservação: Regular Obs.: Texto escrito em papel pautado.	05c0012-sd
GOZAI A MOCIDADE! Nazaré – Ba, s.d. Estado de Conservação: Ruim Obs.: manuscrito em papel pautado, escrito com caneta tinteiro na cor preta.	05c0013-sd
VIM DA ROÇA. Nazaré – Ba, s.d. Estado de Conservação: Bom Texto escrito em papel pautado (suporte cortado ao meio) frente e verso, com caneta tinteiro na cor preta.	05c0014-sd
SAUDAÇÕES DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS À ILUSTRE CARAVANA. Nazaré – Ba, s.d. Estado de Conservação: Bom Obs.: Texto escrito a lápis, em metade de uma folha de papel pautado (cortada na horizontal), escrito frente e verso.	05c0015-sd
INDEPENDÊNCIA. Nazaré – Ba, s.d.	05c0016-sd

Estado de Conservação: Bom Obs.: Texto escrito, com caneta esferográfica de tinta preta, em metade de uma folha de papel pautado (cortada na horizontal), frente e verso.	
SALVE ERATO GLORIOSA. Nazaré – Ba, s.d. Estado de Conservação: Bom Obs.: Texto escrito em papel pautado, de caneta esferográfica de tinta azul.	05c0017-sd
PRIMAVERA <ÉS TU> MOCIDADE. Nazaré – Ba, s.d. Estado de Conservação: Ruim Obs.: Texto escrito em papel pautado, com marcas de destruição por fungos	05c0018-sd

05d – Notas manuscritas: Pesquisa em dicionário, organização do livro e Apresentação do livro

Notas sobre a organização do livro Estado de Conservação: Bom Texto escrito em folha de papel destacada de caderno espiral	05d0001-93
Notas para pesquisas em dicionário e para correção de um discurso Estado de Conservação: Bom Texto escrito em folha de papel destacada de caderno espiral	05d0002-93
Apresentação do livro Estado de Conservação: Bom Obs: composto por duas partes (uma folha de papel ofício cortada ao meio) sem margens, de Benwilson B. de Souza. Nazaré, 1993. Sob o título Orelha do livro.	05d0003-93

06 SÉRIE CORRESPONDÊNCIA

06a Subsérie Cartas da autora

CRUSOÉ, Mady. Carta a Jandira.(1) Nazaré, 13 maio 1966 Estado de conservação: Bom Obs.: o motivo da carta foi para negociar a venda de uma casa	6a0001-66
CRUSOÉ, Mady. Carta a Élvia. s.l., s.d. 5fls. Manuscrito. Estado de conservação: Bom Obs.: A carta é um rascunho. Inicia-se com: “Minha querida Élvia” contém 5 fs.	6a0002-sd
CRUSOÉ, Mady. Carta a Élvia. s.l., s.d. 2fls. Manuscrito. Estado de conservação: Bom Obs.: A carta é um rascunho. Inicia-se com: “Minha inesquecível Élvia” as suas folhas são escritas no anverso e verso.	6a0003-sd
CRUSOÉ, Mady. Carta aos colegas e funcionários. Nazaré, 20 maio 1987. 1f. Datilografado. Estado de conservação: Bom Obs.: Carta de despedida aos colegas do Colégio Estadual Gov. Luiz Viana Filho, na ocasião de sua aposentadoria.	6a0004-87

06b - Cartas à autora

AMADO, Jorge. Salvador, 31 mar. 1970 Estado de conservação: Muito Bom	06b0001-70
FERREIRA, Elisa C. Nazaré, 12 mar. 1928 Estado de conservação: Bom	06b0002-28
FERREIRA, Elisa C. Nazaré, 08 maio 1928 Estado de conservação: Bom	06b0003-28
FERREIRA, Elisa C. Nazaré, s.d. Estado de conservação: Bom	06b0004-sd
M. MARIA. Soledade, 29 jan. 1928 Estado de conservação: Deteriorado Obs.: Carta de uma das freiras do Colégio da Soledade, onde autora estudou, em regime de internato, na cidade de Salvador.	06b0005-28
SILVA, Claudomiro C. Fazenda Santa Isabel, 22 maio 1938 Estado de conservação: Bom Obs: Carta do pai biológico de Mady Crusóé	06b0006-38
LEONE, José. Nazaré, 25 abril 1952. Estado de conservação: Bom	06b0007-52
LIMA, Madre Maria Carolina. Salvador, 13 fev. 1961. Estado de conservação: Bom	06b0008-61
PEREIRA, Raymundo. Nazaré, 09 set. 1965. Estado de conservação: Bom	06b0009-65
MOITINHO, Jandira Viana. Rio de Janeiro, 17 abril 1966. Estado de conservação: Bom	06b00010-77
PAULO. Salvador, Bahia, 28 mar. 1970 Estado de conservação: Bom	06b0011-70
BETHÂNIA, Maria da. s.l. ,s.d, Estado de conservação: Bom	06b0012-sd
MAROCAS. s.l. , s.d. Estado de conservação: Bom	06b0013-sd
MAROCAS. S.l., s.d. Estado de conservação: Bom	06b0014-sd
TAVARES, Paulo. Salvador- Ba, 12, out, 1988 Estado de conservação: Bom	06b0015-88
BENEDITO. Rio de Janeiro, 15 maio – Estado de conservação: Bom	06b0016-sd
XANDU. Rio de Janeiro, 4 nov. 1993 Estado de conservação: Bom	06b0017-sd
RIBEIRO. Pe. Edmilson. Natal, 12, ago. 1996	06b0018-96

06c- Cartas à autora referentes ao Livro *Pedaços de Vida*

LÊDA. Nazaré, – out. 1993 Estado de conservação: Bom	06c0001-93
RIBEIRO, Pe. Edmilson. Natal, 09 nov. 1993 Estado de conservação: Bom	06c0002-93
GISÉLIA. NOÉLIA. Nazaré, 12 nov. 1993 Estado de conservação: Bom	06c0003-93

SANTOS, Ambrósio Bispo dos. Nazaré, 12 nov. 1993 Estado de conservação: Bom	06c0004-93
MACHADO, Renato. Nazaré, 17 de nov. 1993 Estado de conservação: Bom	06c0005-93
PEIXOTO, Graziela Domini. s.l. s.d. Estado de conservação: Bom	06c0006-sd
MATTA, Luiz C. A. Curitiba, 04 jun. 1995. Estado de conservação: Bom	06c0007-95
CASTELO BRANCO, Élvia. Brasília, s.d. Estado de conservação: Bom	06c0008-sd

06e Cartões à autora

MELHOR, Anísio. 12 out. 1920 Estado de conservação: Bom Cartão contendo acróstico em homenagem à autora	06e0001-20
FERREIRA. Elisa Carvalhal. Cartão de aniversário. Nazaré – Ba, 1926. Estado de conservação: Bom	06e0002-26

07 – SÉRIE *MEMORABILIA*

OFÍCIO. s.n. Nazaré, BA, 15 nov. 1974 Estado de Conservação: Bom Obs.: Convocação do Grupo Escolar Dr. Alexandre Bittencourt para homenagem-ala com o nome em uma das salas de aula.	07a0001-74
OFÍCIO. s.n. Nazaré-Ba, 10 out.1975. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Convocação da professora Maria Magdalena F. Crusoé e família para receber homenagem pelos serviços prestados por alunos e professores das Escolas Reunidas Senhor do Bonfim.	07a0002-75
OFÍCIO. s.n. Salvador, 25 out. 1985. 1f. Estado de Conservação: Muito bom Obs: Ofício enviado pelo Secretário de Educação do Estado para outogar-lhe Diploma de Educador Emérito.	07a0003-85
TÍTULO DE EDUCADOR EMÉRITO. Salvador, 30 out. 1985 Estado de Conservação: Muito bom Obs: Outorgado pela Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Bahia.	07a0004-85

DIÁRIO OFICIAL. Salvador-BA, 23 out. 1985. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Cópia xerografada. Lista em que consta o nome da escritora, entre vários professores da rede estadual, que foram homenageados com o diploma de Educador Emérito.	07a0005-85
MOÇÃO DE HONRA AO MÉRITO. Nazaré-BA, 10 nov. 1985. Estado de Conservação: Muito Bom Obs: Moção de autoria do Vereador Arthur Arézio da Fonseca.	07a0006-85
MOÇÃO DE PARABÉNS. n. 34/93. Nazaré-BA, 13 Out. 1993. Estado de Conservação: Muito Bom Obs: Moção de Parabéns pela passagem do aniversário do casal Américo e Mady Crusoé, dia 12 de outubro.	07a0006-93
OFÍCIO. s.n. Nazaré-Ba, 29 dez. 1994. 1f. Estado de Conservação: Muito Bom Obs: Convite para integrar o Quadro de Honra dos formandos em Magistério, do ano de 1995, do Col. Dr. José Marcelino de Souza.	07a0007-94
POEMA <i>MINHA PROFESSORA</i> . Nazaré, 31 dez. 1996. Obs.: Autoria de Toinho	07a0007-96
“ESTIMADA SENHORA”... Nazaré, 20 mar. 1997.	07a0007-97

08 SÉRIE VÁRIA

8a Subsérie Produções Acadêmicas

SILVA, Virgilina Maria Pinton Alves e: Retalhos de Vida. Monografia apresentada à disciplina Metodologia da Pesquisa Histórica. UNEB – Campus V, Santo Antonio de Jesus. 1994, 24, f. Estado de conservação: Bom Cópia xerografada	08a0001-94
SCARANTE, Ionã C. Reflexões sobre o arquivo privado de Mady Crusoé. Rio de Janeiro set. 2012 Estado de Conservação: Muito Bom Artigo publicado no CIFEFIL, 2012.	08a0002-12
SCARANTE, Ionã C. BORGES, Rosa. Mady Crusoé- 100 anos. Livreto contendo dois artigos sobre a vida e a produção literária da escritora e uma seleção de alguns textos de sua autoria. Nazaré, out. 2013.	08a0003-13

8b Subsérie Documentos Diversos

COLETÂNEA DE POEMAS DE AUTORES DIVERSOS. Mady Crusoé. 1935 Estado de Conservação: Bom Dedicada ao noivo Américo Crusoé.	08b0001-35
TESTAMENTO PÚBLICO. Testador Padre Getúlio Carolino Pimentel Rosa. Testados Getúlio Augusto Ferreira Crusoé e Elisa Margarida Ferreira Crusoé. Nazaré, 24 abril, 1945.	08b0002-45

ESCRITURA PÚBLICA DE VENDA E COMPRA. Outorgante Getúlio Carolino Rosa, outorgado Américo Augusto Crusoé.. Livro 69, f. 197. 08, ago. 1964	08b0003-64
CERTIDÃO DE ÓBITO. Getúlio Carolino Pimentel Rosa. Nazaré, abril, 1971.	08b0004-71
COMISSÃO DO CENTENÁRIO MADY CRUSOÉ. Convite para as comemorações ao Centenário da escritora. Estado de conservação: Excelente Contém programação, data e horário das atividades. Nazaré, out. 2013.	08b0005-13
JORNAL O ECO. 100 anos de Mady Crusoé – 1913-2013. Estado de Conservação: Excelente. Nazaré, out. 2013	08b0006-13

8c Subsérie Coletâneas de Américo Crusoé

COLETÂNEA N. 1. Américo Augusto Crusoé. 1932 Estado de conservação: Regular Recortes de jornais diversos e revistas, nacionais e internacionais, contendo notícias do Brasil e do mundo e textos literários de autores nacionais e internacionais	08c0001-32
COLETÂNEA N. 2 Américo Augusto Crusoé. 1940 Estado de Conservação: Regular Recortes de jornais locais , nacionais e internacionais, de notícias e textos literários	08c0002-40
COLETÂNEA N. 3 Américo Augusto Crusoé. 1948 Estado de conservação: Regular Recortes de jornais locais nacionais e internacionais, de notícias e textos literários. Contem crônicas de Mady Crusoé.	08c0003-48
COLETÂNEA N. 4 Américo Augusto Crusoé. 1958 Estado de Conservação: Regular Recortes de jornais locais, nacionais e internacionais, de notícias e textos literários.	08c0004-58